

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

KARL HEINZ KEPLER

A NOVA ALIANÇA EM TEMPOS DE JUÍZO
Uma visão aplicada da mensagem de Jeremias

São Leopoldo

2019

KARL HEINZ KEPLER

A NOVA ALIANÇA EM TEMPOS DE JUÍZO
Uma visão aplicada da mensagem de Jeremias

Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de Doutor
em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Bíblia

Orientador: Prof. Dr. Nelson Kilpp

São Leopoldo

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K38n Karl Heinz Kepler

A nova aliança em tempos de juízo / Karl Heinz Kepler;
orientador Nelson Kilpp. – São Leopoldo : EST/PPG, 2019.
201 p. ; il. : 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de Pós-
Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2019.

1. Refugiados. 2. Bíblia – Jeremias – Crítica,
interpretação, etc.. 3. Consolação – Aspectos religiosos –
Cristianismo. 4. Psicologia. 5. Espiritualidade. I. Kilpp,
Nelson. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

SUBSTITUIR PELA FOLHA REAL DE APROVAÇÃO

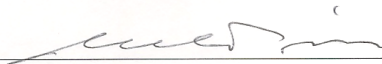
KARL HEINZ KEPLER

**A NOVA ALIANÇA EM TEMPOS DE JUÍZO: UMA VISÃO APLICADA DA
MENSAGEM DE JEREMIAS**

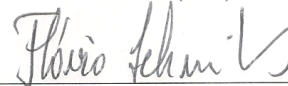
Tese de Doutorado
Para a obtenção do grau de
Doutor em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Bíblia

Data de Aprovação: 24 de julho de 2019

Prof. Dr. Nelson Kilpp (Presidente)



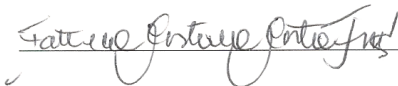
Prof. Dr. Flávio Schmitt (EST)



Prof. Dr. Marcelo Ramos Saldanha (EST)



Prof.^a Dr.^a Fatima Cristina Costa Fontes (USP)



Prof. Dr. Willem Theodoor Van Peursen (Universidade Livre de Amsterdã)



AGRADECIMENTOS

Agradeço à Vera, inspiradora e apoiadora dos meus estudos, e ao Guilherme, que me suportaram e acompanharam, inclusive em meio ao estresse e contratempos dessa empreitada; à Karin, por tantas ajudas, morais, logísticas e até financeiras; à minha falecida mãe, Elvira, pelo seu gosto pelo conhecimento, e ao meu querido pai, Érico, pelo sustento de toda vida, pelo apoio e orações.

Fui agraciado com vários orientadores: Dr. Ênio Mueller, que me ajudou a dar formato à pesquisa e me incentivou nos dois anos iniciais; o Dr. Nelson Kilpp, que me aceitou como seu orientando nos dois anos finais, e fez as importantes revisões, críticas e sugestões para a elaboração desta tese; e ainda tive mais um, como co-orientador, Dr. Wido van Peursen, da Vrije Universiteit Amsterdam, que me acolheu, ajudou e orientou nos 9 ótimos meses do doutorado-sanduíche que lá passei. Muito, muito obrigado a todos, de coração.

Agradeço ao povo brasileiro que, através da CAPES (Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), proporcionou a cobertura dos custos educacionais do doutorado e a bolsa de Doutorado Sanduíche no exterior. Espero retribuir à altura, fazendo bom uso da formação e do conhecimento adquirido.

Agradeço às Faculdades EST, seus professores, coordenadores e funcionários dos diversos departamentos, ao staff do Programa de Pós-Graduação, que por tantas vezes auxiliaram em tantas questões.

I am thankful to Vrije Universiteit Amsterdam, to its Faculty of Theology, to the ETCBC, to directors, teachers, staff, colleagues and friends, for all the support during my time over there, and for the friendship thereafter. Many, many thanks!

Agradeço ao amigo e companheiro de edições Robert Beims, que nesta reta final muito me auxiliou na formatação desta tese.

Agradeço ao grande número de colegas, amigos e amigas, pelo apoio, paciência e colaboração. A principal coisa que aprendi neste esforço de pesquisa é que preciso sempre de ajuda, e como é bom recebê-la!

Por isso agradeço principalmente a Deus, que sempre me ajudou, em todas as etapas, coordenando a sincronicidade, provendo tempo, forças, sustento, familiares, amigos, profissionais e apoiadores, conteúdos, contatos e desafios, e muito mais do que consegui perceber.

RESUMO

Esta tese pesquisa a profecia da Nova Aliança em Jeremias 31.31-34 e seu contexto em sua relação com o contexto de juízo e castigo aplicado por Deus sobre a nação israelita, especialmente a destruição do reino de Judá e de Jerusalém e a deportação para o exílio Babilônico. A partir dessa relação, a pesquisa estuda e verifica a aplicabilidade dos conteúdos bíblicos da profecia e de seu contexto no livro de Jeremias para situações contemporâneas de migração forçada, individual e coletivamente. Para identificar essa aplicabilidade, a pesquisa aborda também o trato atual dispensado pela psicologia para situações semelhantes, de refugiados, e também investiga a abordagem da espiritualidade para essas mesmas situações, buscando assim integrar contribuições da teologia bíblica com auxílios da psicologia e da espiritualidade. Para alcançar esses objetivos, a pesquisa inicia com o estudo sobre a pessoa do profeta Jeremias e sobre o contexto de formação do livro de Jeremias, examinando os diversos avanços da pesquisa acadêmica em suas várias frentes, bem como as limitações ainda por serem transpostas. Passamos então a examinar a realidade atual (por sinal, recordista) das migrações forçadas e dos refugiados no mundo, e como as necessidades dessas populações têm sido abordadas por parte do trabalho psicológico e psiquiátrico. Destacamos a abordagem do Transtorno de Estresse Pós Traumático para indivíduos, de trabalhos de apoio e fortalecimento para famílias, e especialmente a Abordagem “RICH” para com populações e comunidades vitimadas. A seguir verificamos, pela abordagem da espiritualidade, como profissionais de saúde mental comentam os textos bíblicos que acompanham a experiência dos exilados judaítas, para esse fim nos valendo especialmente de materiais produzidos pela equipe de redação da Bíblia de Estudo Conselheira, recém-lançada. Ato contínuo, a pesquisa se debruça sobre o contexto jeremiânico da profecia da nova aliança, a saber, o Livro das Consolações, precedido pela carta de Jeremias ao primeiro grupo de exilados na Babilônia. Ao comentar os versos dos capítulos 29, 30 e 31, encontramos mensagens que, ao mesmo tempo em que reproduzem o ambiente de angústias e auxílios vivido pelos exilados, revelam conteúdos que podem ser úteis para atingidos contemporâneos. Por último, comparamos a estrutura da abordagem RICH com o parágrafo da profecia da nova aliança, e constatamos relevante coincidência, para então proceder a um exame detalhado do texto bíblico dessa profecia, destacando vários detalhes e ensinamentos que se mostram úteis para auxílio de refugiados forçados atuais.

Palavras-chave: Nova Aliança; Refugiados; Jeremias; Juízo e Consolação; Bíblia, psicologia e espiritualidade.

ABSTRACT

This thesis investigates the New Covenant prophecy in Jeremiah 31.31-34 and its context in its relation to the situation of judgment and punishment applied by God on the Israelite nation, especially the destruction of the kingdom of Judah and Jerusalem and the deportation to Babylon. From this relation, the research studies and verifies the applicability of biblical contents of the prophecy and its context in the book of Jeremiah for contemporary situations of forced migration, individually and collectively. To identify such applicability, the research also addresses the current treatment dispensed by psychology for similar situations of refugees, and also investigates the approach of spirituality for those same situations, thus seeking to integrate contributions from biblical theology, psychology and spirituality. To achieve these goals, the research begins with the study of the person of the prophet Jeremiah and the formative context of the book of Jeremiah, examining the advances of academic research on its various fronts, as well as the limitations still to be transposed. We then proceed to examine the current (and, indeed, record breaking) reality of forced migration and refugees in the world, and how the needs of these populations have been addressed by psychological and psychiatric work. We highlight the approach of Post-Traumatic Stress Disorder for individuals, works of support and strengthening for families, and especially the "RICH" approach towards victimized people and communities. Next, we examine the spirituality approach looking at how mental health professionals comment on the biblical texts that accompany the experience of the Judaite exiles. For this purpose we draw mainly on materials produced by the team of the recently launched Therapeutic Bible. The research then focuses on the Jeremianic context of the prophecy of the new covenant, namely, the Book of Consolations, preceded by the letter of Jeremiah to the first group of exiles in Babylon. In commenting on the verses in chapters 29, 30 and 31, we find messages that, while replicating the environment of distress and aid lived by exiles, reveal content that may be useful to contemporary victims. Finally, we compare the structure of the "RICH" approach with the paragraph of the prophecy of the new covenant, where we find important coincidence. Finally, we proceed to a detailed examination of the biblical text of this prophecy, highlighting various details and teachings that prove useful for the aid of current forced refugees.

Keywords: New Alliance; Refugees; Jeremiah; Judgment and Consolation; Bible, psychology and spirituality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Jeremias de Michelangelo.....	19
Figura 2 - O pranto de Jeremias.....	20
Figura 3 - Os 10 países que mais receberam refugiados, em 2017.....	75
Figura 4 - Pirâmide de Intervenção	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	JEREMIAS – O PROFETA E O LIVRO.....	17
	2.1 O Homem Jeremias	18
	2.1.1 Imagens do Profeta	18
	2.1.1.1 O Jeremias de Michelangelo	19
	2.1.1.2 O pranto de Jeremias	20
	2.1.2 O pastor iniciante	21
	2.1.3 O artista de alma	22
	2.1.4 O homem endurecido	22
	2.1.5 O “anti-Moisés” e “segundo Moisés”	24
	2.1.6 O homem sem escolha	25
	2.1.7 O exilado forçado	27
	2.2 O Livro de Jeremias.....	28
	2.2.1 Um esboço básico.....	28
	2.2.2 As principais dificuldades	29
	2.2.2.1 O texto “Original”	29
	2.2.2.2 A difícil coerência interna.....	30
	2.2.2.2.1 Oráculos poéticos.....	30
	2.2.2.2.2 Sermões em prosa	32
	2.2.2.2.3 Prosa biográfica	33
	2.2.2.3 Cronologia interna.....	33
	2.2.2.4 Pressupostos de fundo	34
	2.2.2.4.1 Edição deuteronomista.....	34
	2.2.2.4.2 Edição canônica	34
	2.2.2.5 Autoria da escrita e sua datação	35
	2.2.3 Os avanços na pesquisa.....	36
	2.2.3.1 Ao longo do Século XX.....	36
	2.2.3.2 As três fontes	37
	2.2.3.3 Os lançamentos de 1986	38
	2.2.3.3.1 William Holladay	38
	2.2.3.3.2 Robert Carroll	39

2.2.3.3.3 William McKane	41
2.2.3.4 No Século XXI	44
2.2.3.4.1 Comentários em profusão.....	44
2.2.3.4.2 O compêndio de Liwak	44
2.2.3.4.3 Estudos intertextuais.....	46
2.2.3.4.3.1 Henk Leene	46
2.2.3.4.4 A Conferência de Ascona	48
2.2.3.4.4.1 Robert Wilson	48
2.2.3.4.4.2 Georg Fischer	51
2.2.4 Contribuições construtivas.....	53
2.2.4.1 A biografia de Holladay	53
2.2.4.1.1 Nascimento (627); Reforma de Josias (622)	54
2.2.4.1.2 A Leitura setenial de Deuteronômio.....	54
2.2.4.1.3 Um propagandista para Josias (615 a 609).....	55
2.2.4.1.4 Do Sermão no Templo (609) até a Batalha de Carquêmis (605)	55
2.2.4.1.5 O Início da Seca/O Rei queima o rolo (601).....	55
2.2.4.1.6 A Palavra de Castigo; Jeremias assume o celibato (601-600)	56
2.2.4.1.7 As primeiras Confissões (601-600).....	56
2.2.4.1.8 O primeiro cerco a Jerusalém (598-597)	56
2.2.4.1.9 A Conferência de Jerusalém e suas consequências (594).....	56
2.2.4.1.10 O segundo cerco de Jerusalém (588-587)	57
2.2.4.1.11 A Nova Aliança (587)	57
2.2.4.1.12 A fuga para o Egito	57
2.2.4.2 A análise sociológica	58
2.2.4.3 A análise literária	59
2.2.4.3.1 Um esboço literário	61
2.2.4.4 A mensagem sobre Deus	62
2.2.4.4.1 As exigências da Aliança da Lei	63
2.2.4.4.2 O pathos de Javé	63
2.2.4.4.3 A ideologia templária	63
2.2.4.5 No ensino popular	64
2.2.5 Nossa posição	66

2.2.5.1 A organização do livro	66
2.2.5.1.1 Escrita e autoria	66
2.2.5.2 A ajuda dos copistas.....	68
2.2.5.3 Oposição feroz e perseguição	69
2.2.5.4 Um paralelo.....	70

3 OS REFUGIADOS FORÇADOS E A TERAPÊUTICA

PSICOLÓGICA E ESPIRITUAL	73
---------------------------------------	-----------

3.1 Os refugiados forçados atuais	73
--	-----------

3.1.1 As necessidades	74
3.1.1.1 Na saúde mental.....	75
3.1.2 Possíveis diferenciais terapêuticos	78
3.1.2.1 O fator “Deus”	78
3.1.2.2 O fator tempo	79

3.2 A terapêutica psicológica	80
--	-----------

3.2.1 Indivíduos: Transtorno de Estresse Pós-Traumático	80
3.2.2 Famílias: promovendo resiliência.....	83
3.2.3 Populações: a estrutura “RICH”	84

3.3 A abordagem da espiritualidade aos exilados: tragédias com Deus	88
---	-----------

3.3.1 Os lamentos	90
3.3.1.1 Por Josias	90
3.3.1.2 Das mulheres carpideiras	91
3.3.1.3 De Ezequiel.....	92
3.3.1.4 Dos escravos	93
3.3.1.5 No livro de Lamentações	93
3.3.2 Cultos e rituais litúrgicos	96
3.3.3 Acompanhamento dos exilados nos livros bíblicos.....	98
3.3.3.1 No livro de Ezequiel	98
3.3.3.1.1 Salvação no sofrimento: determinando o responsável	99
3.3.3.1.2 Do lamento à crítica política	100
3.3.3.1.3 Salvação no sofrimento: a hora do coração.....	102
3.3.3.2 Nos livros de Esdras e Neemias.....	104
3.3.3.2.1 Tragédia e reconstrução	105
3.3.3.2.2 Não chorem.....	106

3.3.3.2.3	Reconstruindo muralhas na vida emocional	107
-----------	--	-----

4 O EXÍLIO E A TERAPÊUTICA EM JEREMIAS:

O LIVRO DAS CONSOLAÇÕES111

4.1 O Juízo112

4.1.1	Linha do tempo	112
-------	----------------------	-----

4.1.2	As mortes.....	114
-------	----------------	-----

4.1.3	O desterro	114
-------	------------------	-----

4.1.3.1	Migração forçada derivativa	115
---------	-----------------------------------	-----

4.1.3.2	Migração forçada propositada	116
---------	------------------------------------	-----

4.1.3.3	Migração forçada responsiva	116
---------	-----------------------------------	-----

4.1.4	Os traumas	116
-------	------------------	-----

4.2 A terapêutica – o Livro das Consolações117

4.2.1	Preparatória: A carta aos refugiados (Jr 29).....	118
-------	---	-----

4.2.1.1	Limites e promessas	121
---------	---------------------------	-----

4.2.2	Introdução.....	122
-------	-----------------	-----

4.2.2.1	Inserção e delimitação	122
---------	------------------------------	-----

4.2.2.2	Na Septuaginta.....	123
---------	---------------------	-----

4.2.2.3	Destinatários	123
---------	---------------------	-----

4.2.2.4	Datação	125
---------	---------------	-----

4.2.2.5	Esboço “Genérico”	126
---------	-------------------------	-----

4.2.3	Comentários ao texto.....	126
-------	---------------------------	-----

5 A NOVA ALIANÇA E SUA TERAPÊUTICA APLICADA149

5.1 A Nova Aliança de Jeremias analisada na estrutura “RICH”149

5.1.1	Respeito.....	150
-------	---------------	-----

5.1.2	Informação.....	151
-------	-----------------	-----

5.1.3	Conexão/ Vínculo:	152
-------	-------------------------	-----

5.1.4	Esperança:.....	153
-------	-----------------	-----

5.2 A perícopes da Nova Aliança154

5.2.1	Introdução.....	154
-------	-----------------	-----

5.2.2	Texto e traduções:	155
-------	--------------------------	-----

5.2.2.1	Texto hebraico,.....	155
---------	----------------------	-----

5.2.2.2	LXX (Septuaginta, cap. 38):	156
---------	-----------------------------------	-----

5.2.2.3	Uma tradução mais literal:.....	156
---------	---------------------------------	-----

5.2.2.4 Uma tradução literal para o inglês:	157
5.2.2.5 Uma tradução intermediária:.....	157
5.2.2.6 NAA (Nova Almeida Atualizada)	158
5.2.2.7 NVI (Nova Versão Internacional)	158
5.2.2.8 TEB (Tradução Ecumênica Brasileira).....	159
5.2.2.9 BJ (A Bíblia de Jerusalém)	160
5.2.3 Exegese e comentário.....	160
5.2.3.1 Aliança	163
5.2.3.2 Aliança e Testamento, Velha e Nova.....	164
5.2.3.3 Coração	171
5.2.3.4 A Novidade da Nova Aliança	175
6 CONCLUSÃO.....	177
6.1 A relação entre Juízo e Nova Aliança.....	178
6.2 Nossa questão principal.....	179
REFERÊNCIAS.....	185
APÊNDICE 1 – Juízo divino, ira e salvação.....	191

1 INTRODUÇÃO

A profecia da Nova Aliança enunciada em Jeremias (Jr 31.31-34) traz uma mensagem impressionante de salvação, contrastando com um contexto muito difícil, no qual o povo de Deus estava sendo castigado por causa de um vasto conjunto de erros e maldades: tempos após a destruição do reino do Norte, vieram também a destruição do reino de Judá e da cidade santa de Jerusalém, além da vergonha do aprisionamento e desterro, para um exílio na Babilônia. A mensagem dessa profecia, marcada pela autoridade divina, dizia que chegaria o tempo em que a situação seria diferente e muito melhor. O próprio Jeremias foi também o profeta encarregado de acompanhar as últimas décadas de existência do Reino de Judá até sua destruição. Em meio a seu ministério, ele também experimentou na própria pele as durezas e perseguições que assolariam o seu povo.

A partir de conversas com o orientador, e acreditando que deveria haver alguma relação entre todos os elementos – mensagem, mensageiro, conteúdo e contexto – começamos a trabalhar.

A pergunta que dirige nossa pesquisa é se essa mesma mensagem – especialmente a profecia da Nova Aliança – não poderia também ser útil para o auxílio a comunidades e indivíduos que atualmente passam por situações semelhantes, forçados a se deslocarem para se refugiar e viver em outros países.

A hipótese com que trabalhamos é que, de alguma forma, talvez todo o sofrimento envolvido nessas experiências – do povo judaíta e também do próprio profeta – esteja relacionado ou mesmo tenha sido necessário para o recebimento da profecia da Nova Aliança e do consolo que ela traz.

Para esse fim, entendemos ser necessário desenvolver a pesquisa em três áreas: na primeira e fundamental, um enfoque de teologia bíblica: os conteúdos dessa profecia bíblica e seu contexto no livro de Jeremias e também na vida do profeta. Além de elementos exegéticos, estaremos privilegiando o comentário dos textos bíblicos. Uma segunda área a ser pesquisada seria o apoio que é dado atualmente a exilados forçados, especialmente pelo lado psicológico, para fins de comparação. A terceira área foi adicionada considerando a probabilidade de que esse apoio psicológico e humanitário atual em muitos casos poderia não contemplar

a participação ativa da figura de Deus, que em Jeremias é fundamental. Por isso procuramos também um enfoque de espiritualidade que pudesse dialogar com as duas primeiras áreas, uma vertente psicoteológica, preferencialmente com uma interface com a própria Bíblia. Encontramos esse enfoque na abordagem da recém lançada Bíblia de Estudo Conselheira, que apresentaremos no respectivo capítulo da tese. Com esse conjunto de três áreas, pretendemos investigar se de alguma forma seria possível aproximar as proposições da profecia de Jeremias com tragédias atuais semelhantes às aquelas ocorridas com o povo israelita.

Nossa metodologia de trabalho pretende trabalhar as interfaces dessas áreas, e promover esse intercâmbio o mais cedo possível. Em vez de uma tradicional exegese textual ser seguida ao final por uma aplicação prática, pretendemos conhecer o terreno prático de cuidado a refugiados forçados logo no início do contato com o texto bíblico, e avançar nesse conhecimento paralelamente, à medida em que nos afunilamos para a profecia da nova aliança.

Começaremos com estudos introdutórios ao contexto da pessoa do profeta e do livro de Jeremias (capítulo 2). Na sequência (capítulo 3), trazemos aspectos da realidade atual no trato com refugiados e também descrevemos abordagens psicológicas e uma abordagem da espiritualidade a esse tema (estas abordagens serão explicadas em mais detalhe no próprio capítulo). A seguir, no capítulo 4, pretendemos explorar como essas áreas se relacionam e poderiam nos auxiliar a extrair boas orientações da parte central do livro de Jeremias: o Livro das Consolações e a carta aos exilados que o precede. No quinto capítulo continuamos aprofundando esse diálogo e chegamos finalmente à própria profecia da nova aliança, a qual também tentaremos examinar quanto à relação com o cuidado a refugiados. Por último, expomos as conclusões a que tivermos chegado.

Antes de ingressar nessas etapas, porém, um dado de realidade: um trabalho com três áreas distintas certamente trará alguma frustração, porque não teremos condições – nem capacidade – de irmos a fundo em cada uma das três áreas. Nosso enfoque contemplará mais as interfaces do que os centros de cada área. Como consequência, esperamos encontrar e explorar relações horizontais, mais do que uma profundidade vertical. Esperamos com a pesquisa propiciar oportunidades e inícios de diálogos interdisciplinares, inclusive para que os

respectivos aprofundamentos possam vir a ser levados a cabo em outras empreitadas.

Trabalharemos com a hipótese de que a tragédia ocorrida na época de Jeremias de alguma forma se relacionou com a chegada da profecia da nova aliança. Se essa relação puder se confirmar, em nossa hipótese entendemos que também será mais provável que a mensagem daquela profecia se mostre útil como um auxílio divino para tragédias semelhantes que comunidades e indivíduos enfrentam na atualidade. Esperamos com esta pesquisa poder encontrar caminhos que sejam ao mesmo tempo verdadeiros e consoladores, para aquela época e para hoje, apesar de nossas limitações.

2 JEREMIAS – O PROFETA E O LIVRO

Provavelmente mais do que na maioria dos outros livros bíblicos, em Jeremias a diferenciação entre o profeta e o livro das profecias se faz presente várias vezes, a começar pela própria introdução do livro, que descreve o profeta em terceira pessoa:

“Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim. A palavra do Senhor veio a ele (*’ēlāyw*) no décimo terceiro ano do reinado de Josias...”¹

Outro fator que amplia este distanciamento: naqueles tempos a escrita era extremamente especializada e cara, e a leitura não era difundida entre o povo em geral. Assim, a pregação, a transmissão oral e inclusive a dramatização eram os recursos que realmente alcançavam o público, muito mais do que a escrita. Um exemplo claro da prevalência da audição sobre a leitura é justamente a primeira visão revelada por Deus a Jeremias registrada no livro, a visão de um galho de amendoeira (Jr 1.11,12), que é explicada por Deus como o fato de o Senhor estar vigiando para que sua palavra se cumpra. O veículo foi uma imagem (visão), e a relação se estabeleceu através do som da fala. Se a escrita fosse o veículo utilizado – tal como é para nós hoje – a mensagem daquela visão precisaria de uma explicação, tal como fazem nossas Bíblias, usando notas de rodapé, dizendo que no hebraico a palavra “amendoeira” (*shaqed*) soa parecido com a palavra “vigiando” (*shoqed*).

Na comunicação oral, pelo falar, a conexão entre o galho de amendoeira e o vigiar ficam mais fáceis. A escrita de ambas as palavras é idêntica em termos consonantais como é o caso do hebraico. Tal qual num jogo de palavras para um adolescente, Deus, pela visão e pela pergunta, fez Jeremias falar a palavra “amendoeira” e, após parabenizá-lo pelo “acerto”, explica sua mensagem usando o outro significado daquela palavra sonora (talvez como acontece em português com as palavras “cálice” e “cale-se”, para usar um exemplo famoso). O registro por escrito dos acontecimentos e mensagens muito provavelmente aconteceu em bem

¹ **BÍBLIA** Sagrada, Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Salvo indicação diferente, as citações bíblicas neste trabalho provém desta versão.

outro momento, conforme comentamos mais adiante. Mas dessa visão, sem dúvida Jeremias jamais se esqueceria.

2.1 O Homem Jeremias

Por que discorrer sobre a pessoa de Jeremias, em relação aos propósitos desta pesquisa? Muitos estudiosos têm com objetivo examinar e eventualmente comprovar a historicidade de personagens bíblicos. Isso é positivo e merece seu lugar. Mas como estamos em busca de auxílio eficaz vindo da situação que envolveu a profecia da Nova Aliança, outros aspectos ganham importância maior. Primeiro, porque o livro de Jeremias é o que revela mais profunda e abundantemente as emoções de um profeta de Deus, então esse conhecimento tem lugar no próprio texto bíblico. Além disso, entendemos que, na grande maioria das vezes, a ajuda mais efetiva provém de pessoas que conhecem bem o sofrimento pelo qual seus ajudados estão passando. Do próprio Jesus a Bíblia enfatiza que ele pode nos ajudar se compadecendo das nossas fraquezas, porque “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança” (Hb 4.14-15), e também que Jesus foi aperfeiçoado e “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8-9). Assim, é possível ou mesmo provável que as muitas angústias e perseguições por que Jeremias passou de alguma forma contribuíram para que sua mensagem – inclusive a de consolo, que nos interessa especialmente – fosse ouvida, sentida e transmitida com mais propriedade.

2.1.1 *Imagens do Profeta*

Sobre a aparência de Jeremias nada sabemos, mas vale a pena observar como o profeta foi imaginado, em sua expressão física, pelo mestre Michelangelo, na pintura da Capela Sistina:

2.1.1.1 O Jeremias de Michelangelo²



Figura 1 - O Jeremias de Michelangelo (c. 1512).

“Michelangelo retratou Jeremias na Capela Sistina como um “homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53:3). Mas é um homem de corpo musculoso, cujo ombro direito está curvado debaixo de um grande peso. Logo atrás e acima da linha do ombro está a figura da “filha de Sião”, uma mulher que representa o povo rebelde e alienado, que era o verdadeiro peso espiritual e psicológico do profeta. Mas acima do ombro esquerdo está a figura abatida de um ‘Filho do Povo de Judá’, olhando para esta desfigurada mulher, mirando além para um ponto no horizonte distante para a glória divina refletida em seu rosto. Em um só quadro o grande mestre da pintura nos deu a expressão das duas mais típicas características de

² MICHELANGELO. **O profeta Jeremias**. 1512. Afresco, 390 cm x 380 cm. Local: Capela Sistina, Vaticano..Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Prophet_Jeremiah_\(Michelangelo\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Prophet_Jeremiah_(Michelangelo))>. Acesso em: 25 mai. 2019.

Jeremias. Uma é a do homem de Anatote, o profeta da inevitável condenação de uma geração rebelde. A outra é a do autêntico arauto do evangelho eterno. Jeremias é, de fato, uma figura de dor trágica, porém de esperança inquebrantável”.³

2.1.1.2 O pranto de Jeremias



Figura 2 - O pranto de Jeremias.

O profeta Jeremias às vezes é apelidado de “o profeta chorão”. Seus sentimentos são de fato expostos em várias passagens do livro, e por vezes mostram grande sofrimento. Esta pintura, têmpera sobre tela, de grandes dimensões

³ KUIST, H. Tillman. **The Layman's Bible Commentary**. Tradução de J. Cássio Martins. v. 12, Louisville: John Knox Press, 2012, p. 7.

(1,90 x 1,80m) foi feita por Candido Portinari em 1944, ou seja, cerca de cinco séculos depois de Michelangelo. Ela pertence ao acervo do Museu de Arte de São Paulo⁴:

2.1.2 O pastor iniciante

Nos primeiros anos de ministério, antes de pôr em prática a difícil missão de pregar o juízo divino e a iminente condenação, parece que o jovem Jeremias teve alguns anos de “estágio”, em que exerceu um ministério mais pastoral, dentro do bom reinado de Josias. A maioria dos estudiosos considera os capítulos 2 a 6 como sendo os textos que retratam as falas mais antigas de Jeremias. Deste bloco, os primeiros dois capítulos (mais os primeiros dois versos do capítulo 4), retratariam seu ministério voltado principalmente para os moradores da sua cidade natal, Anatote. Esta cidade, no território de Benjamim, além de sede dos sacerdotes descendentes de Abiatar, que para lá fora banido por Salomão por ter apoiado a pretensão real de Adonias (1Rs 2.26-27), seria também local de refúgio de sobreviventes do antigo Reino do Norte, que escaparam da conquista pelos assírios em 721 a.C. Um ambiente muito mais rural e interiorano, onde refugiados foram acolhidos: este foi o berço do profeta. Baseando-se especialmente nos estudos de Albertz e Lohfink, Kilpp demonstra que as mensagens dos capítulos 2 e 3 se dirigem majoritariamente aos desterrados do antigo Reino do Norte, sobre cujo território o rei Josias ganhava crescente influência. Como aquele reino já havia sido destruído um século antes, por conta de sua grande e perversa idolatria, as mensagens aos seus descendentes tinham forte ênfase de retorno e consolação, o que também ecoaria nos capítulos 30-31, que nos interessam aqui diretamente.⁵ Pelo visto, como Kilpp comenta em outro artigo, mesmo não concordando integralmente com essa posição, há para alguns estudiosos uma certa “lógica cronológica” para mensagens (ou organização de livros) de profetas: avisos de juízo e condenação para as nações que aparentemente estão “bem de vida”, e mensagens de consolação e restauração para nações (por vezes as mesmas) depois que o juízo tiver sido executado e o

⁴ PORTINARI, Candido. **O pranto de Jeremias**. 1944. Pintura, color., 190 cm x 180 cm. Reprodução. Disponível em: <<https://masp.org.br/acervo/obra/o-pranto-de-jeremias>>. Acesso em: 25 mai. 2019.

⁵ KILPP, Nelson. Um profeta que nasce da atuação pastoral. **Reflexus**, Vitória, ano VII, n. 9, p. 43-60, 2013.

povo sobrevivente estiver vivendo sob condições humilhantes.⁶ Jeremias, então, teria tido a oportunidade de exercer um “ensaio” dessas mensagens consoladoras já na sua mocidade, para com os descendentes de refugiados do extinto Reino do Norte. Ao final de seu ministério, após o juízo de Deus ser executado contra Judá, ele pôde expandir essa experiência para todos os israelitas sobreviventes conjuntamente – e é nesse cenário que transparece a profecia da Nova Aliança.

2.1.3 O artista de alma

Ficamos sabendo por 2Cr 35.25 que Jeremias compôs um lamento para ser cantado em relação à morte do rei Josias, no que possivelmente tenha sido a maior perda que o profeta havia experimentado até então, como de um herói da adolescência que morre tragicamente. A Septuaginta atribui a Jeremias a autoria do livro bíblico de Lamentações (coisa que o texto hebraico não faz). Seja como for, fica evidente que Jeremias tinha uma sensibilidade poética, que o capacitou a compor o lamento – e possivelmente ainda outros mais. É provável que o tratamento “endurecedor” que Deus lhe aplicou (veja abaixo) tenha restringido essa sensibilidade de artista, e vinculado seu veio musical especialmente à tristeza. Mas certamente esse talento também serviu como uma boa “válvula de escape” para as muitas tensões e sofrimentos por que passou.

2.1.4 O homem endurecido

Este tratamento foi dispensado por Deus a Jeremias e também a seu contemporâneo profeta-sacerdote, Ezequiel, segundo comentado na Bíblia Conselheira⁷:

Jeremias e Ezequiel foram os dois profetas mais ativos no período anterior e logo após a queda de Jerusalém e o exílio. Deus os advertiu que, para enfrentarem a obstinada teimosia e oposição dos israelitas às mensagens

⁶ KILPP, Nelson. **Profecias e Liturgias**, p. 4. Inédito.

⁷ Neste trabalho utilizamos vários textos extraídos dos quadros temáticos da Bíblia Conselheira, para a qual trabalhamos como editor ao mesmo tempo em que preparávamos esta tese. Na própria Bíblia os quadros todos aparecem, por uma decisão editorial, sem autoria identificada. Uma parte deles foi elaborada por nós enquanto estudávamos Jeremias. Esses textos serão aqui indicados com apenas os nomes do editor e do organizador da obra. Para textos dos quais outros autores tenham participado, outros nomes (ou a referência *et al.*) se juntarão aos créditos. A Bíblia de Estudo Conselheira foi lançada no Brasil em maio de 2019, cerca de 1 mês antes da entrega desta tese para avaliação.

do Senhor, eles próprios também seriam, de certa forma, “endurecidos” (Jr 1.18-19; Ez 3.6-9).

Isso nos leva a refletir: de que forma terá Deus produzido essa mudança no caráter, esse “endurecimento” em seus profetas? Embora não nos informem expressamente, seus livros contam vários detalhes de acontecimentos com eles, que nos permitem imaginar que tenham sido parte dessa obra de Deus. Muitas vezes Deus trabalha para “amolecer” o coração de seus filhos. Porém, nesta situação de julgamento nacional, o Senhor precisa de servos de “rosto e fronte endurecidos”. Entendemos, portanto, que, para determinadas tarefas, pode ser necessária uma fala ou ação ríspida, sem demonstração de empatia ou compaixão, mesmo que, em secreto, o coração seja derramado em oração diante do próprio Senhor.

Jeremias foi avisado que seus familiares não o apoiavam; além disso, foi jogado num poço, posto no tronco e esbofeteado. Ezequiel foi ele próprio tratado por Deus com dureza, ora ficando mudo, ora amarrando-se numa posição incômoda, ora obrigando-se a viver com ração diminuta e sem nenhum conforto, tal como acontecia com prisioneiros levados cativos.

Jeremias foi expressamente orientado a não se casar e a não ter filhos (Jr 16.2), pois quase todos daquela geração seriam mortos. Ezequiel já era casado e, após avisá-lo, o Senhor levou sua esposa, na véspera da queda de Jerusalém; e ainda determinou que não cumprisse os procedimentos normais do luto (Ez 24.15-27). Deus se referiu a ela como “aquela que é a delícia de seus olhos”, e mesmo assim não o poupou. O convívio afetivo entre o casal e com os filhos certamente amolece o coração; esses profetas foram privados disso.

As atitudes de ambos mostraram claramente que criam firmemente em Deus; e sabiam que o Reino pelo qual militavam, embora invisível, era muito mais importante. Eles foram rejeitados pela maioria do seu próprio povo, que preferia só acreditar nas obras de suas próprias mãos, ou então em ídolos pagãos. Para enfrentar tanta oposição, foi necessário aos profetas fortalecerem-se por meio de muitas privações. De bom, eles contavam “apenas” com a própria presença divina ao seu lado, sempre disponível para ouvir inclusive as suas queixas. O gozo e o descanso foram recebidos somente após a morte, nos céus, como coroa da vida de fé que levaram. Podemos incluí-los entre aqueles heróis da fé, de quem lemos: “O mundo não era digno deles” (Hb 11.38). Mas nós, também os considerá-íamos como nossos heróis?⁸

Um relato de Jeremias ainda acrescenta outro dado a este endurecimento: após ter sido açoitado e preso no tronco a mando do sacerdote Pasur, Jeremias se queixa, poeticamente, com Deus, dizendo: “Tu me persuadiste, Senhor, e eu fui persuadido. Foste mais forte do que eu e prevaleceste” (Jr 20.7). Esse mesmo primeiro verbo é também traduzido como “seduziste”, em Êx. 22.16. Somando essa possibilidade com a frase seguinte, em que Deus prevaleceu sobre Jeremias por ser mais forte, temos um sentimento muito próximo de uma pessoa que acreditou num convite gentil, mas acabou sendo estuprada. Tal foi a decepção de Jeremias para com Deus nessa situação!

⁸ KEPLER, K. (Ed.); MIRANDA, J. (Org.) et al. **BÍBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019, p. 1292.

2.1.5 O “anti-Moisés” e “segundo Moisés”

Alguns estudiosos destacam o fato de que Jeremias serviria muito bem para tipificar um “anti-Moisés”⁹: o servo de Deus que é levado à força a acompanhar o povo derrotado, na volta de Israel para o Egito, obrigado por fanáticos obcecados, que confundem sua religiosidade e seu nacionalismo¹⁰. Com eles Jeremias fugirá, num retorno ao Egito, e lá mesmo, nessas tristes condições, ainda entregará a palavra que recebe do Senhor. Essa Palavra o sustenta nas piores situações!

Ao mesmo tempo, Jeremias também é visto como possível cumprimento da profecia de Moisés, de que o Senhor suscitaria dentre o povo um profeta semelhante a ele (Dt 18.18-19). O livro de Jeremias tem considerável semelhança de conteúdos com o livro de Deuteronômio. Fischer ressalta o fato de que somente para Jeremias, e logo no seu chamamento, é utilizada a mesma expressão anunciada por Moisés, em que Deus diz que poria suas palavras na boca desse profeta¹¹. Essa descrição parece intencional para estabelecer esse cumprimento, tal qual escrito em Jr 1.9: *וְנָתַתִּי דְבָרִי בְּפִיךָ* (Dt 18.18: *וְנָתַתִּי דְבָרִי בְּפִיו*).¹² Podemos dizer que Jeremias serve igualmente bem a ambos os papéis: há portanto uma semelhança em essência, na relação com Deus e o chamado, entre Moisés e Jeremias, mas uma oposição quase total na relação com o povo ouvinte: suas palavras não foram ouvidas, mas rejeitadas, o que trouxe o castigo divino. E assim o profeta Jeremias acaba sendo forçado a voltar ao Egito.

Enquanto Moisés cuidava de um povo em formação, com todo um futuro pela frente, Jeremias, pelo contrário, se mostra mais semelhante a um médico que cuida de um paciente terminal, como comenta a Bíblia Conselheira:

ele luta contra o inevitável fim de Jerusalém. Apaixonado, leva uma mensagem de salvação para seu povo, que está desprotegido perante a

⁹ Assim SCHÖKEL, L. Alonso. Jeremías como anti-Moisés. In: CARREZ (Ed.) et al. **De la Tôrah au Messie**. Paris: Desclée, 1981, p. 245-254; e também HOLLADAY, W. **Jeremiah – A Fresh Reading**. Eugene, Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2012, p. 88.

¹⁰ KEPLER (Ed.); MIRANDA (Org.); HERNANDEZ et al. **BÍBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019, p. 1181.

¹¹ FISCHER, Georg. A New Understanding of the Book of Jeremiah. In: **Jeremiah’s Scriptures: Production, Reception, Interaction, and Transformation**. NAJMAN, H.; SCHMID, K. (Eds.). Leiden: Brill, 2016, p. 38.

¹² Isso levaria a interpretação cristã – que atribui esse papel a Jesus Cristo – a elaborações bastante instigantes, que não cabem em nosso escopo aqui. Mas vale registrar que entre o povo contemporâneo de Jesus havia quem o considerasse ser Jeremias (vide o subitem 2.2.4.5 No ensino popular).

ameaça fatal. O profeta confronta líderes de coração endurecido, que não se arrependem e permanecem obcecados, fechados em seus mundos imaginários, incapazes por seu orgulho de ceder perante a derrota irrevogável. Trata-se de reis, príncipes, sacerdotes e líderes políticos que o desqualificam, ridicularizam, ameaçam de morte, colocam na prisão, humilham, e queimam suas mensagens. Muitos séculos antes de Agostinho, Jeremias já “confessa suas emoções” de alma a Deus. Com detalhes de sutil beleza, ele relata cada uma das emoções: 11.18-23; 12.1-6; 15.10, 15-20; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-18. O profeta descreve o que vive com uma incomparável ternura e beleza. Arauto da vida, manifesta continuamente a extrema tensão entre a proclamação e a rejeição. O profeta tem urgência – carrega uma palavra que não pode demorar (porque queima em seu interior), palavra que por si mesmo ele mesmo não pode assegurar, e que mesmo assim é rejeitada. Como preservar-se nessa queda livre de uma sociedade que se suicida? Sua única segurança está em Deus, que o ama incondicionalmente. Jeremias experimenta esse amor absoluto de Deus (absoluto porque não há nada a que se possa compará-lo). Esse amor ele vivencia enquanto bate seu coração, na Vida que Deus lhe outorga como resgate e recompensa. Jeremias é a expressão máxima do desapego; um profeta que tem uma palavra que recebeu da própria Origem das palavras, e que é rejeitada. Essa vivência de abismo é acompanhada do desprendimento de tudo que tem que deixar, inclusive seu desejo de uma mulher a quem amar. Um século e meio depois de Isaías, com o reino do norte e sua capital Samaria já destruídos e seus habitantes deportados para a Assíria, Jeremias enfrenta o ataque dos babilônios, com a aproximação de Nabucodonosor. A este ele descreverá como um instrumento do Senhor para destruição, arrancando da terra o povo escolhido, que se tornou idólatra e com dirigentes indignos, que estão surdos para a palavra da Vida. Ele foi escolhido para ser profeta desde o ventre materno – lugar do qual, depois de tanto sofrimento, preferia não ter saído (20.17). Identificado como cidade fortificada, coluna de ferro e muro de bronze (1.18), ele vivencia a prova dessa identidade em meio a um protesto seu para com Deus, porque descobre que ser aquilo que é se dá enfrentando uma missão muito dura (15.10). Talvez a parte mais dura de todas que encontrou em sua missão foi a de vivenciar dramaticamente e de modo forçado o exemplo mais claro da quebra da aliança da Lei de Moisés: o retorno para o Egito, por não crerem na proteção assegurada por Deus.¹³

Essa mesma situação de regresso involuntário ao Egito converteu a parte final de sua vida na de um refugiado forçado (vide abaixo, 2.1.7), aproximando-o ainda mais da vivência dos israelitas sobreviventes.

2.1.6 O homem sem escolha

Como percebemos pela própria introdução ao livro de Jeremias, o profeta não teve muita escolha: Deus diz que o escolheu desde o ventre materno para ser profeta para as nações (Jr 1.4,5). Tal como Moisés, Jeremias tenta se desvencilhar da obrigação, e alega ser ainda criança (v. 6). Porém Deus não lhe dá essa opção, e de certa forma realmente o trata como a uma criança, não dando liberdade de

¹³ KEPLER; MIRANDA; HERNANDEZ et al. 2019, p. 1181.

escolha: ordena que obedeça a suas ordens e entregue fielmente todas as mensagens que receber (v. 7-8), e termina por tocar a boca do profeta, enviando-o para “arrancar e derrubar, para destruir e arruinar, e também para edificar e plantar” (Jr 1.10).

Muitos anos depois, porém, logo após Jeremias ter assistido à destruição de Jerusalém e inclusive ter sido preso junto com os demais sobreviventes que seriam triados para envio à Babilônia, a situação é alterada. Encontrado pelo comandante Nebuzaradã, que seguia ordens específicas de Nabucodonosor, o profeta é libertado, é bem tratado, e recebe a possibilidade de escolha sobre onde passar seus últimos anos – o que provavelmente lhe sugeriu o sentimento de que sua missão profética estava terminada:

“Vá para o lugar que for do seu agrado e melhor para você” (Jr 40.4). Há situações na vida em que [...] Deus deixa escolhas para nós mesmos fazermos. Jeremias tanto poderia ir e ser bem tratado na Babilônia como ficar em Judá. Ambas as opções eram difíceis. Jeremias não estava acostumado a decidir por si mesmo. A sua vida inteira foi um ministério profético em um contexto extremamente tenso, diante de muita oposição, e perigo real de vida. Esse foi tempo de “arrancar e derrubar, destruir e arruinar” (Jr 1.10), e Deus precisou orientá-lo constantemente, sobre várias questões. Jeremias certamente lembrava que Deus também havia falado de um tempo de construir e plantar. Aparentemente, a parte da destruição havia sido terminada. Mas como saber se essa era a hora da mudança? Deus havia dito que o cativo demoraria 70 anos! Porque o Senhor não falava claramente agora?! Houve uma grande mudança de situação: o castigo de Deus, que Jeremias passou a vida inteira anunciando, sofredamente, finalmente se cumpriu. Sua principal mensagem, a própria missão de vida do profeta, já não era mais necessária. E agora? Como ele não morreu, o que fazer depois de ter cumprido sua missão? Deus aparentemente silencia, mas na verdade, como o próprio texto indica em seu início, estava falando através do comandante Nebuzaradã, um babilônio! O herói de Jeremias na juventude, o rei Josias, morreu precocemente justo por não ouvir a voz de Deus através do Faraó, que queria passar por seu país (2Cr 35.20-25). Jeremias ainda sabia cantar o hino de lamentação que compôs sobre aquela tragédia, e agora vive uma situação semelhante. Deus mostrou um carinho especial por seu profeta idoso quando o comandante Nebuzaradã “o chamou de lado” e deixou claro que sabia tudo o que o Senhor havia feito; e por isso lhe dava liberdade de escolha. Duas certezas podem ajudar quando nos encontrarmos nesse tipo de situação. A primeira, é que o Senhor não nos abandona. Deus havia dito isso claramente para Jeremias (1.8), e a Bíblia garante essa companhia e cuidado especial também para nós (Hb 13.5). A segunda é que, exatamente por causa da fidelidade de Deus, o dilema na verdade não é tão sério quanto nos parece. Não é uma questão de vida ou morte, muito menos de céu ou inferno; isso ficou especialmente claro depois que Jesus assumiu para si esse papel, morrendo pelos nossos erros e ressuscitando para nossa salvação. Mesmo sem ter conhecido a Jesus, Jeremias sabia que Deus o acompanharia, tanto na Babilônia quanto na Palestina. Mas o silêncio de Deus sempre é perturbador. Jeremias já tinha considerável idade, estava certamente subnutrido e exausto, e não queria errar. As

opções pareciam então muito complexas e muito diferentes [...] Parece que ele preferiu devolver para Deus a possibilidade de escolha.¹⁴

O “enviado” Nebuzaradã tomou a decisão que Jeremias não tomou e, possivelmente considerando a idade avançada e a provável fragilidade física do profeta, recomendou-lhe que não viajasse, mas ficasse ali mesmo entre o grupo restante, encarregado de cuidar das terras, que seria governado pelo amigo Gedalias (Jr 40.5-6). Sem dúvida, essa era também a opção menos trabalhosa para o próprio Nebuzaradã, que assim se livraria do encargo de ficar zelando pelo bem-estar do profeta durante todo o percurso e possivelmente também depois. Seja como for, com esse expediente Jeremias conseguiu deixar para Deus a escolha sobre qual rumo tomar. Tendo em mente que Deus lhe havia dado oportunidade de escolha, e observando que o profeta não quis ou não soube fazer uso dessa liberdade, não se trata de ponderar qual teria sido a decisão melhor ou mais correta. Ficamos sabendo pelo livro que Jeremias ainda teve serviço como profeta de Deus, tanto para consultar ao Senhor pelo povo, quanto para advertir seus patrícios das consequências dos erros que estes cometiam, ao insistirem em ir morar no Egito. Como teriam sido os últimos anos de Jeremias caso ele tivesse escolhido acompanhar os cativos até a Babilônia? Certamente Deus não o teria desamparado, mas o restante dos eventos fica para o território – interessante, diga-se – da ficção.

2.1.7 O exilado forçado

O acontecido com Jeremias, primeiro por ter sido mantido acorrentado entre os sobreviventes a serem desterrados, antes de ser liberto por Nebuzaradã e, depois de algum tempo, por ter sido levado à força pelos militares que foram se refugiar no Egito, acrescentou a ele a experiência de ser refugiado forçado. A ACNUR (Alto Comissariado da ONU para Refugiados, UNHCR em inglês), se refere a “deslocados forçados” e relata que seu número vem batendo recordes crescentes nesta década. O mais recente registro oficial, publicado em junho de 2018, se refere ao ano de 2017 e contabiliza 68,5 milhões de pessoas no mundo¹⁵: 40 milhões de

¹⁴ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1251.

¹⁵ NAÇÕES UNIDAS BRASIL. 2018. **ACNUR: número de pessoas deslocadas chega a 68,5 milhões em 2017**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acnur-numero-de-pessoas-deslocadas-chega-a-685-milhoes-em-2017/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

deslocados em seu próprio país, 3 milhões à espera do resultado de seus pedidos, e 25,4 milhões de refugiados, ou seja, que tiveram de deixar seus países para sobreviver. Com o exílio forçado no Egito, Jeremias aproximou-se ainda mais da experiência de seu povo. Neste momento, todos os israelitas estavam exilados: ou a nordeste de Canaã, na Assíria e na Babilônia, ou ao sul, no Egito, e o profeta sabia bem como eles se sentiam nessa situação.

2.2 O Livro de Jeremias

Assim como a figura de Jeremias revela a grande riqueza da complexidade humana, também o livro de Jeremias se mostra extremamente complexo. Isso repercute inclusive no esforço de expor os problemas com que os estudiosos têm se deparado, e os diversos movimentos em busca de possíveis soluções. Tentaremos definir primeiramente as principais dificuldades encontradas, depois mencionar as principais evoluções e mudanças ocorridas na pesquisa sobre o livro ao longo do tempo, para então destacarmos alguns pontos isolados que merecem consideração em separado. Provavelmente a complexidade e difícil coerência do texto “respingará” também neste pequeno esforço de compreendê-lo. Daqui para diante, sempre que não for especificado claramente no trabalho, as menções a “Jeremias” serão uma referência ao “livro de Jeremias”.

2.2.1 Um esboço básico

A estruturação do livro de Jeremias tem elementos bastante simples mesclados com componentes difíceis de divisar. Um esboço geral do livro a partir da sequência de capítulos do Texto Massorético é relativamente simples, conforme sumarizado pela TEB:

- 1.1 – 25.14 Oráculos e ações simbólicas de Jeremias contra Judá.
- 26.1 – 45.5 Oráculos de salvação para Israel/Judá e relatos acerca do ministério de Jeremias;
- 46.1 – 51.64 (com uma introdução em 25.15-38): oráculos contra as nações estrangeiras
- 52.1-34 Anexo histórico: a queda de Jerusalém¹⁶

¹⁶ BÍBLIA TEB, Tradução Ecumênica Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1980, p. 711.

O prólogo (1.1-3) e a conclusão (52.27-34) deixam transparecer que houve um elaborado processo de edição do livro e revelam especialmente o seu propósito: acompanhar, da parte de Deus e com Sua palavra, o processo final da existência do Reino de Judá e especialmente de Jerusalém, com a ida ao exílio. Mesmo havendo trechos escritos depois de 587/6 a.C., a ida para o exílio naquela data é conscientemente marcada para ser o final do livro, o final da história de Judá e especialmente o fim da atitude de descrença, desprezo e desobediência para com Deus, o Senhor.¹⁷ A complexidade da organização do livro, porém, aumenta consideravelmente quando tentamos descer a detalhes. Apresentaremos um esboço mais elaborado ao final do item “A difícil coerência interna”, abaixo (2.2.2.2).

Para não deixarmos o panorama por demasiado vago, vamos nos deter um pouco mais no exame das maiores questões que os estudiosos enfrentam.

2.2.2 As principais dificuldades

2.2.2.1 O texto “Original”

O estabelecimento de um texto hebraico único e mais antigo para Jeremias não é tarefa simples. Diferentemente do que acontece com outros livros do AT, para Jeremias a versão grega Septuaginta (LXX) apresenta um texto consideravelmente mais curto do que o Texto Massorético, o que tem levado os estudiosos a buscar pelas possíveis causas dessa diferença. Conforme McKane destaca, provavelmente a Septuaginta tenha tido acesso a um original hebraico menor do que o Texto Massorético atualmente preservado.¹⁸ Foi essa convicção, a partir de evidências encontradas – como um fragmento de Qumran que mostra um texto hebraico que coincide com a versão mais breve da LXX de um trecho de Jeremias, que o levou ao construto do “*rolling corpus*” (conforme apresentado no item ref. Robert Wilson, 2.2.3.4.4.1). O objetivo defendido por McKane não era o de encontrar o “texto mais primitivo” (que então poderia por alguns ser considerado como “mais correto”), mas antes tomar mais conhecimento a respeito do processo de formação e elaboração

¹⁷ BRUEGGEMANN, Walter. **A Commentary on Jeremiah – Exile and Homecoming**. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans Publishing, 1998, p. 23.

¹⁸ McKANE, William. **A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah**. v. 1. Edinburgh: T&T Clark Ltd, 1986, p. xv.

do texto canônico. Numa atitude humilde (que, por sinal, contrasta com vários antecessores da pesquisa bíblica), ele reconhece que “os processos que produziram o produto final são apenas parcialmente compreendidos por nós; nossas explicações devem ser tentativas” e as suposições de que sempre haverá alguma explicação racional para eles são erradas.¹⁹ Em suma, devemos nos contentar em não conseguir obter todas as respostas, mas podemos aproveitar essa oportunidade ímpar para tentar compreender o processo de elaboração deste texto sagrado.

2.2.2.2 A difícil coerência interna

A questão da diversidade de material no texto de Jeremias aparece também por uma faceta literária: já há tempos se reconhece três estilos de escrita presentes no livro. Estes tradicionalmente têm sido atribuídos a três autores (ou grupos de autores) diferentes, especialmente pela escola crítica. Portanto, estas diferenças marcantes de estilo têm alimentado mais de um século de discussões a respeito da autoria. Os três tipos essenciais são: oráculos poéticos, sermões em prosa, e prosa biográfica, e ainda se pode diferenciar os relatos autobiográficos ou “confissões”.

2.2.2.2.1 Oráculos poéticos

Muitas traduções modernas da Bíblia nos facilitam um rápido reconhecimento do que é prosa e do que é poesia no texto bíblico, ao adotar uma diagramação diferente para os versos poéticos. O problema é que nos manuscritos essa diferenciação de apresentação não existe. As traduções precisam decidir quais textos são considerados poéticos, para então apresentá-los visualmente de acordo. Essa decisão é simples em livros como Salmos, Provérbios e Lamentações, mas ficam bem mais complexas em livros proféticos. É importante fazê-las, pois ajudam a comunicar também a “alma” do texto junto com a letra do seu conteúdo. Mas cabe lembrar que, frequentemente, passagens como algumas do livro de Jeremias colocam sérias dúvidas sobre o que seria prosa e o que poesia.

Leene, percorrendo sobre a “moldura” e o “miolo” do Livro das Consolações, lista as características universais de prosa e poesia, encontradas, respectivamente,

¹⁹ McKANE, 1986, p. xlix.

na moldura e no miolo: “Falar sobre”, contrastando com “falar para/com”; “afirmações diretas”, contrastando com “metáforas”; “argumentação” contrastando com “invocação”; “proposta” ou programa de ação, contrastando com “cenário”²⁰.

Rosenberg destaca que o material poético está condensado no início (1 - 25), meio (30 - 31) e fim do livro (46 - 51), e ressalta uma “ambiguidade recíproca” entre os primeiros e os últimos capítulos: quanto mais perto se chega das palavras poéticas, que são bem mais amplamente aceitas como originais de Jeremias, mais distantes estaremos das informações biográficas; e, inversamente, quanto mais imersos estivermos nos detalhes da vida de Jeremias, mais facilmente encontraremos material que foi editado, como sinopses de prosa ou recapitulações estereotipadas.²¹

Lembremos, porém, que nada em Jeremias é simples: nem tudo que é poético é aceito como original, e nem tudo que é prosa é considerado como não sendo diretamente dele!

No livro de Jeremias, o estilo poético é marcado por:

exclamações em staccato, rápidas mudanças de cena e perspectiva, modificações frequentes de voz e discurso, uso de invocação, comando plural e questão retórica, propensão para assonância e jogos de palavras, rico arranjo de metáforas e símiles a partir do cenário natural e das artes e ofícios humanos, e precisão de metonímia e sinédoque.²²

O arranjo do livro com a colocação dos oráculos poéticos no início, meio e fim deixa evidente para Rosenberg que este foi construído para permitir que a voz de Jeremias domine o início, fim e núcleo central do texto.²³

A identificação (ou confusão) de Jeremias com Deus em seus sentimentos tem um claro exemplo em 4.19: “Ah! Meu coração! Meu coração! Eu me contorço em dores...”, onde não sabemos se é Deus ou o profeta o sujeito de tais dores. Esse sofrimento é o que os estudiosos chamam de *pathos* divino – e também profético – e que marca fortemente o livro (veja adiante, 2.2.4.4.2). Segundo Rosenberg, se Jeremias trouxesse uma voz oracular desencarnada, sem experimentar ele próprio a

²⁰ LEENE, H. **Newness in Old Testament Prophecy – an Intertextual Study**. Leiden: Brill, 2014, p. 212.

²¹ ROSENBERG, Joel. Jeremias e Ezequiel. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1997, p. 200.

²² ROSENBERG, 1997, p. 201.

²³ ROSENBERG, 1997, p. 201.

violência desses sentimentos, nós leitores não sentiríamos tão intensamente o desespero e a situação crítica do tempo e do lugar no qual ele se movia. “Seu afastamento abrupto da tradição e costume proféticos quando expõe a sua queixa tão elaboradamente é uma inovação inteiramente própria, e não há nada parecido na literatura profética bíblica.”²⁴ Jeremias é, então, um profeta com uma missão, mas o que há de especial nisso é que essa missão se realiza através do fracasso, mais do que pelo sucesso²⁵. Isso revela um nível de profundidade de conteúdo, inclusive psicológico, que análises tradicionais ficariam muito longe de atingir. De certa forma, tal como aconteceu com alguns Salmos davídicos, os sofrimentos experimentados pelo protagonista não traziam ganho para ele, mas sim para os outros, seus futuros ouvintes ou leitores. Algo assim só será retomado pelo Messias, conforme o 4º Cântico do Servo em Is 53, e lembra Jesus chorando à vista de Jerusalém, cujos habitantes em sua maioria ele sabia que não iria salvar do massacre que em breve viria.

2.2.2.2 Sermões em prosa

Estes são os textos geralmente mais identificados como porções deuteronomistas. Entre os oráculos aparecem os capítulos 3, 7 e 11 em forma de pronunciamentos escatológicos e justificativas etiológicas (“pois o povo de Judá fez o que me desagradou”). As hipóteses de elaboração vão desde um conhecimento por parte de Jeremias de um proto-deuterônômio até o uso por deuteronomistas das expressões de Jeremias, ou também uma absorção do mesmo contexto por ambos. A semelhança entre os dois livros pode ser enganosa, mas alguns pontos são marcantes: “Ambos simultaneamente afirmam e negam a singularidade de Israel entre as nações; ambos atribuem às pessoas estrita responsabilidade por seus erros; e ambos refletem um senso similar de causalidade histórica e divina.”²⁶

Rosenberg não considera os sermões em prosa como sendo a voz original do profeta, mas sim como uma voz filtrada através da memória e tradição, num “senso cronológico barroco e tortuoso que modela o livro como um todo”.²⁷

²⁴ ROSENBERG, 1997, p. 203.

²⁵ ROSENBERG, 1997, p. 203.

²⁶ ROSENBERG, 1997, p. 204.

²⁷ ROSENBERG, 1997, p. 204.

2.2.2.2.3 *Prosa biográfica*

Embora já com sinais nos capítulos 7 e 11, esta aparecerá mais claramente a partir do capítulo 20, com revelações de bem mais detalhes dos eventos da vida do profeta. Por sinal, de todos os profetas bíblicos, Jeremias é o mais rico na conjunção de mensagens com eventos pessoais. Rosenberg vê uma progressão do material, “do oráculo ao sermão, do sermão ao cenário sermônico e deste à história pessoal e da corte”.²⁸ Este estilo de prosa predominará até o estilo deuteronômico retornar, especialmente no capítulo 44, onde Jeremias anuncia aos judeus que fugiram para o Egito sua missão de tentar convencê-los a “se converterem da sua maldade e não incensarem a deuses estrangeiros” (44.5).²⁹ Mas é sempre bom lembrar: no livro de Jeremias as regras têm suas exceções, e os materiais são bastante diversos entre si, então toda categorização, embora útil, é imperfeita.

2.2.2.3 Cronologia interna

Como vimos, Jeremias mostra-se um livro extremamente elaborado, no qual o trabalho de organização e edição teve um grande papel. Boa parte das falas vem acompanhada de uma datação expressa, e por essa própria datação já fica bastante claro que o livro deliberadamente não segue uma ordem cronológica: por exemplo, falas ditas no período do rei Jeoaquim são colocadas ao lado de outras proferidas uma década depois, nos anos do rei Zedequias. Há um propósito maior no livro de Jeremias do que um simples relato da sequência de falas e eventos. Mesmo assim, muitos dos eventos nele narrados não aparecem nos chamados livros históricos da Bíblia e, portanto, o livro de Jeremias também serve de narrativa, auxiliando grandemente na compreensão de como foi a agonia de Jerusalém em seus últimos dias.

Como que acrescentando ainda mais complexidade às dificuldades para se harmonizar o livro de Jeremias, fazemos uma incursão no mundo dos pressupostos. Poderia nossa interpretação ser influenciada pela nossa fé?

²⁸ ROSENBERG, 1997, p. 205.

²⁹ ROSENBERG, 1997, p. 205.

2.2.2.4 Pressupostos de fundo

Tomando como exemplo o evento do exílio Babilônico, Brueggeman ilustra pressupostos que estão por trás das duas principais posturas interpretativas em relação ao texto de Jeremias.

2.2.2.4.1 Edição deuteronomista

Uma postura vê claramente uma edição “deuteronomista” ao longo do livro inteiro, de tal modo que os escritos originais de Jeremias teriam ficado irrecuperáveis. O caráter deuteronomista é identificado principalmente por gravitar em torno da Torá, e considerar os acontecimentos como consequência de desobediência. Mas a atitude fundamental dessa abordagem se mostra ao considerar o uso do nome (e do conceito) de Deus como instrumental e ideológico, como um meio para forçar obediência. Não transparece tanto uma crença na real atuação desse Deus na história; ele parece ter sido submetido como meio pelo editor deuteronomista para alcançar um fim mais importante. Essa atitude, para Brueggemann é consequência de uma visão iluminista-autônoma³⁰, ou seja, não se depende de Deus, mas se toma nas próprias mãos o encargo (no caso, de fazer a obediência acontecer). Assim fica subentendido, por exemplo, que “na realidade” o exílio deveria ser explicado apenas no plano humano, como consequência do crescimento do poderio militar babilônico e do jogo de interesses políticos no cenário do Oriente Médio, sem fazer nenhuma referência nem atribuir qualquer papel relevante a Deus.

2.2.2.4.2 Edição canônica

A outra atitude vai pelo caminho contrário, e tende a levar a sério o uso do nome e do conceito de Deus. Desta forma, o exílio é entendido como um exercício de Juízo por parte de Deus, assim como a futura restauração é vista como efeito de uma libertação a ser concedida por Deus a seu povo. Brueggemann aponta como ambas as visões (a que chama de ideológica e canônica), abordam o livro a partir de concepções exteriores a ele. Enquanto a ideológica se baseia em pressupostos

³⁰ BRUEGGEMANN, 1998, p. xi.

iluministas que defendem uma autonomia em relação a qualquer ideia de Deus, a canônica preconiza o entendimento a partir do texto bíblico que temos, sem ignorar as pesquisas arqueológicas e literárias que temos, mas procurando levar a sério as reivindicações que o próprio texto faz. Brueggeman propõe uma tentativa de partir de dentro, do próprio texto do livro, buscando ser o mais isento possível das concepções (mesmo sabendo que isso não é totalmente possível).³¹ A experiência, então, mostrará uma perspectiva aberta, em que interpretações diversas podem contribuir, como as dos socialmente oprimidos ou as contribuições feministas. O texto, assim, se torna novamente digno de escuta e observação, podendo produzir coisas novas, inclusive porque Deus continua vivo e participante.³²

Para Brueggeman, Jeremias pode ser visto como “uma *proposta construtiva de realidade*, movida por uma *convicção apaixonada*, e expressa em *forma artística*, mesmo que disruptiva”.³³ Essa colocação combina com a forma como ele entende profecia, ou seja, uma espécie de proposição de uma nova realidade, imaginária e ainda por ser construída, que então visa fomentar a fé na mudança. O profeta no livro a apresenta com muito sentimento, disruptivamente alternando entre prosa e poesia. Brueggeman demonstra ainda simpatia pelo caminho canônico, tal como apresentado por Childs³⁴, que reconhece no texto a existência tanto do Jeremias original quanto de uma edição deuteronomica, mas submete ambas necessariamente ao texto tal qual o temos.

2.2.2.5 Autoria da escrita e sua datação

Deixamos esta questão para o final da seção porque tem sido o eixo em torno do qual a maioria das discussões gira (conforme descrito no próximo item). Juntando as dúvidas e divergências em todas as áreas, pode-se imaginar o quanto os estudiosos têm lutado e tentado estabelecer quando e quem escreveu as várias partes do livro. Interessantemente, parece que há uma semelhança nesse ponto entre os processos que marcaram a chegada do texto à sua forma final e canônica, e os processos do estudo e pesquisa dessas mesmas questões: ambos os

³¹ BRUEGGEMANN, 1998, p. xii.

³² BRUEGGEMANN, 1998, p. xiii.

³³ BRUEGGEMANN, 1998, p. ix.

³⁴ CHILDS, Brevard. Introduction to the Old Testament as Scripture apud BRUEGGEMANN, 1998, p. 10.

processos são demorados e vão sendo alterados com o passar do tempo. Vejamos os capítulos mais recentes dessa instigante “novela”:

2.2.3 Os avanços na pesquisa

2.2.3.1 Ao longo do Século XX

No século passado, a diferenciação das posturas acadêmicas em relação ao texto bíblico tendia a uma polarização, que era rotulada grosso modo como entre “conservadores” e “liberais” por uns, ou entre “fundamentalistas” e “modernos” por outros, cada um com seu método preferido. O estudo mais conservador da Bíblia utilizava o método Histórico-Gramatical e partia da atribuição que tradicionalmente tinha sido dada a cada livro da Bíblia quanto a autoria, e a datação da escrita era quase automaticamente entendida como sendo no período de vida de quem emprestasse seu nome ao livro. Sob esse enfoque, então, estudava-se as circunstâncias históricas da vida do profeta Jeremias a partir dos dados citados no próprio livro e do que mais se puder relacionar em outras partes da Bíblia de informações históricas a respeito. O texto era interpretado na forma como atualmente chega até nós pelas traduções disponíveis. Ao longo do século foi ganhando espaço a crítica textual, no rastro principal de tentar aprofundar a exegese a partir das línguas originais, e deu-se também alguma importância às variantes textuais (no caso, em hebraico) analisadas a partir das edições disponíveis, do Texto Massorético, eventualmente também da Septuaginta e de outras traduções antigas, chegando ao aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, e tentando seguir sempre em frente. Mas, de um modo geral, talvez inconscientemente assegurados por uma certeza de que esta abordagem era “de Deus”, havia uma espécie de pré-condenação, ou desprezo, ou talvez temor a uma pesquisa mais atenta a vários detalhes que aparecem no texto bíblico, que sugerem que os processos de produção daquele texto parecem ser diferentes do que se cria.

Já a escola da erudição mais crítica “atravessou esse limite” do não-questionamento, e seguiu ao longo do século inteiro o método Histórico-Crítico, com sua grande ênfase na crítica das fontes, que grosso modo se destaca pela desconfiança das autorias tradicionalmente aceitas e sua tendência de, a partir de

achados, pesquisas, deduções e análises, pluralizar bastante os autores, considerar também revisores e editores, geralmente postergando as datas de escrita e por vezes subordinando as reivindicações tanto de autoria quanto de interferência divina a propósitos “missionários”, políticos ou didáticos, do conjunto de autores e editores. Essa atitude científica, nem sempre consciente de sua influência positivista, orientava os procedimentos e postulados, geralmente cética a quaisquer traços de sobrenaturalidade. Mas a atitude crítica era dedicada exclusivamente ao entendimento conservador: compreensivelmente, ainda era muito cedo para exercer uma “auto-crítica”. Como seria de se esperar com uma ciência nova, por muitos anos esse nicho acadêmico florescia e se deleitava nos achados e conclusões que desmentissem o que se entendia até então. Muito se pesquisou e muito se descobriu em todo esse período, e isso tem considerável valor. Mas, como é característico de movimentos de reação, às vezes uma certa imaturidade parecia assumir o controle da pesquisa, ocasionalmente resultando em apenas desconstruir o que se tinha por certo, sem nada confiável para o substituir – especialmente a respeito do papel desempenhado por Deus em relação àquela que, afinal, é a “Sua Palavra”.

2.2.3.2 As três fontes

A pesquisa e hermenêutica bíblica, portanto, avançavam em meio a essas tensões. No caso do livro de Jeremias, os avanços foram significativos. Assim, por exemplo, os comentários de D. Justus Köberle (1908), Wilhelm Rudolf (1947) e Artur Weiser (1960) são citados como referência assumida por Helmut Lamparter no início de sua própria obra (1974).³⁵ O consenso a que os eruditos haviam chegado sobre Jeremias se expressava bem na fórmula das “3 Fontes”, apresentadas por Duhm (1901), que seriam claramente distinguíveis, mesmo que com inevitáveis divergências quanto a suas abrangências no corpo do livro. Mowinckel (1914) as organizou em fontes A, B e C³⁶, no que foi seguido e difundido por Rudolph, e ainda acrescentaria uma fonte D para partes do Livro das Consolações (caps 30 e 31). Mas as três fontes ganharam maior fama, e corresponderiam, grosso modo e

³⁵ LAMPARTER, H. **Prophet Wider Willen – der Prophet Jeremia**. Stuttgart: Calwer Verlag, 1974, p. 11.

³⁶ HOLLADAY, W. **Jeremiah 2: A Commentary on the book of the Prophet Jeremiah, Chapters 26 – 52**. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

respectivamente, aos oráculos poéticos do profeta Jeremias, aos relatos narrativos a cargo de Baruque, e a uma sobreposição teológica a partir de teólogos deuteronomistas.³⁷

Ultimamente, porém, essa estrutura vem sendo seriamente questionada, porque parece simples e mecânica demais para um livro da complexidade de Jeremias; paralelamente, as perspectivas mais canônicas têm diminuído aos poucos a hegemonia total dos postulados histórico-críticos. O que resta de consenso é que o livro contém algum material original de Jeremias e também que houve trabalho de edição posterior.³⁸ Não se tem muita concordância quanto a mais detalhes ou ênfases para além destas.

2.2.3.3 Os lançamentos de 1986

A partir de 1986 os estudos em Jeremias ganharam um expressivo avanço, especialmente no âmbito da língua inglesa, devido principalmente a três comentários publicados: de William Holladay³⁹, de Robert Carroll⁴⁰, e de William McKane⁴¹. Eles desenvolvem três linhas diferentes de estudo e compreensão de Jeremias:

2.2.3.3.1 *William Holladay*

O comentário de William Holladay, um pouco na linha de John Bright⁴², procura encontrar o máximo possível de circunstâncias históricas para situar cada passagem. Assim ele expõe o texto em sua conexão histórica, com importantes argumentos a partir de pesquisa exaustiva. Mesmo que, como aponta Brueggemann, ele não tenha tido muitos seguidores desde então, com seu trabalho extenso reconquistou um certo respeito por parte da comunidade acadêmica para os argumentos conservadores. Sua posição, entre os eruditos modernos, é a que leva mais a sério a reivindicação do próprio livro, de que seus conteúdos se originam basicamente do próprio Jeremias. Mas considerá-lo simplesmente um “conservador”

³⁷ BRUEGGEMANN, 1998, p. 7.

³⁸ BRUEGGEMANN, 1998, p. 7.

³⁹ HOLLADAY, W. **Jeremiah 1**: A commentary on the Book of the Prophet Jeremiah, Chapters 1 – 25. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

⁴⁰ CARROLL, Robert P. **Jeremiah**: A Commentary. Philadelphia: Westminster Press, 1986.

⁴¹ MCKANE, 1986.

⁴² BRUEGGEMANN, 1998, p. 8.

seria um grande equívoco. Em seu trabalho, Holladay admite várias influências e autorias que a visão tradicional jamais permitiria. Como exemplo, ele dedica 60 páginas densas sobre influências recíprocas entre Jeremias e praticamente todos os livros do Antigo Testamento – onde demonstra que Jeremias utilizou material de outros livros, e também como outros livros bíblicos utilizaram material de Jeremias. Dando continuidade a seu trabalho massivo de pesquisa, Holladay dedica outras 60 páginas no final à análise intertextual, com um índice remissivo às passagens bíblicas de outros livros utilizadas no seu comentário de Jeremias. O que talvez seja mais peculiar do trabalho de Holladay, porém, é o detalhado esboço de cronologia da vida e obra de Jeremias que ele propõe, e a contextualização que pode ter levado esses diversos eventos em sua vida a servirem para inspirar vários dos ditos do profeta. Holladay faz sua composição a partir da suposição da prática de leitura pública do núcleo de Deuteronômio no Templo de 7 em 7 anos, por ocasião da Festa dos Tabernáculos – que não se pode comprovar, mas que alcança resultados bem impressionantes. Mais adiante, em “Contribuições construtivas,” (2.2.4) apresentamos um resumo dessa biografia.

2.2.3.3.2 *Robert Carroll*

Em contraste com essa primeira corrente, os eruditos britânicos como principalmente Robert Carroll, mas também Peter Ackroyd e Nicholson, enfatizam sobretudo o trabalho de edição deuteronômica do livro de Jeremias, feito provavelmente durante o Exílio, uma ou duas gerações após a do profeta Jeremias⁴³. Segundo esta corrente, editores e redatores da comunidade exilada adaptaram e acrescentaram material, fazendo com que a parte que já houvesse do livro servisse à comunidade no exílio, seguindo a tradição do livro de Deuteronômio. Dessa forma, as contribuições na forma original de Jeremias teriam ficado irrecuperáveis. Para esta corrente, o livro como o temos hoje não mais possibilita o acesso ao “Jeremias histórico”, e qualquer pesquisa nesse sentido é considerada sem razão, e deveria, para Carroll, ser abandonada. O livro de Carroll também é exaustivo e apresenta vasta evidência a favor de seus argumentos, afastando-se definitivamente de um Jeremias histórico. Brueggemann diz que, se Holladay

⁴³ BRUEGGEMANN, 1998, p. 9.

procura encontrar o “Jeremias Histórico”, Carroll procura o “Jeremias Deuterônômico”⁴⁴. Embora em direções opostas, os dois estudiosos têm objetivos análogos em contraposição, cada um procurando “encaixar as evidências” a favor de sua tese. Assim, entre as várias tensões de suas divergências, lançam sérias dúvidas sobre o “consenso das três fontes” que os precedeu.

Contudo, ultimamente a contribuição de Carroll tem sido mais reconhecida sob outro aspecto, e imensamente apreciada. O professor Robert Wilson, de Yale, hoje reconhece que o trabalho de Carroll serviu para interromper a crescente fragmentação que se fazia do livro de Jeremias, assim abandonando o frenesi de tentar decifrar a história literária de um número cada vez maior de pedacinhos da obra. Ele afirma que o postulado de que simplesmente era impossível determinar com clareza as origens de cada trecho enfatizava a possibilidade e a importância de se estudar como todos os elementos literários do livro se relacionavam entre si.⁴⁵ Georg Fisher vai mais além, e diz que uma nova compreensão de Jeremias tem surgido nestas últimas três décadas, e isso em parte se deve a Carroll:

Graças também a Robert Carroll, os pesquisadores foram libertos de uma conexão estreita demais entre profeta “original” e livro “original” e podem agora perceber de forma renovada suas peculiaridades. O livro é uma composição e uma apresentação literária “não-ortodoxas” e oferece uma enorme riqueza de diálogo com outros livros da Bíblia Hebraica.⁴⁶

Para Fischer, enquanto a maioria de seus colegas e também seus predecessores concentravam-se em tentar encontrar palavras “originais” de Jeremias, Carroll teve a ousadia de utilizar uma abordagem totalmente diferente, focando-se no texto tal como o temos, e explorando ao máximo seus detalhes e riquezas.⁴⁷

⁴⁴ BRUEGGEMANN, 1998, p. 10.

⁴⁵ WILSON, Robert. Exegesis, Expansion and Tradition-Making in the book of Jeremiah. In: NAJMAN, H.; SCHMID, K. (Eds.). **Jeremiah's Scriptures: Production, Reception, Interaction and Transformation**. Leiden: Brill, 2016, p. 7.

⁴⁶ FISCHER, 2016, p. 33. *Thanks also to Robert Carroll, researches have been freed from an all-too-close connection between “original” prophet and book and can now perceive in a fresh way its peculiarities. The book is an “unorthodox” composition and literary presentation and provides an enormous wealth of dialogue with other scrolls of the Hebrew Bible* (tradução nossa).

⁴⁷ FISCHER, 2016, p. 37.

2.2.3.3.3 William McKane

Ainda no mesmo ano de 1986 foi lançada a igualmente importante obra de McKane. Ele, diferentemente dos outros dois apresentados, faz sua análise priorizando o texto em si, mais do que os contextos de autoria e edição. Seu estilo é um tanto mais personalista, o que combina bem com um estudioso de Jeremias, cujas mensagens são fortemente influenciadas por sua vivência presente e por suas reações pessoais. Novamente, sua obra é exaustiva, dividida em dois volumes tal como a de Holladay, sendo que o segundo levou 10 anos para ser completado após o lançamento do primeiro (somente a introdução ocupa 174 páginas). E foi nesse trabalho dedicado que McKane desenvolveu a teoria do “*rolling corpus*” de Jeremias, a partir da busca de explicações para as consideráveis diferenças entre os textos da Septuaginta (LXX) e do Texto Massorético (TM), conforme veremos abaixo (vide 2.2.3.4.4.1, sobre Robert Wilson). McKane em seu comentário utilizou bastante e deu grande importância às versões antigas (Septuaginta, Vulgata, Aquila, Simaco, Teodócia, Peshita e Targum). Elas serviram como fonte indispensável para a exegese do texto hebraico, bem como para a semântica e estruturação de frases e para termos obscuros no texto hebraico. A LXX foi a versão que mais contribuiu para os achados de seu comentário.⁴⁸

Segundo McKane observa, o Targum mostra-se sempre seguindo o TM, e os desvios feitos pela Vulgata e Peshita não são consideráveis. Algumas contribuições interessantes, porém, são propiciadas em textos em que a Peshita e a LXX concordam em uma mesma variante.⁴⁹

Um exemplo de como McKane lida com a análise crítica da formação do texto se encontra na introdução ao segundo volume de seu comentário, que já nos confere ideia sobre a dificuldade posta pela primeira metade do livro de Jeremias:

A prosa nos capítulos 1 – 25 é identificada como “deuteronômica” ou “deuteronomista” (McKane, 1986), quer ela seja considerada como derivada a partir de uma fonte (Mowinckel, Rudolph) ou como produto de uma redação (Thiel). Não aceitei nem uma fonte “canibalizada” (fonte C – Rudolph), nem uma redação deuteronomista estritamente organizada, com grande coerência teológica (Thiel), como explicação satisfatória para pequenos trechos de prosa distribuídos através da poesia, nem para passagens mais longas de prosa. Para a primeira possibilidade, tem sido

⁴⁸ McKANE, 1986, p. xvi.

⁴⁹ McKANE, 1986, p. xvi.

preferido um relato diferente. Esses pequenos trechos devem ser considerados como expansões exegéticas geradas pela pré-existente poesia da qual eles são adjacentes (ou quase adjacentes).⁵⁰

Isso nos leva de volta à questão da hipótese das três fontes, consenso durante a maior parte do século passado. McKane tenta situar as correntes dos estudiosos em relação a ela. Para um grande grupo de estudiosos, a prosa dos caps. 26 a 29 e 34 a 45 tem sido associada a uma biografia de Jeremias escrita por Baruque (a fonte B de Mowinkel e Rudolph). Um segundo grupo se distancia desse entendimento ao considerar boa parte do livro essencialmente homilético, deuteronomista, com mensagens dirigidas ao povo judeu na Babilônia, para as quais os acontecimentos históricos com Jeremias não são o ponto importante, mas apenas uma feliz coincidência.⁵¹

Um terceiro distanciamento é dado por estudiosos como Rietzchel, Hosssfeld/Meyer e Carroll, que negam qualquer procedência histórica a esses capítulos, ou no máximo os relacionam a períodos posteriores ao do profeta Jeremias. No meio do caminho, segundo McKane, ficaria Thiel, que reconhece um núcleo de Baruque com biografia de Jeremias, mesclado com redação deuteronomista, e alguns trechos que entende serem pós-exílicos (como o capítulo 35).⁵²

Assim McKane reconhece que não se tem respostas claras a todas essas questões. Mas ele recusa exegeses que não reconheçam no texto nenhum valor biográfico. Também não se convence de posições como a de Nicholson que vê uma narrativa deuteronomica em quase tudo, com o livro sendo de apenas sermões montados para a comunidade no exílio, mesmo que retendo elementos biográficos do profeta Jeremias. Essa combinação, de um núcleo biográfico de Jeremias por Baruque e uma redação deuteronomista é por ele considerada uma hipótese promissora, mesmo reconhecendo que ela não resolve todos os problemas

⁵⁰ McKANE, 1996, p. cxxxiii. *The prose in chapters 1-25, whether it is thought to derive from a source (Mowinkel, Rudolph), or to be the product of a redaction (Thiel) is identified as Deuteronomic or Deuteronomistic (McKane, 1986). Neither a cannibalized source (source C – Rudolph) nor a tightly organized Deuteronomist redaction with a high theological coherence (Thiel) had been accepted by me as a satisfactory explanation of small pieces of prose distributed through the poetry nor of longer passages of prose, and for the former, in particular, a different account has been preferred. They are to be regarded as exegetical expansions generated by the pre-existing poetry to which they are adjacent or nearly adjacent* (tradução nossa).

⁵¹ McKANE, 1996, p. cxxxiv.

⁵² McKANE, 1996, p. cxxxiv.

encontrados. Uma escolha que resta em aberto, por exemplo, será entre uma narrativa deuteronômica ou redação deuteronomista que provenha da Babilônia (como prefere Nicholson) ou da Palestina (como pensa Thiel).⁵³

Um texto da introdução ao comentário de McKane, novamente se referindo aos primeiros 25 capítulos de Jeremias, ilustra isso muito bem. McKane admira e elogia muito o trabalho de Thiel⁵⁴, mas também reconhece que o modo deste argumentar tenta não dar a menor chance de discordância⁵⁵:

Minha crítica recorrente das passagens que envolvem a interpretação de Thiel que expus acima tem sido que ele constantemente exagera sua coesão e coerência. Isso vale tanto para as pequenas unidades que ele descreve como sendo composições de D como para os maiores complexos editoriais que ele postula. Ele atribui a D intenções e políticas editoriais abrangentes, e princípios teológicos sistemáticos, que eu não consigo ver no texto. Estou convencido de que há um perigo de chamar à existência um editor Deuteronomista, investi-lo de uma política editorial, determinar os contornos de sua mente e querer que a prosa de 1-25 seja obediente a essa hipótese.⁵⁶

Por outro lado, devemos fazer jus e menção ao grande e detalhado trabalho de pesquisa desenvolvido por Thiel. De fato os chamados sermões deuteronomistas apresentam uma linguagem e um estilo característicos, e o recurso a variações no estado de humor do profeta para explicar essas diferenças, embora legítimo, pode ser tendenciosamente subjetivo. Enfim, o estágio atual da pesquisa e também da argumentação em torno da formação histórica do texto de Jeremias por vezes ainda pedirá – ou possibilitará – a tomada de decisões um tanto arbitrárias, seja no sentido de desistir da tentativa de identificar as distinções percebidas nos estilos, seja no de optar por rotular uma identificação, mesmo que um tanto conjecturada e necessariamente anônima, caracterizada da melhor forma que se tenha conseguido.

⁵³ McKANE, 1996, p. cxxxiv.

⁵⁴ THIEL, Winfried. **Die Deuteronomistische Redaktion von Jeremia 1 – 25**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1973.

⁵⁵ McKANE, 1986, p. xiv.

⁵⁶ McKANE, 1986, p. xlix. *My recurring criticism of the passages involving Thiel's interpretation which I have laid out above has been that he consistently exaggerates their cohesiveness and coherence. This holds for the small units which he describes as compositions of D no less than the larger editorial complexes which he postulates. He attributes to D comprehensive editorial intentions and policies, and systematic theological principles, which I cannot gather from the text. I am convinced that there is a danger of calling into existence a Deuteronomistic editor, investing him with an editorial policy, determining the contours of his mind, and requiring the prose of 1 – 25 to be amenable to this hypothesis* (tradução nossa).

2.2.3.4 No Século XXI

2.2.3.4.1 Comentários em profusão

É alentador que, com o passar das décadas, a capacidade crítica do método histórico-crítico tenha começado a também ser utilizada sobre si próprio e, pelo lado “conservador”, vários eruditos tenham permitido a abertura de seus olhos para detalhes do texto e contexto que antes eram ignorados em nome de uma autoria e redação simples.

Os lançamentos de 1986 trouxeram grande impulso na produção de material acerca de Jeremias. A produtividade dos eruditos só fez aumentar, seja por interesses acadêmicos ou econômicos, como também ocorre em outras áreas de produção cultural. Livros e artigos têm surgido às centenas, entre nomes consagrados e novas promessas, tratando de todos os aspectos imagináveis, tanto do profeta quanto do livro em si. Apenas como exemplo, em 1999 e 2004 Lundbom publicou um exaustivo comentário em três volumes, com muitíssimo material⁵⁷. Juntamente com Evans e Anderson, o mesmo Lundbom continuou produzindo livros e artigos, e acabou de editar em 2018 um compêndio de 24 ensaios sobre vários aspectos do livro de Jeremias, organizados em quatro seções: temas gerais, interpretação, transmissão e receitação dos textos, e teologia.⁵⁸ No mercado de língua alemã aconteceu o mesmo, com Georg Fischer, K. Schmid, Werner Schmidt e muitos outros, tornando realmente impossível acompanhar tudo o que é lançado.

Ainda assim, para nossa sorte, houve quem se dedicasse a esse acompanhamento:

2.2.3.4.2 O compêndio de Liwak

Em 2011 e 2012, Rüdiger Liwak publicou seu meta-estudo, uma análise do estado da pesquisa até então, intitulado *Vierzig Jahre Forschung zum Jeremiabuch*

⁵⁷ LUNDBOM, Jack R. **The Anchor Yale Bible Commentaries**. New Haven: Yale University Press, 1999, 2004, 2004.

⁵⁸ LUNDBOM, J.; EVANS, C; ANDERSON, B. (Eds.). **The Book of Jeremiah: composition, reception, and interpretation**. Leiden/Boston: Brill, 2018.

(40 anos de pesquisa sobre o livro de Jeremias)⁵⁹. Esta obra organizada em 8 capítulos foi publicada em 4 partes na conceituada revista alemã *Teologische Rundschau* (Panorama Teológico), e oferece um levantamento amplo (embora necessariamente não exaustivo) de livros, artigos, monografias e dissertações relacionados ao livro bíblico de Jeremias, publicados externamente ou apenas circunscritos às academias, produzidos entre os anos 1970 e 2010. Abarcando 350 obras, Liwak apresenta as principais características do trabalho de cada autor e procede uma análise equilibrada, comentando as ênfases e também as áreas desconsideradas pelas pesquisas, tentando ainda agrupar contrastes e semelhanças entre várias delas.

Ao final desse grande trabalho, Liwak traça um panorama tentativo que pode bem ilustrar a situação em que nos encontrávamos na pesquisa e análise bíblicas de Jeremias no início desta década; as frentes são muitas e multifacetadas, tanto em relação à figura do profeta Jeremias quanto no que se refere ao texto do livro bíblico de Jeremias. Pode-se levar em consideração os múltiplos métodos de interpretação, de crítica literária e de redação, bem como fazer uma opção pela desconsideração de métodos e premissas sobre história e autorias. A simplificação é difícil e frequentemente tendenciosa; a grande fragmentação e especialização, da mesma forma.⁶⁰

Ao mesmo tempo em que se pinta um cenário com pouquíssimo consenso, uma resignação e abandono da pesquisa e da tentativa de compreensão igualmente não ajudam. Liwak observa e destaca que houve alguns avanços promissores. Como exemplo, ele se refere a colocar a análise literária antes das pesquisas de historicidade, e também por se começar a trabalhar primeiro com a sincronia e só depois com a diacronia.⁶¹ Assim, percebemos que aparentemente o movimento de pesquisa parece avançar melhor quando a desconfiança vem depois de se ter constatado e abarcado o quanto de razoável consenso já foi conseguido.

⁵⁹ LIWAK, Rüdiger. Vierzig Jahre Forschung zum Jeremiabuch. **Teologische Rundschau**. Tübingen: Mohr Siebeck Verlag, v. 76, 2011 e v. 77, 2012.

⁶⁰ LIWAK, 2012, p. 53.

⁶¹ LIWAK, 2012, p. 53.

2.2.3.4.3 *Estudos intertextuais*

Uma tendência crescente nos estudos bíblicos, a constatação e interpretação de citações, referências e alusões a textos de outros livros bíblicos (bem como de obras não-canônicas) ganhou volume considerável mais recentemente, também no tocante ao livro de Jeremias.

Inicialmente, à descoberta de semelhanças textuais entre os livros seguia-se automaticamente um exercício de dedução para esclarecer quem teria copiado de quem. Hoje vários estudiosos já vão além desse exercício, para perceber outras riquezas e funções dessas referências além da sua relativa antiguidade. Jeremias apresenta, novamente, enorme riqueza de citações e alusões – para Fischer o livro utiliza ao menos metade das obras da Bíblia Hebraica, o que revela um enorme e profundo conhecimento de seus escritores. Jeremias assume, então, um caráter de meta-texto, com reflexões e interpretações de textos mais antigos em altíssimo nível.⁶² Para Fischer, o livro de Jeremias somente foi utilizado por Zacarias, Salmos, Esdras e Crônicas⁶³; quanto ao restante, seria Jeremias que decidiu fazer uso, deliberada e muito conscientemente.

2.2.3.4.3.1 Henk Leene

Uma obra que nos foi particularmente útil neste campo é de Henk Leene, professor da Vrije Universiteit de Amsterdam, que até geograficamente está situado numa posição estratégica: entre a Alemanha e a Inglaterra (nos Países Baixos). Sua obra pesquisada não é exclusivamente sobre Jeremias, mas sim um estudo intertextual sobre o que é anunciado como “novo” nos profetas do Antigo Testamento, sendo que uma boa parte é dedicada à Nova Aliança.⁶⁴ Como exemplo, Leene é da opinião que o parágrafo da Nova Aliança de Jr 31.31-34 deve ser lido como um comentário teológico de Ezequiel 36.16-38 (o novo coração).⁶⁵

Ao comparar as promessas de novidade de Jeremias do Livro das Consolações com as da segunda parte de Isaías, Leene fala que elas revelam um

⁶² FISCHER, 2016, p. 38.

⁶³ FISCHER, 2016, p. 36

⁶⁴ LEENE, 2014.

⁶⁵ LEENE, 2014, p. 269.

processo semelhante ao que Gadamer chamou de o “desaparecimento da quarta parede”, qual seja, a passagem da brincadeira de criança (que não precisa de plateia) para o teatro com plateia. Os dramas de Isaías 40 a 55 se assemelham aos dos Salmos 93 a 100, onde toda a comunidade participa (e, portanto, não há necessidade de plateia). Já o Livro das Consolações revela uma atmosfera que se assemelha a sonhos dramáticos que de certa forma precisam ser aplicados em retrospecto⁶⁶, com sua alternância de pavores e confortos.

Para Leene, esse cenário de sonhos no miolo do Livro das Consolações pretende convencer o leitor/plateia a aceitar o programa da sua moldura em prosa, (veja adiante o item 4.2.2.1), que indica como a restauração acontece. Mas, mais do que isso, por conta das várias alusões feitas em Jeremias a outros livros proféticos, ele serve também de uma espécie de guia de leitura para...

todas as demais profecias de salvação que ressoam no seu interior pelas muitas alusões feitas. Como deveríamos lidar com visões dramáticas tão elevadas a alta potência (Amós, Oseias, Isaías, etc)? Na literatura da intertextualidade profética, a ênfase principal tem sido colocada na autoridade que o texto mais recente toma emprestado do mais antigo por citá-lo, mas é igualmente importante o serviço que o texto mais recente presta ao antigo: mostrar como ele se aplica à vida presente.⁶⁷

Ele também pensa como Fischer (acima), acerca das várias citações e alusões que Jeremias faz dos demais livros bíblicos. Jeremias torna possível a combinação da “teologia da esperança” de Isaías e de Ezequiel – não por acaso seu livro se situa entre os dois⁶⁸. E o principal propósito do livro de Jeremias deve ter sido o de unir a Torá e os profetas, respondendo questões que são interpostas por ambos:

...o livro de Jeremias é um mediador entre o Pentateuco e a profecia. Nesta mediação não foi apenas o Pentateuco que precisou ceder um pouco de sua autoridade, mas a profecia também, especificamente em sua ênfase carismática, proto-apocalíptica, em suma, *Isaiânica*. A maior concessão de todas, porém, parece ser que Jeremias mais ou menos rivaliza com Moisés

⁶⁶ LEENE, 2014, p. 314.

⁶⁷ LEENE, 2014, p. 314. *all other prophecies of salvation that resound therein due to the many allusions. How should any such highly tuned dramatic visions (Amos, Hosea, Isaiah, etc) be managed? In the literature on prophetic intertextuality, major emphasis is placed on the authority that the new text borrows from the old by citing from it, but equally as important is the service the new text renders to the old: to show how it is applicable to the present life* (tradução nossa).

⁶⁸ LEENE, 2014, p. 319.

em seu papel de professor da Torá [...] o fato é que Jeremias fortalece ainda mais o chamado de Moisés para obedecer à Torá.⁶⁹

Veremos mais contribuições de Leene nas discussões do Livro das Consolações e da perícope da Nova Aliança. Mas no ano em que ele publicava seu livro, aconteceu também um congresso que parece ter impulsionado ainda mais os estudos em Jeremias:

2.2.3.4.4 A Conferência de Ascona

Em 2014 ocorreu um congresso de estudiosos de Jeremias na cidade suíça de Ascona, promovido pela Universidade de Zurique e parcerias. Esta reuniu eruditos europeus, israelenses e da América do Norte e, apesar dessa limitação, possibilitou ricas trocas de pesquisas e impressões. Organizado sobre quinze apresentações, cada uma com suas reações, a conferência reuniu todas em um livro, lançado em 2016 com mais de 600 páginas⁷⁰, cujas repercussões ainda estão por se conhecer. De toda forma, sua própria existência sinaliza como o campo da pesquisa em Jeremias continua extremamente vivo e ativo. Georg Fischer comentou que essas discussões possibilitavam um novo patamar de interpretação de Jeremias, três décadas depois dos grandes impulsos de 1986. Selecionamos dois autores, Robert Wilson como proponente e o próprio Fischer como reator, para ilustrar as mais recentes correntes de pensamento sobre Jeremias.

2.2.3.4.4.1 Robert Wilson

Wilson, professor na Universidade de Yale (EUA) apresenta um panorama geral dos desenvolvimentos no estudo e compreensão do livro de Jeremias até aquela data, apontando que a formulação das fontes de Duhm e Mowinckel ainda são utilizadas por alguns eruditos na América do Norte, mas cada vez menos; e que

⁶⁹ LEENE, 2014, p. 320. [...] *the book of Jeremiah is a mediator between the Pentateuch and prophecy. In this mediation it was not only the Pentateuch that had to surrender some of its authority, but prophecy, too, namely in its charismatic, proto-apocalyptic, in short Isaian accentuation. The greatest concession, however, appears to be that Jeremiah more or less rivals Moses in his role as teacher of the Torah [...] the point is that Jeremiah further strengthens Moses' call to obey the Torah* (tradução nossa).

⁷⁰ NAJMAN, H. SCHMID, K. (Eds.), **Jeremiah's Scriptures: Production, Reception, Interaction, and Transformation**. Leiden: Brill, 2016.

ultimamente, acolhendo os protestos de Carroll, estudiosos têm se dedicado mais a observar como os diversos elementos presentes no texto de Jeremias se relacionam entre si, mencionando como exemplo Stulman (1998) e Fischer (2005)⁷¹.

De todo modo, ele comenta como os estudos atuais de Jeremias inevitavelmente têm tido enorme complexidade, e destaca que um levantamento feito por Thomas Römer⁷² consegue caracterizar as quatro principais abordagens utilizadas. A primeira seria a já mencionada, ainda remanescente das fontes de Duhm e Mowinckel. A segunda, também já mencionada, é a dos que adotam um enfoque holístico e destacam preferencialmente as inter-relações dos diversos tipos de material literário de Jeremias – a reação de Georg Fischer (a seguir) parece ilustrar esse grupo, ao menos em seu princípio. O terceiro grupo se concentra em uma ou mais edições deuteronomistas, que ultimamente são vistas como presentes em todo o livro. Wilson, em nota de rodapé, comenta que o próprio Römer prefere esta abordagem, mas na sua apresentação destaca como os eruditos têm tido dificuldades de concordar acerca do que seriam as características marcantes do estilo linguístico e das ênfases teológicas dos deuteronomistas, com a exceção de um núcleo de termos e expressões.⁷³ Um notável expoente desse grupo é sem dúvida Winfried Thiel. Uma observação interessante conseguida por esse grupo indica que o texto massorético parece ter mais desses termos deuteronomistas do que o texto hebraico que serviu de base para a versão da Septuaginta. Isso poderia indicar que a influência deuteronomista pode ter ocorrido ao longo de um período maior do que se supunha, o que demandaria mais estudos. O quarto grupo caracterizado por Römer privilegia o que em alemão se chama de “*Fortschreibung*”, cujo significado aponta para uma espécie de “continuação da escrita”. Wilson a explica como “uma forma de interpretação de um texto existente para aplicá-lo a questões, experiências e percepções de uma comunidade posterior.”⁷⁴

Cabe lembrar que, ao falarmos da composição e edição final do texto do livro do profeta Jeremias, os estudiosos estão tentando decifrar por quais processos

⁷¹ WILSON, 2016, p. 9. As obras por ele referidas são: STULMAN, Louis. **Order amid Chaos: Jeremiah as Symbolic Tapestry** (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998); e FISCHER, Georg. **Jeremia 1-25 e Jeremia 26-52** (Freiburg: Herder, 2005).

⁷² WILSON, 2016, p. 7. A referência a Römer é a: Du livre au prophète: Stratégies rédactionnelles dans le rouleau pré-massorétique de Jérémie. In: MACHI, J-D. et al. **Les recueils prophétiques de la Bible**. Geneva: Labor et Fides, 2012, p. 255-282.

⁷³ WILSON, 2016, p. 8-9.

⁷⁴ WILSON, 2016, p. 9.

esse texto extremamente diverso passou, antes de ser considerado pronto e canonizado como parte das “sagradas escrituras”. Kilpp nos fornece uma boa amostra do que pode ter acontecido, tomando como exemplo uma unidade de versos no capítulo 30 (versos 5-7 e 10-11):

Temos, agora, condições de entender o processo hermenêutico por trás da construção da unidade 30,5-7.10-11. Um autor desconhecido da época exílica vinculado ao culto se apropria de um anúncio de juízo do profeta Jeremias que antecipa, em visão, a aflição futura do povo de Israel, e o transforma em descrição da aflição existente, na qual vivem o autor e os participantes do culto. O anúncio profético torna-se salmo de lamentação e de súplica, para o qual o autor fornece uma resposta divina na forma de um oráculo sacerdotal de salvação (v. 10-11). Tudo isto é colocado retrospectivamente na boca do profeta. Com isso, o autor consegue dar credibilidade ao anúncio de salvação. Pois, já que a mensagem profética de juízo foi concretizada – o que pode ser facilmente constatado – certamente também o futuro anunciado no oráculo de salvação irá realizar-se. Mas o autor não pode passar por cima da realidade de sofrimento ainda existente. A geração exílica ainda sente que seus “dentes” estão “embotados”.⁷⁵

Wilson comenta que o estágio mais simples da *Fortschreibung* seria o que McKane havia chamado de “*rolling corpus*”. Neste entendimento, em vez de grandes blocos de material em prosa acrescentados ao núcleo poético já existente, ele postulava que, com uma finalidade exegética e explicativa, pequenas unidades de poesia teriam sido ampliadas através de pequenos comentários de prosa.⁷⁶

Seja como for, Wilson destaca alguns consensos e coincidências entre as quatro correntes (ou entre três delas), sempre ressaltando diferenças de grau entre elas. Ele cita uma aceitação geral de que o livro que temos hoje é desenvolvido a partir do trabalho original do profeta Jeremias, que há uma influência deuteronomica presente ao longo de todo o livro, e que a forma final do livro como o temos é fruto de trabalho de escribas.⁷⁷

No próprio livro de Jeremias é destacado o papel da família escriba de Safã, cujo filho Aicão protegeu Jeremias de ser morto após este pronunciar a mensagem de condenação no pátio do Templo, no início do reinado de Jeoaquim (Jr 26.24). Anos depois, o rolo foi lido na câmara de Gemarias, que também era filho de Safã (Jr 36.10). Wilson salienta que, como próximo movimento, seria positivo empreender

⁷⁵ KILPP, Nelson. O uso litúrgico de ditos proféticos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 112-125, 2017, p. 121.

⁷⁶ WILSON, 2016, p. 11.

⁷⁷ WILSON, 2016, p. 11. Para um entendimento maior daqueles escribas, Wilson recomenda o trabalho de TOORN, Karel van der. **Scribal Culture and the Making of the Hebrew Bible**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2007.

estudos sobre como essa “cultura escribal” se teria desenvolvido naqueles tempos e durante o exílio.⁷⁸

Uma reação à exposição de Wilson foi apresentada na mesma conferência por Georg Fischer:

2.2.3.4.4.2 Georg Fischer

Enquanto Wilson tentava atualizar ao máximo as correntes existentes, Fischer, não muito comedidamente, considera que chegamos a uma mudança paradigmática, e intitula sua fala como: “Uma nova compreensão do Livro de Jeremias”. Ele reconhece o marco que foi o ano de 1986, acrescentando o comentário de Siegfried Herrmann aos três que aqui já mencionamos; destaca, como já vimos, a libertação trazida por Carroll, e passa então a comentar como, apesar de sua complexidade difícil de ser explicada, o livro apresenta vários mecanismos que lhe preservam a unidade. O primeiro, aparente desde seus dois primeiros versos, é o entrelaçamento das falas humana e divina, que continuará ao longo do texto e se ampliará ainda mais para o final.⁷⁹

Um segundo mecanismo importante que estrutura o livro é a “cronologia” de Jeremias, também presente logo no início e, pela data anunciada em 1.3, abrange inclusive o “anexo” capítulo 52, que narra a queda de Jerusalém. Fica claro, pelas muitas idas e vindas, que a ordem não-cronológica é absolutamente intencional (como observado e mais detalhadamente explicado por Rosenberg – vide abaixo, 2.2.4.3.1).⁸⁰ O terceiro maior mecanismo unificador é, ao contrário do que poderia aparentar, a constante variação entre prosa e poesia, que novamente não são “lançadas a esmo”, mas se inter-relacionam, como já observado por Stulman, geralmente com a prosa servindo de guia auxiliar para a compreensão da poesia, tornando sua mensagem mais penetrante.⁸¹

Outros mecanismos de coesão segundo Fischer seriam as várias repetições, os temas dominantes, (como Egito e Babilônia, ambos desenvolvidos rumo a seu respectivo juízo de Deus), e também o padrão de pergunta-resposta, no qual a

⁷⁸ WILSON, 2016, p. 16.

⁷⁹ FISCHER, 2016, p. 24.

⁸⁰ FISCHER, 2016, p. 25.

⁸¹ FISCHER, 2016, p. 26. A referência a Louis Stulman é a mesma da nota 71.

resposta costuma aparecer bem mais tarde no livro. Neste último, dois exemplos nos dizem mais respeito porque se relacionam com o Livro das Consolações: a pergunta “Por que não se realizou cura da filha de meu povo?” (Jr 8.22) somente é respondida em 30.17; e a pergunta do povo: “Será que de todo rejeitaste Judá?” (Jr 14.19) somente será respondida em 31.37 e 33.26. Além destes, também o pedido em oração para que Deus não anulasse sua aliança com o povo (14.21), é respondido em 31.20 e na própria profecia da Nova Aliança. Juntando todos esses mecanismos e mais outros exemplos e subtemas, Fischer chega à constatação de que o livro inteiro está interconectado, e isso em vários níveis⁸².

Fischer acredita que o expediente de *Fortschreibung* deve ter sido mínimo, por conta desses vários fatores de coesão interna do livro, também porque, embora a atividade de escrever já fosse mais importante no período de Jeremias, ainda era um trabalho que tomava muitíssimo tempo e era consideravelmente caro – confirmando o que Wilson também destacara. Qualquer mudança um pouco mais significativa implicaria numa reescrita de todo o rolo do livro⁸³ – e pondere-se que Jeremias é o maior livro da Bíblia Hebraica, desde que os livros de Samuel, Reis e Crônicas foram subdivididos!⁸⁴

Outro argumento por ele oferecido é a progressão literária de temas, que acontece ao longo de todo o livro, como o aumento gradual da ameaça do juízo, e a ênfase cada vez maior na queda de Jerusalém, paralelamente com o aumento da rejeição a Javé, que culmina no voto de adoração à “Rainha do Céu” em 44.25. Corroborando ainda a sua tese a sua visão da intertextualidade (veja abaixo), em que Fischer considera que a maioria dos livros da Bíblia Hebraica já estavam compostos e foram utilizados na redação final de Jeremias. Por conta dos muitos vínculos, dinâmicas de progressão e temas, seria quase impossível propor estágios mais primitivos do texto de Jeremias sem desfazer conexões e destruir o desenvolvimento temático do livro como um todo.⁸⁵

⁸² FISCHER, 2016, p. 28.

⁸³ FISCHER, 2016, p. 34-35.

⁸⁴ Segundo pesquisa feita no ETCBC (Eep Talstra Center for Bible and Computer), Jeremias lidera a lista com 29.736 palavras funcionais, seguido por Gênesis com 28.758, Ezequiel com 26.182, e Salmos com 25.371 palavras (a pesquisa por “palavras gráficas” fornece números cerca de 30% menores, e inverte a posição de Salmos e Ezequiel).

⁸⁵ FISCHER, 2016, p. 36.

Assim, a natureza reconhecidamente complexa de Jeremias não parece ser produto de uma série de intervenções diferentes e desconexas, mas antes um esforço de escriba deliberado, com o fim de incorporar temas, ideias e posições diversas, para entrar em discussão com elas, e para apresentar uma rica síntese delas, provavelmente no final do período persa, orientado para uma forma renovada e mais pessoal de piedade.⁸⁶

Ou seja, os modelos de fontes, redações, edições, *rolling corpus* e demais explicações que tivemos não mais parecem apropriados para desenvolver o estudo de Jeremias. Como exemplo da busca de novas posições, Fischer apoia o termo utilizado por Louis Stulmman, “tapeçaria simbólica”, que se aproximaria melhor de uma descrição de uma obra tão complexa, ou também o termo “mosaico”, utilizado ainda no século XIX por Friedrich Giesebrecht para descrever o Livro das Consolações (caps 30-31).⁸⁷

Por outro lado, ele não comenta que as grandes diferenças entre o Texto Massorético e o texto da Septuaginta nos obrigam a aceitar que deve ter havido ao menos um estágio do texto hebraico anterior ao que temos hoje (vide adiante, em “nossa posição”, 2.2.5).

Dentre tantos avanços, embates e reestruturações – e lembrando das limitações do escopo deste trabalho – destacamos apenas alguns dos novos recursos que têm sido oferecidos para auxiliar nessa tarefa:

2.2.4 Contribuições construtivas

Esta é sem dúvida uma seleção e uma limitação. Seu objetivo não é de ressaltar exclusões, mas de enfatizar alguns postulados que, a nosso ver, merecem destaque. Começamos pela contribuição de apresentação mais extensa:

2.2.4.1 A biografia de Holladay

Talvez a oferta mais diferenciada entre as muitas produzidas, e possivelmente por isso mesmo não seja muito bem aceita no meio acadêmico. Muito

⁸⁶ FISCHER, 2016, p. 33. *The admittedly complex nature of Jeremiah thus does not appear to be the product of a series of different, disconnected interventions, but rather a deliberate scribal attempt to incorporate various motifs, ideas, and positions, to enter into a discussion with them, and to present a rich synthesis of them probably in the late Persian period, oriented towards a renewed, more personal form of piety* (tradução nossa).

⁸⁷ FISCHER, 2016, p. 39-40.

resumidamente, apresento aqui a sequência de eventos proposta por Holladay, que tem grandes chances de estar totalmente equivocada (desde bem no início), mas poderia também estar majoritariamente correta, e assim nos auxiliar a ter um quadro maior da vida e obra de Jeremias.⁸⁸

2.2.4.1.1 Nascimento (627); Reforma de Josias (622)

Esses dois inícios são cruciais para o esquema de Holladay. Para ele, o “décimo terceiro ano do reinado de Josias” (Jr 1.2) não seria o início da pregação profética de Jeremias, mas sim o nascimento do profeta; como apoio, ele menciona o v. 5, onde Deus diz que o escolheu e o constituiu profeta “desde o ventre materno”. Essa é uma suposição bem arriscada, interessante, mas inédita em relação a profetas bíblicos.

A Reforma religiosa promovida pelo Rei Josias foi deflagrada com a descoberta do Livro da Lei no Templo. É razoavelmente consensual que esse livro teria sido Deuteronômio, possivelmente num formato primitivo. Sempre lembrando da dificuldade de tentar datar o início do ministério de Jeremias, caso a hipótese de Holladay seja verdadeira, aos cinco anos de idade, a convivência de Jeremias com Deuteronômio já teria se iniciado.⁸⁹

2.2.4.1.2 A Leitura setenial de Deuteronômio

Conforme Dt 31, o livro da Lei deveria ser lido publicamente a cada 7 anos, durante a Festa de Tabernáculos. É plausível que esse costume tenha sido cultivado pelo Rei Josias, e pode ter sido mantido mesmo depois da sua morte. Nesse caso, supondo o início no ano 622 (ano da reforma), teria havido leituras públicas de trechos de Deuteronômio também nos anos 615, 608, 601, 594 e 587, sempre no final de setembro ou início de outubro. Holladay propõe que estas ocasiões públicas tenham várias vezes servido de palco para mensagens de Jeremias.⁹⁰

⁸⁸ Para uma breve apreciação crítica da biografia de Holladay sobre Jeremias, recomendo KILPP, 2013, p. 43-60.

⁸⁹ HOLLADAY, 1986, p. 1.

⁹⁰ HOLLADAY, 1986, p. 1.

2.2.4.1.3 *Um propagandista para Josias (615 a 609)*

Holladay, sem nenhuma certeza, imagina que na leitura seguinte, em 615, com 12 anos de idade, Jeremias teria respondido ao chamado de Deus (1.4-10), reclamando que “era apenas um jovem” (v.6). Uma análise de termos utilizados nos capítulos 2 e 3 e também 30 e 31 revelariam um direcionamento das mensagens para o território do antigo Reino do Norte, com o que o jovem Jeremias estaria auxiliando religiosamente a campanha do rei Josias em reconquistar soberania sobre aquela região.⁹¹

2.2.4.1.4 *Do Sermão no Templo (609) até a Batalha de Carquêmis (605)*

Em 609 o Rei Josias morreu na batalha em Megido, foi sucedido por seu filho Jeoacaz, mas apenas 3 meses depois este foi levado preso ao Egito e substituído por seu irmão Jeoaquim. Para Holladay, a Festa dos Tabernáculos naquele ano teria sido o ambiente perfeito para o sermão do Templo (Jr 7.1-12), e Jeremias contaria então com 18 anos.⁹²

Conteúdo semelhante ao deste sermão estaria no primeiro rolo que Jeremias ditou para seu escrivão Baruque (36.1-8), onde segundo os estudos de Holladay também constariam várias partes de outros capítulos, como 2,3,4,6 e 18. No ano de 605 o Egito foi derrotado pelos babilônios sob o comando do príncipe Nabucodonosor, e em algum momento depois disso o Rei Jeoaquim trocou de vassalagem, deixando de servir o Egito e passando a servir Babilônia.⁹³

2.2.4.1.5 *O Início da Seca/O Rei queima o rolo (601)*

Essa datação segue a LXX, pois o TM fornece o ano de 604. Em 601, durante a seca, seria a releitura pública de Deuteronômio, uma ocasião bem possível para a mensagem em 8.4-10,13.⁹⁴

⁹¹ HOLLADAY, 1986, p. 2.

⁹² HOLLADAY, 1986, p. 2.

⁹³ HOLLADAY, 1986, p. 3.

⁹⁴ HOLLADAY, 1986, p. 4.

2.2.4.1.6 *A Palavra de Castigo; Jeremias assume o celibato (601-600)*

O castigo sobreviria ao Rei por conta de queimar o rolo, e a partir desse episódio Holladay diz que a percepção de Jeremias se modificou, agora entendendo que o castigo viria irrevogavelmente. O profeta dita um segundo rolo para Baruque, acrescentando mais material ao que havia no primeiro. Agora seria o momento de declarar sua abstenção do casamento – e ele estaria com 27 anos de idade. O pessimismo das mensagens de Jeremias, contrastando com a derrota sofrida pela Babilônia no delta do Egito (601), teria insuflado a perseguição por parte dos “profetas otimistas” com o apoio do rei. Este pode ter sido o momento da quebra da botija e da prisão no tronco (caps. 19 e 20).⁹⁵

2.2.4.1.7 *As primeiras Confissões (601-600)*

Sempre segundo Holladay, a oposição e as perseguições devem ter impulsionado as primeiras assim chamadas “confissões de Jeremias” (11.18 a 12.6).⁹⁶

2.2.4.1.8 *O primeiro cerco a Jerusalém (598-597)*

Em dezembro de 598 Jeoaquim morreu, e seu filho Joaquim ascendeu ao trono. Nabucodonosor conquistou Jerusalém três meses depois, em março de 597, e levou o rei e a nobreza como cativos para a Babilônia. Jr 10.17-22 seria datado neste período, e 9.16-21 imediatamente antes.⁹⁷

2.2.4.1.9 *A Conferência de Jerusalém e suas consequências (594)*

Zedequias foi empossado pelos babilônios. Três anos depois, houve uma tentativa de Golpe de Estado contra Nabucodonosor. Segundo Holladay, mesmo não tendo conseguido depor o rei, isto deve ter animado os judeus no exílio, e também encorajou Zedequias a convocar uma conferência de embaixadores

⁹⁵ HOLLADAY, 1986, p. 5.

⁹⁶ HOLLADAY, 1986, p. 6.

⁹⁷ HOLLADAY, 1986, p. 6-7.

estrangeiros em 594 (encontro pressuposto pelo cap. 27). Jeremias coloca um jugo no pescoço e presenteia os embaixadores com um jugo para cada um. Então ocorre o confronto com o profeta Hananias. Esta crise seria o ambiente para o restante das confissões, inclusive sob oposição de seus conterrâneos e familiares de Anatote.⁹⁸

2.2.4.1.10 O segundo cerco de Jerusalém (588-587)

Esses eventos aparecem largamente no material biográfico dos capítulos 37 a 44. Jerusalém cai em julho de 587, e a cidade é destruída no mês seguinte. Nesse contexto Jeremias recebe de Deus a palavra para falar otimisticamente, comprando um campo em Anatote (cap 32) e produzindo um novo rolo (30.2-4).⁹⁹

2.2.4.1.11 A Nova Aliança (587)

Holladay considera bastante provável que este seja o ambiente perfeito para a passagem da nova aliança (31.31-34). No outono os peregrinos do norte teriam vindo para cumprir a releitura pública de Deuteronômio (41.1-5), e terminado no massacre que ocorre com o assassinato de Gedalias.¹⁰⁰

2.2.4.1.12 A fuga para o Egito

Em algum momento entre o final de 587 e 582 a.C., Jeremias e Baruque foram levados junto com os fugitivos que, por medo de represálias dos babilônios por conta do assassinato do governador, se mudaram para o Egito. Holladay considera que Baruque pode ter morrido primeiro, o que explicaria não termos registro da morte de Jeremias. A esperança para a nação, porém, viria dos lados da Babilônia, não do Egito. Jeremias teria morrido com cerca de 40 anos de idade.¹⁰¹

Em seu extenso trabalho, Holladay discute um volume bem maior de textos do que os apresentados neste resumo, de modo que ele consegue abarcar quase todo o livro de Jeremias, mesmo que fragmentado e indicando acréscimos

⁹⁸ HOLLADAY, 1986, p. 7.

⁹⁹ HOLLADAY, 1986, p. 9.

¹⁰⁰ HOLLADAY, 1986, p. 9.

¹⁰¹ HOLLADAY, 1986, p. 10.

posteriores. Sua cronologia da vida e obra de Jeremias mostra-se apenas uma hipótese viável, merecedora, porém, de alguma consideração.

2.2.4.2 A análise sociológica

A análise sociológica é um incremento recente ao estudo das Escrituras. Nela o texto bíblico é visto em função das disputas de poder de seu contexto, tanto no contexto de criação quanto de sua transmissão. Assim os interesses, as ideologias e as construções de realidade vigentes têm sua influência vista no texto (contra ou a favor), como também o reconhecimento das vozes sociais com que o texto dialoga, ressoa ou se contrapõe¹⁰².

No caso de Jeremias, novamente o livro se revela bastante complexo. Brueggemann ressalta que há muitos atores sociais em seu contexto fazendo soar suas vozes. Além das presumíveis vozes que defendem a tradição da velha aliança, temos a memória da dor de Oséias, a legitimação da monarquia, a teologia do templo pela elite sacerdotal, as preferências políticas pró-Babilônia e pró-Egito, e as famílias influentes da nobreza que tenham tensões com a realeza e podem representar os anciãos rurais. Para uma geração posterior da tradição de Jeremias, adiciona-se vozes pastorais entre os exilados, as reivindicações da comunidade que permaneceu em Judá, e novamente vozes pró-Egito. Para Brueggemann, perceber a interação dessas várias vozes é mais importante do que datar as passagens do livro.¹⁰³

A principal disputa presente no livro é em torno da compreensão correta dos eventos históricos, e com ela o discernimento da relação entre fé, moralidade e poder político. De um lado a pregação jereminiana aponta para o ponto de vista da fidelidade à aliança da Torá. Por outro lado, em forte oposição, encontra-se o *establishment* de Jerusalém com a ideologia da realeza e da elite sacerdotal, para quem o poder existia para ser desfrutado, e não para um arrependimento e submissão. Este conflito profundo encontra-se presente em praticamente todo o livro de Jeremias.¹⁰⁴

¹⁰² BRUEGGEMANN, 1998, p. 13.

¹⁰³ BRUEGGEMANN, 1998, p. 13.

¹⁰⁴ BRUEGGEMANN, 1998, p. 14.

A análise sociológica nos auxilia a perceber que o mesmo tipo de conflito é facilmente aplicável a outras épocas. O poder centralizado e livre de prestar contas sempre tende a levar à morte e ao exílio, enquanto que a alternativa de um viver guiado pela aliança com Deus se mostrará todas as vezes como uma proposta de vida, embora sempre apareça como frágil.¹⁰⁵

2.2.4.3 A análise literária

A análise literária é igualmente importante no estudo atual das Escrituras. Seu moderno desenvolvimento acontece a partir principalmente de Paul Ricoeur: ela considera como a literatura bíblica com sua linguagem, mais do que descrever a realidade da época, tem o poder de propor e imaginar um mundo que sirva de alternativa ao que esteja aí. Por extensão, construirá também uma alternativa viável para leitores e leitoras cada um e cada uma em seu tempo.¹⁰⁶ Esta abordagem liberta o texto de excessivas preocupações com fatos externos a ele e também de excessiva preocupação com questões de autoria. Assim a literatura passa a ser mais evocativa do que descritiva, mas para isso é necessário uma grande atenção ao texto em si, com todos os seus detalhes. É o próprio texto quem dirige o leitor, e não referências ou hipóteses externas. Alguns estudiosos parecem finalmente estar reagindo à percepção de que se perdeu tempo demais com questões marginais e externas ao texto, e buscam recuperar o tempo perdido. Como contraponto, porém, repara-se que não é difícil para a análise de Ricoeur perder o autor totalmente de vista...

Brueggeman, por sua vez, destaca três formas no uso da análise literária para Jeremias:

A primeira: O frequente uso de metáforas e imagens. A linguagem cuidadosa e artisticamente trabalhada, que não permite resumos ou generalizações, requer ser seguida em cada detalhe, em sua tarefa de retratar a vívida realidade. Algumas metáforas que Jeremias utiliza: a retomada de festas de casamento numa terra em que todas essas ocasiões festivas haviam cessado (33.11 cf 7.34), a sensação da criação que regrediu para o caos (4.23-26) e a percepção da dor e desgosto de

¹⁰⁵ BRUEGGEMANN, 1998, p. 14.

¹⁰⁶ BRUEGGEMANN, 1998, p. 14.

Deus frente à teimosia de Judá (8.18-9.3).¹⁰⁷ Assim e de várias formas, a tradição de Jeremias denuncia e se opõe à ideologia da realeza e do alto sacerdócio, mostrando o engano e a pulsão para a morte presentes em seu estilo de vida.

Essas imagens também são utilizadas para descrever os sentimentos do próprio Jeremias. Heschel também comenta a tradução de Jr 20.7 (vide acima, 2.1.4), que de tão chocante não chegou a ser assimilada pela grande maioria das traduções bíblicas. Segundo ele, a tradução mais correta para os termos *patah* e *jazak* seria “Ó Senhor, te me seduziste, e fui seduzido. Tu me violaste, e estou vencido”¹⁰⁸. Ou seja, o profeta exprime seu extremo mal-estar com sua situação, tendo sido subjugado, ferido e submetido à força no tronco por Pasur, e ao mesmo tempo reconhece que Deus está no controle da situação, portanto dirige a Deus sua queixa, expressando dramaticamente a humilhação e violência que sofreu.¹⁰⁹

O segundo uso de análise literária identificado por Brueggemann: A proposta de mundo do livro de Jeremias, vista como um construto imaginativo: não se trata de uma descrição do que era, nem de uma predição do que será. Ao mesmo tempo em que Jeremias está ciente de tudo a seu redor, o texto não pretende ser apenas uma descrição do que o rodeia, mas sim um convite ao leitor para que participe do mundo proposto, de modo que se possa imaginar uma nova comunidade de aliança de fé, e isso ainda sem que ela já tenha surgido. O texto conduz o ouvinte para uma nova realidade formada no momento em que se fala e se ouve.¹¹⁰

O terceiro uso de análise literária: No contexto de oposição à ideologia real-templária, o texto oferece alternativas imaginárias, na convicção de que Deus está trabalhando para criar uma nova e alternativa comunidade (“plantar e construir”, 31.27-30). Assim insufla-se a liberdade, invocando uma realidade nova.¹¹¹

Rosenberg faz outro uso, diferente, da análise literária, em seu esforço para decifrar a estrutura de Jeremias através de paralelismos feitos pelo arranjo do texto massorético. Ele consegue resultados razoáveis inclusive para a cronologia do livro,

¹⁰⁷ BRUEGGEMANN, 1998, p. 16.

¹⁰⁸ HESCHEL, Abraham, **Los Profetas – El hombre y su vocación**. Tradução de Victor Mirelman. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1984, p. 211-212.

¹⁰⁹ Como exemplo da exposição terapêutica do conteúdo bíblico, este verso revela importante potencial terapêutico, podendo ser útil para que vítimas de estupro também possam expressar suas queixas para Deus, e assim serem auxiliadas/os a iniciar ou cultivar um relacionamento com Deus.

¹¹⁰ BRUEGGEMANN, 1998, p. 17.

¹¹¹ BRUEGGEMANN, 1998, p. 17.

utilizando o trecho dos capítulos 20 a 40, cujo centro é situado no “livro da Consolação” (caps. 30 e 31):¹¹²

2.2.4.3.1 *Um esboço literário*

Rosenberg em sua análise literária revela uma outra estrutura para o livro inteiro, decifrada a partir da diferenciação entre oráculos poéticos, sermão em prosa e história em prosa. Esta estrutura consiste de um arranjo simétrico que se monta das extremidades para o centro¹¹³, e pode ser esboçado da seguinte forma pareada:

a Título histórico (1.1-3)	a' Apêndice histórico (cap. 52)
b Vocação	b' última mensagem de Jer (51.59-64)
c “Profeta para as nações” - tema introduzido (1.5-10)	c' O tema “profeta para as nações” culmina (caps. 50-51)
d Ruína para Israel: oráculos poéticos predominam (caps. 1–10)	d' Ruína para as nações: oráculos poéticos predominam (caps. 46–51)
e Profeta afastado de Anatote; foco nas provações e conflitos do profeta; prosa predomina (11.1-28.17)	e' Profeta retorna a Anatote; foco nas provações e conflitos do profeta; prosa predomina (32.1-45.5)
f Profecias otimistas; renovação de Israel; a prosa liga-se “como parêntesis” ao núcleo poético (caps. 29–31)	

Esse arranjo baseado no gênero literário guarda intrigante semelhança com a técnica de impressão moderna, em que folhas de papel – por exemplo, de uma revista – são impressas metade a metade, frente e verso, totalizando 4 páginas por folha. Devido à posterior encadernação, por grampo, a ordem das páginas na mesma folha parece desconstruída, em dois grupos de 2 páginas (frente e verso), distantes entre si, que somente se encontrarão na página dupla central. Por

¹¹² ROSENBERG, 1997, p. 209.

¹¹³ ROSENBERG, 1997, p. 206-207.

exemplo, numa revista de 52 páginas (13 folhas de papel), serão impressas na mesma primeira folha de papel as páginas 1 e 52 e, no seu verso, as páginas 2 e 51; na segunda folha virão as páginas 3 e 50, 4 e 49 e assim por diante, e somente na folha central teremos a ordem numérica “comum” de se folhear as páginas: 25, 26-27 e 28. Fosse Jeremias uma revista, o livro das Consolações ocuparia esta página dupla central...

2.2.4.4 A mensagem sobre Deus

O livro de Jeremias, apesar – e também por causa – de sua complexidade e das muitas questões que continuam em aberto, apresenta uma mensagem igualmente complexa a respeito de Deus. Essa complexidade toda na verdade amplia as possibilidades de aplicação, recebimento e entendimento dessa mensagem, desde para os dias atuais até aos dias de vida do próprio Jeremias. Por exemplo, em seu esforço para tentar identificar os caminhos de formação do texto de Jeremias até chegar à forma canônica atual, Kilpp observa que partes do conteúdo – especialmente do cap. 30 – foram construídas de modo a servir ao processo litúrgico, trazendo consolo aos judeus durante as reuniões no exílio babilônico, especialmente nos cultos de lamentação (ver também 3.3.2).¹¹⁴ Mais do que uma simples condenação divina por desobediências à Lei, e mais também do que uma “simples” promessa de dias melhores, o uso do texto bíblico em cultos de lamentação consegue transmitir a difícil verdade da presença divina junto ao sofredor, ao perdedor e derrotado. A prática litúrgica, com o quase-ritual de reafirmação de uma presença divina numa situação em que o sentimento predominante é de pesar e de perda, alcança dimensões profundas, que uma simples pregação ou ensino didático não conseguiriam atingir.

Segundo Brueggeman, o livro engaja-se com sua reflexão poética angustiante e explicações didáticas em prosa a respeito da causa do fim de Israel e do destino dos deportados para Babilônia. O modo do discurso muda, porque o texto de Jeremias se baseia na fidelidade à aliança com Javé, muito mais do que nos jogos de poder entre as nações. Os eventos de 587 são tratados assim, entre

¹¹⁴ KILPP, 2017, p. 121.

poesias de extremo sentimento e uma análise teológica estrita, que lembra Deuteronômio; essa combinação sugere em profecia um futuro novo para Judá.¹¹⁵

Esse entendimento transpareceria em 3 elementos:

2.2.4.4.1 *As exigências da Aliança da Lei*

Referem-se a práticas sociais e ao modo de exercer o poder, de acordo com os mandamentos do Sinai. Como um castigo por terem transgredido a essas exigências, o poder exercido pelo império babilônico vinha a serviço do Deus de Israel – isso foi demais para os contemporâneos de Jeremias conseguirem discernir! Essa perspectiva, de obediência à Lei de Deus como determinante de tudo, denuncia a forte ligação e as semelhanças entre Jeremias e o livro de Deuteronômio. As maldições pela desobediência (Dt 28) certamente repercutem na derrota e também no exílio.

2.2.4.4.2 *O pathos de Javé*

Deus insiste numa continuada relação com seu povo, e sofre com sua rebeldia. Os sofrimentos do próprio Jeremias ilustram esse caminho sofredor de Deus, e a complexidade do caráter e da atitude apaixonada de Deus transparecem através da complexidade de reações de Jeremias presentes no livro. É por isso que a mensagem consegue transcender os simples castigos por quebra de aliança, e chegar até a esperança de uma nova aliança.¹¹⁶ A liberdade de Deus, seu senhorio e sua misericórdia tornam essa esperança possível. Assim é possível ver no sofrimento engajado de Jeremias por seu povo que o rejeitava, uma prefiguração dos sofrimentos de Cristo, e por extensão também dos primeiros cristãos.

2.2.4.4.3 *A ideologia templária*

O terceiro elemento constituinte da teologia do livro é a ideologia real-templária de Jerusalém. Essa ideologia era cultivada pelo rei e pela elite sacerdotal;

¹¹⁵ BRUEGGEMANN, 1998, p. 3.

¹¹⁶ BRUEGGEMANN, 1998, p. 6.

estes se apegavam a declarações e promessas a respeito do templo e da monarquia, que faziam de Deus um garantidor eterno da monarquia e daquela cidade. A oposição de Jeremias a essa ideologia explica boa parte de suas atitudes e pregações. A realeza e o sacerdócio consideravam que Jerusalém estaria imune aos castigos pela desobediência à Lei, por conta das várias promessas de Deus a respeito. Brueggeman diz que eles pensavam que Deus necessitava de Jerusalém para levar a bênção a todos os povos.¹¹⁷

A total derrota e derrubada de Jerusalém em 587 mostrou ampla e abertamente as limitações e inadequações tanto da teologia da velha aliança quanto da ideologia/teologia do templo e da realeza. Essas novas circunstâncias requeriam uma afirmação teológica nova. Com a transformação profetizada através desses 3 elementos, Jeremias afirmava que a cidade seria destruída e também afirmou que uma nova comunidade de aliança emergiria após a destruição, como um dom gratuito de Javé.¹¹⁸ É pertinente a crítica de que a ênfase numa teologia da aliança não parece ser ressaltada com tanta importância e frequência no próprio corpo do texto jeremiânico. Mesmo assim, a estrutura literária exposta por Rosenberg (ver acima, 2.2.4.3.1), que centraliza o Livro das Consolações no livro de Jeremias, e centraliza o parágrafo da Nova Aliança no Livro das Consolações, serve como apoio a essa teologia.

2.2.4.5 No ensino popular

Em última análise, como também ressalta Brueggemann, o livro de Jeremias pertence às comunidades de fé – sinagogas e igrejas – e não aos eruditos, e estas, tais como nos cultos de lamentações durante o exílio, aguardam sua mensagem a partir da santidade que o texto faz ressoar nas condições difíceis em que vivem.¹¹⁹ Assim coletamos dois exemplos de esforços para levar a mensagem de Jeremias para as camadas mais populares:

A coleção “Como Ler a Bíblia” traz o volume “Como ler o Livro de Jeremias – profecia a serviço do povo”, de autoria de Luiz Alexandre Solano Rossi. Logo na introdução, o autor comenta que Jeremias era de uma família sacerdotal que vivia

¹¹⁷ BRUEGGEMANN, 1998, p. 6.

¹¹⁸ BRUEGGEMANN, 1998, p. 7.

¹¹⁹ BRUEGGEMANN, 1998, p. xiii.

em Anatote, e nos informa que para lá fora exilado o sacerdote Abiatar, que na sucessão do Rei Davi não apoiara a Salomão. É provável que Jeremias descendesse da família de Abiatar. Já a elite sacerdotal de Jerusalém descenderia do rival Zadoque.¹²⁰

Outro elemento influente nas origens de Jeremias é que Anatote pertence à tribo de Benjamim, que seria segundo Rossi mais próxima das tribos do Norte. Crescendo fora da capital Jerusalém, Jeremias também teve a vivência dos agricultores do interior, mostrando-se sensível para com as injustiças praticadas pela corte contra os camponeses.¹²¹

O livro de Rossi segue comentando o texto de Jeremias, trazendo os questionamentos de forma a repercutirem na realidade social dos leitores. As próprias dimensões são convidativas: no total, 143 páginas de dimensões reduzidas, algo a que mais pessoas se animarão a ler. Ao final de cada seção, duas ou três questões para pensar e discutir em grupo. Transcrevo uma delas, para a seção que aborda os capítulos 1 a 6, para exemplificar: “Se também hoje saíssemos às ruas – e entrássemos nas igrejas – à procura de quem praticasse o direito e procurasse a verdade, qual seria o resultado? Ficaríamos frustrados ou animados com os possíveis resultados?”¹²²

Um segundo exemplo provém de uma revista evangélica de Escola Bíblica Dominical, utilizada por algumas Igrejas Batistas. A abordagem é diferente, e o contexto de uso também: embora a revista espere ser lida, na Escola Dominical isso nem sempre acontece, e a exposição do professor é mais garantida, num contexto mais de audição do que de leitura. O método também mostra seus atrativos: o autor inicia perguntando se o leitor gostaria de ser parecido com Jesus, para então indicar que Jeremias foi um profeta a quem Jesus foi considerado semelhante (Mt 16.14). Novamente, ao menos a princípio, o interesse do ouvinte foi conquistado...¹²³

¹²⁰ ROSSI, Luis C. Solano. **Como ler o livro de Jeremias**: Profecia a serviço do povo. São Paulo: Paulus, 2007, p. 8.

¹²¹ ROSSI, 2007, p. 9.

¹²² ROSSI, 2007, p. 35.

¹²³ COMPROMISSO. Rio de Janeiro: Convicção Editora, ano CIX, n. 436, p. 9.

2.2.5 *Nossa posição*

Com tantas contribuições significativas, esperamos ainda poder oferecer também a nossa contribuição:

2.2.5.1 A organização do livro

Esperamos que nossa experiência de anos de trabalho no mercado editorial possa de alguma forma ser útil para acrescentar detalhes à compreensão do processo de organização de um livro que, embora milênios depois de Jeremias, continua sendo um processo editorial.

2.2.5.1.1 *Escrita e autoria*

Como vários estudiosos reconhecem, é bem provável que nunca saberemos com suficiente precisão como o livro de Jeremias chegou à sua forma final. Sabemos de alguns elementos, como a participação do auxiliar Baruque em alguma medida, e a orientação divina para o profeta escrever um rolo (30.2). Mas há diversas variáveis que influenciaram o processo, e muitas delas nos permanecerão desconhecidas. Tomo a licença aqui para também desenvolver hipóteses tentativas a respeito desse processo.

Entre as variáveis que merecem ser consideradas encontra-se também a das nossas próprias pressuposições. Nosso contexto, hegemônico até bem recentemente – quando a digitalização introduziu novas e importantes mudanças – é o de registro por escrito, fácil e de material abundantemente disponível para tal. Essa facilidade toda não havia no contexto do profeta e não era parte da vida cotidiana. A pregação oral era o método padrão, e a transmissão dos conteúdos mais importantes provavelmente acontecia por uma espécie de dramatização ou “contaço de histórias”, no ambiente familiar e comunitário¹²⁴. A escrita era rara (escriba era uma profissão especializada, não um conhecimento generalizado), e os materiais para escrever e guardar registros não eram abundantes. O costume de

¹²⁴ Para esse fim, ver WEST, Travis. **The Art of Biblical Performance - Biblical Performance Criticism and the Genre of the Biblical Narratives**. 2018. Tese (Doutorado) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2018.

anotar palestras não existia, e a historiografia trabalhava a mando e a serviço da realeza. Em consequência e compensação, o ato de ouvir os enunciados, especialmente de profetas, recebia muito mais atenção e memória do que hoje em dia. Por isso tudo, a escrita do texto final do livro não equivale a uma identificação da sua autoria.¹²⁵

Junte-se esse contexto com a turbulenta época do ministério de Jeremias, com cercos, guerras e um ambiente hostil à sua profecia, e não será difícil entendermos que não se esperaria que os acontecimentos com Jeremias fossem registrados por escrito enquanto ocorriam, e nem seus discursos (tanto que Deus precisou determinar que Jeremias escrevesse as profecias em um rolo). Se os ditos e feitos de Jesus somente foram registrados em livros mais de 30 anos após sua morte, quanto mais os de Jeremias devem ter demorado para serem agrupados, organizados e publicados como livro. Houve um rolo escrito, que depois foi queimado pelo rei (Jr 36.23). Um segundo rolo, com mais material que o primeiro, foi ditado para Baruque seguindo a determinação de Deus (Jr 36.27-32), e alguns estudiosos argumentam que possivelmente um terceiro rolo tenha sido produzido de modo semelhante (Jr 30.2). Mas esses rolos continham as profecias, e provavelmente nada mais sobre o contexto de vida da época, do profeta e da sociedade. Historicamente, as levas de cativos para a Babilônia, antes e depois da destruição de Jerusalém, ouviram profecias e pregações de Jeremias. O fato de ele enviar uma carta para lá mostra que era conhecido e considerado, talvez cada vez mais, quanto mais o tempo do exílio se prolongava e a comunidade percebia que ele estivera correto o tempo todo. É, então, bem plausível que uma ou mais pessoas entre os exilados tomasse a iniciativa de escrever para registro as coisas que viram e ouviram de Jeremias. Os contatos comunitários certamente prouveram mais lembranças e registros, com ampliações, correções e comentários segundo as várias possibilidades humanas. Tal como no tempo de escrita do Novo Testamento, neste estágio ninguém está embevecido de uma consciência de estar “escrevendo a sagrada palavra de Deus”. Certamente havia um senso de importância dessa obra e

¹²⁵ Resguardando as devidas proporções, por vezes a discussão sobre as etapas da escrita, pretendidas como sendo um processo de descoberta de uma autoria, se assemelham a se hoje discutíssemos de que forma e em que data determinado texto de livro foi digitalizado, se em escâneres, fotografias, resoluções diferentes, etc. De certa forma, o processo de mudança do impresso para o digital serve de comparação e analogia à mudança que aconteceu do oral dos tempos bíblicos para o escrito nos dias recentes.

que ela tinha alguma relação com o nome de Deus, mas não é de se esperar, naquele tempo e contexto, que eles já assumissem um temor característico do lidar com o sagrado, de se exigir perfeição absoluta de modo que o que escrevessem não pudesse de forma alguma conter lacunas para serem preenchidas mais tarde, imprecisões ou mesmo falhas de memória. Assim, no meio da compreensão humana que era possível se ter, partes do que hoje está no livro provavelmente foram escritas e organizadas durante o exílio babilônico e persa. Como essas partes voltaram com os exilados e/ou se encontraram com cópias dos rolos escritos por Jeremias e Baruque (e como estes foram preservados), não sabemos. A colocação dos oráculos contra as nações numa posição diferente pela Septuaginta abriu uma pequena luz sobre a variabilidade desse processo, indicando possivelmente que pelo menos dois grupos fizeram um agrupamento dos textos que conseguiram coletar e produzir, e que só depois da elaboração da tradução para a Septuaginta chegou-se à forma que temos.

2.2.5.2 A ajuda dos copistas

Outro fator a influenciar o texto é o trabalho de copistas. Isto ficou especialmente claro para nós quando, anos atrás, fizemos a revisão da tradução do livro de Omanson, “Variantes Textuais do Novo Testamento”, um material de apoio a tradutores da Bíblia, editado em português pela Sociedade Bíblica do Brasil¹²⁶. Ao ter contato “quase de primeira mão” com o trabalho de copistas, foi possível perceber o importante papel que estes desempenharam na disseminação da Palavra de Deus. Como não havia a possibilidade de imprimir cópias idênticas, tudo tinha de ser extensamente escrito à mão. Muitas vezes os copistas sabiam quais pessoas ou grupos seriam os destinatários das cópias, e sempre que estas iriam para um contexto cultural ou linguístico diferente, a tendência a explicar expressões, nomes, usos ou costumes que lhes seriam estranhos é natural e simpática, e muitas vezes eles o faziam através de pequenas anotações à margem do texto. Anos depois, quando essa cópia fosse utilizada para fazer mais cópias para encaminhar a Palavra de Deus mais adiante, por vezes os novos copistas, já acostumados com as explicações e cientes da utilidade delas, as copiavam já dentro do próprio texto – e

¹²⁶ OMANSON, Roger. **Variantes textuais do Novo Testamento**: Análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

na margem podiam acrescentar novas explicações que julgassem úteis para os irmãos destinatários. Processo semelhante certamente ocorreu com os escritos do Antigo Testamento e, no caso de um texto difícil e cheio de detalhes como o de Jeremias, é bem compreensível que um trabalho maior de organização e edição tenha sido necessário, tanto mais quanto os registros diversos (em tempos de dispersão) foram se encontrando. É verdade que, depois de ser considerado canônico, o trato com os livros da Palavra de Deus era muito mais cuidadoso e com menos interferências, especialmente no Antigo Testamento. Mas, como demonstram as diferenças significativas entre o texto da Septuaginta e o texto hebraico do Texto Massorético, é bem provável que, por essas circunstâncias todas que temos comentado, a organização e definição de uma “forma final” do livro de Jeremias tenha demorado mais do que comumente imaginamos. O livro, porém, continuaria sendo de Jeremias, com suas mensagens, reações e com os eventos de sua vida, compilados, “limpados”, completados e retificados conforme a necessidade percebida e a oportunidade para fazê-lo coincidiam.

2.2.5.3 Oposição feroz e perseguição

O desejo e também a necessidade de um trabalho de organização e edição são reforçados ainda pelas circunstâncias históricas do profeta e de Jerusalém. Tal qual avisado por Deus no início de seu ministério, o profeta sofreu intensa rejeição, combate e perseguição, sendo preso e quase morto várias vezes. Boa parte de seu ministério aconteceu num contexto de cerco militar e ameaça iminente e imponente da queda de Jerusalém – a nação também estava privada de sua liberdade. Essa situação por si só exalta os ânimos e dá voz a reações de desespero, agressividade e violência, acompanhadas de busca de culpados e impulsos de ações drásticas contra eles, sendo Jeremias um alvo principal. Enquanto Jerusalém se mantivesse de pé, a ideologia da cidade que Deus sempre defenderia por causa de Seu Templo era naturalmente inimiga de mensagens como a de Jeremias, que pregava a certeza do castigo e destruição caso não houvesse arrependimento. A história recente, da libertação milagrosa da capital quando do ataque do rei assírio Senaqueribe, ocorrida um século e meio antes, só dificultava mais a aceitação das mensagens de submissão aos babilônios trazidas por Jeremias, ainda mais feitas em nome do mesmo Deus que na época de Isaías havia promovido o livramento! Este contexto

atribulado, de intensa hostilidade ao “profeta das más novas”, absolutamente não favorecia a produção de um livro organizado.

Foi só depois do “choque de realidade”, com a derrota total que destruiu Jerusalém e levou a maior parte dos sobreviventes em cativeiro para a Babilônia, que a importância e origem divina das mensagens de Jeremias foi reconhecida. Mesmo essa conscientização precisou de um bom tempo (e provavelmente de uma troca de comando de geração), para só então os esforços de registrar ordenadamente a história e as mensagens do profeta começarem a organizar o que, ao final do processo, seria este precioso livro que temos em mãos. A divisão dos sobreviventes em dois destinos, Babilônia e Egito (com Jeremias e Baruque indo para este último), só prolongou mais o processo de estruturação.

Enfim, as tentativas de esclarecer todos os detalhes por trás da organização de um livro que testemunhasse o período mais difícil da história do povo de Deus até então, são realmente fascinantes, e por mais de um século dominaram os esforços de teólogos e outros peritos. Só nestas últimas décadas voltou a crescer a percepção de que um resultado definitivo sobre os detalhes de sua organização provavelmente nunca será completamente alcançado, e que aquela busca estava ofuscando por tempo demais a enorme riqueza presente no conteúdo das suas profecias.

2.2.5.4 Um paralelo

Se procurássemos um paralelo neotestamentário para a organização do livro de Jeremias, nós escolheríamos um evangelho. Tal como os evangelhos falam de Jesus, o livro de Jeremias fala sobre Jeremias. Dentre os evangelhos, a situação me parece mais semelhante ao de Lucas (cuja identidade não é explicitamente revelada no texto), que foi escrito por alguém que não conheceu a Jesus pessoalmente, mas que teve oportunidade de encontrar pessoas que com ele conviveram, “testemunhas oculares”, visitar a Jerusalém e outros locais por onde Jesus passou – e não se envergonha de dizer explicitamente que fez “cuidadosa investigação de tudo” (Lc 1.3). Isso de forma alguma reduz o valor do seu relato – a transmissão oral era ainda corrente, mesmo com a facilidade da escrita já ser bem maior. Da mesma forma, com todo o trabalho envolvido na compilação, redação, edição e organização do

livro de Jeremias, não vemos nenhuma razão para desmerecer qualquer parte do seu conteúdo. Além disso, concordamos com Fischer quando ele lista vários fatores que contribuem pela unidade do livro – começando pelo imenso trabalho obrigatório de recopiar todo o maior livro da Bíblia para inserir ou alterar significativamente alguma parte em seu miolo.¹²⁷

A Bíblia não era a princípio um livro¹²⁸. No horizonte da vida da imensa maioria do povo de Deus, a Palavra de Deus consistia de mensagens que eram contadas de geração em geração, e alguns textos serviam de base, como os 10 mandamentos. Esse padrão de tradição oral ainda era extensamente válido no período da Igreja primitiva, tanto que os evangelhos demoraram várias décadas para serem escritos. Foram exatamente tragédias como a perseguição, e no caso de Jeremias, a invasão de Judá e o exílio – incluindo aí a crescente influência do idioma aramaico, que para as novas gerações começava a substituir o hebraico -- que levaram o povo de Deus a organizar de forma definitiva essas tradições orais e os textos de que já dispunham.

O movimento de tentar decifrar os vários estágios dessa organização é positivo, legítimo e pode-nos ensinar características interessantes da vida naqueles tempos. Mas por conta desses esforços deixarmo-nos levar para desmerecer o caráter de palavra de Deus em linguagem de homens me parece equivaler a cair numa armadilha antiga, a de considerar inspiração divina somente o que for ditado sobrenaturalmente, como pensam os mais fundamentalistas ou inocentes de nossos irmãos. Os modos como Deus inspirou sua palavra podem ser extremamente variados, como já vimos no caso de Lucas. Em suma, consideramos neste trabalho que o livro de Jeremias foi elaborado, compilado, organizado e editado ao longo de bastante tempo. Mas o seu texto, da forma como o temos, consideramos inteiramente válido e verdadeiro. É com ele que pretendemos lidar.

Pensamos agora estarmos prontos para lidar com o próprio texto de Jeremias. Contudo, como queremos fazê-lo de modo interdisciplinar, começaremos primeiro consolidando também algum conhecimento da situação atual dos refugiados no mundo, e como estes têm sido tratados.

¹²⁷ FISCHER, 2017, p. 34.

¹²⁸ WEST, 2018, p. 5.

3 OS REFUGIADOS FORÇADOS E A TERAPÊUTICA PSICOLÓGICA E ESPIRITUAL

3.1 Os refugiados forçados atuais

Escolhemos tratar nesta pesquisa do cuidado atual para com refugiados forçados porque esta nos parece ser a situação que mais se assemelha com o acontecido na época de Jeremias, especialmente com a deportação do povo israelita para o exílio. No início do seu ministério, Jeremias muito provavelmente ministrou pastoralmente em Anatote aos descendentes de refugiados do antigo Reino do Norte, de Israel, que havia sido conquistado e destruído pela Assíria em 722 a.C. (*veja o item 2.1.2*). A partir daí, seu ministério tratou com os habitantes de Judá, até estes serem conquistados e levados por Nabucodonosor para a Babilônia, em 587/6 a.C. Os textos do livro de Jeremias, portanto, abordam exaustivamente os períodos pré e pós exílio, com grande atenção para esta que foi a maior tragédia registrada na Bíblia a atingir o povo israelita, uma verdadeira emergência humanitária dos séculos VII a V a.C.

Para caracterizarmos a situação global de refugiados em nossos tempos nos valeremos das informações providenciadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e seus órgãos que lidam mais especificamente com o acompanhamento desse tipo de crise. A ONU dedica considerável atenção para emergências humanitárias, e a situação de refugiados está entre elas. Neste trabalho colocaremos nosso foco nas necessidades que melhor podem se aproximar daquelas abordadas no livro de Jeremias, como as de cuidado psicológico e espiritual. A definição de refugiado utilizada pela ONU traz:

De acordo com a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados, são refugiados as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou [por conta desse temor] não queira) voltar para casa. Posteriormente, definições mais amplas passaram a considerar como refugiados as pessoas obrigadas

a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.¹²⁹

3.1.1 As necessidades

O número de refugiados atualmente não para de crescer, no mundo inteiro. O relatório da ACNUR (Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, UNCHR em inglês) divulgado em junho de 2018 mostra que no ano de 2017 novo recorde foi batido, com a cifra de pessoas deslocadas chegando a 68,5 milhões, dos quais 25,4 foram para outros países, tornando-se, portanto, refugiados.¹³⁰ Ou seja, mesmo o que era um subgrupo específico já alcançou status de grande multidão. Naquele mesmo ano, o Brasil recebeu o pedido de reconhecimento da condição de refugiado de 33.866 pessoas, cerca de metade delas provindas da Venezuela, seguidos por cubanos, haitianos e angolanos. No mundo todo, as estatísticas da ACNUR revelam que estamos com os números mais altos de refugiados desde o final da Segunda Guerra Mundial¹³¹ (portanto, desde a fundação da ONU). Os países que nestes últimos anos mais têm gerado refugiados têm sido: Síria (6,3 milhões), Afeganistão (2,6 milhões) e Sul do Sudão (2,4 milhões)¹³², e recentemente Mianmar, Somália e Venezuela¹³³ estão se aproximando desses números.

Com o aumento da população refugiada também aumenta vertiginosamente o número de pessoas necessitando de ajuda psicológica. Numa visão globalizada, a crise de refugiados provoca também um acirramento das desigualdades sociais, pelo fato de que quase 90% das pessoas forçadas a se deslocarem são acolhidas por países em desenvolvimento, conforme revelado na conferência de 2017 da Scalibrini International Migration Network, segundo artigo do Huffington Post. Os países ditos desenvolvidos, com raríssimas exceções, adotam o discurso do partilhamento de responsabilidades, mas na prática rejeitam essa ética. Num

¹²⁹ ACNUR. Resposta à pergunta: **Quem pode ser considerado um refugiado?** Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

¹³⁰ NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2018.

¹³¹ UNHCR. **Are refugee numbers the highest ever?** <<https://www.unhcr.org/blogs/statistics-refugee-numbers-highest-ever/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

¹³² UNHCR. **Figures at a Glance**. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/ph/figures-at-a-glance>>. Acesso em: 12 jun. 2019., e MERCY CORPS. **The world's 5 biggest refugee crises**. Disponível em: <<https://www.mercycorps.org/articles/worlds-5-biggest-refugee-crises>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

¹³³ BBC. 2019. **Venezuela crisis: Four million have fled the country, UN says**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48559739>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

exemplo lembrado nesse encontro pelo coordenador de Políticas de Integração da Fundação Konrad Adenauer, a Etiópia abrigava 700.000 refugiados, enquanto os países europeus debatiam acaloradamente a ideia de abrir um corredor humanitário para acolher... apenas 500 refugiados da Etiópia!.¹³⁴



Figura 3 - Os 10 países que mais receberam refugiados, em 2017.¹³⁵

3.1.1.1 Na saúde mental

A Organização Mundial da Saúde estima que uma emergência aguda faz com que em média cerca de uma em cada 6 pessoas sofra de algum transtorno mental leve ou moderado, e cerca de uma em 30 pessoas (3 a 4%) sofram de

¹³⁴ KERWIN, Donald. Pope Francis, Migration, and the Journey to Human Development and Peace. **Huffpost**, 03 jul. 2017. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/pope-francis-migration-and-the-journey-to-human-development_b_58bf3ac1e4b0c3276fb77eb5>. Acesso em: 25 mai. 2019.

¹³⁵ AMNESTY INTERNATIONAL. **The world's refugees in numbers**. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/what-we-do/refugees-asylum-seekers-and-migrants/global-refugee-crisis-statistics-and-facts/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

perturbação mental grave a ponto de dificultar sua sobrevivência e funcionalidade em um ambiente caótico de emergência.¹³⁶

A ACNUR estabelece uma pirâmide de priorização de cuidados (figura anexa), criada por seu Comitê permanente Interagências (IASC), onde se pode divisar o campo da saúde mental. Em suas instruções para as primeiras intervenções em situações de emergência (“resposta mínima”), esse comitê na área de saúde lista cinco providências necessárias mais relacionadas à saúde mental:

- Incluir considerações psicológicas e sociais específicas na prestação de cuidados gerais de saúde
- Fornecer acesso a serviços para pessoas com transtornos mentais graves
- Atender e proteger pessoas com transtornos mentais graves e outras deficiências neurológicas e mentais, vivendo em instituições
- Informar-se sobre os sistemas de saúde locais, indígenas e tradicionais e, quando apropriado, estabelecer sistemas de colaboração
- Minimizar os danos derivados ao uso de álcool e outras substâncias¹³⁷

A ilustração da pirâmide em si, por ser de caráter mais geral e menos concreto, serve-nos melhor para distinguir onde se situam os auxílios de caráter psicológico, conforme adaptado pela ACNUR:

¹³⁶ OMMEREN, et al. Mental health and psychosocial support in humanitarian emergencies. In: **Eastern Mediterranean Health Journal**, v. 21, n. 7, 2015, p. 499.

¹³⁷ IASC. **Diretrizes do IASC sobre Saúde Mental e Apoio Psicossocial em Emergências Humanitárias**. Tradução de Márcio Gagliato. Genebra: IASC, 2007, p. 26.

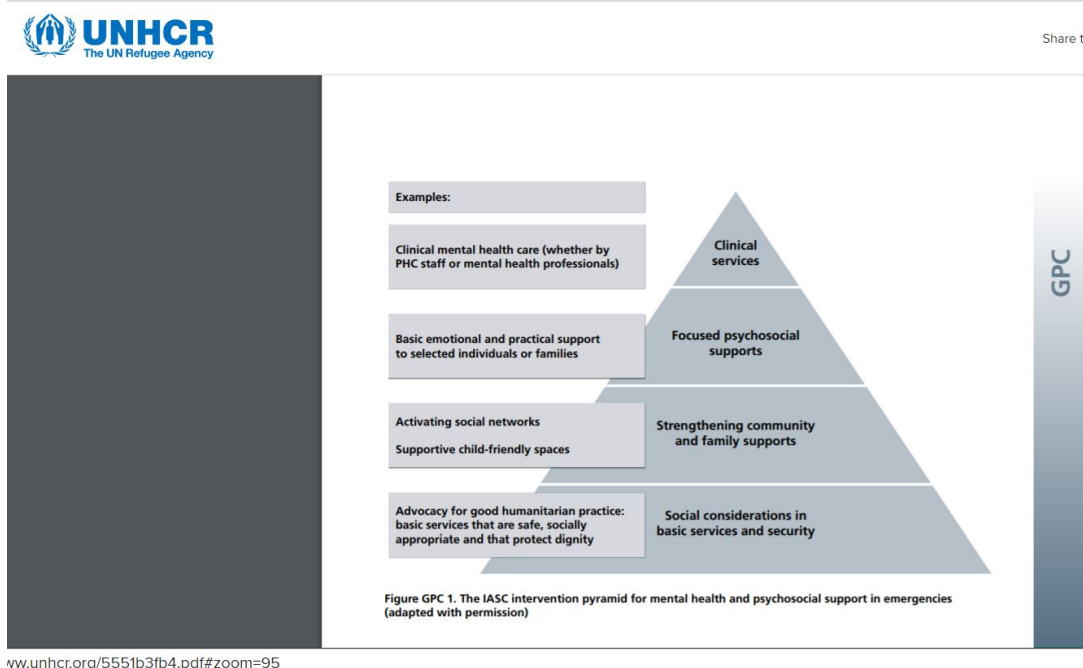


Figura 4 - Pirâmide de Intervenção¹³⁸

Pelo que veremos da carta de Jeremias ao primeiro grupo de exilados para a Babilônia (cap. 29, ver item 4.2.1), diríamos que suas recomendações se enquadrariam prioritariamente nas duas camadas mais básicas da pirâmide. As camadas que utilizam alguma leitura e serviços psicológicos são, compreensivelmente, as duas superiores, começando com o apoio psicossocial (“apoio básico prático e emocional para famílias ou indivíduos selecionados”) e os cuidados clínicos propriamente ditos (“cuidados clínicos de saúde mental, seja pela equipe de PHC/APS [Atenção Primária à Saúde] ou por profissionais de saúde mental”).

¹³⁸ WORLD HEALTH ORGANIZATION. **mhGAP Humanitarian Interventions Guide: Clinical management of mental, neurological and substance use conditions in humanitarian emergencies**. Genebra: WHO, 2015, p. 11. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/5551b3fb4.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2019. *Tradução (nossa) dos elementos, começando pela coluna esquerda, de cima para baixo:* Exemplos: Cuidado clínico de saúde mental (seja por membro da equipe de Atenção Primária à Saúde (PHC) ou por profissionais da saúde mental); Apoio básico prático e emocional para famílias ou indivíduos selecionados; Ativar redes sociais / locais de apoio amigáveis para crianças; Defesa de boas práticas humanitárias: serviços básicos que sejam seguros, socialmente apropriados e que protejam a dignidade. *Camadas da pirâmide, de cima para baixo:* Serviços clínicos; Apoios psicossociais específicos; Fortalecer apoios da família e da comunidade; Considerações sociais em serviços básicos e de segurança. *Legenda:* Figura GPC (General Principles of Care, “princípios gerais de cuidados”) 1. Pirâmide de intervenção da IASC (sigla em inglês para Comitê Permanente Intergências) para apoio psicossocial e de saúde mental em emergências (adaptado com permissão).

3.1.2 Possíveis diferenciais terapêuticos

Esperamos encontrar semelhanças e também diferenças entre a terapêutica moderna para refugiados forçados e os exemplos e preceitos bíblicos e também culturais do tempo de Jeremias. Dois deles em especial se nos destacam:

3.1.2.1 O fator “Deus”

Como é amplamente sabido, a maior parte das guerras e matanças na história humana tem sido feita “em nome de Deus”. Isso por si só introduz muita relatividade, subjetividade e cautela nesta análise, afinal o mesmo fator estaria do lado da solução e também do lado do problema. Portanto, sabedoria com o uso do nome de Deus faz-se necessária.

Do lado da academia, a área das ciências humanas em geral, e das ciências psi em particular desenvolveu-se ao longo de todo o século passado sob domínio de uma grande dose de ateísmo. Isso até é compreensível, vista que a Igreja deteve por muitos séculos a hegemonia do saber. Somente com o iluminismo a cultura humana “libertou-se” dessa tutela, e assim a ciência ainda jovem tendeu a rebelar-se contra o que se entendia por conhecimento até então. Só mais próximo da virada do milênio é que as evidências no ambiente psi de que a prática da fé, orações, pertença a uma comunidade religiosa, etc. começaram a ser respeitadas e consideradas¹³⁹. Naturalmente, a participação de motivos de fé nos quadros de doença também não poderiam ser ignorados...

Por isso é bem possível que atitudes de ajuda a refugiados por parte de vários psicólogos e psiquiatras nem sempre levem em conta o fator religioso e de fé. Essa atitude, porém, é visceralmente contrária ao que fez e disse Jeremias em todo o seu ministério, e o mesmo se aplica ao restante dos livros da Bíblia (naquela época não havia separação entre ciência e religião tal como acontece hoje). Ultimamente, com os esforços das Nações Unidas e com o aumento expressivo do intercâmbio global, o respeito e mesmo valorização de diferenças de cultura e fé

¹³⁹ No Brasil é digno de registro que somente em 2018 foi lançada uma obra de peso de psicologia clínica para uso nas faculdades, que contivesse uma seção dedicada a “Psicologia e Religiões”: ANTÚNEZ, Andrés; SAFRA, Gilberto (Eds.) et al. **Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018. 438 p.

vem ganhando espaço, tanto na academia quanto nas orientações dos conselhos da área psi. A religiosidade exige espaço nas tragédias já com a necessidade de sepultar os mortos. O manual de intervenções da IASC afirma que “as pessoas podem sofrer estresse intenso se não puderem realizar práticas religiosas, espirituais ou culturais normais.”¹⁴⁰

Portanto julgamos útil abrir um campo em separado para a terapêutica que considerasse ativamente a participação de Deus em todo o processo, tal como faz o livro de Jeremias. Pretendemos tratar dele sob o título de “Espiritualidade”.

O conhecimento da participação de um Deus acima dos eventos pode não fazer grande diferença no exercício do cuidado humanitário para com os atingidos, mas fará significativa diferença para a compreensão do ocorrido, e a partir daí também para o modo de lidar com a tragédia.

3.1.2.2 O fator tempo

Este segundo fator nem sempre tem papel determinante, e não depende exclusivamente de uma visão de mundo que inclua um Deus participante. No caso do exílio judaíta, porém, ele esteve presente e intimamente relacionado com o fator “Deus”. O exílio de Judá foi anunciado em Jeremias como sendo de tempo limitado, e esse limite foi claramente estipulado: 70 anos, até que Deus fizesse as circunstâncias históricas mudarem.

Ora, o conhecimento de que há um tempo para o “castigo” terminar, embora não alcance mais os mortos “pela espada, fome e peste”, fará bastante diferença para os que sobreviveram. Experiências atuais de exílio e migrações forçadas acontecem pela percepção ou imposição de uma fuga, por ameaça presente. Mesmo que as pessoas esperem que um dia a situação melhore, muitas vezes não há nada concreto para basear uma esperança definida. Mas se o mesmo Deus que anunciou o acontecido castigo anuncia também o seu término, a base para uma esperança fica bem mais sólida. Pais abatidos pela tragédia receberão consolo ao saber que pelo menos seus filhos (ou seus netos) sairão daquela situação e voltarão para sua terra.

¹⁴⁰ IASC, 2007, p. 106.

Os esforços contemporâneos de ajuda psicológica e humanitária para refugiados forçados não têm como fazer essa promessa, mas poderão utilizar conhecimento prévio e estatísticas sobre quanto tempo em média tem sido necessário para determinadas etapas de situações de exílio se resolverem, e também terão dados a apresentar de que tais e tais intervenções têm sido muito bem sucedidas em situações semelhantes, o que já pode trazer alguma ajuda.

De um modo geral, o tempo é um bom remédio: um estudo da Associação Australiana de Psicologia com refugiados que foram reassentados naquele país observou que a prevalência de problemas de saúde mental diminuiu significativamente com o passar do tempo após o reassentamento dos refugiados.¹⁴¹

3.2 A terapêutica psicológica

O campo da ciência psicológica é vasto, variado e em constante evolução. Mesmo em situações mais específicas como a de atendimento a refugiados, as diversas linhas de atuação e a riqueza da personalidade humana abrem um enorme leque de possibilidades, que não há como abordar de forma completa neste trabalho. Portanto, não nos limitaremos a uma linha psicológica específica (psicanálise, cognitiva, etc.). Para esta pesquisa preferimos estudar trabalhos efetivamente realizados em tragédias ao redor do mundo, e para isso nos valem especialmente de trabalhos feitos por, ou em contato com, organismos das Nações Unidas.

Começamos pela categoria provavelmente mais utilizada para tratar da saúde mental de refugiados:

3.2.1 *Indivíduos: Transtorno de Estresse Pós-Traumático*

Pode-se defini-lo como um “não conseguir se recuperar após presenciar ou passar por um evento aterrorizador”. Estima-se que no Brasil haja atualmente mais

¹⁴¹ MURRAY, K; DAVIDSON, G; SCHWEITZER, R. **Psychological Wellbeing of Refugees Resettling in Australia** – a literature review prepared for the Australian Psychological Society. Melbourne: The Australian Psychological Society Ltd, 2008, p. 7. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/59164/1/APS_Refugee-Lit-Review.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

de 2 milhões de pessoas sofrendo por ano de TEPT, que é considerado doença crônica, sendo beneficiada por tratamento, mas sem cura conhecida.¹⁴²

O termo surgiu na classificação da Associação Psiquiátrica Americana, em 1980, DSM-III, e desde então tem sido amplamente utilizado. Baseia-se na experiência de trauma, que pode ser definido como “uma situação experimentada, testemunhada ou confrontada pelo indivíduo, na qual houve ameaça à vida ou à integridade física de si próprio ou de pessoas afetivamente ligadas a si.”¹⁴³

É, portanto, um diagnóstico bem mais amplo do que a situação de deslocamento forçado, incluindo também outras categorias de violência, como sequestros ou estupro, mas que sem dúvida se aplica para a situação da maioria dos exilados forçados. A forma de cada pessoa reagir ao ocorrido, porém, será diferente de indivíduo para indivíduo.

Um estudo feito na Alemanha entre refugiados ali abrigados, publicado em 2015 na revista *Molecular Psychiatry*, constatou que quase metade deles sofria de TEPT, enquanto que 13% deles apresentavam transtornos de ajustamento.¹⁴⁴

Clinicamente, os sintomas do TEPT se caracterizam em três grupos, como apresentado por Câmara Filho e Sougey¹⁴⁵:

1. reexperiência traumática - apesar de ter ocorrido no passado o indivíduo com TEPT revive continuamente o ocorrido, experimentando a revivência como se estivesse ocorrendo no presente.
2. esquiva e distanciamento emocional – na busca de tentar evitar os sofrimentos das reexperiências, a pessoa se põe a evitar pensamentos, sentimentos, conversas, situações e atividades que possam se associar ao trauma.
3. hiperexcitabilidade psíquica – um leque de várias reações de hiperexcitabilidade do sistema nervoso central e autonômico, que pode incluir hipervigilância, taquicardia, sudorese, insônia, explosividade, tonturas. etc.

¹⁴² Material informativo produzido pelo Hospital Israelita Albert Einstein. Disponível em: <<https://g.co/kgs/yngF4Y>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

¹⁴³ CÂMARA FILHO, J.; SOUGEY, E. Estresse Pós-Traumático. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 23(4), p. 221-228, 2001.

¹⁴⁴ CLAY, Rebecca. In Search of Hope and Home. **American Psychology Association Journal**, v. 48, n. 1, January 2017, p. 34.

¹⁴⁵ CÂMARA FILHO; SOUGEY, 2001, p. 222-224.

Segundo as orientações da OMS/ACNUR, considera-se a possibilidade de diagnosticar TEPT se esses três sintomas ainda persistirem passado um mês do evento traumático¹⁴⁶. O tratamento indicado para TEPT conjuga psicoterapia e medicação, e também pode se beneficiar com técnicas de relaxamento e anti-stress¹⁴⁷, além de técnicas como o EMDR¹⁴⁸.

Em suas orientações para apoio psicossocial de saúde mental em emergências humanitárias, a IASC prescreve que, em casos excepcionais de estresse agudo e grave, a pessoa precisará de tratamento clínico, se possível por profissional adequadamente treinado. A IASC considera que tem sido exagerada a prescrição de benzodiazepina na maioria das emergências.¹⁴⁹ Ela ressalta que geralmente o estresse agudo diminui naturalmente com o tempo, mas eventualmente pode se seguir um quadro crônico, inclusive o TEPT, o que, em caso grave, requer o tratamento de especialista treinado; mas sempre que possível é recomendado que o apoio venha de profissionais da comunidade, treinados e supervisionados.¹⁵⁰

Contudo, o diagnóstico preciso não é simples, e a amplidão dos sintomas, que se sobrepõem a outros transtornos, se espelha na grande incidência de comorbidades (coexistência com outros transtornos psiquiátricos).¹⁵¹ Assim, uma abordagem que vise identificar e tratar o TEPT em meio a uma grande população não parece ser a mais apropriada. Seu tratamento é válido, e indicado para vários casos; contudo, para nossos propósitos de identificar auxílio a comunidades de deslocados forçados, sentimos necessidade de buscar ainda uma especificidade maior, que ao mesmo tempo tivesse espectro mais amplo.

¹⁴⁶ WHO, 2015, p. 28.

¹⁴⁷ O guia para intervenções de saúde mental da OMS/ACNUR (*mhGAP*) é bastante recomendável para voluntários e profissionais que prestem serviços nessa área. Disponível (em inglês) em: <https://www.who.int/mental_health/publications/mhgap_hig/en/>. Acesso em: 21 mai. 2019.

¹⁴⁸ Eye Movement Desensitization and Reprocessing, (Dessensibilização por movimento dos olhos e reprocessamento). Técnica originada na Califórnia (EUA) nos anos 80.

¹⁴⁹ IASC, 2007, p. 120.

¹⁵⁰ IASC, 2007, p. 121.

¹⁵¹ CÂMARA FILHO; SOUGEY, 2001, p. 225.

3.2.2 Famílias: promovendo resiliência

O livro de orientações para cuidado psicológico a refugiados no Reino Unido considera que “a família, com todas suas formas e estruturas diferentes, é a unidade mais importante para potencialmente propiciar aos seres humanos as melhores condições para se desenvolverem positivamente.”¹⁵²

Segundo a psicóloga Froma Walsh¹⁵³, do Chicago Center for Family Help, é crucial ir além do indivíduo traumatizado, porque o trauma do indivíduo reverbera em toda a família. O foco deles é lançado sobre as forças que capacitam pessoas a resistir e superar o trauma, e o fazem conectando-se com os recursos naturais para resiliência na família.¹⁵⁴

Steve Waine, Froma Walsh e mais colegas desenvolveram o programa *Coffee and family education and support* (CAFES), dirigido a famílias de refugiados da Bósnia, após o genocídio havido na antiga Iugoslávia. A razão para essa iniciativa foi a descoberta de que os refugiados de Bósnia e Kosovo não estavam fazendo uso dos serviços psicológicos disponíveis, apesarem de terem necessidade desse apoio. A estratégia de focar na família, como um meio caminho entre o indivíduo e a comunidade, foi bem acolhida.¹⁵⁵ Três fatores contribuíram para esse sucesso: as intervenções aconteciam em locais como lojas e cafés, para onde as famílias não tinham constrangimento de ir; era evitado um linguajar “de doença”, e, em vez de escolher o membro da família com maiores dificuldades, a ênfase foi colocada nas contribuições positivas e no apoio natural, reconhecendo que o trauma era uma experiência comum a todos. Do apoio a refugiados o trabalho evoluiu para o treinamento de facilitadores no próprio Kosovo.¹⁵⁶

Contudo, situações como aquela que afetou o reino de Judá pedem um trabalho de alcance ainda maior do que as famílias, e alguns psicoterapeutas sociais têm produzido boas práticas também nessa área.

¹⁵² BPS. **Guidelines for psychologists working with refugees and asylum seekers in the UK: Extended version**. Leicester: The British Psychological Society, 2018, p. 43.

¹⁵³ Autora, entre outros livros, de **Fortalecendo a Resiliência Familiar** (São Paulo: Editora Roca, 2009. 314 p.) e **Processos normativos da família** (Porto Alegre: Artmed Editora, 2016. 608 p.).

¹⁵⁴ CLAY, 2017, p. 36.

¹⁵⁵ PEARLMAN, Laurie Ann. Restoring Self in Community: Collective Approaches to Psychological Trauma after Genocide. **Journal of Social Issues**. Washington, DC: The Society for Psychological Study of Social Issues, v. 69, n. 1, p. 111-124, 2013, p. 111.

¹⁵⁶ CLAY, 2017, p. 37.

3.2.3 Populações: a estrutura “RICH”

Ao lidar, em 1999, com vítimas de violência em massa em Ruanda, os terapeutas Laurie Ann Pearlman e Erwin Staub perceberam condições de aplicar a teoria construtivista de auto desenvolvimento, e dentro dela o seu modelo de abordagem “RICH” como base para trabalhar com traumas entre a população, após o genocídio que aconteceu naquele país. A abordagem “RICH” é uma filosofia de tratamento, e provém de um currículo de treinamento para lidar com traumas, chamado “Risking Connections” (Arriscando Conexões), e tinha sido originalmente desenvolvida para ajudar individualmente pessoas que passaram por abuso sexual e abandono na infância. O acrônimo RICH (“rico”, em inglês) relaciona os elementos essenciais para a recuperação: **R**espeito, **I**nformação, **C**onexão (que em português se traduziria melhor por “Vínculo”), e **E**sperança (**H**ope, em inglês)¹⁵⁷. A premissa subjacente é que, para se recuperar de um trauma é necessário haver relacionamentos que contenham essas quatro premissas.¹⁵⁸

Mesmo visando a recuperação de indivíduos de um trauma, a abordagem foi mais comunitária do que clínica, no sentido de trabalho com grupos que pode contribuir para a recuperação de indivíduos e comunidades.¹⁵⁹ Este enfoque de “recuperação coletiva” parece se aproximar mais do que aconteceu com os sobreviventes judaítas na época de Jeremias, porque além do auxílio a indivíduos, ele visa também promover resiliência e reengajamento comunitários – portanto, difere inclusive da terapia em grupos. Como descreve Pearlman:

isso pode ser feito melhor através de processos embasados na população, tais como educação pública, fóruns comunitários, cerimônias e rituais de grande escala, programas baseados em instituições (e.g. ambientados em comunidades de fé, escolas, e lugares de trabalho), e na mídia¹⁶⁰.

Pearlman focou seu trabalho num ambiente pós-genocídio em Ruanda, o que embora não correspondendo exatamente ao acontecido no exílio judaíta, foi sem dúvida um dos elementos – talvez o mais traumático – ocorridos durante a conquista militar de Judá e Jerusalém por Nabucodonosor, como bem descrevem

¹⁵⁷ Para maior impacto do acrônimo em português, sugerimos a possibilidade de utilizar a sigla “VIRE: Vínculo, Informação, Respeito, Esperança”.

¹⁵⁸ PEARLMAN, 2013, p. 114.

¹⁵⁹ PEARLMAN, 2013, p. 111.

¹⁶⁰ PEARLMAN, 2013, p. 112.

várias das profecias de Jeremias (p. ex. Jr 14.15 “*O povo... será lançado nas ruas de Jerusalém, por causa da fome e da guerra. Não haverá quem os sepulte.*” e 15.9: “*Os sobreviventes, eu os entregarei à espada, diante dos seus inimigos, diz o Senhor*”). A Teoria Construtivista de Autodesenvolvimento descreve várias áreas do eu que podem ser atingidas por violência e vitimização, como recursos do ego, necessidades psicológicas (segurança, confiança, estima, intimidade e controle), esquemas cognitivos, estruturas de referência (identidade, visão de mundo, espiritualidade), além de corpo e mente.¹⁶¹ Mas essa visão mais social do construtivismo enfatiza que o contexto sócio cultural onde as reações ao trauma acontecem é parte importante para o desenvolvimento do indivíduo, tanto no processo de luto quanto no de recuperação.¹⁶² No contexto de Jeremias observamos esse aspecto presente nos vários lamentos (vide abaixo, “Abordagem da espiritualidade”) e também nas celebrações litúrgicas.

Para melhor caracterizarmos como na prática essa filosofia se traduz, Pearlman desdobra os quatro termos em exemplos de seus significados:

Respeito: entendido no sentido amplo, pode incluir, por exemplo: o reconhecimento por outros da injustiça da violência praticada e dos danos causados (o que cuida de necessidades de estima); justiça – ao reconhecer formalmente responsabilidade por erros cometidos, a justiça demanda respeito para com os sobreviventes, dessa forma legitimando a visão de mundo deles; ação (por incluir a voz do grupo vitimizado nos processos de justiça e restauração material e psicológica), e restituição (devolver propriedades a seus donos ou conceder compensação para as vítimas).¹⁶³

Na Informação estarão incluídos, por um lado, fatos sobre o que aconteceu, como e por quê, efeitos potenciais da violência e as consequências que se pode esperar do ocorrido; por outro lado, também são considerados informação a indicação de caminhos de cura, modos de ajudar, indicações para encontrar bons materiais e recursos sociais (assistência para recuperação de traumas, oportunidades existentes na comunidade para reconstruir a sociedade civil). A informação serve para confirmar ou corrigir nossos juízos (um recurso do ego), e

¹⁶¹ PEARLMAN, 2013, p. 113.

¹⁶² PEARLMAN, 2013, p. 113.

¹⁶³ PEARLMAN, 2013, p. 114. *Respect, broadly construed, could include, for example, acknowledgement by others of the injustice of the violence and its damage (addressing esteem needs), justice (through formally acknowledging responsibility for wrongdoing, justice demands respect for survivors, thereby addressing their disrupted world view), agency (by including the voice of the victim group in material and psychological recovery and justice processes), and restitution (such as restoring property to its owners or providing victim compensation (tradução nossa).*

pode desenvolver autoconfiança, segurança física e psicológica, e capacitar a pessoa ou grupo a tomar decisões de forma mais consciente.¹⁶⁴

Pearlman descreve assim o que entende por conexão (que sugerimos traduzir por “vínculo”):

A Conexão assume as formas intra e interpessoal: reconhecendo para consigo mesmo o que aconteceu (as perdas e também nosso comportamento durante a violência e suas consequências, o que fomenta autoestima e visão de mundo), conectando com a experiência (lembrando do que aconteceu e falando sobre isso enquanto se sente as emoções, o que fomenta a tolerância com afetos), conectando-se com a comunidade mais ampla (reparando fissuras entre sobreviventes, infligidores e os que assistiram, o que auxilia na necessidade de intimidade), reestabelecendo a comunidade (auxilia nas necessidades de segurança e intimidade), e recebendo apoio e validação de outros (auxilia na autoestima prejudicada).¹⁶⁵

Já a esperança provém conjuntamente das dimensões do respeito, da informação e da conexão, e se relaciona com desenvolver uma vida que valha a pena ser vivida, investir no futuro, e contribuir para o bem-estar de outros, de modo a criar ou encontrar o sentido da vida – para esse fim, Pearlman indica a obra de Viktor Frankl. A esperança, restaurada através do sentido da vida, serve de antídoto para a espiritualidade danificada.¹⁶⁶

Relacionamentos que contenham esses quatro fatores essenciais têm colaborado para reconstruir vários aspectos estruturais e também relacionais das pessoas. Existem outras estratégias, também muito boas, que têm sido empregadas com sucesso em diferentes partes do mundo para situações de violência grupal. Como não poderia deixar de ser, as situações trazem grandes complexidades, mas a criatividade humana também é grandemente diversa, e diferentes abordagens psicológicas e sociais podem ajudar muito, para muito além do nosso escopo. Atitudes como as do enfoque RICH sempre serão benfazejas, e a riqueza do acesso a várias experiências, enormemente facilitada pelo uso da língua inglesa para

¹⁶⁴ PEARLMAN, 2013, p. 114.

¹⁶⁵ PEARLMAN, 2013, p. 114-115. *Connection takes both intrapersonal and interpersonal forms: acknowledging to oneself what happened (losses as well as one's behaviors during the violence and their consequences, addressing self-worth and world view), connecting with experience (remembering and talking about what happened while feeling the emotions, addressing affect tolerance), connecting with the greater community (repairing rifts among survivors, harm doers, and bystanders, addressing intimacy needs), re-establishing community (addressing security and intimacy needs), and receiving support and validation from others (addressing disrupted self-esteem)* (tradução nossa).

¹⁶⁶ PEARLMAN, 2013, p. 115.

posteriores traduções pelos canais das Nações Unidas, amplia exponencialmente as possibilidades de auxílio¹⁶⁷.

Termino este segmento, da abordagem RICH a populações traumatizadas, citando algumas das conclusões extraídas de um projeto piloto administrado na década passada em três nações africanas (Ruanda, Burundi e República Democrática do Congo). Este foi um projeto de educação pública que utilizou novelas radiofônicas com o objetivo de tentar coibir que traumas não tratados viessem a provocar uma realimentação do ciclo de perpetração de violência grupal:

- Trauma não é loucura – ele pode ser compreendido.
- Muitas pessoas traumatizadas conseguem tocar adequadamente suas vidas cotidianas.
- A cura é um processo longo e lento, que pode ser auxiliado pelos relacionamentos “RICH” (com Respeito, Informação, Conexão e Esperança).
- É importante partilhar a sua história de trauma. Esse processo é mais construtivo quando a pessoa que partilha sua história controla o que, como, quando e com quem a partilha, e quando os outros ouvem com empatia.
- Pessoas que sofreram perdas traumáticas precisam lamentar essas perdas. Cerimônias, celebrações, rituais comunitários e testemunhos que conectem as pessoas umas às outras, ao passado e ao futuro podem oportunizar essa lamentação e promover a recuperação.
- A re-traumatização é menos provável com um preparo prévio para situações que lembrarão das experiências traumáticas, com apoio durante esses encontros, e com discussão posterior sobre como foi o fato de encontrar essas lembranças.
- Vizinhos podem ajudar seus vizinhos a serem restaurados, por ouvirem com empatia, demonstrarem tolerância e compaixão, respeitando e não julgando as experiências de outros, criando cerimônias conjuntas e convidando os vizinhos a participarem de atividades cotidianas.¹⁶⁸

¹⁶⁷ Outras abordagens já desenvolvidas aqui no Brasil dão sinais de ter um potencial bastante promissor de auxiliar no tratamento de comunidades afetadas por tragédias. Entre elas, a Terapia Comunitária, de Adalberto Barreto e a Terapia Sócio-Comunitária, da Dra. Fátima Fontes.

¹⁶⁸ PEARLMAN, 2017, p. 118-119. *Trauma is not madness. It can be understood. / Many traumatized people function adequately in their daily lives. / Healing is a long, slow process that can be facilitated by RICH relationships (Respect, Information, Connection, and Hope). / It is important to share one's trauma story. This process is most constructive when the person who is sharing the story controls what, how, when, and with whom s/he shares it, and when others listen with empathy. / People who have suffered traumatic losses must mourn those losses. Ceremonies, commemorations, community rituals, and testimonial that connect people to each other, to the past, and to the future can support this mourning and promote recovery. / Retraumatization is less likely with preparation for encountering reminders of traumatic experiences, support during those encounters, and discussion afterward of what it was like to encounter reminders. / Neighbors can help neighbors heal by empathic listening and demonstrating compassion and tolerance, respecting and not judging others' experiences, creating ceremonies together, and inviting neighbors into daily activities* (tradução nossa).

3.3 A abordagem da espiritualidade aos exilados: tragédias com Deus

Em termos de práticas e relacionamentos humanos, pode não haver muita diferença entre as abordagens psicológicas e as abordagens da espiritualidade¹⁶⁹. A diferença principal que queremos abordar aqui sob o título de “espiritualidade” é algo que aconteceu com o próprio Jeremias e seus poucos apoiadores, e gradativamente passou a incluir também os demais israelitas sobreviventes no exílio babilônico: o cultivo de uma vida na qual um Deus pessoal participe ativamente, como soberano sobre a nossa história pessoal e coletiva. Esse cultivo também pode ocorrer em várias formas: orações, meditações, leituras, retiros, engajamentos, cursos, etc., via de regra por iniciativa individual, mas que pode se desenvolver também em grupos e comunidades.

Para esta parte do trabalho adotaremos como fio condutor principal os relatos e conteúdos da Bíblia ligados à vivência do exílio, especialmente a abordagem terapêutica dos quadros temáticos da *Bíblia de Estudo Conselheira* que acompanham o contexto de Jeremias e outros livros bíblicos que tratam daquele período.

A *Bíblia de Estudo Conselheira*¹⁷⁰ é um trabalho provavelmente único no mundo, em que uma equipe de 18 profissionais da saúde mental se dedica a comentar os textos da Bíblia inteira, com um enfoque que privilegia os aspectos terapêuticos da mensagem bíblica. É, portanto, um esforço contemporâneo, de integrar a formação psicológica e psiquiátrica atual com a espiritualidade, em torno dos textos bíblicos. Em sua proposição, é um trabalho paralelo ao que tentamos promover nesta tese, pois integra as mesmas três áreas aqui abordadas: Bíblia, psicologia e espiritualidade. Para nossos fins, procuraremos extrair os conteúdos que promovam uma interação entre os contextos da época dos exilados israelitas e a abordagem psicoteológica da atualidade, em busca de serventia para tragédias atuais.

¹⁶⁹ Um texto resumido que descreve de boa maneira o que acontece na vida de famílias que são deslocadas para viver em outro país se encontra num quadro da Bíblia Conselheira, intitulado: “Consequências psicossociais da vida em outro país”.

¹⁷⁰ Neste capítulo em especial fazemos uso de textos produzidos e/ou editados por nós mesmos, neste mesmo período, para a Bíblia Conselheira. Vide também nota para o item 2.1.4 O homem endurecido.

Conforme o livro bíblico de Deuteronômio deixa bem claro, na vigência da aliança da Lei a confiança em Deus e consequente obediência a suas instruções produzia bênçãos e prosperidade nesta existência terrena, e seu contraponto – a desconfiança e consequente desobediência – trazia inevitavelmente castigos e sofrimentos¹⁷¹. Esta é a visão de mundo também do livro de Jeremias e, portanto, toda a tragédia judaíta só poderia ser compreendida como sendo um castigo (“juízo”) de Deus sobre seu povo (por exemplo, no poema de Jr 8.4 até 9.11). Ainda assim, conforme veremos no Livro das Consolações, esse castigo de alguma forma ainda está relacionado com uma atitude de amor da parte de Deus (por exemplo, Jr 31.3-4: “Com amor eterno eu a amei; por isso, com bondade a atraí. Eu a edificarei de novo,...”). Visto dessa forma, podemos entender que o castigo indicaria que Deus se importava com seu povo a ponto de não abandoná-lo em definitivo à própria sorte e, portanto, não se conformaria com tantos erros e maldades e se empenharia em forçar uma mudança de conduta nos seus filhos (Jr 9.7).

Para justificar a sequência temática que adotaremos, convém lembrar que estes processos são fortemente carregados com emoções, e que estas são caracteristicamente não lineares em seu curso, com alternâncias de humor e grandes variações ao longo do tempo. Contudo, para termos uma linha mestra neste percurso de espiritualidade em Jeremias e no restante dos livros do contexto do exílio, procuramos seguir o que parece ter sido a sequência majoritária de atitudes por parte dessa comunidade judaíta: começamos pelo estágio do lamento, e exploramo-lo um tanto mais, porque se nos parece bastante em falta em nossa cultura ocidental. Seguimos lembrando dos cultos litúrgicos, que de certa forma constituem um segundo passo de elaboração do lamento, já incluindo uma promessa de intervenção divina. Em busca de maior significado e da ampliação da conscientização daí decorrente, percorremos a percepção de que o sofrimento participa dessa busca (ou encontro) de salvação; ao mesmo tempo, já não é mais necessário alienar-se de perceber causas do castigo infligido, o que abre uma perspectiva crítica à política então praticada na nação. Continuando pelo caminho de sofrimento e salvação, chegamos ao coração – e aqui já se pode começar a integrar nosso objeto principal da pesquisa, a profecia da Nova Aliança. O estágio seguinte já implica no que pode ser um início de cumprimento da profecia, materializado pelo

¹⁷¹ Por exemplo, Dt capítulos 27 e 28.

retorno dos exilados e pelos seus esforços para reconstrução. Para esses esforços trazerem frutos, chega a hora de pôr um limite ao choro e lamento, como que num voltar a visão do passado para o futuro. E esses esforços de reconstrução atingem não somente a realidade física e concreta daquela sociedade, mas também servem de modelo para a igualmente destroçada realidade emocional das pessoas, numa ponte que ainda hoje pode trazer ensinamentos úteis.

Uma vez acontecido o exílio, o que se poderia fazer em relação a obter alguma ajuda da parte de Deus? A primeira atitude nessas condições pode parecer estranha para nossa cultura ocidental, mas é frequente na palavra de Deus: o exercício do lamento.

3.3.1 Os lamentos

Lamenta-se algo trágico que aconteceu, geralmente logo ao se saber do ocorrido. No caso de Jeremias, o primeiro evento trágico a lhe tocar pessoalmente foi a inesperada morte do rei Josias, que provavelmente fosse uma espécie de herói para o profeta:

3.3.1.1 Por Josias

Em 609 a.C. o grande rei Josias estava certo de que cumpria um papel de bom rei perante Deus. Ele havia restaurado o Templo, que houvera sido maltratado por muitas décadas; ele havia promovido uma reforma religiosa em Judá, seguindo as instruções do livro da Lei recém encontrado (provavelmente um núcleo do livro de Deuteronômio); ele estava sendo abençoado na reconquista de boa parte do território do antigo Reino de Israel, ao norte, e promovia também entre aquele povo o retorno a Javé. Ele promoveu a maior celebração da Páscoa da história de Israel (2Rs 22 e 23).

Foi então que o Faraó Neco saiu em socorro da Assíria e para tanto precisou passar pelo território israelita. Josias saiu-lhe ao encontro, já no antigo território do Reino do Norte, no vale de Jezreel. Josias não fez caso dos avisos de Neco de que esta não era a sua guerra. O cronista, ao comentar o ocorrido tempos depois, diz

que Neco falava “da parte de Deus” a Josias (2Cr 35.21-22), mas o rei judaíta não lhe deu ouvidos e entrou em batalha. Morreu no primeiro embate.

Para o ainda jovem Jeremias, um rei tão bom morrer assim foi uma tragédia. Jeremias compôs um hino de lamento, que se tornou um grande “sucesso” entre os israelitas (2 Cr 35.25), entrando para o hinário nacional. O mesmo Jeremias, anos depois quando defrontado com a certeza de um terrível castigo para Judá, expressa poeticamente sua tristeza, de uma forma que o sentimento parece ser também o sentimento de Deus: *“Ah! Se eu pudesse consolar-me na minha tristeza! O meu coração desfalece dentro de mim.”* (Jr 8.18).

3.3.1.2 Das mulheres carpideiras

Na sequência desse mesmo poema, no capítulo 9, a poesia de Jeremias traz:

¹⁷Assim diz o Senhor dos Exércitos:
“Considerem e chamem carpideiras,
para que venham;
mandem procurar mulheres hábeis,
para que venham.

¹⁸Que elas se apressem
e levantem sobre nós
o seu lamento,
para que os nossos olhos
se desfaçam em lágrimas,
e as nossas pálpebras
destilem água [...]

²⁰Portanto, mulheres,
escutem a palavra do Senhor [...]
Ensinem às suas filhas
um canto fúnebre;
que cada uma ensine
à sua companheira
uma lamentação.

²¹Porque a morte subiu
pelas nossas janelas
e entrou em nossos palácios;
exterminou as crianças nas ruas
e os jovens nas praças.

Ao comentar essa orientação do Senhor para que chamassem mulheres carpideiras e que estas ensinassem as demais a cantar cantos fúnebres, face à conquista e destruição de Jerusalém, a Bíblia Conselheira fala da importância do choro e do lamento:

A capacidade de sentir a tristeza e expressá-la não é exclusiva do sexo feminino, mas é geralmente mais acessada pelas mulheres, especialmente numa atmosfera com esta de guerra, em que a maioria dos homens ou já foram mortos em combate ou estão embrutecidos, treinados a se empenhar totalmente em matar inimigos. Poder expressar tristeza é extremamente importante para a vida humana. O choro é o início do caminho de reconhecimento de nossos limites e falhas; pode ser ainda uma mistura de tristeza e raiva, mas é a porta para o necessário arrependimento e retorno para Deus, a única fonte verdadeira de vida. Atualmente, o choro e o lamento infelizmente quase não têm mais lugar nas reuniões do povo de Deus, pois nossa cultura triunfalista tenta nos levar a esquecer rapidamente as derrotas, eliminando assim o que provavelmente seria nossa maior possibilidade de aprendizagem e crescimento. Possivelmente uma das mais importantes funções do juízo ou castigo divino seja nos ajudar a recuperar a capacidade de chorar. Jesus ensinaria, séculos depois de Jeremias: “Felizes os que choram” (Mt 5.4).¹⁷²

3.3.1.3 De Ezequiel

Enquanto Jeremias anunciava e alertava a população de Jerusalém, seu contemporâneo profeta Ezequiel era também orientado por Deus em seu trabalho junto ao outro grupo – na linguagem jeremiânica, o “cesto de figos bons” – que já se encontrava no exílio (Jr 24). Ezequiel foi orientado a compor um lamento sobre os líderes políticos de Israel (Ez 19.1). A composição os compara a leõezinhos, e também a galhos de videira arrancada de terra fértil e plantada na secura do deserto (Ez 19.10-13). Ao que comenta a Bíblia Conselheira:

Depois da arte teatral, a arte musical. Geralmente pensamos na palavra de Deus como algo escrito, lido ou proclamado. Mas Deus orienta seu sacerdote-profeta a compor uma canção, numa melodia triste, de lamento. A música, bem como outras formas de arte, pode nos ajudar a ter contato com realidades necessárias, que fazem muita falta em nosso ambiente cheio de discursos. Vários mestres enfatizam o impacto maior que causa em nós mesmos o falarmos a Palavra em voz alta. Ao cantar um lamento, confirmamos, confessamos e assimilamos o fracasso em que nos colocamos tantas vezes, por estarmos distantes dos caminhos de Deus para a nossa vida. Ao cantarmos em voz alta todo o nosso ser entra em ação, e não somente o cérebro: respirar, colocarmo-nos de pé, afinar as notas, seguir um ritmo comum. Assim, nossas percepções nos revelam o descompasso em que andamos com a realidade da vida. Cantar nos ajuda a buscar o retorno ao Pai da criação.¹⁷³

¹⁷² KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1198.

¹⁷³ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1318.

3.3.1.4 Dos escravos

Como age o lamento em nosso ser? Uma outra cultura que os pratica pode nos fornecer a resposta: ele parece ser uma elaboração a partir dos gemidos. Ao refletir sobre o triste período de tráfico de escravos africanos para as Américas dos anos 1500 até quase 1900 d.C., Barbara Holmes comenta como os gemidos e lamentos, independentemente de religiões, serviam para estabelecer naquele ambiente tétrico o que era possível de conexão com Deus:

O único som que poderia transportar os africanos pelas águas amargas [para as Américas] é o lamento/gemido. Lamentos fluíam através de cada corpo destroçado e atraíam cada alma para o centro de contemplação... Pode-se imaginar o Espírito gemendo enquanto pairava sobre o abismo durante o relato do Gênesis da criação (Gn 1.2). Aqui, o gemido costura o terror com instintos de sobrevivência para uma narrativa de criação... Nos navios negreiros, o lamento/gemido se torna a linguagem de estrangeiros roubados, o som de temores inexpressáveis, o precursor de uma alegria ainda desconhecida. O lamento/gemido é o som de dar a luz, o primeiro movimento em direção a uma resposta criativa à opressão, a entrada da contemplação para o coração, através do cadinho de fundição da crise.¹⁷⁴

A autora, portanto, percebe relação entre a grande alegria e emotividade típica das igrejas afro-americanas com aquela sua passagem, no passado, por tão terrível situação, que faz paralelo aos horrores da matança dos judaítas e exílio escravo dos sobreviventes.

3.3.1.5 No livro de Lamentações

A destruição de Jerusalém deu também origem ao livro bíblico de *Lamentações*, que desde a tradução grega Septuaginta tem sido atribuído ao profeta Jeremias (embora isso não esteja afirmado no texto hebraico). Na organização cristã dos livros da Bíblia ele é colocado logo após o livro de Jeremias.

¹⁷⁴ HOLMES, 2017 apud ROHR, Richard. **Crisis Contemplation**. Albuquerque: Center for Action and Contemplation, September 21, 2018. Disponível em: <https://cac.org/crisis-contemplation-2018-09-21/>. Acesso em: 20 abr. 2019. *The only sound that would carry Africans over the bitter waters was the moan. Moans flowed through each wracked body and drew each soul toward the center of contemplation. [...] One imagines the Spirit moaning as it hovered over the deep during the Genesis account of creation [Genesis 1:2]. Here, the moan stitches horror and survival instincts into a creation narrative. [...] On the slave ships, the moan became the language of stolen strangers, the sound of unspeakable fears, the precursor to joy yet unknown. The moan is the birthing sound, the first movement toward a creative response to oppression, the entry into the heart of contemplation through the crucible of crisis* (tradução nossa).

Lamentações, por sinal, é o único livro da Bíblia escrito totalmente em poesia. Cada um dos cinco capítulos do livro é um poema, e os quatro primeiros são também acrósticos (alfabéticos, pelo início de cada verso), sendo que no terceiro capítulo são 3 versículos para cada letra do alfabeto. Neles estão descritos os dramas e as dores da vida no exílio e da vida numa Jerusalém dominada e destruída.

O que podemos aprender com isso? Que a tragédia precisa ser chorada; que os fortes sentimentos são melhor elaborados e expressos pela arte – certamente todas as formas de arte serão úteis: musicais, dramáticas, cênicas, verbais, etc. Que essa expressão artística merece ser bem trabalhada (como são os poemas acrósticos), ou seja, é algo que precisa de bastante tempo e bastante dedicação, numa espécie de arte-terapia intensiva e extensiva. E que o resultado desse trabalho merece ser preservado, como memorial de algo triste que foi expresso de modo belo, pois será útil também em momentos futuros, inclusive para outras pessoas e outras gerações. Abordamos essa temática também nos quadros explicativos da Bíblia Conselheira que acompanham o livro de Lamentações, procurando fazer uma atualização dessas lições:

Todos estamos sujeitos a adversidades repentinas e também a passar por crises imprevisíveis. Tragédias se abatem sobre famílias e comunidades. Milhões de pessoas anualmente são alcançadas por desastres naturais ou tecnológicos, ou por ações terroristas de grande magnitude. Quando acontece a destruição ou paralisação das bases da existência de uma comunidade ou de uma nação, estamos diante do colapso. Se o caos perdurar muito tempo, em condições precaríssimas, acirra-se a luta pela sobrevivência e, então, o pior e o melhor das pessoas podem emergir... Muitos sofrem devido a rupturas conjugais, violência familiar, revezes profissionais, por deficiências físicas e doenças crônicas. Governos corruptos e tirânicos impõem carências e terror a grandes populações. Muitas pessoas nunca conheceram um dia de liberdade, de reconhecimento ou mesmo de afeto! ...As Escrituras apontam o pecado ou maldade como o fator desencadeador da desordem em todos os âmbitos da criação, especialmente na sociedade humana (Gn 3; Rm 1). Daí ser inevitável a perplexidade, a dor espiritual e emocional, e o necessário lamento. Porém, nem toda forma de lamentação traz melhorias; a pessoa pode simplesmente ficar no ressentimento, regredir emocionalmente, culpar o cônjuge ou as circunstâncias e agir destrutivamente. As Escrituras nos chamam à maturidade, a encarar também nossas próprias atitudes e responsabilidades (Gn 4.6-10). ...Nossas necessidades reais e anseios legítimos terão acolhida em Deus; Jesus disse que todos os que estão cansados e oprimidos poderiam chegar a ele para serem aliviados (Mt 11.28). O lamento faz parte do luto. O propósito do choro no luto é fechar um estágio na vida, uma vivência que chegou ao seu fim; é concluir um capítulo, para então poder continuar em outro. Lamentos profundos e conscientes libertam e propulsionam para etapas à frente, quando o ser humano assume sua

própria responsabilidade e coparticipação no processo, juntamente com Deus.¹⁷⁵

Outro quadro destaca um efeito da prática elaborada dos lamentos. Como as profecias de Jeremias deixaram bem claro, era Deus quem estava por trás da invasão babilônica e da destruição por ela causada. Ao chorar e gemer perante esse mesmo Deus, o contato foi reestabelecido, agora em bases mais promissoras. O título deste quadro é “Reconstrução nos dramas pessoais”:

O livro de Lamentações traz poemas que foram um excepcional meio de comunicação ao fundo do coração das pessoas, levando-as para o centro da questão: o contínuo afastamento de Deus, a tragédia nacional, a humilhação e o desterro (Lm 1.7-8). Essa conscientização a partir dos sentimentos os aproximaria da compaixão de Deus, que é a única forma de salvação (Lm 3.31-32). Vivemos numa época em que exílios e migrações são tristemente comuns. Sujeitos que somos a imprevistos de toda ordem como adoecimento, perda de pessoas queridas, do trabalho e moradia, nós também podemos aprender com a experiência dos exilados. O processo de retomada de um bom ritmo da vida após longas paralisias devido a derrocadas emocionais, vazio espiritual, tragédias e luto requer escuta da Palavra do criador que recria e nos desperta da letargia, mobilizando nossos desejos e sonhos (Lm 3.21-24). Ao fazer uma relação de danos e perdas, considere a possibilidade de admitir-se implicado. Com o reconhecimento dos descaminhos, as súplicas se voltam para a misericórdia de Deus (Lm 3.32; 5.21). Esta nos acompanhará, salvadoramente, um dia após o outro (Lm 3.22-23).¹⁷⁶

De dentro do exercício das lamentações, começamos a perceber sinais de bons caminhos. No seu capítulo central que, tal como vimos em Jeremias, traz o cerne teológico do livro, vemos a disposição da pessoa que lamenta em aplicar uma melhor seletividade à memória, que indica uma mudança de tendência em curso: “*Quero trazer à memória o que pode me dar esperança*” (Lm 3.21). Este verso originou um quadro explicativo na Bíblia Conselheira:

Nossa memória funciona como um registro do que vivenciamos, sentimos e entendemos em nossa vida. Podemos acessar nosso passado voluntariamente através de conversas, pesquisas, fotos, leituras e, involuntariamente, quando sonhamos. Como o DNA, a memória contém as informações que nos deram forma como pessoa única, irrepetível e singular. Nosso cérebro conserva as experiências de nossa caminhada existencial, fatos biográficos, emoções, ideias e desejos. Sendo um depósito com boas e más experiências de todas as etapas da vida, um acesso positivo da memória poderá nos ajudar a nos afastarmos da fixação prolongada em fatos dolorosos e traumáticos. Permanecer fixado no traumático nos enlaça na depressão, autocompaixão e uma vida sem sentidos, ao mesmo tempo em que pode alimentar uma atitude rancorosa contra pessoas e até mesmo nos lançar em busca cega de vingança. Em contraste com alguém com o

¹⁷⁵ KEPLER, K. (Ed.); MIRANDA, J. (Org.); LISBOA, A. et al., 2019, p. 1276.

¹⁷⁶ KEPLER; MIRANDA et al., 2019, p. 1286.

Mal de Alzheimer ou com Síndrome de Parkinson, que sofre falha na memória de acontecimentos recentes, a pessoa depressiva se fixa no presente disfuncional e desconfortável. Este presente difícil reitera e lança sua sombra sobre tudo; assim, a pessoa não desfruta de outras passagens bem vividas de sua vida. Um bom auxílio para sair do ciclo depressivo e transcender o desespero é direcionar o pensamento e ativar a memória para uma dimensão temporal mais ampla do que a experiência traumática ou do luto, incluindo a recordação das boas coisas e do que ainda é saudável. Outro fator de auxílio é fazer um balanço existencial, percebendo nossos reais valores na vida e que sentidos a nossa vida tem. Portanto, entre o desespero e a esperança, está a memória, e ela poderá lembrar os valores e sentidos da nossa vida. ... Se nos exercitamos em considerar o que foi bom em nossa história pessoal ou mesmo na história comum, a memória poderá suscitar a esperança.¹⁷⁷

Essa companhia da Palavra de Deus no “fundo do poço” da aflição já estava ativa no exílio, e isso transparecia também nas reuniões da comunidade judaica, especialmente nos seus cultos.

3.3.2 Cultos e rituais litúrgicos

Nelson Kilpp demonstrou, partindo de colocações de Joachim Begrich, que o capítulo 30 de Jeremias engloba ao menos duas passagens que foram utilizadas pelos exilados em suas liturgias de culto. Estas passagens têm estrutura semelhante a alguns dos Salmos, em que o suplicante apresenta suas aflições, ouve do sacerdote um “óraculo de salvação”, e por isso pode desde já louvar o Senhor pela ajuda que receberá. Como exemplo, Kilpp refere a drástica mudança de atitude do salmista no Salmo 22¹⁷⁸, entre os versos 22 e 23 (no português geralmente corresponde aos versos 21 e 22): *“Salva-me da boca do leão e dos chifres dos búfalos; sim, tu me respondes. A meus irmãos declararei o teu nome; no meio da congregação eu te louvarei.”*

Uma das passagens de Jeremias 30 utilizada em cultos de lamentação pela comunidade exilada inicia pelos versos 5-7, ditos na angústia:

“Ouvimos um grito de terror, um grito de medo e não de paz. Perguntem e vejam se um homem pode dar à luz uma criança? Por que, então, vejo todos esses homens com as mãos na cintura, como se fossem uma mulher que está dando à luz? E por que se tornaram pálidos todos os rostos? Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó, mas ele será salvo dela.”

¹⁷⁷ KEPLER; MIRANDA et al., 2019, p. 1282.

¹⁷⁸ KILPP, 2017. p. 119.

Após a representação da angústia (que certamente faz os sobreviventes todos relembrares dos horrores do ataque babilônio a Jerusalém), o sacerdote ministraria o oráculo de salvação, presente nos versos 10-11 do mesmo capítulo:

“Portanto, não tenha medo, meu servo Jacó”, diz o Senhor, “nem se atemorize, ó Israel. Pois eis que eu o livrarei dessa terra distante e salvarei a sua descendência da terra do exílio. Jacó voltará e ficará tranquilo e sossegado; e não haverá quem o atemorize. Porque eu estou com você para salvá-lo”, diz o Senhor.

Uma nova passagem litúrgica acontece, de modo semelhante, nos versos 12 a 15 e 16-17. Desta vez o anúncio de salvação apresenta o exercício da vingança contra os povos que perpetraram o juízo sobre os israelitas, assemelhando-se aos Salmos 79, 83 e 137.¹⁷⁹ Tudo isso reflete naturalmente o processo de “conversão” que acontecia entre os israelitas, forçados pelas próprias experiências a reconhecer que Jeremias estivera falando realmente da parte de Deus o tempo todo e, portanto, que cabia a eles se submeterem ao cuidado de Deus. Assim, Kilpp conclui:

A análise de Jr 30 revelou que, na época do exílio babilônico, depois da concretização ainda que parcial dos anúncios proféticos e, por conseguinte, da confirmação de seu status de palavra divina, as palavras dos profetas podiam ser usadas no processo de superação da situação existencial de desespero, abandono, vazio e dor. Importante momento para superar os traumas teológicos e psicológicos causados pela perda da independência política, destruição da cidade santa e do templo – importantes pilares da identidade religiosa – era o culto. Em especial os cultos de lamentação – bastante frequentes na época do exílio e do pós-exílio (cf. Lm; Zc 7.3; 8.19) – constituíam uma oportunidade de trabalhar essas dores. A simples possibilidade de externar, em conjunto com outras pessoas, as angústias que afligiam indivíduos já constituía um alívio.¹⁸⁰

Podemos imaginar que os cultos de lamentação inspiravam muitos participantes a também desenvolverem seus lamentos e orá-los perante o Senhor. Dessa forma, o processo de correção e reconstrução durante os 70 anos do exílio alcançava um novo patamar. A Bíblia, novamente, vai acompanhando de perto essa evolução.

Da mesma forma, não é difícil compreender que as diversas profecias sobre castigos contra as nações vizinhas (que auxiliaram no ataque e destruição de Jerusalém por Nabucodonosor), presentes em Jeremias (caps 46 a 51) e também em Ezequiel, de certa forma serviram para encaminhar os desejos instintivos de

¹⁷⁹ KILPP, 2013, p. 12.

¹⁸⁰ KILPP, 2013, p. 12.

vingança para uma elaboração emocional e devocional, facilitando a entrega a Deus desse papel. Assim, o “fator Deus” atuaria a serviço da saúde mental também como elaboração e descarga dos impulsos vingativos, tanto quanto as lamentações auxiliaram as pessoas a vivenciar com a devida demora seus sentimentos de dor.¹⁸¹

3.3.3 Acompanhamento dos exilados nos livros bíblicos

Além dos textos de Jeremias (como o Livro das Consolações e a profecia da Nova Aliança), outros livros bíblicos também acompanham a comunidade judaíta em sua “terapia extensiva” por parte de Deus. Destacamos aqui em especial os livros de Ezequiel e de Esdras-Neemias¹⁸². Continuamos nesse acompanhamento nos fazendo valer da abordagem psicoteológica contemporânea da Bíblia de Estudo Conselheira, buscando conjugar um olhar clínico atual com os eventos ocorridos no século VI a.C.

Ao acompanharmos os relatos bíblicos relativos ao drama do exílio babilônico, começamos a constatar que, em meio ao castigo trazido pelo juízo, Deus realmente está operando a salvação. Estamos, naturalmente, beneficiados pela retrospectiva histórica, podendo observar por que caminhos Deus foi levando seu povo até a manifestação de Jesus.

3.3.3.1 No livro de Ezequiel

Ezequiel serve como “profeta paralelo” de Jeremias no trato com a última geração do reino de Judá. Em meio a seu ministério e aos lamentos de seus patrícios, podemos perceber a operação conjunta de juízo e salvação.

¹⁸¹ Um bom exemplo de expressão desses sentimentos vingativos no ambiente de culto a Deus são os Salmos imprecatórios, alguns misturando raiva e lamento, como o Salmo 137. A Bíblia Conselheira traz junto ao Salmo 94 um quadro temático intitulado “Orações vingativas” (p. 937).

¹⁸² A segunda parte de Isaías também traz belas mensagens de consolação aos exilados; fazemos algumas referências a ela ao falar de Jeremias, mas uma exposição mais completa e detalhada está fora de nosso alcance neste trabalho.

3.3.3.1.1 *Salvação no sofrimento: determinando o responsável*

Uma condição fundamental para se começar a sair da posição de apenas vitimizado é identificar o verdadeiro responsável pela tragédia. Isso transparece no capítulo 11, onde este quadro da Bíblia Conselheira é alocado:

Ir para o cativeiro foi provavelmente a pior coisa que podia acontecer aos israelitas. Significava voltar a ser escravo, tal qual foram no Egito. Só que com um agravante: era voltar à condição de escravo depois de ter experimentado a liberdade e a soberania; depois de ter tido experiências gloriosas com Deus, no Êxodo, com Josué, com Davi e Salomão. Equivalia a um enorme carimbo na testa: “reprovado”, “fracassado”, alguém a quem foi dada uma oportunidade de ouro mas que perdeu a chance. Seria como se Deus tivesse passado uma borracha em tudo o que fez, e mandado o povo de volta ao Egito. Portanto, esse texto lida com sofrimento extremo, com vergonha, pois a derrota ficou escancarada para todas as nações vizinhas (que efetivamente se alegraram com ela, e saquearam ainda mais Israel). Essa situação é forte o suficiente para representar quase todo tipo de sofrimento humano. [...] Durante 12 anos, somente o grupo de Ezequiel foi escravizado. A maioria do povo continuou vivendo em Judá, sendo governada por Zedequias. Quando chega uma desgraça, logo surgem manifestações daqueles que não estão diretamente envolvidos na situação. A visão que essas pessoas têm de Deus se mostra tradicional, privilegiando regras e compromissos com instituições. Em nossos dias, seria como aquela preocupação quando a pessoa não é membro de nenhuma igreja. “Eles estão afastados do Senhor” (v. 15) e a desgraça é inevitavelmente vista como sinal de ter perdido o favor de Deus, uma espécie de castigo. A preocupação dos “amigos” não atingidos é revestida do nome de Deus e vem acrescida de um bordão da fé (A nós é que esta terra foi dada como herança). Essa certeza é que cegou os israelitas, levando-os à morte, mais ou menos como no tempo de Jesus os fariseus e o povo que deles aprendia diziam: “somos filhos de Abraão” (Jo 8.39). Não tinham humildade para perceber que Deus estava agindo de modo diferente, baseado em princípios mais elevados, devidamente anunciados em Sua Palavra. Em suma, aqueles considerados desgraçados (isto é, desprezados pela Graça) eram visto como culpados pelo “povo de Deus”.¹⁸³

Estabelecida a caracterização dos dois grupos e de suas autoimagens, o comentário observa como a intervenção divina através do profeta não se submete àquela lógica, e procura prevenir seu leitor de ficar preso ao mesmo estigma:

Aí vem a Palavra de Deus, não para o povo que ficou firme nas suas convicções, mas exatamente para os sofredores. É bom lembrar que os que foram para o cativeiro tinham mais ou menos a mesma compreensão dos que ficaram, que o responsável por essa derrota foi Nabucodonosor, foi o inimigo, talvez até por causa de alguns pessimistas que não ajudaram a combatê-lo (como o profeta Jeremias, que pregava que o povo deveria se entregar para sobreviver), etc. Mas Deus deixa tudo bem mais claro: “eu os tenha espalhado” (v. 16). A primeira compreensão que pode nos auxiliar é: apesar dos inimigos (e isso vale também para principados, potestades e forças espirituais), quem está por trás da nossa desgraça é o próprio Deus.

¹⁸³ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1304.

Jó, que não estava recebendo castigo, sabia disso. Os israelitas, justamente castigados, não o sabiam porque se apegaram a algumas máximas de fé, e não conseguiram ver que era Deus quem estava permitindo ou mesmo causando a desgraça. E isso mesmo que – como no caso de Jó – Satanás estivesse sendo usado para esse fim; ou um Nabucodonosor absolutamente mau, perverso e corrupto. Essa é a boa e a má notícia ao mesmo tempo: por trás do seu sofrimento está o Deus Todo-Poderoso. Quer o sofrimento seja consequência de seus atos (como nesse caso), quer não (como no caso de Jó). Enquanto você não reconhecer essa verdade você irá, como os israelitas que ficaram na Palestina, de encontro ao rolo compressor, “recalcitrando contra agulhões” ou, como dizemos, “dando murro em ponta de faca”. Algumas vezes, portanto, os “derrotistas” estarão absolutamente certos, e um otimismo em nome de Jesus nada mais será do que um esforço humano de pensamento positivo, que até pode ter os seus efeitos, mas não representa a realidade. O Deus que traz a bênção também é o Deus que traz a desgraça (não existe outro Deus; até Satanás precisa de uma permissão de Deus para atacar). Portanto é com esse Deus, o Eterno Senhor, que precisamos nos entender.¹⁸⁴

Observemos que os processos humanos nunca são em linearidade simples. Os lamentos, o reconhecimento da mão de Deus, os cultos comunitários com suas liturgias de salvação, as lembranças das profecias de Jeremias, as dramatizações e lições de Ezequiel, tudo vai acontecendo paralelamente, entre explosões emocionais e explicações racionais, com uma lógica aparentemente confusa, ou perceptível só até certo ponto, tal qual a organização do próprio livro de Jeremias. Tal como no livro, a figura da tapeçaria ou de um mosaico, vai recebendo seus elementos constituintes. Aqui, após o necessário reconhecimento da responsabilidade divina participando de nossa tragédia, o povo de Deus pode finalmente também lamentar-se sobre outras responsabilidades, humanas, que os vitimizaram.

3.3.3.1.2 *Do lamento à crítica política*

No capítulo 34, Ezequiel profere uma crítica aos pastores: *“Ai dos pastores de Israel que apascentam a si mesmos!... Vocês comem a gordura, vestem-se da lã... mas não apascentam o rebanho. Vocês não fortaleceram as fracas, não curaram as doentes...”* (Ez 34.1-4)

Hoje, quando lemos passagens como essa, automaticamente pensamos em nossas igrejas e seus líderes eclesiais. Mas somos enganados por nosso contexto: durante o Antigo Testamento não havia igrejas como as nossas, além de não haver separação entre vida religiosa e política. A figura dos pastores cuidando

¹⁸⁴ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1304.

de ovelhas na Bíblia hebraica representa na verdade os governantes, que deveriam cuidar do povo; era uma referência ao rei e seus ministros, e só em menor medida poderia incluir o sumo-sacerdote, pois que este também participava de parte da administração do país.

Aqui vemos como os lamentos, portanto, apontam para um outro passo, o da crítica à classe dirigente, que tão frequentemente se ocupa de cuidar somente de si e não do povo que lhe havia sido confiado por Deus. Vejamos o respectivo quadro da Bíblia Conselheira:

O profeta Ezequiel é chamado por Deus para uma tarefa difícil, complexa e ao mesmo tempo vital: ser utilizado para a conversão do grande grupo de 10 mil israelitas que, por assim dizer, foram “arreatados” para o cativeiro babilônico cerca de 12 anos antes da destruição total de Jerusalém. [...] esses primeiros exilados é que seriam a base da sobrevivência da nação judaica, que 70 anos depois poderia retornar do exílio (Jr 24). Mas havia um fator complicador: os exilados foram tão corruptos, injustos e idólatras quanto os que permaneceram em Jerusalém; talvez até mais culpáveis, pois eram da elite da sociedade israelita. Se eles não mudassem de atitude para com Deus e não reconhecessem seus terríveis erros e maldades, ninguém se salvaria da destruição [...] Depois de um duro treinamento e várias dramatizações, chegou a hora de compor e ensinar à população lamentos fúnebres, para que a realidade da iminente queda de Jerusalém e do reino de Judá, com todos os trágicos acontecimentos que a acompanhariam, entrasse fundo na alma do povo exilado. Assim, o profeta Ezequiel denuncia e questiona de maneira impactante o estilo israelita de vida surdo, desobediente e longe dos caminhos e propósitos de Deus, para desafiar as pessoas a assumirem responsabilidade por suas más decisões, ações e suas consequências, e chamar o povo ao arrependimento, para que sejam transformados e restaurados. Chamando o povo a lamentar e expressar o luto pela inevitável queda de Jerusalém e do reino, Ezequiel conscientiza-os da consequência do desprezo para com Deus. O canto fúnebre é formado por duas parábolas, que descrevem os resultados da liderança desastrosa dos reis, sem experiência nem habilidade na arte de governar e dirigir um reino ou de manter boas relações diplomáticas com outras nações, e especialmente sem confiança e dependência de Deus. Com o lamento, poderiam enfrentar com mais integridade a situação irreversível prestes a acontecer. Agora, precisariam depender do perdão, amor e fidelidade de Deus e confiar na direção e na graça do Senhor.¹⁸⁵

Vemos neste caminho como os lamentos perante Deus puderam ajudar o povo a evoluir para um uso melhor de nossa própria memória, e também para ter uma visão crítica da política aplicada pela classe dirigente. O caminho da restauração não se mostra ser de alienação política. Pelo contrário: ele convida para uma percepção mais profunda, que procura manter em primeiro plano a dimensão de Deus.

¹⁸⁵ KEPLER; MIRANDA et al., 2019, p. 1341.

3.3.3.1.3 Salvação no sofrimento: a hora do coração

Naquele capítulo 11 de Ezequiel, em que Deus era apontado como o principal “responsável” pela execução do juízo sobre a “casa rebelde” de Israel, a hora é de boas notícias:

A boa notícia é que esse Deus é bom, rico em misericórdia e extremamente complacente: “eu lhes servirei de santuário, por um pouco de tempo, nas terras para onde foram” (v. 16). É verdade que a adoração a Deus é a nossa missão básica, e no sistema do Antigo Testamento isso só poderia ser feito no templo de Jerusalém; mas aí vem nosso Deus “quebrando leis” a nosso favor, indo junto conosco na nossa desgraça. Nossos pecados nos afastaram do Senhor; mas Deus não aplicou o justo castigo como que com isso lavando as mãos e encerrando o assunto. O castigo (“disciplina”) foi aplicado com o propósito da conversão, da restauração, tal qual a fome em meio aos porcos do filho pródigo fez ele cair em si. A desgraça por que passamos está sujeita a Deus, mesmo se foi consequência de grandes erros que fizemos na vida. A boa notícia é que nessa desgraça Deus também está presente. Temos a oportunidade de entrar em contato com aquele Deus de quem nos afastamos, de encontrá-lo no exílio (aqueles que ficaram presos a suas certezas possivelmente não tenham essa chance). O exato propósito do sofrimento pode permanecer um mistério, mas no meio dele temos a oportunidade de nos voltarmos para Deus, a chance de encontrá-lo e adorá-lo. Assim poderemos depois até dizer, embora agora não o sintamos: bendito sofrimento, bendita desgraça, que nos trazem de volta para Deus. Ou até melhor: que nos dão a oportunidade de conhecer um Deus diferente daquele que conhecíamos, não escravo das nossas certezas de fé. “Por isso [...] Eu os ajuntarei [...] e lhes darei a terra de Israel” (v. 17). O propósito de Deus, da terra prometida, não mudou, embora fosse mais amplo do que o povo dele compreendia. É no sofrimento que o Bom Pastor vai buscar a ovelha perdida. Haverá uma “volta à casa do Pai”. Mas será uma volta bem melhorada: “Voltarão [...] e tirarão dela todos os seus ídolos detestáveis e todas as suas abominações.” (v. 18). O sofrimento, assim, pode servir para a purificação, para uma melhora da qualidade de vida física, moral e espiritual.¹⁸⁶

O texto de Ezequiel 11 continua reforçando o argumento de que, no meio do sofrimento do exílio está sendo trabalhada a salvação das pessoas do povo de Deus¹⁸⁷. Na continuação deste quadro, vemos que os versos 18 a 20 são a versão de Ezequiel para a profecia da Nova Aliança, com a figura da substituição de um coração empedernido por um coração “de carne”, humanizado da forma como Deus sempre quis:

“Eu lhes darei um só coração, e porei um espírito novo dentro deles; tirarei deles o coração de pedra...” (v. 19). Nessa descrição da Nova Aliança, o sofrimento nos dá um coração amolecido (com isso todos os sofrendores

¹⁸⁶ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1305.

¹⁸⁷ Esse mesmo conceito já havia sido expresso no quadro “O sofrimento na vida de fé” (Rm 5), no comentário da Bíblia Conselheira - Novo Testamento (KEPLER K. (Ed.); MIRANDA, J. (Org.) **BÍBLIA de Estudo Conselheira – o Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011, p. 321).

concordarão). Tal como em 2 Coríntios 1, o Deus que nos consola no sofrimento nos capacita a sermos consoladores. Talvez você tenha crescido com um coração duro, empedernido, insensível às fraquezas dos outros, preocupado somente com alcançar objetivos, realizações, incapaz de perceber suas próprias fraquezas. Uma alma “forte”, teimosa, que ao longo de anos de vida pode ter sido “desalmada” para com muitos, sem conseguir ver a verdade nas dores deles. Com o sofrimento você se verá mais humano, mais de carne e osso, mais tolerante com os problemas dos outros, dando mais importância a pessoas do que a objetivos. Se esse for o caso, dê graças a Deus, pois o Senhor terá conseguido ensinar a você aquilo que os fariseus não conseguiram aprender: “Eu quero misericórdia, não sacrifícios”. Essa é uma diferença essencial da velha para a nova aliança. Na verdade, esse ensinamento faz parte da salvação: se não aprendêssemos a misericórdia, muito provavelmente seríamos como um dos que no juízo final teriam passado por um pobre, faminto, cego, nu ou preso, e não o teríamos ajudado – e ele era Jesus! (Mt 25.45) ... Seja, então, como for, a finalidade do castigo do exílio era a salvação. “Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus” (v. 20). Parece que às vezes o sofrimento é a única alternativa para garantir essa relação com Deus. Caso contrário, restará o verso 21: “àqueles cujo coração segue os seus ídolos detestáveis e as suas abominações, eu lhes darei o que merecem por seus atos.”¹⁸⁸

O livro de Ezequiel nos fornece ainda impressionantes imagens para descrever a restauração promovida por Deus (um exemplo marcante é a visão do vale de ossos secos, no capítulo 37). A partir do cap. 40 temos uma detalhada visão de um novo Templo, e no seu final, no capítulo 47, temos a visão das águas que saem desse Templo, espalhando vida por onde passam; ao final, uma nova distribuição das terras na Palestina. Na Bíblia Conselheira relacionamos estas águas e também a redistribuição de terras com todo o processo restaurador aplicado ao povo de Deus retornado, com reflexos em toda a humanidade. O título do quadro, retratando a abundância das águas nessa visão, foi “O amor curador sem limites”:

Ao descrever a torrente de águas vivificadoras, somos informados que elas brotam do novo templo, debaixo do “portão exterior, que dá para o leste”. Este é o portão que ficava fechado, porque foi utilizado pelo próprio Deus para sair e, depois da reconstrução, para retornar com sua glória ao templo (Ez 43.1-4; 44.1-3). No Jardim do Éden, o ser humano, após pecar não confiando em Deus, foi expulso para o leste (Gn 3.24). E o primeiro descendente de Adão e Eva, Caim, tendo-se tornado o primeiro homicida, foi novamente expulso para o leste, para a terra de Node (que significa “andar pelo mundo”, Gn 4.16). Os exilados patrícios de Ezequiel estavam na Babilônia, que também ficava para o leste de Jerusalém, mesmo que o caminho por terra, por causa do deserto, exigisse um contorno pelo norte, exatamente como o caminho que o guia fez Ezequiel andar, contornando o templo (47.2). Por isso, ao direcionar as águas da vida para o leste, esta visão ilustra o amor de Deus: ele vai se ampliando não só em volume, mas também em seu alcance, indo na direção dos nossos pecados, estendendo-se à raça humana pecadora, não por acaso aqui identificada com o Mar Morto. Dessa forma, o amor salvador alcança abundantemente todas as

¹⁸⁸ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1305.

nações... Aqui no livro de Ezequiel, que é marcadamente israelita em sua linguagem e suas visões, isso se concretiza também na divisão territorial, ao dizer que os estrangeiros seriam “tratados como cidadãos israelitas” e integrados às tribos de Israel (Ez 47.22). Ou seja, a Nova Aliança de Cristo traria a cura e salvação através do abundante amor de Deus, e a boa lei de Deus entraria leve e espontaneamente nos corações e mentes, pelo transbordar do Espírito Santo sobre toda carne, tal como Pedro pregou no Pentecostes (Jr 31.31-34; At 2.16-36).¹⁸⁹

3.3.3.2 Nos livros de Esdras e Neemias

Passados os 70 anos anunciados por Jeremias (cuja contagem, por sinal, admite variações¹⁹⁰, além de uma interpretação mais simbólica por Daniel), começou o movimento de retorno à Palestina. Os livros bíblicos os acompanham, e mostram que houve muitas precariedades e dificuldades.

Nas crises recentes, pouco se ouve falar de retornos de exilados – a indústria jornalística destaca mais a tragédia do exílio do que as dificuldades da volta. Na crise síria atual, encontramos registro de um retorno de refugiados para a Síria em 2017, provindo da vizinha Turquia, durante um período maior de cessar fogo. A Turquia concedeu “férias temporárias” para festividades muçulmanas: em 15 dias, mais de 50.000 pessoas visitaram sua terra natal no primeiro semestre daquele ano. Mas apenas 11% desses “visitantes” resolveram permanecer por lá...¹⁹¹

Há uma parte considerável de sofrimentos e traumas que acontecem ainda após um reassentamento, e a vida em campos de concentração costuma ser deprimente. Mas no período do exílio judaíta, 50 anos após a última leva de cativos, o primeiro grupo inicia sua volta. Dado o tempo transcorrido, em sua grande maioria o grupo é composto por pessoas que não conheciam as terras israelitas – é como se fôssemos nos mudar para a terra onde viveram nossos avôs ou bisavôs. Os livros de Esdras e Neemias, que de forma complexa acabam funcionando como primeiro e segundo volume de uma mesma obra, acompanham os principais acontecimentos do primeiro século do retorno dos exilados, transmitindo um panorama de como foi o esforço de retorno e reconstrução promovido. O primeiro quadro da Bíblia

¹⁸⁹ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1359.

¹⁹⁰ Sobre esse assunto, ver o quadro “Os 70 anos do Cativo” (Jr 25), na Bíblia Conselheira.

¹⁹¹ CEBRIÁN, Pilar. Refugiados sírios iniciam o caminho de volta para casa. **El País**, em 25 out. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/24/internacional/1508861396_484669.html>. Acesso em 08 mai. 2019.

Conselheira, intitulado “Tragédia e Reconstrução”, vem alocado junto a Esdras 1, e retrata movimentos que provavelmente aconteceram no plano psicológico e também da espiritualidade.

3.3.3.2.1 *Tragédia e reconstrução*

Sua primeira parte trata mais especialmente da necessária conscientização e tenta identificar semelhanças com situações atuais que podem nos aproximar daqueles mesmos sentimentos e dificuldades:

Os exilados tinham lembranças de um passado cheio de contradições: tempos de paz e esplendor e tempos de vergonha e aflição. Os poemas de Lamentações foram um excepcional meio de comunicação ao fundo do coração das pessoas, trazendo-as para o centro da questão: o contínuo afastamento de Deus, a tragédia nacional, a humilhação e o desterro (Lm 1.7-8). Essa conscientização a partir dos sentimentos os aproximaria da compaixão de Deus, que é a única forma de salvação (Lm 3.31-32). Sujeitos que somos a imprevistos de toda ordem como adoecimento, perda de trabalho, moradia e de pessoas queridas, nós também podemos aprender com a experiência dos exilados em seu retorno às terras nacionais. O processo de retomada de um bom ritmo da vida após longas paralisias devido a derrocadas emocionais, vazio espiritual, tragédias e luto requer escuta da Palavra do criador que recia e nos desperta da letargia, mobilizando nossos desejos e sonhos (Lm 3.21-24).¹⁹²

A segunda parte do quadro visa o desenvolvimento de atitudes e ações, ampliando a conscientização para um início de caminho no qual se possa vislumbrar um futuro:

Para nós, um bom ponto de partida pode ser encarar a realidade: talvez começar fazendo um inventário dos escombros e cinzas, como viria a fazer Neemias (Ne 2.11-15). Ao fazer esse inventário, não sejamos apenas objetivos e materialistas, mas consideremos a participação de dois “sujeitos” indispensáveis: o primeiro é o próprio Deus (Lm 1.1. 2.1,6-8). Deus é o Senhor da história, e deu sua permissão ou mesmo atuou para que aquilo acontecesse. O segundo sujeito indispensável somos nós mesmos: admitir-nos implicados nos problemas, não apenas como vítimas, mas também como protagonistas. Ao reconhecer e assumir falhas e faltas que contribuíram para as perdas, quebras de relacionamentos, conflitos e tragédias, damos um passo fundamental para a mudança. Ao encararmos os próprios limites, porém, geralmente ficará clara a nossa dificuldade, e esta pode ser uma boa hora para buscar ajuda de pessoas qualificadas e maduras. O auxílio poderá ser útil para empreender as mudanças necessárias, assumindo o tempo e os custos, confiando na assistência e na supervisão do Senhor, para melhor planejar e encarar as providências burocráticas, legais, materiais e relacionais. O Deus de toda misericórdia nos acompanhará dia a dia (Lm 3.21-22). A sequência da reconstrução tem uma orientação: ela parte do mais interior e também mais simples, para o

¹⁹² KEPLER; MIRANDA et al., 2019, p. 719.

exterior e mais trabalhoso. Primeiro o altar, lugar dos sacrifícios e centro da adoração; então, o Templo, que mobilizaria toda uma infraestrutura própria e também despertaria resistências. Por último, os muros da cidade (Ed 3 e 5), reerguidos contra feroz oposição. Metaforicamente aplicada à vida pessoal, nossa reconstrução começa quando o Espírito Santo opera no mais profundo do coração, na interioridade de cada um, transbordando para o âmbito dos relacionamentos familiares, comunitários e o coletivo nacional.¹⁹³

É claro que o quadro resume em poucas linhas um período que na verdade atravessou várias décadas. A vida real sempre será mais complexa do que qualquer ensinamento a seu respeito. Mas é possível perceber um sentido, e esse é positivo, mesmo que de modo complexo.

Esdras e Neemias, até mais por exemplo do que por palavras, tratam também de outro problema relacionado com as causas do castigo do Exílio: as más lideranças políticas. Neemias se mostra especialmente exemplar de um “bom pastor” que evita tirar vantagens para si próprio e realmente se ocupa de enfrentar os problemas da população a que governa. E Esdras, mais pelo lado sacerdotal, também desempenha seu papel administrativo-religioso, cuidando do ensino da lei de Deus e orientando nas questões de vida prática que lhe cabiam.

Nesse sentido, é especialmente significativo eles conseguirem “ensinar o povo a voltar a festejar”, o que parece dirigida e explicitamente um marco para o final do período das lamentações, tal como comentado no quadro da Bíblia Conselheira para Neemias 8:

3.3.3.2.2 *Não chorem*

Até que ponto poderia ser útil exercer um controle voluntário sobre as expressões das emoções? Em se tratando de pessoas num processo de recuperação pós trauma, esse comportamento seria desejável? Vejamos o que diz mais este quadro da Bíblia Conselheira:

Parece que ao final do livro de Neemias há uma semelhança com seu começo, quando o copeiro pessoal do imperador não deveria apresentar-se triste em seu trabalho. Neemias provavelmente afrouxou seu autocontrole, e assim a tristeza pela situação de Jerusalém transpareceu – e colocou sua vida em risco. Agora, tendo sido fundamental para a solução daquele problema original, Neemias, Esdras e os levitas não querem mais ver lágrimas, “porque este dia é sagrado para o Senhor”. Será que estavam

¹⁹³ KEPLER; MIRANDA et al., 2019, p. 719.

como que confundindo Deus com Artaxerxes? Ou estavam corrigindo historicamente uma tendência nacional pela lamentação, uma vez que a principal razão para as lamentações já não existia mais? O texto bíblico não condena a atitude da liderança. Também não diz que Deus os orientou a fazerem assim. O texto apenas descreve o que aconteceu, e mostra como a “interrupção” da reunião surtiu o efeito desejado, e nas suas casas o povo se alegrou comendo e bebendo e repartindo com os outros. No dia seguinte, a partir do estudo da Lei, vieram novas ordens, para celebrar a Festa dos Tabernáculos. Parece que está havendo um processo de transformação cultural, a nível comunitário, mas feito em nome de Deus. Mais adiante, um processo de doutrinação para o louvor (9.5), seguido de uma oração coletiva de confissão, culminando numa elaboração e assinatura de um pacto solene, comprometendo-se a observar as práticas religiosas que descobriam na Lei de Deus [...] De todo modo, são reflexo do modo de vida para com Deus possível sob a velha aliança da Lei.¹⁹⁴

Vale lembrar que este período aqui comentado para Neemias e Esdras aconteceu quase um século após o início do retorno dos exilados. Processos históricos, portanto, requerem paciência e uma combinação de ações com conformações, que vai perdurar para além de nossas vidas individuais para as gerações que nos sucedem.

Tendo começado com poesia e arte, encerramos esta unidade com uma metáfora. Além dos esforços civis de reconstrução nacional e da retomada da vida prática religiosa, há também a vivência individual nas crises e tragédias. Os processos guardam semelhanças entre si, não obstante a grande diferença entre o ambiente nacional e a vivência individual dos traumas de cada um. A figura da reconstrução da muralha de Jerusalém serve igualmente muito bem para ilustrar o quão trabalhoso pode ser restaurar a estrutura emocional de uma pessoa atingida por uma tragédia.

3.3.3.2.3 *Reconstruindo muralhas na vida emocional*

Essa metáfora descrevemos neste quadro da Bíblia Conselheira alocado em Neemias 3, que inicia por uma explanação dos limites e semelhanças entre as duas situações:

Além do episódio histórico propriamente dito, pode-se pensar na reconstrução das muralhas de Jerusalém como uma interessante metáfora emocional da constituição do ser humano, da reconstrução de sua vida após grandes traumas resultantes de períodos de lutas e perdas. A imagem da cidade com suas muralhas e portões serve bem para ilustrar a estrutura da personalidade humana e nossa necessidade de poder administrar a

¹⁹⁴ KEPLER; MIRANDA et al. 2019, p. 754.

defesa e o ingresso de influências de fora. Tal como com Neemias e Jerusalém, a reconstrução emocional não é uma tarefa fácil e há muitas resistências, internas e externas. Os muros são a proteção para o que está em nosso interior, servindo como defesa e abrigo. Eles fazem a delimitação territorial entre o espaço pessoal, privado, e o espaço público. Os portões controlam o acesso, a entrada e saída de influências, convites e pessoas permitidas neste espaço reservado. Ou seja, cada pessoa tem como uma tarefa de vida levantar muros de proteção e também providenciar aberturas em sua vida. Tal como em Jerusalém, muros sem aberturas levariam à morte por “falta de suprimentos”; já as cidades sem muros seriam rapidamente devastadas por inimigos externos. Pessoas que passaram por situações muito traumáticas podem ser comparadas a Jerusalém na época da volta do exílio, pois estão destruídas e devastadas. Precisam ser ajudadas na reconstrução dos próprios limites, para que possam voltar a ter vida familiar, afetiva, atividades, trabalho, produzir algo, amar, cultivar. Situações de grandes catástrofes climáticas e ambientais (secas, inundações, terremotos, vulcões, tufões, etc.) ou desastres de grandes proporções (guerras, pestes, epidemias, etc.), atingem grandes populações, mas também a cada pessoa em particular. A tragédia comunitária é, em essência, a tragédia de cada pessoa ou família envolvida.¹⁹⁵

Feita a aproximação das situações, o quadro procura avançar na aplicação atual de medidas concretas, desta vez focando no às vezes difícil retorno ao relacionamento com a comunidade de fé ou (na linguagem cristã atual) igreja, para uma pessoa emocionalmente fragilizada:

O fato de que vários construtores reergueram as muralhas próximo a suas próprias casas (Ne 3.10,23) pode nos ensinar a reconhecer nossa própria necessidade de defesa. Uma pessoa em fragilidade psicológica tem dificuldades para discernir entre sugestões boas e ruins, e facilmente pode permitir a entrada de influências que lhe farão muito mal. Ataques de pânico, quadros psicóticos em que pessoas ficam à mercê de vozes internas, situações de tortura, trabalho escravo, violência doméstica, estupro, assalto em que o sujeito é abusado e explorado por malfeitores, são como uma cidade com suas muralhas derrubadas, sofrendo invasões constantes. Pessoas com atitudes abusadoras existem em vários ambientes na sociedade (inclusive nos religiosos), e cidadãos mais frágeis podem ser incapazes de se defender. Para quem já está fragilizado, simples cobranças ou investidas de líderes, ou mesmo de pessoas bem intencionadas, podem resultar em feridas profundas. Em casos de grande fragilidade, às vezes pode até ser melhor que a pessoa seja aconselhada a parar de frequentar o grupo ou comunidade, e receber tratamento especializado até que esteja mais fortalecida (até que suas muralhas sejam reerguidas), para então voltarem à convivência social, ou mesmo optar por participar em outra comunidade. No caso de igrejas, a Bíblia nos recomenda o bom princípio de não negligenciarmos o hábito de participar das reuniões, o que merece encorajamento (Hb 10.25), mas também aponta para algumas situações excepcionais em que as reuniões podem fazer mal (1Co 11.17).¹⁹⁶

Também no cuidado emocional o esforço de reconstrução não é tarefa simples. Nossa metáfora mostra a existência de etapas intermediárias, onde algum

¹⁹⁵ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 744.

¹⁹⁶ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 744.

progresso já é perceptível, e o processo de reintegração com a comunidade de fé recebe alguns conselhos práticos:

Com Jerusalém houve um segundo estágio na reconstrução, quando a cidade já estava com muralhas erguidas mas ainda sem portões (Ne 6.1). Em nossa metáfora, isso equivaleria às primeiras melhoras após alguns cuidados: já há uma aparente segurança, mas na verdade ainda são necessários cuidados especiais para evitar recaídas e grandes feridas. Os maiores perigos residem nos ambientes de competição e ganância de nossas sociedades, com sua busca de promoção pessoal, exploração econômica ou sexual, bem como na “selva” das redes sociais onde comentários maldosos se propagam com enorme rapidez. Na vida religiosa o ambiente tende a ser mais protetor, e esta pode ser uma boa hora para se buscar retomar algum contato com uma comunidade de fé, pois na grande maioria das vezes a convivência e participação nas reuniões será fator de promoção de saúde e amadurecimento social, emocional e espiritual. Mesmo assim, nos primeiros contatos é prudente que a pessoa esteja acompanhada de um familiar zeloso. Se o desejo for de retornar a uma comunidade conhecida, talvez seja melhor começar chegando após o início dos cultos e sair antes de seu final, evitando perguntas e questionamentos embaraçosos, que podem ocorrer por parte de irmãos que não estão cientes da delicada situação. Depois, com o trabalho terapêutico mais consolidado e os contatos já não trazendo grandes surpresas, pode-se ir relaxando a guarda progressivamente, e a “cidade emocional” irá mostrar que consegue se defender melhor, tendo reaprendido a abrir e fechar seus próprios portões conforme a conveniência mais saudável.¹⁹⁷

O quadro segue e amplia seu escopo para outras dificuldades que não se relacionam diretamente com o nosso escopo neste trabalho. Mas acreditamos que esse “acompanhamento” feito pelos quadros da Bíblia Conselheira aplicados a textos de situações de exílio possa se mostrar útil na transmissão de um auxílio bíblico, via espiritualidade, para pessoas que também hoje se encontrem em dificuldades semelhantes se sintam acompanhadas por Aquele que se mostra refúgio e fortaleza nas várias situações por que passamos. A intenção é que o cultivo de uma vida em relacionamento com Deus se mostre bastante ajudadora para as tragédias atuais, sejam as nossas próprias ou as de pessoas com quem venhamos a ter contato.

Feito este acompanhamento pelas vias de Jeremias, da psicologia e da espiritualidade em outros textos bíblicos, é chegada a hora de tentar relacioná-los entre si.

¹⁹⁷ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 744-745.

4 O EXÍLIO E A TERAPÊUTICA EM JEREMIAS: O LIVRO DAS CONSOLAÇÕES

Neste e no próximo capítulo pretendemos examinar o texto bíblico de Jeremias – mais especificamente da profecia da Nova Aliança e seu contexto imediato, o Livro das Consolações – e ao fazê-lo, investigar pelas abordagens terapêuticas que ele pode proporcionar, e se estas diferem ou se assemelham em maior ou menor grau com as abordagens terapêuticas que acabamos de discutir. Nosso pressuposto para este esforço é que o contexto existencial e histórico dos sobreviventes judaítas e do reino de Israel tenha sido contemplado com esta seção do livro de Jeremias para seu bem ou, dito de outra forma, que o sofrimento por que esse povo passou de alguma forma teria sido necessário ou sido utilizado para o recebimento e aproveitamento dessas belas mensagens de consolo. Em se confirmando essa hipótese, esperamos que seja possível constatar se e como esses mesmos conteúdos jeremiânicos poderiam servir de auxílio para tragédias atuais envolvendo refugiados forçados, tal como serviram naquela época.

Para relacionarmos os elementos de consolo será útil primeiramente nos conscientizarmos do que efetivamente constituiu o problema a ser enfrentado por aquela população. O que, concretamente, ocorreu quando da execução da sentença do juízo de Deus sobre Judá e sua capital Jerusalém?

O castigo da expulsão da terra já estava previsto na própria lei de Moisés, tendo sua possibilidade sido anunciada antes mesmo de a terra ser conquistada, como consequência de uma não obediência às leis de Deus por parte da nação e de seus líderes (e.g. Dt 28.36-37). Durante cerca de sete séculos, as ameaças desse castigo haviam sido repetidas por vários profetas, até que, com o péssimo reinado de Manassés, Deus decidiu por não mais protelar sua execução (2Rs 21.11-16; 2Rs 23.26). O bom reinado de Josias ainda proporcionou 30 anos de paz, mas nesse período já começava o ministério de Jeremias, que viria a ser profeta e testemunha dos eventos do fim.

Ainda ao longo da preparação do castigo, Deus, conforme o livro de Jeremias, fez várias ofertas para tentar evitar ou diminuir a tragédia, requerendo arrependimento, mudanças de conduta, chegando até a reduzir as exigências a uma

só: que guardassem devidamente os sábados, e assim escapariam do castigo (Jr 17.10-27).

Como que para deixar bem claro que o juízo era mesmo merecido, as várias ofertas de livramento e também as ofertas de atenuação do castigo não foram aceitas.

4.1 O Juízo

Como já dissemos, o castigo de Deus para a prática da injustiça e idolatria mostrou-se várias e várias vezes, desde o Êxodo. Apenas para situar nossa memória, vamos estabelecer uma sequência dos eventos que levaram até a execução total do juízo divino. A função desta linha cronológica não é de estabelecer aqui datas precisas para todos os eventos, mas principalmente de conscientizar-nos da sequência destes entre si, para nos auxiliar na compreensão da história e da atuação de Deus tanto no juízo quanto na promessa da Nova Aliança¹⁹⁸. Começamos por um evento marcante, que ainda estava vivo na memória nacional na época de Jeremias:

4.1.1 Linha do tempo

c. 720 a.C. No reinado de Ezequias, Jerusalém escapou por muito pouco de ser conquistada pela Assíria, pouco tempo após a queda de Samaria (722 a.C.). Depois dessa “salvação”, o rei adoeceu e foi liberto por Deus da morte certa; na ocasião, recebeu a visita de enviados da Babilônia, a quem mostrou todas as riquezas e armas de seu reino. O profeta que então anuncia o futuro cativo na Babilônia foi Isaías, filho de Amoz.

c. 695 - 642 a.C. Acontece o reino de Manassés, filho de Ezequias. O filho de um dos melhores reis de Judá fez o que foi considerado o pior, mais corrupto e mais idólatra reino da história de Judá. O castigo de destruição agora passaria a ser irreversível (2Rs 21.11-16; 23.26).

¹⁹⁸ Para uma visão mais completa do assunto, recomendamos as obras: DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos** (trad. Molz e Trein). São Leopoldo: Sinodal, 1997; SOGGIN, J. Alberto. **An Introduction to the History of Israel and Judah**. (trad. John Bowden). Valley Forge: Trinity Press International, 1993.

642 - 640 a.C. Reina Amom, filho de Manassés, e imita todos os pecados de seu pai.

640 - 609 a.C. Após conspiração e assassinato de Amom, o povo entroniza seu filho Josias. Durante seu reinado nasceu Jeremias. Josias desfaz as idolatrias de seu pai e seu avô, promove uma reforma religiosa inspirada no livro de Deuteronômio, e renova a aliança de Judá com o Senhor. Ele também amplia seus domínios sobre parte da antiga área do Reino do Norte, de Israel. Josias é considerado modelo exemplar de governo segundo a Lei de Moisés (2 Rs23.25). É possível que uma primeira parte do conteúdo do Livro das Consolações tenha sido proferida nesta época, anunciando um retorno dos exilados do Reino do Norte.

609 a.C. Josias morre em batalha ao tentar impedir a passagem de Faraó Neco, que subia em auxílio à Assíria, contra a Babilônia. Seu filho Joacaz (também chamado Salum) é empossado pelo povo, mas 3 meses depois é removido pelo Faraó, que entroniza em seu lugar Jeoaquim, também filho de Josias. Jeremias está ativo nesse período, e compõe uma lamentação pela morte de Josias.

609 - 598 a.C. O reinado de Jeoaquim volta a se afastar do caminho de Deus, e o castigo através de ataques inimigos recomeça. Jeremias prega denunciando as maldades do rei. Nabucodonosor conquista toda a região e domina sobre Jeoaquim. Em 605 a.C. leva para a Babilônia alguns dos tesouros de Jerusalém e algumas pessoas.

598 a.C. Em circunstâncias não muito claras, sob pressão de Nabucodonosor, Jeoaquim morre, e em seu lugar é entronizado seu filho Joaquim (também chamado de Jeconias e Conias). Apenas 3 meses após a posse, Nabucodonosor leva cativo para a Babilônia o rei Joaquim, sua mãe e grande leva de cativos, a maioria dentre a elite de Judá. Como novo rei, é entronizado Zedequias, filho de Josias. Jeremias continua ativo, pregando advertências e condenações contra a corte e a cidade de Jerusalém.

c. 594 a.C. *Jeremias envia mensagem aos cativos na Babilônia*, através do assistente do rei Zedequias (Jr 29). Orienta aos cativos a se conformarem e se dedicarem a construir suas vidas em solo babilônico.

590/89 a.C. Contra as orientações de Jeremias, Zedequias se rebela contra Nabucodonosor, confiado numa aliança liderada pelo Egito. A Babilônia inicia nova campanha militar contra Judá e região.

589/8 a.C. É iniciado o cerco babilônico a Jerusalém. Jeremias prega a aceitação da punição por parte de Deus e a necessidade de se renderem aos babilônios. Em consequência é preso e quase morto.

587/6 a.C. Em junho ou julho é aberta brecha nas muralhas e os babilônios invadem a capital. Segue-se a prisão de Zedequias que fugia, o saque da cidade, a condução de várias autoridades para serem mortas, a preparação da terceira leva de cativos, e a destruição total da cidade, incluindo o Templo. Pouco tempo depois, os desertores e os sobreviventes são levados cativos para a Babilônia.

4.1.2 As mortes

O castigo alertado por Deus chegou com os três vetores fundamentais ocasionados pela guerra: a espada, a fome e a peste. Muitos dos sobreviventes sofreriam ainda o castigo do exílio: seriam acorrentados e levados para a Babilônia. Nabucodonosor promoveu uma campanha militar sobre todas as cidades fortificadas de Judá (como também sobre países vizinhos). Laquis e Azeca foram as últimas a cair antes de Jerusalém. O cerco contra a capital durou mais de um ano, assim a fome e as doenças ceifaram muitas vidas dentro dos muros, enquanto a espada dos babilônios as ceifava fora.

4.1.3 O desterro

Alguns judeus atenderam aos conselhos de Jeremias e se renderam antecipadamente aos babilônios. Estes foram agrupados em Ramá, para serem levados à Babilônia. Um número de sobreviventes da guerra foi acrescentado a este grupo para deportação. Jeremias 52.28-30 relata as três levas de deportação. A maior, levando o grupo da elite de Judá, havia acontecido juntamente com a rendição do rei Joaquim, em 597 a.C. Por longos dez anos, portanto, havia duas comunidades de judeus: uma se estabelecendo na Babilônia como exilados, juntamente com o rei Joaquim, que estava preso lá. Mas Jerusalém continuou

governando o território de Judá, administrada pelo rei Zedequias, submisso a Nabucodonosor. Somente após a rebelião deste é que Nabucodonosor decide invadir e destruir completamente a capital e desterrar os sobreviventes.

No livro ficamos sabendo que, mesmo após o castigo executado, Deus mais uma vez ofereceu através de Jeremias, aos que foram deixados na Palestina pelos Babilônios, a oportunidade de um recomeço. Como para manter o padrão, essa oferta é novamente recusada, e esse grupo preferiu se refugiar no Egito e se comprometer a adorar a Rainha do Céu. Esse foi o triste fim da história, pelo menos para aquela geração.

A partir desse ponto, a historiografia bíblica trata apenas dos exilados em solo babilônico. O povo de Deus, portanto, tem um status próximo do migrante forçado, do exilado, ou refugiado.

O professor de Antigo Testamento e capelão universitário da Seattle Pacific University, Bo H. Lim, americano de ascendência coreana, argumenta que as experiências dos exilados israelitas foram muito diferentes entre si, tal como acontece com os imigrantes atuais. Polos opostos ficam evidentes pelo contraste entre o Salmo 137, que retrata o choro e a raiva contra a opressão babilônia, e a carta de Jeremias (esp. Jr 29.1-7), que aconselha os exilados a se instalarem e investirem na sua nova terra¹⁹⁹. Reportando-se a John Ahn²⁰⁰, Lim mostra que nos relatos bíblicos de Jeremias pode-se distinguir três categorias de migrações forçadas²⁰¹:

4.1.3.1 Migração forçada derivativa

Esta migração é resultante de um rearranjo de forças. A leva de um grupo da elite de Jerusalém em 597 a.C., quando o rei Joaquim e a rainha-mãe se renderam aos babilônios, se encaixaria nessa definição: Israel continuava existente e no mesmo lugar, porém submetido a uma potência estrangeira. Algo semelhante

¹⁹⁹ LIM, Bo H. Exile and Migration: Toward a Biblical Theology of Immigration and Displacement. **The Covenant Quarterly**. Seattle: North Park Theological Seminary, v. 74, n. 2, May 2016, p. 4-5.

²⁰⁰ Também Americano de ascendência coreana, erudito do Antigo Testamento, arqueólogo e pesquisador das migrações forçadas e exílio.

²⁰¹ AHN, John J. Forced Migrations Guiding the Exile: Demarcating 597, 587, and 582 bce. In: LIM, 2016, p. 8. Segundo LIM, Ahn ainda acrescenta as seguintes categorias de pessoas deslocadas: (1) pessoas deslocadas movidas por desenvolvimento, (2) pessoas deslocadas internamente, e (3) refugiados, que são pessoas que precisaram se abrigar em outro país.

aconteceria depois, com as pessoas que regressaram à Palestina, porém continuavam sob administração da Pérsia (2Rs 24.10-17 e Ne 5.1-19).

4.1.3.2 Migração forçada propositada

Neste grupo, as pessoas são forçadas a se realocarem fisicamente pelas próprias mãos de um poder dominante. Após a destruição de Jerusalém em 587/6 a.C. (2Rs 25.8-21), houve a deportação, que melhor se encaixa nesta categoria.

4.1.3.3 Migração forçada responsiva

As pessoas neste caso fogem voluntariamente, para escapar de tirania, opressão, pobreza ou outras ameaças. O grupo que levou Jeremias ao Egito se encaixaria nesta classificação (Jr 41.16 a 43.7), embora o próprio Jeremias e seu auxiliar Baruque, tendo sido levados contra sua vontade, poderiam ser considerados como migração forçada propositada.

4.1.4 Os traumas

Seja como for, graças ao exílio houve sobreviventes dentre a população de Judá. Porém, forçados militarmente a se deslocarem, como prisioneiros de guerra, os sobreviventes ficaram, naturalmente, profundamente marcados por toda essa experiência. Certamente entre seus conhecidos, parentes e amigos havia vários que tinham morrido. Agora sua força de trabalho seria explorada por estrangeiros, e assim viveriam em condições inseguras entre um povo de língua diferente, de religião diferente, e que os dominava.

Os principais desafios de quem vive em um país que não é o seu foram elencados por John Ann, baseado em estudos sobre migrações forçadas:

Manter seus compromissos religiosos, especialmente aqueles que são praticados em público; preservar sua lingual original enquanto necessita aprender o idioma da cultura dominante; limitações para o sucesso econômico em um ambiente político e econômico estrangeiro; os desafios de casamentos interétnicos e a consequente criação de filhos que se

aculturarão em costumes estrangeiros; preservar um conceito de lar; limitações de alimentos e dietas numa terra estrangeira.²⁰²

Segundo Frank Ames, que aplica as visões de Zacarias a situações de deslocamento forçado, a longo termo essa vida como exilado pode trazer dano potencialmente ainda maior do que o trauma da guerra, derrota e deportação²⁰³. Mulheres e crianças são especialmente vulneráveis, e tipicamente constituem 80% das populações deslocadas em situações de guerra.²⁰⁴ Pelo fato de identidades serem socialmente construídas, os deslocamentos forçados alteram substancialmente as identidades de indivíduos e comunidades. O Transtorno de Estresse Pós Traumático, então, não afetaria somente indivíduos, mas comunidades inteiras²⁰⁵

Se Deus quisesse restaurar a dignidade dos israelitas, teria também de tratar de todas essas feridas. Como seria possível esse tratamento? Como Deus curaria uma “ferida incurável” (Jr 30.15)?

4.2 A terapêutica – o Livro das Consolações

Uma vez consumado o castigo, seja do exílio da primeira grande leva, seja da última, após a destruição total de Jerusalém, nos judaítas desterrados certamente começou um processo de profunda reflexão, como comenta a Bíblia Conselheira:

A queda e destruição de Jerusalém foram um evento extremamente traumático, com enorme impacto a nível nacional. Talvez possamos compará-la ao que um violento assalto à residência, com abusos e mortes produziria a nível familiar. O fim do país, a derrubada do Templo, a desolação em Jerusalém sem dúvida forçaram os sobreviventes a repensar toda a sua vida. Finalmente ficava claríssimo que os verdadeiros profetas, como Jeremias, Isaías, Ezequiel e outros falaram a verdade da parte de Deus, e não aqueles falsos profetas que sempre garantiam que tudo iria terminar bem. A causa do julgamento divino e do cativeiro foi dupla: a idolatria generalizada (Rainha do Céus, Baal, deuses assírios, cananeus, egípcios, babilônicos), associada com muita injustiça e exploração social

²⁰² LIM, 2016, p. 9. *Maintaining one's religious commitments, particularly those that are practiced publicly; preserving one's first language while having to learn the language of the dominant culture; limitations on economic success in a foreign economy and political environment; challenges of inter-ethnic marriage and raising children who will be acculturated in foreign customs; preserving a concept of home; and limitations of food and diet in a foreign land* (tradução nossa).

²⁰³ LIM, 2016, p. 12. A referência é ao artigo “Forced Migrations and the Visions of Zechariah 1 – 8” na obra: AMES, Frank. **The Prophets Speak on Forced Migration**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2015.

²⁰⁴ LIM, 2016, p. 13.

²⁰⁵ LIM, 2016, p. 13, veja também o item 3.2.1.

durante séculos, que corromperam a ética pessoal, religiosa, política e judiciária. No meio dos assentamentos na Babilônia, e enquanto tentavam a reconstrução de suas vidas, homens e mulheres israelitas foram forçados a reconhecer seus erros em relação a Deus. O cativo teria uma função talvez semelhante a uma internação forçada numa clínica de desintoxicação para dependentes de drogas. As profecias de aviso de Jeremias finalmente ganharam importância.²⁰⁶

Ainda no período das duas comunidades, dos que ficaram em Jerusalém e a dos primeiros exilados, Jeremias teve a visão dos dois cestos de figos (Jr 24): um de figos muito bons – que seriam os que já estavam no exílio – e outro de figos muito ruins, que correspondiam ao povo que ficou sob Zedequias. Grosso modo podemos dizer que Ezequiel ministrou para os exilados, enquanto Jeremias ficava com “os figos ruins” em Jerusalém. Houve, porém, vários contatos entre os grupos, como quando Jeremias aproveitou a ida de um mensageiro do rei à Babilônia e enviou uma carta com orientação aos primeiros exilados.

4.2.1 Preparatória: A carta aos refugiados (Jr 29)

“Construam casas e morem nelas; plantem pomares e comam o seu fruto. Casem e tenham filhos e filhas; escolham esposas para os filhos de vocês e deem as suas filhas em casamento, para que tenham filhos e filhas. Aumentem em número e não diminuam aí na Babilônia! Procurem a paz da cidade para onde eu os deportei e orem por ela ao Senhor; porque na sua paz vocês terão paz.” (Jr 29.5-7)

Este documento provavelmente foi escrito poucos anos após essa grande leva de deportados ter lá chegado. O capítulo 29 de Jeremias serve como preparatório para o Livro das Consolações, que o segue imediatamente, contendo a profecia da Nova Aliança.²⁰⁷ A carta traz recomendações para investir na vida no exílio, confirma a duração de 70 anos, e também traz orientações contra falsos profetas que na Babilônia continuavam apregoando a supremacia da vida em Jerusalém e falavam de um rápido retorno. Por último, relata a reação de um certo Semaías, que cobrava punição a Jeremias pelos conteúdos da carta e, como resposta, foi avisado de que nem ele nem seus descendentes veriam as bênçãos que Deus promoveria para seu povo exilado, de que tratam o Livro das Consolações e a Nova Aliança.

²⁰⁶ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1234.

²⁰⁷ Assim acabamos concordando com o esboço literário de Rosenberg, que agrupou o capítulo 29 aos 2 seguintes, conforme 2.2.4.3.1.

As orientações transmitidas na carta de Jeremias aos deportados na Babilônia até hoje servem de inspiração para o apoio e orientação de exilados e imigrantes, sendo muitas vezes utilizadas para a elaboração de uma “teologia da migração”.

Parece ser mais efetivo “sentir na pele” os dramas e a condição de imigrantes e exilados para extrair mais dos textos bíblicos relacionados ao exílio. O referido professor e capelão Bo Lim, palestrando num encontro sobre “Contribuições asiáticas e latino-americanas para a interpretação bíblica”²⁰⁸, parte de sua experiência numa igreja de imigrantes, a Evangelical Covenant Church, em Seattle, EUA, fundada por imigrantes (suecos) em 1885, e que continua se definindo como uma “igreja de imigrantes”, mesmo passados mais de 130 anos após sua fundação²⁰⁹.

A carta de Jeremias aos exilados (Jr 29) se dirige a uma geração geralmente esquecida no tema da migração, uma geração intermediária, chamada de “1.5”, que não foi a primeira (de adultos forçados a se deslocarem), mas também não foi a segunda geração (dos que nasceram no outro país). Trata-se dos filhos e filhas que ainda estavam na sua infância ou pré-adolescência, e conseguiram chegar até o destino no exílio junto com suas mães (e alguns pais), e se veem “rasgados entre as imagens de si na pátria local e a cultura da nova localidade”.²¹⁰ Geralmente conseguindo aprender bem o idioma do novo local, podem realizar esforços e conquistas que seus pais não tiveram condições de fazer, e podem investir no cuidado de seus próprios filhos de uma maneira a minimizar para eles os traumas por que passaram seus pais. Para Lim, o Salmo 137 retrata tipicamente os sentimentos da primeira geração, dos pais, a mais traumatizada pela perda, enquanto que a geração 1.5 de seus filhos, contemplada pela carta de Jeremias, já poderia começar esforços de construção.²¹¹

Lim ainda aponta uma ambiguidade que a carta de Jeremias também sustentaria – para isso se baseando na leitura pós-colonial de Steed Davidson²¹²: O

²⁰⁸ A conferência chamou-se “Prophetic Ministry among Exiles: The Contribution of Asian and Latino/a American Biblical Interpretation”, (Ministério profético entre exilados: a contribuição da interpretação bíblica asiática e latinoamericana”) proferida em setembro de 2015.

²⁰⁹ LIM, 2016, p. 3.

²¹⁰ LIM, 2016, p. 9.

²¹¹ LIM, 2016, p. 9.

²¹² Steed Davidson é doutor em Bíblia Hebraica, autor de obras de crítica bíblica pós-colonial.

ato de investir em construir lar e comunidade na nova terra, fortalecendo-se, também seria uma forma de desestabilizar, mesmo que em menor nível, o poderio imperial.²¹³ Isto seria algo semelhante ao que atualmente se pode observar com a presença cada vez maior de minorias étnicas nos EUA, a ponto de em breve virem a ultrapassar em número a tradicional etnia branca. No caso de Jeremias, de fato as últimas palavras registradas pelos editores como final do livro, trataram da destruição da Babilônia: o oráculo que profetizava sua queda e a leitura e gesto simbólico – a ser lá performado pelo irmão de Baruque, Semaías – de amarrar o rolo numa pedra e arremessá-lo para dentro do rio Eufrates (Jr 50 e 51, e 51.59-64).

Talvez não seja mera coincidência que este capítulo 29 também termine com uma mensagem para (outro) Semaías, do desconhecido local de Neelão. Afinal, o processo de organização deste livro foi bastante elaborado! No capítulo 51, o que se segue às instruções dadas para Semaías, de caráter profético contra a Babilônia e a favor da comunidade judaíta, é o relato da tomada e destruição de Jerusalém, adicionado como capítulo 52. Aqui no final do capítulo 29, o que se segue à mensagem de condenação do talvez falso profeta Semaías é o Livro das Consolações, que guarda em seu interior a mensagem salvadora da Nova Aliança.

Seja como for, autores como Frank Ames consideram as instruções de Jeremias 29 como uma orientação para reagirem a essa situação que tendia a se alastrar, de diminuição de recursos e de segurança e aumento de mortalidade e criminalidade, e reagir à disrupção de relacionamentos e identidades sociais, que são as consequências mais comuns desses deslocamentos forçados. Estas instruções de Jeremias retratam a necessidade de se ampliar o alcance das famílias, de ampliar a inclusividade das comunidades, para assim transcenderem as ideologias de separação.²¹⁴

O desenvolvimento de muitas comunidades de imigrantes no Brasil nos séculos passados, bem como o próprio exemplo do capelão Lim em Seattle, EUA e a realidade de várias igrejas de “estrangeiros” na América atual atestam o enorme poder de apoio e restaurador que comunidades de fé como as igrejas podem ter nos

²¹³ LIM, 2016, p. 11. A referência é à obra **Empire and Exile: Postcolonial Readings of the Book of Jeremiah** (Londres: T&T Clark, 2011).

²¹⁴ LIM, 2016, p. 14.

dias de hoje, especialmente se forem inclusivas e estenderem laços de irmandade para muito além da etnia e do parentesco sanguíneo.

Resumindo os termos de cuidado para com refugiados forçados aparentes na carta de Jeremias, então, vemos que a primeira atitude terapêutica vem no sentido de, através de atitudes concretas na vida, ajudar o exilado a aceitar o que ocorreu, como algo de alguma forma permitido (ou até mesmo implementado) por Deus, e assim organizar-se para viver o melhor possível na nova situação de vida. Até nos termos de resistência, esta seria uma espécie paradoxal de “resistência pela submissão” (parodiando o mestre Bonhoeffer). Este processo traz várias semelhanças com o que é descrito para contextos de luto pela psiquiatra Elizabeth Kübler-Ross²¹⁵, o que, por sinal, faz bastante sentido.

4.2.1.1 Limites e promessas

Outra parte importante das orientações da carta de Jeremias para a existência no exílio foi a informação sobre o tempo de duração desse castigo: 70 anos²¹⁶. Tempo esse que, uma vez conhecido, requer uma atitude de submissão e reordenação da vida – algo que antes o povo e as autoridades judaítas se recusavam a fazer (veja também o item 3.1.2.2. acima). Com a marcação de um limite final para o exílio, uma parte da atenção pode se direcionar para o futuro, para um retorno, que vem acrescido das promessas de uma situação diferente. Há sinais dessa diferença na recuperação em outras partes do livro (por exemplo, Jr 50.17-20), mas o principal trecho a tratar da restauração é o “Livro das Consolações”, e ainda mais especialmente – também para os fins desta pesquisa – a profecia da Nova Aliança ali contida.

²¹⁵ Descritas no livro “on Death and Dying” de 1969 (KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1992), estas etapas não são obrigatórias para todos os enlutados nem seguem uma sequência obrigatória, mas mostram-se bastante frequentes: a negação, a raiva, a barganha, a depressão, e a aceitação.

²¹⁶ Esse tempo foi entendido literalmente pelos livros de Esdras e de Crônicas, mas também recebeu uma compreensão escatológica e simbólica no livro de Daniel (Dn 9).

4.2.2 Introdução

4.2.2.1 Inserção e delimitação

A maioria dos estudiosos delimita o Livro das Consolações (alguns estudiosos acrescentam “a Efraim” no nome) aos capítulos 30 e 31. Outros estudiosos, como Brueggemann e Lamparter consideram que o Livro das Consolações se estenderia até o final do cap. 33. Outros ainda, acrescentam a ele também os caps. 34 e 35, como “anexos” (p. ex. a Bíblia de Jerusalém). Lundbom – que prefere chamá-lo de “Livro da Restauração”, conforme 30.18 – pondera que, originalmente este rolo em separado teria sido formado apenas pelos capítulos 30 e 31, mas mais tarde teria sido expandido de forma a incluir os capítulos 32 e 33 no livro de Jeremias, tornando-se um “livro dentro do livro”.²¹⁷

O processo de organização de Jeremias em blocos pareados (veja esboço do livro em 2.2.4.3.1) foi aplicado por Rosenberg também ao bloco central, dos capítulos 20 a 40. Em ambas as operações, o Livro das Consolações dos capítulos 30 e 31 aparece no ponto central de Jeremias²¹⁸, sendo o único segmento sem contraponto em todo o livro. Não se trata do ponto central em termos matemáticos, de quantidade de palavras, mas sim em termos temáticos, entre as diversas seções e seus contrapontos. Contudo, observamos que neste segundo empreendimento Rosenberg não se guiou pelo estilo de escrita como no primeiro, mas seguiu a divisão dos capítulos.

Para Holladay, o material poético destes dois capítulos os caracteriza como claramente separados dos textos que os circundam.²¹⁹ De 30.5 a 31.22 temos um núcleo de poesias de juízo e esperança, ao redor do qual o Livro foi construído. Lundbom observa de modo semelhante a Rosenberg, que estas poesias são arranjadas num paralelo tal que os ditos de juízo são correspondidos com falas de esperança, e aos lamentos correspondem promessas divinas.²²⁰

²¹⁷ LUNDBOM, J. R. **Jeremiah 21–36**: a new translation with introduction and commentary. New Haven: Yale University Press, 2008, p. 499-502.

²¹⁸ ALTER; KERMODE, 1997, p. 208-209.

²¹⁹ HOLLADAY, 1989, p. 155.

²²⁰ LUNDBOM, 2008, p. 269.

O principal argumento para a delimitação em dois capítulos, porém, segundo McKane, é que o v. 3 serve de resumo da obra, e ele corresponde ao conteúdo dos capítulos 30 e 31.²²¹ Lundbom concorda, como vimos, mas acrescenta que a fórmula de abertura utilizada em 34.1 (“Palavra que do Senhor veio a Jeremias”) indica que também os capítulos 30-33 funcionam como uma unidade.²²²

Como estrutura, Leene destaca que há um “miolo” poético (30.5 a 31.26) e uma “moldura” de prosa (30.1-4 e 31.27-40). As duas partes são indispensáveis uma à outra, e se especializam: o miolo fala do *cenário* da restauração, e a moldura fala do programa ou *agenda* da restauração, e isso foi deliberadamente construído assim²²³.

4.2.2.2 Na Septuaginta

Nesta tradução grega do AT o Livro das Consolações ocupa os capítulos 37 e 38. A versão da Septuaginta (LXX) é mais curta do que o Texto Massorético hebraico (TM) em Jeremias, e no Livro das Consolações isso também acontece. Mas, como dizem estudiosos como Becking, não há sinal perceptível de encurtamento deliberado (na LXX) nem de acréscimo (no TM). Foram encontrados nos capítulos 30-31 na LXX, 20 prováveis casos de encurtamento por haplografia, o que leva estudiosos a considerarem o texto hebraico (massorético) como superior.²²⁴

4.2.2.3 Destinatários

Como quase tudo em Jeremias, também há diferenças de opinião sobre a quem o Livro das Consolações se dirigiria, ou então, se houve “migração” ou “inclusão” de destinatários ao longo de sua formação. As referências a Efraim, Raquel e Samaria indicariam que, conforme observa Holladay, possivelmente ainda no tempo de Josias, estas palavras teriam sido originalmente dirigidas aos israelitas vindos do Reino do Norte²²⁵, e depois da derrota de Jerusalém tenham sido

²²¹ McKANE, William. **A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah**. v. 2. Edinburgh: T&T Clark Ltd, 1996, p. 750.

²²² LUNDBOM, 2008, p. 268.

²²³ LEENE, 2014, p. 240.

²²⁴ LUNDBOM, 2008, p. 376.

²²⁵ Veja o item 2.1.2 O pastor iniciante.

ampliadas ou adaptadas, pois passaram a incluir também habitantes do Reino de Judá.²²⁶ Esta também é a opinião dos comentaristas da Bíblia de Jerusalém.²²⁷ Lundbom comenta como a interpretação destes capítulos sofreu grandes mudanças, mais ou menos como com os oráculos contra nações estrangeiras (caps 46 a 51). Primeiramente os eruditos críticos não reconheciam a autenticidade jereminiana àqueles oráculos, por acharem que isso não combinaria com as pronunciações de juízo contra Judá. Também no Livro das Consolações, os críticos como Movers, de Wette e Hitzig, bem como os mais contemporâneos Böhmer e Lohfink seguem tentando separar o que consideram autêntico daquilo que eles não consideram autêntico, ora indicando origem na segunda parte de Isaías, ora em um período posterior. Nestas últimas décadas, porém, a autoria jereminiana tem sido restaurada, por conta de um maior número de estudiosos acreditarem que estas mensagens foram pregadas para o antigo Reino do Norte, junto ao esforço do rei Josias de reconquistá-lo para sua influência.²²⁸

Kilpp dedica boa parte de sua tese para examinar e também demonstrar a aplicação da maior parte do capítulo 31 (e também o cap. 3) à situação do extinto Reino do Norte (Israel)²²⁹. No entendimento popular esse aspecto tem sido largamente ignorado, mas é revelador como nesse capítulo as palavras de Deus deixam bem claro que o Senhor trará salvação para aquele “esquecido” reino, extinto 165 anos antes da extinção de Judá. As mensagens de Deus utilizando ícones desse reino (Efraim, Samaria e Raquel) são entretecidas com outras dirigidas a Judá ou a todos os israelitas (Jacó), e por vezes expressamente incluídas, como na fórmula da nova aliança “com a casa de Israel e a casa de Judá” (31.31). O ministério inicial de Jeremias entre exilados desse reino na sua cidade de Anatote sem dúvida deixou marcas profundas no profeta!²³⁰

²²⁶ HOLLADAY, 1989, p. 156.

²²⁷ BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973, p. 1082.

²²⁸ LUNDBOM, 2008, p. 370.

²²⁹ KILPP, Nelson. **Niederreißen und aufbauen - das Verhältnis von Heilsverheissung und Unheilsverkündigung bei Jeremia und im Jeremiabuch**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1990. No capítulo III Heil für das ehemalige Nordreich (Salvação para o antigo Reino do Norte).

²³⁰ Veja item 2.1.2 O pastor iniciante.

4.2.2.4 Datação

Aqui, novamente, temos grande discrepância entre os peritos. Holladay considera os capítulos 26 a 36 como sendo formados a partir de um novo rolo, iniciado pela época da compra do campo e do período de prisão no pátio da guarda (caps. 32, 37 e 38), e reeditado e recitado nos últimos meses da existência de Jerusalém.²³¹ Lundbom por sua vez concorda com outros peritos em que o primeiro Livro das Consolações tenha sido compilado após a queda de Jerusalém. Mas diz que nada justifica uma data muito posterior, e para ele um período bastante plausível seria o da estadia de Jeremias em Mispá. Esse período, diferentemente dos poucos meses que se julgava ter durado, ultimamente estaria sendo estimado em cerca de 4 anos (a leva a partir de lá para o exílio seria uma reação ao assassinato de Gedalias, talvez ocorrido em 582 a.C.).²³²

McKane tergiversa sobre as duas correntes de datação e autoria do Livro das Consolações, a de que a mensagem foi originalmente pregada (por Jeremias) acerca do Reino do Norte, e a que considera o livro como majoritariamente de material de terceiros acrescentado no exílio. A seguir, comenta as diferenças entre as duas posições (que tentam “separar os pedaços” por autor e destinatários), campeonadas por Böhmer e Thiel, e apresenta, um tanto timidamente, suas próprias preferências:

Em geral, não sinto necessidade de modificar minha própria análise à luz deste exame das obras de Böhmer e Thiel. Tenho questionado a posição de que o *Grundbestand* dos capítulos 30 e 31 consiste de oráculos dirigidos por Jeremias ao Reino do Norte no início do seu ministério, e que todas as referências a Judá nestes capítulos são secundárias. Tenho aceito que 31.15-20 seja dirigida a Efraim e que Efraim seja mencionado em 31.5,6, mas argumentei que isso é compatível com um contexto de “todo Israel” para os capítulos 30-31 e não necessita da conclusão de que todas as referências que eles têm a Judá sejam secundárias. “Judá” (30.3) e “para Judá” (30.4) surgiram da equação errônea de “Israel” com o reino do norte. “Israel” e “Jacó” devem ser igualados ao reino do norte e Judá, não com o reino do Norte somente. “Virgem Israel” em 31.4 e 31.21 pode se referir a Efraim.²³³

²³¹ HOLLADAY, 1989, p. 23.

²³² LUNDBOM, 2008, p. 376.

²³³ McKANE (1996), p. clxi. *In general, I do not feel the need to modify my own analysis in the light of this examination of the work of Böhmer and Thiel. I have questioned the view that the Grundbestand of chapters 30-31 consists of oracles addressed by Jeremiah to the northern kingdom in the early part of his ministry and that all references to Judah in these chapters are secondary. I have accepted that 31.15-20 is addressed to Ephraim and that Ephraim is mentioned in 31.5-6, but I have argued that this*

4.2.2.5 Esboço “Genérico”

O “miolo” do Livro das Consolações é composto por um longo poema de 30.5 a 31.22, interrompido rapidamente por dois pequenos trechos de prosa com a mesma função (“naqueles dias” e “naquele tempo”), que são considerados por muitos estudiosos como explicações entre parêntesis.

Uma sofisticação da construção deste poema que ocupa quase todo o Livro das Consolações é uma alternância de fórmulas para os destinatários, revezando entre os gêneros, com denominações masculinas (Jacó, Israel, Efraim) e femininas (virgem Israel, Raquel), com mais um padrão majoritário encontrado, segundo Lundbom: as referências masculinas trazem fala indireta (para audiência geral), e as femininas, fala direta às personagens, embora com uma exceção em cada categoria.

30.5–7	Jacó (masculino) lamento dirigido a audiência genérica
30.10–11	Jacó / Israel (masculino) dito diretamente, sobre salvação
30.12–15	Sião (feminino) dito diretamente, sobre sua ferida
30.16–17	Sião (feminino) dito diretamente, sobre sua cura
30.18–21	Jacó (masculino) dito genérico, sobre sua restauração
30.23–24	Judá (masculino) dito direta e indiretamente sobre a ira divina
31.2–6	Israel (masculino) genérico sobre a graça (v. 2–3a) Virgem Israel (feminino) diretamente, restauração (v. 3b–6)
31.7–9	Jacó / Israel / Efraim (masculino) genérico, sobre seu retorno
31.10–14	Israel / Jacó (masculino) sua restauração, dito às nações
31.15	Raquel (feminino) seu lamento, dito genérico
31.16–17	Raquel (feminino) dito diretamente, retorno de seus filhos
31.18–20	Efraim (masculino) dito genérico sobre seu arrependimento
31.21–22	Virgem Israel (feminino) dito diretamente, para marcar caminho da volta ²³⁴

4.2.3 Comentários ao texto

Ao comentar os conteúdos das perícopes destes dois capítulos, não pretendemos esgotar todos os detalhes e possibilidades de entendimento de cada

is compatible with an all-Israelite context of chapters 30-31 and does not necessitate the conclusion that all references in them to Judah are secondary. ‘Judah’ (30.3) and ‘to Judah’ (30.4) arise from the mistaken equation of ‘Israel’ with the northern kingdom and Judah, not with the northern kingdom only. ‘Virgin Israel’ at 31.4 and 31.21 may refer to Ephraim (tradução nossa).

²³⁴ LUNDBOM, 2008, p. 380.

parte do texto, mas sim focar em dois objetivos principais: expor a mensagem dirigida aos exilados israelitas e salientar sua possível utilidade para a situação de refugiados forçados, tanto para o período do exílio judaíta quanto para tragédias atuais.

Segundo Brueggemann, a mensagem central deste Livro de Consolações é claramente a insistência no fato de que o processo histórico está submetido à poderosa vontade de Deus em criar algo novo, e qualquer tentativa de compreender ou de participar nesse processo sem levar em conta essa determinação de Deus estará fadada à distorção e engano.²³⁵ Este texto fala de novidade, e as comunidades de fé recorrem a ele para se recusarem a aceitar a situação presente como sendo o destino fatal e irreversível. Fundamental para esse fim é a proclamação das promessas de Deus. Este livreto dentro do livro é o que teria dado força aos exilados para não desanimarem, apesar de se sentirem abandonados por Deus²³⁶. Como demonstrou Kilpp, partes dele foram utilizadas como liturgia nas reuniões da comunidade em exílio, mantendo viva a chama de uma salvação por vir da parte de Javé.²³⁷

^{30.1}Palavra que foi dita a Jeremias da parte do SENHOR: ²Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Escreva num livro todas as palavras que eu lhe falei. ³Porque eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que mudarei a sorte do meu povo de Israel e de Judá, diz o SENHOR. Farei com que voltem para a terra que dei aos seus pais, e eles a possuirão. ⁴São estas as palavras que o SENHOR falou a respeito de Israel e de Judá.²³⁸

Esta introdução mostra como o “Livro das Consolações” foi produzido. Para vários estudiosos, o verso 4 seria a introdução do livro em si, e os versos 1 a 3 serviram para acomodar sua inserção dentro do livro unificado de Jeremias.

O início do v. 3 *hinnēh yāmīm bā’īm nē’um-yəhwāh* (eis que vêm dias, diz o SENHOR) é uma fórmula utilizada também em outras partes do livro, inclusive na abertura do parágrafo da Nova Aliança (Jr 31.31). Ela reforça o caráter de novidade destes conteúdos, ao apontar para uma futura realização de Deus, aqui indicando um retorno do exílio, tanto do antigo reino de Israel quanto do reino de Judá. Essa

²³⁵ BRUEGGEMANN, 1998, p. 271. Veja também o item 3.1.2.1 O fator ‘Deus’.

²³⁶ BRUEGGEMANN, 1998, p. 265

²³⁷ Veja item 3.3.2,

²³⁸ BÍBLIA Sagrada, Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Todas as citações serão desta versão, exceto onde informado diferentemente. A divisão em parágrafos também é a adotada nesta versão.

novidade cumpre a segunda parte da comissão de Jeremias (1.10), no sentido de que, após (ou em meio a) “arrancar, derribar, destruir e arruinar”, chegava finalmente a hora de “edificar e plantar”.

Escreve num livro. Literalmente “escreve *para ti*”. A importância da escrita sublinha a certeza de que essa promessa será cumprida, e ao mesmo tempo sugere que haverá um tempo considerável até que o cumprimento de fato aconteça; indica também que este evento é importante, podendo servir de referência para gerações futuras, e por isso merece ser registrado.

Mudarei a sorte do meu povo. Este é o sentido mais genérico, que é utilizado pela maioria das traduções modernas. Estritamente falando, o termo traduzido por “sorte” (šəbût) significa “cativeiro”, então a promessa específica é de “reverter o cativeiro” de Israel e de Judá, num jogo de palavras com a raiz shub: “voltar a volta”, “retornar o retorno”.

A base teológica para as afirmações proféticas deste Livro das Consolações provém de dois fatores: a fidelidade de Deus – a seu povo e a suas promessas – e o poder de Deus para operar a novidade no mundo real do poder público. O conteúdo que substancia estes capítulos é que a fidelidade e o poder de Deus garantem a promessa de que, lá do fundo do exílio israelita, Deus fará acontecer um retorno para casa, e mesmo face à real possibilidade da extinção de Israel, Deus operará nova vida.²³⁹

Lundbom salienta que enquanto “Eis que vêm dias” é a fórmula de abertura do Livro das Consolações, a fórmula de fechamento consiste em unir verbos com “ainda” (ôd) ou “não mais/jamais” (lô’ ôd), e aparece em 31.40 (“Esta Jerusalém jamais será arrancada ou destruída”).²⁴⁰ Os estudiosos discutem se os “dias que vêm” se referem ao retorno do exílio babilônico, a um futuro retorno do antigo Reino do Norte, ou a um futuro reino Messiânico. McKane cogita esta última opção²⁴¹, enquanto que para nós parece mais provável a referência ser dupla, como é comum em profecias: em primeiro plano, a volta do cativeiro babilônico e da dispersão assíria, para os reinos do Sul e do Norte respectivamente; mas no segundo plano –

²³⁹ BRUEGGEMANN, 1998, p. 266.

²⁴⁰ LUNDBOM, 2008, p. 369.

²⁴¹ McKANE, 1996, p. 755.

já relacionado à Nova Aliança que está sendo apresentada – sem dúvida há o Messias no horizonte.

A principal parte do Livro das Consolações é constituída por poesia. A especificação do que é prosa e poesia nos livros proféticos não é tarefa simples, e há divergências entre os estudiosos e também entre as várias traduções bíblicas. A estrutura que adotamos aqui vê um grande poema (que pode ter sido organizado a partir da junção de poemas menores, mas aparece como unificado), e este recebe duas pequenas intercalações de texto em prosa. Este poema vai de 30.5-24, e se retoma a seguir em 31.2-22. Os versos 8 e 9 do capítulo 30 são a parte principal inserida em prosa (a única para vários estudiosos), e depois só o primeiro verso do cap. 31 seria novamente uma breve explicação em prosa.

Portanto, essa importante mensagem que visa consolação e tratamento para várias feridas está expressa em um formato artístico, com um uso mínimo de informações de lógica linear. A linguagem poética abre espaço para a arte no lidar com palavras e mensagens, e alcança mais que o discurso racional-linear, envolvendo mais propriamente os sentimentos. No trato com feridas doloridas como as do exílio, a exposição à arte, em variadas formas, deverá trazer resultados melhores do que a simples transmissão de ensinamentos e conceitos pela lógica ou pela ética. As feridas e reações humanas não são guiadas por planejamento linear – especialmente por parte das vítimas. Se essa relativa “confusão” nas expressões não for levada em conta e aceita como pertinente ao contexto e propósito, provavelmente o objetivo da consolação não conseguiria alcance profundo. Acredito que essa possa ser uma importante razão para a intrincada e difícil estrutura deste livreto como também de todo o livro de Jeremias.²⁴²

Lundbom mostra como este poema entre 30.5 e 31.22 foi construído com alternância regular de temas entre juízo e esperança, e ao final, lamentos e promessas.²⁴³ Começa assim a poesia:

⁵Assim diz o SENHOR: Ouvimos um grito de terror, um grito de medo e não de paz. ⁶Perguntem e vejam se um homem pode dar à luz uma criança? Por que, então, vejo todos esses homens com as mãos na cintura, como se

²⁴² Talvez seja essa também a maior causa da dificuldade e do correspondente esforço hercúleo no trato com o livro por parte da academia. Parece que o livro de Jeremias nos faz de certa forma “reviver” o drama daqueles refugiados, nos deixando forçados a viver num contexto que não gostaríamos, ao qual não dominamos.

²⁴³ LUNDBOM, 2008, p. 379.

fossem uma mulher que está dando à luz? E por que se tornaram pálidos todos os rostos? ⁷Ah! Que grande é aquele dia, e não há outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó, mas ele será salvo dela.

Após anunciar na introdução o propósito de reverter o cativo israelita, o poema abre com um cenário de pavor e dor. Aqui, como também nos versos centrais do poema (30.23-24), fica claro que a libertação do cativo não virá como num passe de mágica. A salvação vai acontecer, mas – tal como fazem pais e mães para diminuir o desespero em seus filhos – Deus quer avisar os israelitas de que “vai doer”.

A expressão “*de medo e não de paz*” é provavelmente uma referência à invasão de um exército forte e cruel, a ponto de deixar os soldados em pânico, “*como a que está dando à luz*”. Este, por sinal, é o argumento de McKane para que esta profecia não pudesse ser dirigida exclusivamente ao antigo Reino do Norte, que já havia sido eliminado um século antes²⁴⁴; ela deveria, então, se referir a todo o Israel, face à invasão babilônica que então vinha sobre Judá.

Um olhar clínico enxergaria nesse parágrafo também a possibilidade de “repetição do trauma”, considerando que os sobreviventes já passaram pelo avassalador ataque babilônio e não guardam boas lembranças²⁴⁵. Para reforçar essa impressão, o termo *ḥārādāh* (“terror”) foi traduzido em versões tradicionais como “pânico”²⁴⁶ (trata-se de sua única ocorrência no livro de Jeremias). Somado com “medo” e palidez no rosto, a cena de um ataque de pânico é bastante possível.

Em todo caso, a fala de Deus logo introduz informação que aciona o sistema lógico, com potencial de quebrar a reação automática de terror pelo desconhecido: “*um homem pode dar à luz uma criança?*”

Uma mulher que está dando a luz é uma figura utilizada com certa frequência na Bíblia, em Jeremias, por Paulo e inclusive por Jesus, para indicar tempos difíceis, mas que trazem resultados muito bons (como sua ressurreição, e também sua segunda vinda). Dentro da estrutura de contrapontos das extremidades até o centro, muito provavelmente esta frase inicial, das “dores de parto para homens”, pretende relacionar-se com a frase final deste grande poema: “*O Senhor criou coisa nova na terra: uma mulher cortejando um homem.*” (31.22), seja por

²⁴⁴ McKANE, 1996, p. clix.

²⁴⁵ Veja o item 3.3.1 Transtorno do Estresse Pós-traumático.

²⁴⁶ Assim a americana RSV.

ironia como sugere Lundbom, ou por uma significativa alteração de papéis, como sugere Holladay, em que ou a mulher tomaria a iniciativa sexual, ou que ela garantiria a vitória militar (face ao pavor masculino).²⁴⁷ Discutiremos mais essa questão ao comentar aquele verso.

Que grande é aquele dia. Esta frase aproxima-se das profecias sobre o “dia do Senhor”, que na maioria dos casos é utilizado para descrever o julgamento final promovido por Deus (Am 5.18s; Is 2.12s; Sf 1.7s).

“É tempo de angústia para Jacó”. note-se a importância dada ao sofrimento psíquico e emocional. Parece que o contexto da salvação e da Nova Aliança é constituído de grandes sofrimentos. Um dia de muita angústia, mas é a partir dele que os descendentes de Jacó serão salvos.²⁴⁸

Para nossa situação de tragédia de exílios atuais, vemos que de fato (como comentado em 4.1.4 “Os traumas”) a chegada a outro país não significa o fim dos problemas. O verso poderia estar falando da traumática lembrança do passado, mas também a própria libertação do cativeiro babilônico ocorreria através da terrível guerra e dos ataques do exército aquemênida (persa), somados com as recomendações do profeta para que os israelitas então saíssem rapidamente da Babilônia (Jr 51.45), o que sugere tempos difíceis até alcançar algo que possa ser sentido como seu lar.

⁸Naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, eu quebrarei o jugo que está sobre o pescoço de vocês e despedaçarei as correias. E nunca mais estrangeiros irão escravizar este povo, ⁹que servirá ao SENHOR, seu Deus, e também a Davi, que lhes darei como rei.

Os versos 8 e 9 são a inserção de prosa neste grande poema. Vale lembrar que não era a leitura, mas a audição o modo de se ter contato com a palavra do Senhor. Acusticamente, uma inserção de prosa em um poema deve ter um efeito semelhante ao que faz o cantor brasileiro Zé Ramalho, que no meio de suas canções faz uso de rápidos comentários falados, para logo seguir cantando novamente. Estes versos ilustram e dão corpo à libertação anunciada, e ainda introduzem novo anúncio, o da restituição de um rei davídico ao povo de Jacó. Para Brueggemann a libertação se caracteriza como sendo do “jugo imperial”, numa

²⁴⁷ HOLLADAY, 1989, p. 195.

²⁴⁸ De forma semelhante se pareceram os cenários da destruição de Jerusalém em 70 d.C. e os anúncios para a volta de Cristo, com o cerco e batalha do Armagedom (Ap 16).

referência ao poderoso império babilônico que se aproximava, que então seria concretamente substituído por uma monarquia própria, com o novo rei da casa de Davi.²⁴⁹ Assim, a profecia – a julgar pelo nosso privilégio de olhar retrospectivo – ganha alcance muito mais longo, que somente se cumpriria com o “rei montado num jumentinho” (Zc 9.9).

¹⁰ “Portanto, não tenha medo, meu servo Jacó”, diz o SENHOR, “nem se atemorize, ó Israel. Pois eis que eu o livrarei dessa terra distante e salvarei a sua descendência da terra do exílio. Jacó voltará e ficará tranquilo e sossegado; e não haverá quem o atemorize. ¹¹ Porque eu estou com você para salvá-lo”, diz o SENHOR. “Por isso, destruirei completamente todas as nações por onde o espalhei. A você eu não destruirei completamente, mas castigarei em justa medida; de modo nenhum deixarei você impune.”

Esta mudança de certo modo “brusca” da angústia para o conforto provavelmente reflete o uso deste texto como ritual litúrgico, em que a comunidade traz perante Deus suas angústias e ouve de um sacerdote (ou profeta) o conforto da parte de Deus²⁵⁰. Em consequência (a poesia retorna), a angustiada nação de Israel pode ficar assegurada, pois haverá o retorno do exílio, e o fim de todos os inimigos que agora a atemorizam (v. 10). O verso 11 de certa forma reflete a tensão do v.7 entre angústia e libertação, e a desloca para o “juízo final” do castigo para todas as nações, e de um “juízo justo e não terminal” para com a nação israelita. Por sinal, estes versos se repetem com pouca diferença em 46.27-28, onde servem como fecho para as profecias de juízo contra o Egito²⁵¹. A cláusula que se refere ao castigo em justa medida pode soar estranha em meio a mensagens de consolo, mas serve para nos revelar que Deus faz questão de demonstrar que sabe que a “situação atual” (sofrendo no exílio) é o que mais preocupava os israelitas²⁵².

A expressão “*estou com você para salvá-lo*” chama também um eco, mais universal, na fala de Jesus, que diz que Deus o enviou não para julgar, mas para salvar o mundo (Jo 3.17).

Neste ponto o “fator Deus” fará diferença na assistência a refugiados forçados. Os que tiverem sua comunidade de fé provavelmente terão mais facilidade para “transcenderem” a difícil situação presente e passarem a exercitar a esperança.

²⁴⁹ BRUEGGEMANN, 1998, p. 273.

²⁵⁰ KILPP, 1990, p. 113-119 (veja também acima o item 3.3.2 Cultos e rituais litúrgicos).

²⁵¹ Poderíamos nos perguntar se, naquele contexto, esses versos não seriam uma oferta de salvação para outros judeus que, com o passar de mais tempo, foram também morar naquele país.

²⁵² Pode ter sido esta a fonte da certeza paulina de que Deus não permite que sejamos tentados além das nossas forças (1Co 10.13)

Um fator bastante distintivo é o conhecimento de Deus como alguém ao mesmo tempo justo e misericordioso, conforme reflete a última frase do parágrafo: não haverá impunidade, mas a intenção divina é de salvar e não de aniquilar. Essa frase faz a ligação com o parágrafo seguinte:

¹² Porque assim diz o SENHOR: “A sua ferida é incurável, o seu ferimento é grave.” ¹³ Não há quem defenda a sua causa; não há remédio nem cura para a sua ferida. ¹⁴ Todos os seus amantes se esqueceram de você; já não perguntam por você. Porque eu a feri como se você fosse um inimigo; o castigo foi cruel, por causa da grandeza da sua maldade e da multidão dos seus pecados. Por que você grita por causa da sua ferida? Essa sua dor é incurável. Por causa da grandeza de sua maldade e da multidão dos seus pecados é que eu fiz estas coisas. ¹⁶ Por isso, todos os que a devoram serão devorados, e todos os seus inimigos serão levados, cada um deles para o cativeiro. Aqueles que a despojam serão despojados, e entregarei ao saque todos os que a saqueiam. ¹⁷ Porque restaurarei a sua saúde e curarei as suas feridas”, diz o SENHOR. “Porque chamaram você de repudiada, dizendo: ‘É Sião, ninguém mais pergunta por ela.’”

Sua ferida é incurável. Esta é uma expressão provavelmente utilizada para fazer alusão ao livro do profeta Miquéias (Mq 1.9, onde se refere explicitamente a Samaria). O exemplo desse mesmo Miquéias foi lembrado para defender Jeremias quando, no início do reinado de Jeoaquim, os sacerdotes, os profetas e o povo de Jerusalém se reuniram para condená-lo à morte porque pregou a destruição do templo e da cidade (Jr 26.18).

A repetição de “*Por causa da grandeza da sua maldade e da multidão dos seus pecados*” mostra o conteúdo que Deus mais quer frisar. Isso explica a necessidade que havia do julgamento e castigo de seu povo. Uma primeira conscientização necessária, portanto, é de quanto a maldade da nação é realmente terrível. Não pretendemos fazer generalizações fáceis, especialmente porque a situação de exilado por si já envolve muita dor e sofrimento. O que se destaca aqui é que o esforço salvador da parte de Deus passa necessariamente por esta conscientização. A salvação não será efetiva enquanto somente “os outros” povos e grupos sejam os culpados. O castigo veio de Deus (“*eu a feri*”), e ele assim pretende ensinar seu povo a reconhecer suas próprias culpas.²⁵³

“*Por isso*”. Só depois de escancarar essa realidade horrível é que o poema revela a misericórdia de Deus – neste trecho, promovendo a vingança contra os que tripudiaram sobre os israelitas.

²⁵³ Vemos aqui um paralelo com o caminho da espiritualidade, cfe 3.3.3.1.1 “Determinando o responsável”.

Como Livro das Consolações, estamos no contexto imediato e hospedeiro da Nova Aliança salvadora, e fica claro nestas passagens como a salvação e a “restauração” tem lugar no “fundo do poço”, na situação de “repudiada” e de “desabrigado”²⁵⁴.

¹⁸ Assim diz o SENHOR: “Eis que restaurarei a sorte das tendas de Jacó e me compadecerei das suas moradas. A cidade será reedificada sobre o seu montão de ruínas, e o palácio será habitado outra vez. ¹⁹ De lá sairão ações de graças e os gritos dos que se alegram. Eu os multiplicarei, e não serão diminuídos; eu os glorificarei, e não serão desprezados. ²⁰ Os seus filhos serão como antigamente, e a sua congregação será firmada diante de mim; e castigarei todos os seus opressores. ²¹ O seu príncipe procederá deles, do meio deles sairá aquele que há de reinar. Farei com que ele se aproxime, e ele chegará perto de mim; pois quem por si mesmo ousaria aproximar-se de mim?” — diz o SENHOR.²² “Vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus.”

A mensagem de conscientização utilizou no parágrafo anterior uma imagem feminina, de mulher repudiada, saqueada, gravemente ferida e abandonada por seus amantes. Agora a conscientização seguida pela restauração alcançam também o imaginário tradicionalmente masculino, com uma cidade devastada e pessoas morando em tendas precárias, como hoje temos abrigos provisórios para refugiados, bem como para atingidos por enchente ou despejados por falta de pagamento.

A alternância de destinatários entre masculino e feminino (conforme o “esboço genérico” de 4.2.2.5) deixa claro também que a maldade a ser julgada em Israel não é característica de apenas um dos gêneros, mas de ambos.

Novamente, precisamos aqui cuidar com generalizações simplórias, que só aumentariam ainda mais os sofrimentos dos atingidos pelo refúgio forçado. No texto é reconhecido por Deus que outros grupos perpetraram maldades contra seu povo israelita, e é expressamente dito que todos serão castigados. Mas Deus faz questão de que seu povo saia do pensamento dualista que vê um lado como justo (nós) e outro lado como mau (os outros). Por mais esforço, disciplina ou quaisquer outras medidas que se tome, o povo inteiro está em péssima situação e todos também são culpados. Com a desgraça atraída por sua própria maldade, o povo de Deus é comparado a uma mulher que perdeu todos os seus atrativos (Sião, v. 17) e a um homem que perdeu todas as suas construções (Jacó, v. 18).

²⁵⁴ Essa mesma verdade, da condição estrutural de pecador, é central para o Novo Testamento, sendo a razão da orientação para o auto-exame por ocasião da Ceia do Senhor (KEPLER, K. **Neuroses Eclesiásticas e o evangelho para crentes**. São Paulo: Arte Editorial, 2009, p. 76ss.)

me compadecerei das suas moradas. Nessa desesperadora situação é que entra em ação a compaixão de Deus, com a promessa de reconstrução, repovoamento e glorificação. Haverá um governo próprio, onde um príncipe “filho do homem” reinará (uma alusão que pode muito bem se encaixar com o Messias). Assim, a primeira metade do poema está chegando a um “final feliz” – Deus e seu povo em clima de aliança mútua (*Vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus*), segurança, alegria e prosperidade. Antes, porém, a poesia traz mais um sobressalto:

²³Eis a tempestade do SENHOR! O furor saiu, uma tempestade passou sobre a cabeça dos ímpios. ²⁴O furor da ira do SENHOR não se desviará até que ele execute e cumpra os desígnios do seu coração. Nos últimos dias, vocês entenderão isso.

Estes dois versos estão no centro desse grande poema e são uma expressão de juízo, o que necessariamente inclui coisas difíceis de se compreender ou mesmo de aceitar. Algumas traduções, como a NTLH, a consideram um trecho de prosa, mas o uso de tantos termos e expressões em paralelo (tempestade – tempestade (redemoinho); ira – furor; execute – cumpra) faz a balança pender para a poesia. A ira de Deus é que está por trás de toda essa ação, e a linguagem é artística, mas sua comunicação não fica muito clara.

Estes versos são também uma repetição quase idêntica de 23.19,20 (e os estudiosos divergem sobre em qual contexto eles seriam originalmente mais adequados). Lá o contexto é de condenação aos falsos profetas que pregavam insistentemente que haveria paz, enquanto Jeremias afirmava que viria a destruição. Alguma lembrança deste uso (no cap 23) dessa cena, portanto, deve estar presente aqui no cap. 30. Provavelmente trata-se de lembrar a todo o povo que o “vendaval” ou “tornado” do ataque que trouxe destruição e o exílio, em meio a muito sofrimento, fez parte do justo castigo trazido pela ira de Deus – justo porque atingiu a impiedade.

Ao mesmo tempo, aqui o contexto é de consolação após o grande impacto do juízo já ter sido sentido (provavelmente com efeitos ainda presentes, no exílio). A mensagem principal, explicitada na primeira introdução do Livro das Consolações, é que chegarão os dias em que a situação seria mudada, e os exilados retornariam a suas terras (30.3). Assim, a segunda parte deste parágrafo (v.24) agora recebe atenção: ainda há alvos dessa ira que não foram atingidos, e eles o serão – uma

referência à vingança contra os malfeitores “diretos”. Para o povo de Deus, porém, que já foi atingido por Sua ira, há segurança e esperança: por isso este parágrafo, central no livreto, vem ‘emoldurado’ imediatamente por duas fórmulas de aliança, uma antes (“Vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus”, 30.22) e outra depois (“serei o Deus de todas as tribos de Israel e elas serão o meu povo”, 31.1)²⁵⁵ Isso não acontece no capítulo 23.

Portanto, estamos num contexto onde ainda há sofrimento, mas já recebemos promessa de que Deus tem aliança conosco e trará uma mudança para melhor. Ainda estamos lidando com os mistérios do juízo de Deus e da ira divina (e tentar compreendê-los agora, a julgar pelos termos utilizados, parece ser um ofício parecido com o dos “caçadores de tornados” norte-americanos). Semelhantemente, em situações de refúgio forçado, os exilados terão de conviver com partes que não recebem explicação satisfatória, e suas crenças – sejam quais forem – não oferecerão explicações claras e detalhadas de por que tantas barbaridades tiveram de acontecer. No caso israelita, o “fator Deus” pode até dificultar mais a compreensão dessas partes, por requerer a combinação agri-doce de juízo e salvação, para incluir um senso de justiça juntamente com sua ira, mas ele aparece como a possibilidade concreta de esperar uma paz que seja legítima (e não como a dos falsos profetas que foram condenados no uso destes termos no cap. 23).

Há um propósito específico para o juízo, e ele será cumprido até o fim pelo exercício da ira de Deus. Essa condição está em paralelo com a afirmação de Isaías 55.11, sobre a Palavra de Deus que não voltará vazia, mas o tema da ira divina talvez seja o elemento mais delicado nesta operação de salvação²⁵⁶.

O furor da ira do Senhor não se desviará. Esta figura faz alusão a 2Rs 22.17, onde é parte da resposta de Deus através da profetisa Hulda, consultada pelo rei Josias, sobre o castigo que viria sobre Jerusalém: “*Por terem me abandonado e queimado incenso a outros deuses [...] o meu furor se acendeu contra este lugar e não se apagará*”. Figura semelhante, que congrega fogo e tempestade, é utilizada no Salmo 50.3-4, novamente no contexto de Deus chegando para julgar seu povo:

²⁵⁵ LUNDBOM, 2008, p. 380.

²⁵⁶ Um auxílio para a conexão pouco conhecida dessas partes (ira e salvação) encontramos em uma sequência de Salmos, os de 75 a 80, elaborados pelo grupo de Asafe, conforme explica o quadro temático da Bíblia Conselheira, “Raiva humana e ira divina” (KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 915-916).

“O nosso Deus vem [...] um fogo devorador, e ao seu redor ruge grande tormenta [...] para julgar o seu povo.”

Os desígnios do seu coração. Assim, como o final da frase explicita e Brueggemann também observa, é o coração de Deus quem dirige tudo – inclusive sua ira – e funciona como meta (“até que”), com seus bons propósitos.²⁵⁷

Nos últimos dias, vocês entenderão isso. De toda forma, este movimento da ira do Senhor envolvendo juízo e salvação não é assunto de simples compreensão, e não conseguiremos tratá-lo a contento aqui. Esta frase só vem confirmar e reforçar essa dificuldade, felizmente com um tom absolutamente otimista: isso será compreendido no futuro. Por sinal, no seu uso no capítulo 23 o significado desses últimos dias provavelmente se referia à época em que as profecias de destruição seriam cumpridas. Ali aparece no hebraico a única diferença neste verso entre os dois contextos (cap 23 e cap 30): o “entendimento” é reforçado por um uso duplo, de verbo e substantivo (titbônnû bāh bînāh), literalmente: “entenderão o entendimento”. Enquanto aqui no cap 30 o hebraico traz somente o verbo (titbônnû bāh), “o entenderão”). Os “últimos dias”, portanto, para os fins de consolo ficam menos especificados; talvez tenham sido entendidos na época como se referindo ao final do período de 70 anos, conforme a carta de Jeremias tratada acima, ou então a algo mais vago no tempo, como o “dia do Senhor”. O entendimento virá, mas podemos deduzir que não será algo tão claro (ou tão imediato) quanto foi a execução do juízo em Jerusalém pela invasão do exército babilônio. Isso, porém, será abordado ainda no restante deste pequeno livro.

^{31.1} - Naquele tempo, diz o Senhor, serei o Deus de todas as tribos de Israel, e elas serão o meu povo.

Este verso é considerado um breve comentário em prosa, para então retomar o poema no v. 2. Alguns estudiosos ligam o parágrafo final do cap. 30 ao primeiro verso do capítulo 31. McKane sugere ser este verso uma glosa, o que portanto igualaria “últimos dias” com “Naquele tempo”²⁵⁸. Já Kilpp considera que

²⁵⁷ BRUEGGEMANN, 1998, p. 280.

²⁵⁸ McKANE, 1996, p. 779.

esta referência seja mais adequadamente relacionada ao oráculo de salvação do parágrafo anterior, 30.18-22.²⁵⁹

A introdução do Livro das Consolações anunciou: “eis que vêm dias... em que mudarei a sorte do meu povo”. Depois de explicar a necessidade da ação da ira de Deus, de revelar a grande maldade do próprio povo de Deus e que os inimigos opressores também seriam castigados, a jornada rumo à Nova Aliança neste Livro das Consolações avança também no tempo: “*Naquele tempo*” (*ba’et*) a aliança de Deus será ampliada, abrangendo “todas as tribos de Israel” (o que sem dúvida inclui Judá).

² Assim diz o SENHOR: “O povo que se livrou da espada obteve favor no deserto. Eu irei e darei descanso a Israel.”

Este verso não tem entendimento consensual entre os estudiosos, e o texto da Septuaginta também não ajuda.²⁶⁰ Contudo, como que tendo já lidado com as partes mais difíceis, o capítulo 31 inteiro traz conteúdos mais positivos. A frase enfatizada pela ordem hebraica neste verso é: “obteve favor/grança no deserto”, e este é então o direcionamento dado. A dádiva de descanso a Israel provavelmente é o que mais desejariam pessoas em situação de exílio, especialmente as escravizadas e submetidas a trabalhos forçados (tal como havia acontecido no Egito). Esta é dada por Deus, seja no passado, seja no futuro: ou na promessa de uma intervenção pessoal ainda por acontecer, quando finalmente o povo de Deus teria descanso (mais um poema que ecoa em Jesus, no seu “vinde a mim, todos os cansados”, Mt 11.28), ou então pela libertação já alcançada com a visitação divina, provavelmente em pleno Êxodo. A partir de uma semelhança (mesmo que não idêntica) com os conteúdos de Jr 51.50, nossa tendência é de, mesmo sem certeza, entender esta referência como sendo ao movimento de retorno dos exilados da Babilônia, retratado como algo ainda por acontecer.

De qualquer forma, para a situação de refugiados forçados o “fator Deus” novamente fará diferença, e neste capítulo isso fica cada vez mais evidente. Se

²⁵⁹ KILPP, 1990, p. 132.

²⁶⁰ KILPP, 1990, discute a questão nas p. 133-135, entendendo que a frase final, do descanso, deve ter originalmente estado no passado e ligada ao início do v. 3, o que resultaria no texto: “Obteve graça no deserto/ um povo liberto da espada/ a caminho de seu lugar de descanso [estava] Israel,/ [Quando] Javé lhe apareceu de longe.” (tradução livre do alemão: “Gnade fand in der Wüste / ein Volk Von Schwertentronnenen; /auf dem Weg zu seinem Ruheplatz (war) Israel, / (als) Jahwe ihm von fern erschien.”).

estivermos totalmente sozinhos em nossa existência, limitados à solidariedade humana (que, contudo, é bela), a vida fica consideravelmente mais pesada.

³ De longe o SENHOR lhe apareceu, dizendo: “Com amor eterno eu a amei; por isso, com bondade a atraí. ⁴ Eu a edificarei de novo, e você será edificada, ó virgem de Israel! Mais uma vez você se enfeitará com os seus tamborins e sairá com o coro dos que dançam. ⁵ Mais uma vez você plantará vinhas nos montes de Samaria; aqueles que as plantarem comerão os frutos. ⁶ Porque virá o dia em que os atalaia gritarão na região montanhosa de Efraim: ‘Levantem-se, e subamos a Sião, ao SENHOR, nosso Deus!’”

Em meio a tantas chamadas para esperar por um tempo e por um dia, a base de todo o processo é claramente exposta, e não poderia ser mais firme: o amor eterno de Deus. O salmista diria: “sua misericórdia dura para sempre” (Sl 106.1; 136.1). Nada mais senão o amor sem fim de Deus, a sua característica principal e fundamental, é o responsável pela obra de salvação (e também pelo juízo para barrar a maldade). Assim Jeremias, mesmo sem estar claramente consciente disso, está proclamando poeticamente o caminho da salvação do Messias, através de sofrimentos e rejeições, mas seguindo com amor até o verdadeiro descanso, com festas, danças e tudo o mais – até a paternidade direta de Deus para com seu povo aparecer (v. 9)! A segurança desse fundamento eterno é tanta que aqueles que vigiavam contra invasões poderão anunciar uma caravana para louvores no Templo em Sião.

Você será edificada... você plantará vinhas. Imagens semelhantes são utilizadas pelo profeta Amós, também para descrever a restauração de Israel, no final de seu livro: “*Eles reedificarão as cidades.... Plantarão vinhas e beberão o seu vinho.*” (Am 9.14)

Para nossos fins de auxílio divino a refugiados forçados, nesse importante fator de termos um pai amoroso, será necessário resgatarmos verdades que têm sido esquecidas há tempo na vertente ocidental do Cristianismo, como a paternidade universal de Deus, a união da humanidade com a criação, e também o papel universal/cósmico do Cristo, todas questões importantes que, porém, não cabem em nosso escopo e capacidade neste trabalho.²⁶¹

²⁶¹ A teologia franciscana parece ser um bom auxílio nesse entendimento; por exemplo, nas meditações do fr. Richard Rohr.

⁷ Porque assim diz o SENHOR: “Cantem de alegria por causa de Jacó, exultem por causa da cabeça das nações. Proclamem, cantem louvores e digam: ‘Salva, SENHOR, o teu povo, o remanescente de Israel.’” ⁸ Eis que eu os trarei da terra do Norte e os congregarei das extremidades da terra. Entre eles estarão também os cegos e aleijados, as mulheres grávidas e as que estão para dar à luz; em grande congregação, voltarão para aqui. ⁹ Virão com choro, e com súplicas os levarei; eu os guiarei aos ribeiros de águas, por um caminho reto em que não tropeçarão; porque sou pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito.”

Como séculos depois diria Tiago, a misericórdia triunfa sobre o juízo (Tg 2.13), e abre as portas para aleijados e grávidas, e o esquecido Reino do Norte extinto há mais de um século, o primeiro a receber o juízo e ser castigado, é o primeiro a receber o amor cuidador de Deus.

No cuidado para com os vitimados pelo deslocamento forçado, este paradigma da misericórdia, do favor imerecido, pode ser muito benéfico para livrar as vítimas de uma aprisionamento pelo clamor por “justiça”, que na prática se aproxima muito ou chega a se identificar com “vingança”. Naturalmente, esta é uma questão delicada e complexa. É fácil apressar-se demais o processo e promover um “perdão obrigatório” em nome de Deus, que sem o devido cuidado ficará superficial, sem repetir a dor e a ferida interna que pode persistir e até aumentar.²⁶² Todo aquele processo abordado no item da “espiritualidade”, com a necessidade dos lamentos, crítica política, etc. é importante, e faz parte do caminho para reaprender a festejar (*“Virão com choro, e com súplicas”*). Aqui se destaca o diferencial do impulso fundamental dado pelo amor eterno e pela condução misericordiosa de Deus. É realmente em Jesus que esses aspectos ficam bem mais claros, especialmente por seu sacrifício na cruz. Ele é quem melhor nos apresenta Deus como Pai – mas vemos aqui que esse cuidado paterno de Deus já estava presente – inclusive é narrado na profecia da nova aliança, ao se referir à saída do Egito.

¹⁰ “Escutem a palavra do SENHOR, ó nações, e anunciem isto nas terras distantes do mar. Digam: ‘Aquele que espalhou Israel o congregará e o guardará, como um pastor faz com o seu rebanho.’” ¹¹ Porque o SENHOR redimiu Jacó e o livrou das mãos do que era mais forte do que ele. ¹² Hão de vir e exultar no monte Sião, radiantes de alegria por causa dos bens que o SENHOR lhes deu: o cereal, o vinho, o azeite, os cordeiros e os bezeros. Serão como um jardim regado, e nunca mais desfalecerão.” ¹³ “Então a virgem se alegrará na dança, juntamente com os jovens e os velhos. Transformarei o seu pranto em júbilo e os consolarei; eu lhes darei alegria em vez de tristeza. ¹⁴ Saciarei a fome dos sacerdotes com saborosa comida, e o meu povo se fartará com a minha bondade”, diz o SENHOR.

²⁶² Um terreno que parece bastante promissor neste sentido seria a troca da justiça retributiva pela justiça restaurativa.

A figura do próprio Deus assumindo o papel de pastor do rebanho é recorrente nas profecias deste período pré e pós exílio. Mas aqui isso não acontece simplesmente por negligência ou maldade dos líderes humanos, mas porque somente o Senhor tinha a força necessária para livrar e guiar o povo (tal como no Êxodo). É uma bondade unilateral, a qual o povo, agora consciente de sua maldade e de suas fraquezas, pode simplesmente receber, e festejar e se alegrar.

Após o período de vida difícil e escassez, possivelmente será mais fácil aprender a se alegrar e agradecer pelos vários elementos que Deus dá para o sustento – inclusive dos sacerdotes!

¹⁵ Assim diz o SENHOR: “OuvIU-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável por causa deles, porque já não existem.” ¹⁶ Assim diz o SENHOR: “Reprima a sua voz de choro e enxugue as lágrimas de seus olhos, porque o seu trabalho será recompensado”, diz o SENHOR; “pois os seus filhos voltarão da terra do inimigo. ¹⁷ Há esperança para o seu futuro”, diz o SENHOR, “porque os seus filhos voltarão para a sua própria terra.”

Raquel era mãe das tribos de Benjamim, Manassés e Efraim; ao mesmo tempo, como amada de Jacó, também poderia ser vista como matriarca de todo o Israel. Assim Brueggeman volta no tempo para a matriarca que chora pelos filhos perdidos, em todas as gerações, tal como todas as mães choram seus filhos mortos na guerra ou levados em cativeiro.²⁶³ Nesse mesmo sentido, Mateus aplica este verso à tristeza da “mãe Israel” sobre os pequenos meninos assassinados em Belém – por sinal, local da morte de Raquel (Mt 2.17-18).

Podemos reparar que, para refugiados que passaram pelas tragédias de guerra e desterro, as lembranças tristes volta e meia quererão ocupar a vida interior, e por razões compreensíveis. Mas aqui vemos um estágio semelhante ao que tratamos sob o item da espiritualidade no que aconteceu sob Esdras e Neemias (3.3.3.2.2. “Não chorem”). A orientação da fala do Senhor é para que o choro e lamento pelo passado seja diminuído para dar lugar à “esperança para seu futuro”: os filhos voltarão! E, segundo o que se segue, voltarão melhores do que eram antes:

²⁶³ BRUEGGEMANN, 1989, p. 286.

¹⁸ “Ouvi muito bem que Efraim se queixava, dizendo: ‘Tu me castigaste, e fui castigado como novilho ainda não domado. Converte-me, e serei convertido, porque tu és o SENHOR, o meu Deus.’ ¹⁹ Na verdade, depois que eu me afastei, eu me arrependi; depois que fui instruído, bati no peito; fiquei envergonhado, confuso, porque suportei a afronta da minha mocidade.” ²⁰ “Não é Efraim o meu filho querido, o filho das minhas delícias? Pois sempre que falo contra ele, lembro dele com ternura. Por isso, o meu coração se comove por ele, e dele certamente me compadecerei”, diz o Senhor. ²¹ “Coloque sinais e marcos na estrada; preste atenção na vereda, no caminho por onde você passou. Volte, ó virgem de Israel! Volte para as suas cidades.” ²² Até quando você andar errante, ó filha rebelde? Porque o SENHOR criou coisa nova na terra: uma mulher cortejando um homem!”

Para Brueggemann agora é o “filho pródigo” quem fala, e expressa arrependimento por ter resistido.²⁶⁴ Deus poeticamente entra em cena e expõe seu coração. Lá havia uma inclinação para o castigo, mas vence a decisão pela compaixão. Além do significado imediato e contextualizado para Israel em tempos de cativeiro, esta passagem, vs. 15-22, contém experiências instrutivas sobre a paixão entre mães, pais e seus filhos e filhas. A passagem de Efraim para a “virgem de Israel” parece propositadamente aproximar os dois reinos e talvez já confundi-los como um só.

McKane ilustra a dificuldade de afirmar sobre a quais grupos a profecia está falando, começando pela questão de ou considerar os vs. 21 e 22 como continuação do parágrafo de 15 – 20, ou como um poema independente. Embora ele defenda que estes versos se refiram aos israelitas do norte, reconhece que a frase “*Coloque sinais e marcos*” é do tipo de fala que se dirige para quem, como os judaítas, está para ser levado ao exílio.²⁶⁵ É possível que o dilema seja resolvido assumindo as fases da pregação do profeta: primeiramente ao Reino do Norte, depois também a Judá (pois como aquele não mais existia, o termo “Israel” pode ser atribuído para toda a nação).

meu coração se comove por ele, e dele certamente me compadecerei. Com estas palavras dirigidas a Efraim, o livro de Jeremias faz uma alusão a Oséias 11.8, onde Deus fala: “*Como poderia eu abandoná-lo, Efraim? ...Meu coração se comove dentro de mim; toda a minha compaixão se manifesta.*”

No v. 22 termina o grande poema deste pequeno livro das consolações. E termina com uma surpresa (ou, no dizer de um erudito, “um enigma ainda sem

²⁶⁴ BRUEGGEMANN, 1989, p. 287.

²⁶⁵ McKANE, 1996, p. 805.

solução”). Mas antes da última frase, temos a penúltima. A “reclamação” do Pai (ou do profeta do Pai) pela demora em voltar por parte da filha termina o conjunto de três apelos para essa volta acontecer. Provavelmente este é um eco da convocação para que os judeus saiam da Babilônia que está prestes a ser destruída (Jr 51.45-46, 60-61), como que dizendo “parem de hesitar e saiam de uma vez”. O indicativo para refugiados seria – feito aqui com temor e tremor -- que tomem cuidado para não se deixarem enredar pela letargia ou acomodação, ou pelo que diz o texto, uma rebeldia teimosa contra a situação provinda de Deus, e fiquem atentos para as oportunidades que Deus está apresentando (literalmente “criando”), como diz a frase seguinte, que fecha o poema.

A frase “*uma mulher cortejando um homem*” (literalmente “cercando” ou “rodeando”) pretende fazer jus ao anúncio de “*coisa nova na terra*”. Muitas e muitas explicações possíveis têm sido levantadas pelos comentaristas. Uma das versões tradicionais mais utilizadas no Brasil teve um lamentável deslize de inferência, ao dizer: “A mulher infiel virá a requestrar um homem” (RA). Note-se que “infiel” não aparece no texto hebraico, e pode ter sido introduzida por um dos possíveis significados do termo traduzido como (filha) “rebelde” (haššôbēbāh) na primeira frase do verso. A TEB traz “a mulher corteja o homem”, enquanto a Bíblia de Jerusalém pôs “A Mulher rodeia seu Marido”. Holladay aponta que Jerônimo (e a exegese católica subsequente) anotou ser esta uma indicação da gestação virginal do Messias – o que não deixaria de corresponder à “novidade”.²⁶⁶ Mas digno de nota ainda é a oposição dos pares poéticos, conforme comentado acima, em Jr 30.6, segundo descreve Lundbom, que pode ajudar um pouco na elucidação, ao pareá-la com os homens em atitude de dar à luz.

Uma interpretação mais convencional, que não merece ser desprezada, é que Israel seria a mulher (muitas vezes chamada de “infiel”), e Deus o homem/marido²⁶⁷, e esta mudança de papéis tradicionais na tomada de iniciativa de aproximação na verdade refletiria a mesma mudança que está descrita no final do parágrafo da Nova Aliança, em que as leis passarão das tábuas de pedra para o coração, numa passagem da obediência temerosa de castigo para um autêntico desejo de agradar e servir ao Senhor.

²⁶⁶ HOLLADAY, 1989, p. 195.

²⁶⁷ Assim, por exemplo, Charles C. Ryrie, ao comentar esta passagem. RYRIE, Charles C. **A Bíblia Anotada Expandida**. São Paulo: Mundo Cristão; Barueri: SBB, 2006, p. 737.

De acordo com Newman e Stine, o gesto de “cercar um homem” poderia ser proteção, ou dominação, ou também comportamento agressivo, e eles sugerem como tradução “defender”.²⁶⁸

Segundo Leene, a solução para o significado pode simplesmente estar explicada nos três versos seguintes (daqui até o final do capítulo temos intercalações de prosa – uma delas sendo a perícopes da nova aliança – e poesias menores):

²³Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: – Quando eu os trouxer de volta do cativeiro, na terra de Judá e nas suas cidades se dirá outra vez: “O SENHOR a abençoe, ó morada da justiça! O SENHOR o abençoe, ó monte santo!”²⁴ – Nela, habitarão Judá e todas as suas cidades, bem como os lavradores e os que pastoreiam os rebanhos.²⁵ Porque satisfarei à alma cansada, e saciarei toda alma desfalecida.

Nestes versos Leene mostra que há a ocorrência de sufixos masculinos onde se esperaria femininos: “Judá” se refere à terra e cidades do “homem Judá” (e não da “tribo Judá”, que seria feminino). A ocorrência desta construção: “a terra de Judá e suas cidades” é única aqui em todo o Antigo Testamento. A novidade, então, seria que o território de Judá (masculino) seria cercado/defendido pelo santuário, o monte Sião (feminino, como montanha)²⁶⁹. Ou seja, em vez de Judá cercar e defender o santuário, este é que defenderia os judaítas/israelitas.²⁷⁰

Isso na verdade também se coaduna com o principal sentido da Nova Aliança: a de que a segurança da bênção divina agora depende da já assegurada vontade de Deus, e não mais da obediência humana.

O “crescendo” de entusiasmo continua, para desaguar na nova aliança poucos versos à frente. A referência à “alma cansada” novamente apelará, para ouvidos cristãos, ao convite de Jesus, “vinde a mim” (Mt 11.28-30).

²⁶ Nisto, acordei e olhei ao redor; e o meu sono tinha sido doce.

²⁶⁸ NEWMANN. B.; STINE Ph. **A Handbook on Jeremiah**. Nova York: United Bible Societies, 2003. Paratext 7.5, utilizado com permissão.

²⁶⁹ LEENE, 2014, p. 202-203. Essa mesma função poderia estar contemplada na visão da nova distribuição de territórios no final de Ezequiel, em que o novo templo, com os levitas, recebe o território central.

²⁷⁰ Essa certeza faz Paulo irromper em exultações em Romanos 8 (“Se Deus é por nós, quem será contra nós?”).

O verso 26 é – novamente – totalmente inesperado num livro bíblico, inusitado e por isso de difícil interpretação. A *Good News Bible* interpreta: “Assim, as pessoas dirão: fui dormir e acordei refeito” (tradução livre), o que segundo Newmann e Stine é uma tradução aceitável²⁷¹. Poderia ser também uma exclamação eufórica de um leitor. O mais provável parece ser que o profeta recebera as revelações através de um sonho e, possivelmente pela primeira vez em muitos dias ou meses, dormiu muito bem, acordou feliz e satisfeito, porque a palavra do Senhor que lhe veio desta vez não iria provocar prisões ou perseguições como antes, porque era predominantemente de boas novas, que muito agradariam a seus ouvintes. Como Jeremias é o profeta de quem mais ouvimos sobre reações e sentimentos, essa possibilidade é plausível.

²⁷ — Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que semearei a casa de Israel e a casa de Judá com a semente de pessoas e de animais. ²⁸ Como os vigiei para arrancar, para derrubar, para subverter, para destruir e para afligir, assim os vigiarei para edificar e para plantar, diz o SENHOR. ²⁹ Naqueles dias, já não dirão: “Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos é que se embotaram.” ³⁰ Pelo contrário, cada um morrerá por causa da sua própria iniquidade. Quem comer uvas verdes é que ficará com os dentes embotados.

No último parágrafo antes do anúncio da nova aliança, a profecia como que faz um “ensaio” com a mesma introdução: “*Eis que vêm dias...*”. Leene mostra como este parágrafo e o seguinte (v.31-34) são detalhadamente construídos em paralelo, com o mesmo tipo de cláusulas, o que auxilia bastante na sua compreensão.²⁷²

O verso 28 relaciona este movimento diretamente com a comissão divina da introdução do livro (1.10) o que reforça a impressão de que estamos efetivamente no coração da mensagem. O Deus que lá constituiu Jeremias para as tarefas de arrancar, derribar, destruir, arruinar e também edificar e plantar, aqui revela que Ele próprio se dedicava atentamente a executar essas tarefas, e agora havia chegado a hora da mudança: a lavoura estava pronta para um novo plantio, ou, o terreno estava limpo receber para uma nova edificação. Mas esta sementeira não seria agrícola, mas de pessoas e também de animais, os moradores que haviam sido expulsos.

²⁷¹ NEWMANN; STINE, 2003, comentário respectivo.

²⁷² LEENE, 2014, p. 206. Veremos mais detalhes no próximo capítulo.

A primeira mudança, que se pode entender como preparatória para a nova aliança, já é comunicada antes mesmo do enunciado oficial: a responsabilização será individualizada, e a solidariedade familiar para os maus atos dos pais não será mais a regra. O mesmo provérbio das uvas verdes é assunto de um longo ensino em Ezequiel 18, onde está bem claro: a alma que pecar, essa morrerá. Holladay considera que o livro de Jeremias teria seguido Ezequiel neste verso²⁷³.

Brueggemann explica que o provérbio das uvas verdes estava “na boca do povo”, como aliás transparece no texto de Ezequiel 18. Assim como atualmente alguns grupos falam sobre “maldições de família”, numa situação de exílio seria muito fácil pensar que a geração exilada estava sofrendo consequência dos erros de pais e avós.²⁷⁴ O próprio adiamento do cativo por conta de reis mais dedicados a Deus poderia fortalecer essa crença. Por isso, já no início da anunciação da novidade, o profeta faz questão de declarar nulo esse provérbio: cada geração e cada indivíduo é responsável por suas próprias cargas, e não as dos pais. Estava “arrancado” o último obstáculo para uma nova construção.

Podemos observar como o foco começa em nível amplo, nacional (Casa de Israel e de Judá), segue para o nível familiar (pais – filhos), e chega até o nível individual, de cada pessoa (*kāl-hā’ādām* – *quem comer*). Ao mesmo tempo, o início é com a sementeira que Deus faz, de pessoas e animais, passa para a atenção que Deus dá para a edificação e plantação, e termina com a responsabilização individual por pecado e morte. Também na questão de tragédias de deslocamento forçado, haverá elementos de responsabilidade nacional e haverá elementos de responsabilidade familiar; ao mesmo tempo haverá ajudas de Deus a nível nacional, o acompanhamento de Deus para auxílio no crescimento, e a última instância, que poderíamos dizer é decisiva em termos de encaminhamento para vida ou para morte, precisará ser tomada (ou ao menos aceita) por cada indivíduo. Então vem o anúncio da Nova Aliança:

³¹ – Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. ³² Não segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois eles quebraram a minha aliança, apesar de eu ter sido seu esposo, diz o SENHOR. ³³ Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente lhes imprimirei as

²⁷³ HOLLADAY, 1989, p. 197

²⁷⁴ BRUEGGEMANN, 1989, p. 291.

minhas leis, também no seu coração as inscreverei; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. ³⁴ Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: “Conheça o SENHOR!” Porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.

(o comentário dos conteúdos desse parágrafo será tratado em separado, no próximo capítulo).

Apresentada a promessa da nova aliança, o Senhor oferece impressionantes garantias para seu funcionamento:

³⁵ Assim diz o SENHOR, que dá o sol para a luz do dia e as leis fixas à lua e às estrelas para a luz da noite, que agita o mar e faz bramir as suas ondas; SENHOR dos Exércitos é o seu nome. ³⁶ “Se estas leis fixas falharem diante de mim”, diz o SENHOR, “também a descendência de Israel deixará de ser uma nação diante de mim para sempre.” ³⁷ Assim diz o SENHOR: “Se puderem ser medidos os céus lá em cima e sondados os fundamentos da terra cá embaixo, também eu rejeitarei toda a descendência de Israel, por tudo o que fizeram”, diz o SENHOR

Como para contrabalançar toda a novidade trazida no parágrafo anterior, o livro de Jeremias lança aqui, segundo Brueggemann, o máximo de estabilidade e continuidade que ele consegue expressar. Israel é considerada tão estável como a criação.²⁷⁵ Tal como o eterno amor de 31.3, aqui a fidelidade de Deus e a estabilidade da sua criação garantem a continuidade desse mesmo amor, indicando a passagem da velha para a nova aliança sob a constância do olhar divino (o “velar para plantar” do v. 28). O interessante é que a limitação e incapacidade dos humanos serve como medida de garantia da continuidade do amor divino (“se puderem ser medidos os céus lá em cima...”).

Por que Deus apresenta essas garantias? No caso de experiências traumáticas como a do exílio forçado, há uma forte experiência de fracasso e decepção, algo que “não deu certo”, registrada na memória individual, familiar e nacional. Esse registro faz a pessoa automaticamente desconfiar de quaisquer novas promessas. Deus argumenta com grandezas bem conhecidas, como o sol, lua e estrelas, os céus e a terra, todas sabidamente relacionadas a ele como Criador, para que as pessoas possam decidir confiarem nele também como Redentor.

³⁸ – Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que esta cidade será reedificada para o SENHOR, desde a Torre de Hananel até o Portão da Esquina. ³⁹ O cordel de medir se estenderá em linha reta até a colina de Garebe, e depois

²⁷⁵ BRUEGGEMAN, 1989, p. 295.

se virará na direção de Goa.⁴⁰ Todo o vale dos cadáveres e da cinza e todos os campos até o ribeiro de Cedrom, até a esquina do Portão dos Cavalos para o leste, serão consagrados ao SENHOR. Esta Jerusalém jamais será arrancada ou destruída.

Num cenário que relembra o novo templo de Ezequiel (e até seu vale de ossos secos), a restauração da nação ganha nomes e medidas bem concretas. A Torre de Hananel é referida em Ne 3.1, e a Porta da Esquina é mencionada em 2 Rs 14.13. O vale dos cadáveres e de cinza é comentado pela TEB como sendo o *Geena*, que margeia Jerusalém a sudeste, onde se praticou sacrifício de crianças a Moloque (2Cr 28.3) e possivelmente tenha sido usado por séculos como depósito de lixo, servindo de prefiguração da condenação eterna.²⁷⁶

A ideia é que não haverá mais nada escuso ou escondido, mas até o que antes era território do pecado e abominação será incluído na cidade santa.

*“Esta Jerusalém jamais será arrancada ou destruída”*²⁷⁷ é uma promessa cabal, completamente eliminando o medo de novos ataques e opressões. Como Brueggeman observa, este clímax concreto ligado ao cotidiano político e econômico não seria de se esperar. A realidade “pé no chão”, com nomes de lugares, inclusive os menos elogiosos, mostra agora tudo e todos consagrados ao Senhor. Literalmente, a última palavra é “para sempre” (*le-olam*), a grande e definitiva vitória do “plantar e edificar”, que veio após o “destruir e arrancar”.²⁷⁸ Poderia existir final mais consolador do que este?

Assim como na vida histórica de Jerusalém esse final ainda não foi concretizado, também na restauração pós-tragédias não se espera na própria geração uma recuperação perfeita. Esta acontecerá na dimensão da eternidade, do “para sempre”, e é para lá que as melhorias menores e mais limitadas que experimentamos aqui nos encaminham e nos animam, e por isso merecem ser celebradas. A consciência de estar num movimento de crescimento e edificação, e não mais de destruição, e a sua garantia dada por Deus, é o que dará a satisfação mesmo agora, em meio a várias coisas ainda bastante precárias.

²⁷⁶ TEB, 1995, p. 1864.

²⁷⁷ Um exercício interessante de história da salvação seria combinar essa promessa com a real destruição de Jerusalém após a ascensão de Jesus Cristo, no ano 70 d.C. pelos romanos.

²⁷⁸ BRUEGGEMAN, 1989, p. 298.

5 A NOVA ALIANÇA E SUA TERAPÊUTICA APLICADA

Neste capítulo pretendemos nos deter especificamente na profecia da Nova Aliança de Jeremias. Ao fazê-lo aqui, porém, queremos manter um enfoque na serventia desses conteúdos para o auxílio a refugiados e também tentarmos traçar uma comparação entre a abordagem do texto da profecia e a abordagem psicológica atual no trato para com os deslocados forçados atuais. Fazendo isso pretendemos constatar quais seriam as semelhanças e diferenças que existem entre esses dois esforços de ajuda que estão separados no tempo por cerca de 2500 anos.

Para esse fim, inverteremos a ordem tradicionalmente esperada, e começamos a olhar para o texto pelo crivo da sua aplicação terapêutica, para na sequência examinarmos mais detalhadamente seus aspectos contextuais e textuais.

5.1 A Nova Aliança de Jeremias analisada na estrutura “RICH”

Vamos tentar comparar ênfases desta profecia do período de Jeremias e exílio (século VI a.C.) com ênfases atualmente aplicadas no auxílio a refugiados forçados, buscando constatar se o auxílio trazido pelo livro de Jeremias trabalha na mesma direção dos esforços atuais, e em que ele poderia contribuir para situações semelhantes que acontecem na atualidade.

Esta profecia não está limitada a um indivíduo ou a uma família. Ela foi uma declaração aberta, tornada pública no livro, para quem quisesse ouvir e ler, em que pese se referir expressamente ao povo israelita, “da casa de Israel e da casa de Judá”. Trata-se de uma declaração unilateral de Deus, feita a nível populacional, mesmo que, por sua unilateralidade divina, se mostre perfeitamente válida também para indivíduos e grupos menores.

Como vimos no item 3.2.3, a abordagem construtivista social “RICH” enfatiza o auxílio fundamental prestado por relacionamentos que ofereçam os quatro pilares do seu acrônimo:

Respeito

Informação

Conexão

Esperança (Hope, em inglês)

Tentamos utilizar estes quatro pilares da abordagem como crivo e aplicá-los sobre o texto da profecia da Nova Aliança. Chegamos à seguinte identificação para os quatro versos da profecia de Jeremias 31:

31— Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá.

32 Não segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois eles quebraram a minha aliança, apesar de eu ter sido seu esposo, diz o SENHOR.

33 Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no seu coração as inscreverei; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo.

34 Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: “Conheça o SENHOR!” Porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.

Alguns elementos se sobrepõem, servindo a duas ou mais das funções. Faremos menção desse duplo serviço, mas para fins de agruparmos as partes por elemento da abordagem, utilizaremos a característica considerada principal de cada uma:

5.1.1 Respeito

firmarei [nova] aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Fazer um pacto, e expressá-lo nestes termos, claramente significa tratar a outra parte com respeito, como uma instituição reconhecida, apesar de todas as frustrações havidas nesse relacionamento.

[Não ensinará...] cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão. Há o reconhecimento de pertença, de parentesco e de nacionalidade, o que novamente

confere um nível de dignidade. Da mesma forma, o pronome *ish* (aqui significando ‘cada um’) deixa claro que todos os indivíduos estão sendo considerados.

A repetição do bordão “*diz o SENHOR*” nos quatro versos é uma importante **informação**, por ressaltar a autoridade divina por trás de cada parte da declaração. Mas também serve como um importante sinal de seriedade, compromisso e empenho pessoal da parte de Deus nesse anúncio da Nova Aliança, o que mostra o **respeito** do Senhor para com seu povo.

Assim também o ato de assumir publicamente a identificação, na velha aliança, do papel de *seu esposo* traduz, além da conexão pessoal, um respeito pela outra parte. Da mesma forma, a expressão “*desde o menor até o maior deles*”, que nos parece reforçar o caráter de **vínculo/conexão** de Deus com as pessoas, também garante que todos estão sendo considerados **respeitosamente** e ninguém será negligenciado pela intenção do Senhor.

Vemos, então, como Deus em seu anúncio da Nova Aliança trata a comunidade israelita com todo o respeito e dignidade, por mais desmoralizados que seus membros se sentissem – o que sem dúvida se mostrará fundamental em qualquer cuidado a vítimas de tragédias.

5.1.2 **Informação**

diz o SENHOR. A profecia informa reiteradamente a origem da mensagem, que serve também como fundamentação da aliança oferecida (veja adiante, comentado no texto). Não é ideia de Jeremias, do rei ou de qualquer outra pessoa: o Deus Todo-Poderoso, o mesmo que causou a ruína do país com seu castigo, é quem anuncia esta “salvação”.

pois eles quebraram a minha aliança. A verdade sobre o mal feito que ocasionou a quebra da aliança anterior e o consequente castigo não é omitida nem atenuada. O próprio respeito apresentado, como comentado acima, já requer que se diga essa verdade, que ainda é agravada pela continuação: *apesar de eu ter sido seu esposo*. A mágoa da traição sofrida por Deus não fica escondida, e essa **informação** entra no cômputo do contexto gerador dessa promessa. Esse, na verdade, seria o grande obstáculo para a ideia de uma nova aliança: o pecado

humano mostrando-se reiteradamente incorrigível. Somente com a comunicação dessa verdade é que poderia haver solidez suficiente para uma nova aliança se sustentar – o normal a esperar seria uma desistência e abandono desse vínculo por parte de Deus, por justa causa. Com a informação de que essa gravíssima atitude do povo foi levada em conta na elaboração da proposta, as chances de sucesso aumentam bastante.

Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no seu coração as inscreverei. A inclusão de mente e coração também serve aos propósitos de **vínculo/conexão**, mas me parece fundamental a **informação** que a fórmula transmite. A proposição de uma aliança nova sem dúvida levantaria grande ceticismo, ao questionar: “como garantir que será diferente, que a quebra do relacionamento não se repetirá?” Essa atitude lembra a de um paciente que questiona o médico sobre o novo tratamento que está sendo prescrito – como convencê-lo de que vai funcionar? Sabe-se hoje que conquistar a confiança de um paciente é um fator importante para auxiliar no sucesso de qualquer tratamento. Assim, Deus fornece uma informação detalhada do procedimento – e o faz em duas formulações paralelas – sobre o modo de atuação dessa nova aliança: o coração, sempre tão rebelde e indomável, será a sede da vontade de Deus nessa nova aliança. O querer será a fonte, não o dever. Por isso, o item seguinte complementa:

Não ensinará... “Conheça o Senhor!” esta aliança não será baseada em imperativos, em coerção à obediência, em forçar um relacionamento com o Senhor. O que para a velha aliança era meta a ser atingida, para a nova é ponto de partida, dado gratuitamente (também aqui há um forte elemento de **conexão/vínculo** presente). Somos por Deus informados de que o relacionamento de seu povo com ele será diferente, espontâneo e verdadeiro.

5.1.3 **Conexão/ Vínculo:**

Aliança. O termo (*berith*) definidor deste parágrafo é essencialmente um termo de relacionamento, estabelecendo conexão entre duas partes, mostrando vínculo. Ele aparece ainda duas vezes no v. 32 (referindo-se à antiga aliança) e outra no v. 33, *a aliança que farei*, descrevendo a nova. O estabelecimento de um pacto ou aliança mostra o respeito para com a outra parte mas, mais do que isso,

mostra o desejo de um relacionamento, uma conexão. Este é o elemento básico para a abordagem RICH.

Os tomei pela mão. Já na aliança da Lei de Moisés a atitude de Deus mostrava **conexão** com seu povo, numa atitude paternal que garantiria uma condução segura, *para os tirar da terra do Egito*. Também o papel de esposo revela íntima conexão. É o mesmo Deus, que se importa com seu povo, quem promoveu a antiga e a nova alianças.

minhas leis. Não são leis quaisquer, nem impessoais, que caracterizam a nova aliança. A personalização das leis por Deus imprime um caráter afetivo, como quem dá um presente dizendo “fui eu que fiz especialmente para você”.

eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. Esta clássica fórmula de aliança realça os dois sujeitos que se relacionam pela aliança.

todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles. O resultado da entrada em vigor da nova aliança é o conhecimento amplo e pessoal, por todo o povo, do Senhor. O verbo “conhecer” (*yēd’û*) é utilizado na Bíblia para todos os espectros de conhecimento pessoal, do superficial até o mais íntimo. O modo como esse conhecimento ocorre aqui foi classificado como fator de **esperança**, mas também contém um forte componente de **conexão/vínculo**: *perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei*. Os pecados sempre foram descritos como fazendo separação entre Deus e o povo. O perdão destes, e sua eliminação da memória, portanto, são a grande base e força da conexão/vínculo entre Deus e seu povo (veja abaixo o item 5.2.3.4, “a novidade da nova aliança”).

5.1.4 **Esperança:**

Estão chegando dias. Para pessoas vivendo em situação extremamente difícil, o anúncio de que haverá um novo tempo, em que a situação será diferente, é um forte gerador de esperança (veja também a seguir, no comentário do texto). Esta expressão, junto com a congênere *depois daqueles dias* (v. 33), leva o foco da atenção para um ponto futuro. Pessoas com vivência traumática ficam presas no passado, como vimos da definição do TEPT (3.2.1). Ao anunciar em nome de Deus que dias diferentes virão com toda certeza, está dada a largada para uma sensível

melhora. Tal como José pôde no Egito dar instrução para que os israelitas levassem seus ossos para ser sepultados em Israel, a convicção de que a atual situação não é a definitiva faz o ser humano se permitir imaginar e antecipar a mudança prometida. Assim a pessoa começa fazer sua vida se preparar para aquele evento, mesmo que através dos descendentes. Os cristãos também são impulsionados a se animarem e a “se melhorarem” desde já, por conta da boa esperança de um futuro com Deus (p. ex. em 1 Jo 3.2,3).

nova aliança. O uso do qualificativo nova (*ḥădāšāh*), significando “diferente do que se conhece” abre uma torrente de **esperança**, porque o castigo da destruição e exílio deixou marcado o fracasso do relacionamento anterior. A explicação da novidade é reforçada logo após: *Não segundo a aliança que fiz com os seus pais*, o que deixa bastante claro que não se trata de uma “segunda chance” para o mesmo objetivo fracassado anteriormente: é algo novo e diferente (veja também no comentário textual a seguir).

perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. A grande novidade é a eliminação, via perdão definitivo e total, do grande problema que acabara com a aliança anterior: o pecado humano. Portanto, não há chance de os humanos quebrarem esta aliança – assim, a esperança ganha moldura de certeza, porque se baseia no Senhor, e não em nossa obediência ou nos nossos pecados.

Nesta comparação, portanto, observamos que há uma grande sincronicidade entre a abordagem da estrutura “RICH” e a Profecia da Nova Aliança. Este é mais um motivo para procedermos um exame ainda mais detalhado do texto em sua própria estrutura (uma exegese), como aparece no Livro das Consolações e no livro de Jeremias:

5.2 A perícopes da Nova Aliança

5.2.1 Introdução

McKane comenta que este parágrafo é praticamente isento de dificuldades gramaticais, textuais e lexicográficas, e diz ser impressionante que um texto assim tenha causado tanta atividade entre os estudiosos. Ele recomenda evitar ou pelo

menos adiar os “assuntos irritantes”, não nos engajando precipitadamente com as questões da forma com têm sido extensamente debatidas, coisas como autoria jeremiana ou edição deuteronomista, ou contribuição pós-exílica.²⁷⁹ Provindo de um estudioso que normalmente aborda exaustivamente exatamente essas questões, este é sem dúvida um conselho valioso. De toda forma, a maior parte das considerações contextuais já foi apresentada na introdução ao Livro das Consolações, do qual a perícopes da nova aliança faz parte (veja item 4.2.2).

Contudo, em relação específica a esta profecia, Holladay, num exercício considerável de imaginação, considera que o *setting* perfeito para a fala da profecia da Nova Aliança seria uma parada da comitiva que levava Jeremias à força a caminho do Egito, no local junto às ruínas de Jerusalém, um pouco de tempo após a destruição.²⁸⁰

5.2.2 Texto e traduções:

5.2.2.1 Texto hebraico,

Segue o texto, conforme extraído da *Biblia Hebraica Stuttgartensia Amstelodamensis*²⁸¹:

31 הִנֵּה יָמִים בָּאִים נְאֻם־יְהוָה וְכָרַתִּי אֶת־בֵּית יִשְׂרָאֵל וְאֶת־בֵּית יְהוּדָה בְּרִית
חֲדָשָׁה:
32 לֹא כַּבְרִית אֲשֶׁר כָּרַתִּי אֶת־אֲבוֹתָם בְּיוֹם הַחֲזִיקִי בְיָדָם לְהוֹצִיאָם מֵאֶרֶץ
מִצְרַיִם אֲשֶׁר־הֵמָּה הִפְּרוּ אֶת־בְּרִיתִי וְאֲנֹכִי בָעַלְתִּי בָם נְאֻם־יְהוָה:
33 כִּי זֹאת הַבְּרִית אֲשֶׁר אֶכְרֹת אֶת־בֵּית יִשְׂרָאֵל אַחֲרֵי הַיָּמִים הָהֵם נְאֻם־יְהוָה
נִתַּתִּי אֶת־תּוֹרָתִי בְּקֶרְבָּם וְעַל־לִבָּם אֶכְתָּבֶנָּה וְהָיִיתִי לָהֶם לְאֱלֹהִים וְהֵמָּה יִהְיוּ־לִי
לְעָם:

²⁷⁹ McKANE, 1996, p. 817.

²⁸⁰ HOLLADAY, 1989, p. 35.

²⁸¹ Trata-se do texto hebraico da BH Stuttgartensia, porém lançado integralmente codificado para programação e pesquisa computadorizada, pelo ETCBC (Eep Talstra Center for Bible and Computer), ligado à Faculdade de Teologia da Vrije Universiteit Amsterdam), em outubro de 2017. Na apresentação fixada neste trabalho não há diferença para o texto impresso na Stuttgartensia. A BHSA pode ser livremente acessada e pesquisada em <https://shebanq.ancient-data.org/hebrew/text>, e também possui seu próprio website: <https://etcbc.github.io/bhsa/mql/>.

³⁴ וְלֹא יִלְמְדוּ עוֹד אִישׁ אֶת־רֵעֵהוּ וְאִישׁ אֶת־אֲחִיו לְאֹמֶר דַּעוּ אֶת־יְהוָה כִּי־כֹלֵם יִדְעוּ אוֹתִי לְמִקְטָנָם וְעַד־גְּדֻלָּתָם נֶאֱמַר יְהוָה כִּי אֶסְלַח לְעֲוֹנָם וְלִחְטָאתָם לֹא אֶזְכֹּר־עוֹד: ס

O aparato crítico da BHS aponta para a possibilidade de, no verso 32, em vez de *baal* o termo ser *gaal*, segundo a Septuaginta (vide abaixo) e uma anotação marginal na Siríaca²⁸².

5.2.2.2 LXX (Septuaginta, cap. 38):

³¹Ἰδοὺ ἡμέραι ἔρχονται, φησὶν κύριος, καὶ διαθήσομαι τῷ οἴκῳ Ἰσραηλ καὶ τῷ οἴκῳ Ἰουδα διαθήκην καινὴν, ³²οὐ κατὰ τὴν διαθήκην, ἣν διεθέμην τοῖς πατράσιν αὐτῶν ἐν ἡμέρᾳ ἐπιλαβομένου μου τῆς χειρὸς αὐτῶν ἐξαγαγεῖν αὐτοὺς ἐκ γῆς Αἰγύπτου, ὅτι αὐτοὶ οὐκ ἐνέμειναν ἐν τῇ διαθήκῃ μου, καὶ ἐγὼ ἡμέλησα αὐτῶν, φησὶν κύριος· ³³ὅτι αὕτη ἡ διαθήκη, ἣν διαθήσομαι τῷ οἴκῳ Ἰσραηλ μετὰ τὰς ἡμέρας ἐκεῖνας, φησὶν κύριος Διδούς δώσω νόμους μου εἰς τὴν διάνοιαν αὐτῶν καὶ ἐπὶ καρδίας αὐτῶν γράψω αὐτούς· καὶ ἔσομαι αὐτοῖς εἰς θεόν, καὶ αὐτοὶ ἔσονται μοι εἰς λαόν· ³⁴καὶ οὐ μὴ διδάξωσιν ἕκαστος τὸν πολίτην αὐτοῦ καὶ ἕκαστος τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ λέγων Γνώθι τὸν κύριον· ὅτι πάντες εἰδῆσουςίν με ἀπὸ μικροῦ αὐτῶν καὶ ἕως μεγάλου αὐτῶν, ὅτι ἴλεως ἔσομαι ταῖς ἀδικίαις αὐτῶν καὶ τῶν ἁμαρτιῶν αὐτῶν οὐ μὴ μνησθῶ ἔτι.

Há somente uma variação importante no texto da Septuaginta, que ocorre no final do v. 32, onde em vez de “minha aliança que eles quebraram, e eu fui para eles um marido/senhor”, é dito: “e eles não permaneceram na minha aliança, e eu os desconsidere/desprezei”.

5.2.2.3 Uma tradução mais literal:

³¹Vejam! Estão chegando dias – declaração de Javé – e eu farei com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança. ³²Não como a aliança que

²⁸² **BIBLIA Hebraica Stuttgartensia**, RUDOLPH, W. ELLIGER, K. SCHENKER, A. Editio quinta emendata. Deutsche Bibelgesellschaft; Sociedade Bíblica do Brasil, 1997, p. 846.

eu fiz com seus pais no dia em que peguei sua mão para tirá-los da terra do Egito, minha aliança que eles quebraram e eu fui para eles um marido – declaração de Javé. ³³Esta [é] a aliança que farei com a casa de Israel após aqueles dias – declaração de Javé: eu porei minha lei no seu interior e no seu coração eu as escreverei e eu me tornarei Deus para eles e eles se tornarão um povo para mim. ³⁴E eles não vão mais ensinar cada um a seu próximo e cada um a seu irmão, dizendo: “conheça Javé!”; todos eles me conhecerão, dos menores e até os seus grandes – declaração de Javé – pois eu perdoarei sua iniquidade e do seu pecado eu não mais me lembrarei.²⁸³

5.2.2.4 Uma tradução literal para o inglês:

³¹Here! Days [are] coming – the utterance of Yahweh – and I will make with the house of Israel and with the house of Judah a covenant new. ³²Not like the covenant which I made with their fathers on the day I took hold on their hand to bring them out from the land of Egypt who they broke my covenant and I was a husband for them – the utterance of Yahweh. ³³This [is] the covenant which I will make with the house of Israel after the days those – the utterance of Yahweh. I will put my law in their inner being and on their heart I will write it and I will become for them (into) God and they will become for me (into) a people ³⁴and not they will teach again each his neighbor and each his brother, (saying) Know Yahweh. All of them they will know me from their little and unto their great – the utterance of Yahweh. I will forgive their iniquity and their sin not I will remember again.²⁸⁴

5.2.2.5 Uma tradução intermediária:

(Feita já com um pouco mais de fluência e estilo no português)

³¹Atenção! Está chegando o tempo, diz Javé, em que farei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. ³²Não será como a aliança que

²⁸³ Feita com o uso da ferramenta Paratext 7.5.

²⁸⁴ Feita com o uso da ferramenta Paratext 7.5.

fiz com seus antepassados quando os peguei pela mão para tirá-los da terra do Egito, a aliança minha que eles quebraram e em que fui para eles um marido, diz Javé. ³³A aliança que farei com a casa de Israel após aqueles dias será esta, diz Javé: eu porei a minha lei no seu coração e a escreverei na sua mente, e serei para eles Deus, e eles serão para mim povo. ³⁴Já não ensinarão mais cada um a seu próximo e a seu irmão dizendo: “você precisa conhecer ao Senhor!” Porque todos eles me conhecerão dos menores aos maiores, diz Javé, e eu perdorei suas maldades e não me lembrarei mais de seus pecados.

Entre as versões existentes em português brasileiro, selecionamos as seguintes, e nelas sublinharemos os termos que trazem alguma diferença notável em relação à Nova Almeida Atualizada, versão mais utilizada neste trabalho:

5.2.2.6 NAA (Nova Almeida Atualizada)

³¹Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. ³²Não segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois eles quebraram a minha aliança, apesar de eu ter sido seu esposo, diz o SENHOR. ³³Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no seu coração as inscreverei; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. ³⁴Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: “Conheça o SENHOR!” Porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdorei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.²⁸⁵

5.2.2.7 NVI (Nova Versão Internacional)

³¹“Estão chegando os dias”, declara o Senhor, “quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá. ³²Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei

²⁸⁵ Quando não informado diferente, esta tem sido a tradução utilizada neste trabalho.

pela mão para tirá-los do Egito; porque quebraram a minha aliança, apesar de eu ser o Senhor”, diz o Senhor. ³³“Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias”, declara o Senhor: “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo. ³⁴Ninguém mais ensinará ao seu próximo nem ao seu irmão, dizendo: ‘Conheça ao Senhor’, porque todos eles me conhecerão, desde o menor até o maior”, diz o Senhor. “Porque eu lhes perdoarei a maldade e não me lembrarei mais dos seus pecados.”²⁸⁶

A NVI acrescenta ainda duas notas de rodapé: “31.32 Ou marido deles. 31.32 A Septuaginta e a Versão Siríaca dizem ‘e eu me afastei deles’”. A primeira se refere ao termo sublinhado, e a segunda, à mesma variante comentada acima, na Septuaginta.

5.2.2.8 TEB (Tradução Ecumênica Brasileira)

³¹Dias virão – oráculo do SENHOR – em que firmarei com a comunidade de Israel – e a comunidade de Judá – uma nova aliança. ³²Será diferente da aliança que firmei com seus pais quando os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito. Eles romperam minha aliança; eu, porém, continuo sendo o dono deles – oráculo do SENHOR. ³³Eis pois, a aliança que firmarei com a comunidade de Israel depois desses dias – oráculo do SENHOR –: eu depositarei minha instrução no seu íntimo, inscrevendo-a em seu coração: eu me tornarei Deus para eles, eles se tornarão um povo para mim. ³⁴Já não ensinarão uns aos outros, cada um a seu irmão, repetindo: “Aprendei a conhecer o SENHOR!”, pois todos, pequenos e grandes, me conhecerão – oráculo do SENHOR. Eu perdoo o seu crime; não mais mencionarei sua falta.²⁸⁷

²⁸⁶ BÍBLIA Sagrada, Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000, p. 617. (grifos nossos)

²⁸⁷ BÍBLIA TEB, 1995, p. 767. (grifos nossos)

5.2.2.9 BJ (A Bíblia de Jerusalém)

³¹Eis que dias virão – oráculo de lahweh – em que selarei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova. ³²Não como a aliança que selei com seus pais, no dia em que os tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito – minha aliança que eles mesmos romperam, embora eu fosse o seu Senhor, oráculo de lahweh! ³³Porque esta é a aliança que selarei com a casa de Israel depois desses dias, oráculo de lahweh. Eu porei a minha lei no seu seio e a escreverei em seu coração. Então eu serei seu Deus, e eles serão meu povo. ³⁴Eles não terão mais que instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: “Conhececi a lahweh!” Porque todos me conhecerão, dos menores aos maiores, -- oráculo de lahweh, porque vou perdoar sua culpa e não me lembrarei mais de seu pecado.²⁸⁸

Em seus comentários, a BJ considera este parágrafo o ápice espiritual do livro de Jeremias. No verso 32 ela opta pelo significado “Senhor” para o hebraico “Baal”. No v. 34, explicita o sentido de dever para o ato de ensinar.

5.2.3 Exegese e comentário

Pretendemos apresentar exegese verso a verso, e nos comentários trazer dois enfoques principais: os conceitos fundamentais apresentados nesta profecia, e também, *caracterizando em itálico na cor roxa (cor muitas vezes utilizada como símbolo da ciência psicológica), ressaltar nos comentários a relevância para situações de tragédia* que possam ser comparáveis à do exílio babilônico para os judaítas. Na apresentação do texto, para os versos inteiros utilizaremos a versão NAA; para as partes, porém, utilizaremos a “tradução mais literal” apresentada acima.

31.31 – *Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá.*

²⁸⁸ A BÍBLIA de Jerusalém (BJ). São Paulo: Edições Paulinas, 1981, p. 1085. (grifos nossos)

הִנֵּה - hinnēh - “Vejam!”. É um chamador de atenção, que também seria bem traduzido por “Eis aí!”, “olhe!”

Pessoas em situação difícil tendem a ficar deprimidas – inclusive fisicamente – baixando a cabeça, sem esperança que motive a olhar procurando a chegada de auxílio: a situação já é sentida como instalada, “definitiva”. Sem chamar a atenção é bastante possível que a mensagem não seria sequer ouvida...

יָמִים בָּאִים - yāmîm bā’îm - “Estão chegando dias”. Também traduzidas como “vêm dias” ou “dias virão”. O anúncio de que chegaria um tempo diferente do atual guarda semelhança com a declaração que Jesus fez à mulher samaritana: “Vem a hora... em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade” (Jo 4.23). O texto da Septuaginta utiliza aqui o mesmo verbo que em João (**erchomai**, “vir”, usado no presente do indicativo). A diferença fica por conta da identificação do sujeito: “dias” na fala de Jeremias, e “a hora” na fala de Jesus. Podemos imaginar que essa diferença se deva ao contexto: para Jeremias e os judaítas derrotados, os tempos diferentes ainda estavam relativamente distantes. Para Jesus, a “hora” por vir acabava de chegar, juntamente com ele, pelo que disse: “Vem a hora – e já chegou – em que...”.²⁸⁹

Para nosso propósito de identificar quais elementos nesta mensagem são potencialmente benéficos para pessoas passando pela tragédia de um deslocamento forçado, esta expressão abre o futuro. E ao apontar para o futuro, seu simples uso reconhece implicitamente a dificuldade da situação presente. Não reconhecer isso também tiraria toda a credibilidade do que vai ser anunciado. A chamada para um tempo futuro visa criar motivo de esperança, e também serve para tirar o foco da atenção das dores por que se passou. Um processo terapêutico tem como um de seus propósitos mais importantes ajudar as pessoas a que coisas do passado possam ser colocadas no seu devido lugar – no passado – e assim possibilitar que se possa viver mais inteiramente a vida presente. Isso é feito melhor quando se tem um futuro pelo qual esperar e trabalhar.

נְאֻם יְהוָה - “declaração de Javé”. “Diz o SENHOR”, ou “oráculo de Javé” – a profecia apresenta um argumento fortíssimo: o mesmo Senhor que provocou a

²⁸⁹ Como Jesus diria, na véspera de sua morte, que seu sangue a ser derramado era o sangue da nova aliança (Lc 22.20), podemos dizer que a relação entre os “dias que vêm” e a “hora de Jesus” é uma relação de promessa e cumprimento.

tragédia trazendo o castigo que havia anunciado muitas e muitas vezes, agora anuncia um novo tempo, em que as bases da vida com Javé seriam outras. *As pessoas e comunidades em situação de tragédia não se sentem em condições de garantir qualquer mudança de sua situação. O Deus Todo-Poderoso assume essa garantia, e a reforça ainda mais ao repetir esta expressão em todos os quatro versos deste parágrafo.*

A conjugação de duas fórmulas em uma, “Eis aí vêm dias, diz o Senhor”, foi utilizada duas vezes no capítulo 23 de Jeremias: para anunciar um renovo justo na descendência de Davi (23.5-6) e, de modo semelhante a este uso aqui, para substituir a referência ao ‘Senhor que fez o povo subir do Egito’ por ‘o Senhor que trouxe de volta a descendência da terra do norte e de todas as terras’ (23.7-8, como também em 16.15). Mas, no sentido contrário desta restauração, a combinação também foi utilizada para anunciar o castigo, transformando “Tofete” em “Vale da Matança” (19.6), o que sugere um relacionamento ou contemporaneidade entre as duas ações, de castigo e salvação, tal como na angústia de Jacó (30.7).

וְכָרַעִי - “farei”, ou “firmarei” (**כָּרַעַת** – “aliança”). Literalmente significa “cortarei” ou “recortarei” (uma aliança). É o verbo normalmente utilizado para esse fim no AT. Traz à lembrança relação com a aliança feita por Deus com Abraão, a respeito de dar a terra de Canaã a seus descendentes, quando Deus orientou o patriarca a tomar três animais distintos, cortá-los todos ao meio e posicionar as metades frente a frente, para que os celebrantes da aliança passassem pelo meio dos pedaços, assumindo o potencial castigo de serem assim cortados caso a quebrassem (Gn 15.7-21).

וְאֶת־בֵּית יְהוּדָה - “e com a casa de Judá”. **אֶת־בֵּית יִשְׂרָאֵל** “com a casa de Israel”. Alguns estudiosos consideram que a primeira expressão se referia originalmente a todos os israelitas; para outros, a profecia teria sido originalmente endereçada aos exilados do antigo reino do Norte, e depois da queda de Jerusalém a “casa de Judá” também teria sido incluída como nova destinatária. Esta menção à “comunidade perdida” das 10 tribos do Norte reforça o caráter amplo e inclusivo da aliança prometida.

É comum, quando somos atingidos em tragédias, pensarmos somente em nós mesmos e em nosso pequeno grupo. Esse anúncio que incluiu expressamente

um outro grupo, atingido 150 anos antes/depois do nosso, ensina por si só a verdade de que não somos os únicos pegos nesse sofrimento, e assim pode nos ajudar a erguer mais o olhar, e incluir mais pessoas em nossa consideração. Tanto na tristeza, quanto na alegria quando houver restauração, essa ampliação da consciência é um fator curador.

בְּרִית - “aliança”. É um acordo formal entre duas partes, um relacionamento, e também uma expressão desse relacionamento. É um termo fundamental para este parágrafo, onde aparece quatro vezes (*veja o subitem abaixo*).

5.2.3.1 Aliança

O relacionamento de aliança é um conceito central no Antigo Testamento. בְּרִית (bərît) ou “aliança” é definido como “Acordo solene entre duas ou mais partes (pessoas, grupos, nações, divindades), contendo prescrições, bênçãos e maldições.”²⁹⁰ Segundo Noss e Thomas, é algo maior que uma promessa, maior também do que uma promessa acompanhada de um juramento: é um acordo formalizado por um juramento e por um gesto ou ação efetuado pelas partes que celebram a aliança. É um contrato, ou pacto do qual os celebrantes obtêm benefícios, como nações em guerra que fazem as pazes, ou duas pessoas que se unem por casamento²⁹¹.

Segundo Kartveit ressalta, porém, o conceito de aliança é maior do que o simples uso de *bərît*. O termo em Jeremias só aparece quando o conceito já está sendo desenvolvido, e é submisso a esse conceito²⁹². “No Antigo Testamento/Bíblia Hebraica, aliança serve como a metáfora central para representar o relacionamento entre YHWH e seu povo, Israel. No conceito de aliança vemos a instituição de tratado do antigo Oriente Próximo (que precede em termos de história da tradição a teologia da aliança/*Bundestheologie*).”²⁹³

²⁹⁰ DE BLOIS, R. **Semantic Dictionary of Biblical Hebrew (SDBH)**. United Bible Societies. Obra produzida online. Disponível em: <<http://www.sdbh.org/vocabula/index.html>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

²⁹¹ NOSS, Ph.; THOMAS, K. **A Handbook on Ezra**. New York: United Bible Societies, 2005. Paratext 7.5.

²⁹² KARTVEIT, Magna. Reconsidering the New Covenant in Jeremiah 31.31-34. In: LUNDBOM, 2018, p. 150.

²⁹³ KOCH, Christoph, **Covenant. I. Ancient Near East. II Hebrew Bible/Old Testament**, EBR 5:897 apud KARTVEIT, 2018, p. 150. *In the HB/OT, covenant serves as the central metaphor for the*

חֲדָשָׁה - “nova”. Provavelmente esse é o termo mais importante de toda esta profecia. A definição do Dicionário Semântico de Hebraico Bíblico reza: “relativo a estar em existência há apenas um pouco de tempo, por ter sido construído ou produzido recentemente”²⁹⁴. Sua importância é tanta que esta expressão conjugada, “aliança nova” (*bərît ḥădāšāh*) só aparece aqui em todo o Antigo Testamento (veja adiante o subitem 5.2.3.4 “a novidade da nova aliança”).

5.2.3.2 Aliança e Testamento, Velha e Nova

Brueggemann comenta que muitos cristãos confundem erroneamente “aliança” com “testamento”, no sentido dos dois testamentos bíblicos, e assim praticamente excluem o povo judeu da novidade da aliança (justamente o destinatário expresso desta profecia).²⁹⁵ Concordamos que sejam duas coisas diferentes, mas ao mesmo tempo não podemos negar que haja, sim, também na ótica cristã, várias similaridades entre nova aliança e Novo Testamento, bem como entre a velha aliança da Lei e o Antigo Testamento. Segundo Kartveit, a tradução do Latim Antigo utiliza o termo *testamentum* (significando “documento, tratado, acordo”) e a Septuaginta utiliza “*diathêke*” (“testamento”, “último desejo”) para traduzir “berith” em vários locais do Antigo Testamento.²⁹⁶

Poderíamos dizer que o Novo Testamento é a “casa” da nova aliança, enquanto que o Antigo é a “casa” da velha aliança. Mas é fato que já no Antigo Testamento há várias “visitações” da nova aliança, a principal delas sendo esta profecia que aqui estudamos. A carta neotestamentária aos Hebreus se ocupa especialmente dessa diferenciação, e para esse fim cita e comenta esta profecia de Jeremias em duas ocasiões, uma delas citando-a integralmente (Hb 8.8-12) e outra parcialmente (Hb 10.16-17). Ao final da primeira citação, o/a autor/a diz, referindo-se

representation of the relationship between YHWH and his people, Israel. With the concept of covenant, the ancient Near Eastern treaty institution comes into view (which precedes covenant theology/Bundestheologie traditio-historically (tradução nossa).

²⁹⁴ DE BLOIS, SDBH. Disponível em: <http://www.sdbh.org/vocabula/index.html>. Acesso em: 04 jun. 2019. *pertaining to having been in existence for only a short time, because of having recently been built or produced* (tradução nossa).

²⁹⁵ BRUEGGEMAN, 1989, p. 292.

²⁹⁶ KARTVEIT, 2018, p. 151.

a esta profecia de Jeremias: “Quando ele diz “nova aliança”, torna antiquada a primeira. Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer” (Hb 8.13). Isso, sem dúvida, não se refere ao Antigo Testamento – que permanece também entre as igrejas cristãs com status de Palavra de Deus – mas sim à velha aliança da Lei.

Em termos de diferenças para a vida prática, porém, um dos livros neotestamentários que melhor as exemplifica seria a carta de Paulo aos Gálatas, numa diferenciação que até hoje, infelizmente, parece continuar pouco compreendida (ou aceita). Novamente, porém, não temos escopo suficiente para abarcar aqui esta questão.²⁹⁷

31.32 Não segundo a aliança que fiz com os seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; pois eles quebraram a minha aliança, apesar de eu ter sido seu esposo, diz o SENHOR.

לֹא כְּבְרִית אֲשֶׁר כָּרַתִּי - “Não segundo a aliança que fiz”. No caso de o adjetivo “nova” não ter sido corretamente entendido, o negativo “לֹא” não deixa mais dúvidas. Está absolutamente claro que se trata de um pacto diferente do da Lei de Moisés. A explicação sobre a nova aliança começa pelo que acontece comumente em processos de tomada de decisão: primeiramente se define o que não se deseja, ou do que não se trata, para depois chegar ao que realmente é. A Lei que, justamente, os condenou ao exílio, não teria essa possibilidade na nova aliança.

Para uma geração traumatizada, tudo o que não desejavam é passar novamente pelo mesmo tipo de experiência em que sofreram tanto. A profecia, portanto, se apressa a tranquilizar o povo, de que esta vez não será uma repetição daquilo que trouxe o castigo.

אֶת-אֲבוֹתָם - “com os seus pais”. No contexto do hebraico bíblico significa “os antepassados”, de várias gerações. Aquela geração israelita cultivava um conceito popular de que eles eram vítimas dos erros de seus pais, conforme o ditado das uvas verdes – que acabara de ser lembrado aqui no texto (Jr 31.29,30). A expressão “aqueles dias” foi também utilizada ali, no v. 29, o que relaciona a nova aliança com

²⁹⁷ Esta diferenciação em particular foi objeto de estudo em meu mestrado, que resultou no livro **O Fascínio do Dever para os Cristãos: Estudos em Gálatas e na História da Igreja** (KEPLER, K. Joinville: Editora Grafar, 2014.).

não haver a situação de sofrer pelos erros dos pais. O ensino a respeito em Ezequiel 18 condena fortemente essa atitude. Aqui em Jeremias, o parágrafo anterior parece sugerir que essa era uma realidade no tempo da velha aliança. Mas a profecia da nova aliança não se ocupa em confirmar ou negar que isso tenha sido válido no caso do exílio. Apenas deixa bastante claro que a situação será outra, diferente da anterior.

Além disso, no êxodo do Egito, a geração dos pais fracassou na hora de tomar posse de Canaã (a partir de Cades, Nm 13 e 14). Pela misericórdia de Deus foi a geração de seus filhos que foi conduzida com sucesso nessa empreitada – e por um novo condutor, Josué. De modo análogo, os israelitas fracassaram na fidelidade para com a aliança da Lei de Moisés, e recebem agora a promessa de sucesso futuro, através de uma aliança nova.

A culpabilização dos pais é uma atitude muito comum na sociedade humana, praticamente universal, e o provérbio das uvas verdes mostra que ocorria também entre os exilados israelitas. Portanto, é bastante provável que especialmente a “geração 1.5” de qualquer deslocamento forçado (vide item 4.2.1 acima) também tenha ressentimentos contra seus pais, e os julgue de alguma forma culpados pelos sofrimentos pelos quais estão passando. Esse ressentimento é um dos obstáculos emocionais no caminho da restauração. A profecia da nova aliança ajuda a superar esse ressentimento, sem precisar entrar em escaramuças emocionais familiares, rebuscando lembranças e desenvolvendo argumentações: ela simplesmente garante que a nova situação dada por Deus é outra, diferente da antiga.

בְּיוֹם הַחֲזִיקִי בְּיָדִי - “no dia em que peguei sua mão”. A ternura de Deus para com seu povo se mostrava já na velha aliança. Observamos que, nas entrelinhas, ao utilizar novamente a palavra “dia” conjugada com o “não como”, a profecia mais uma vez reforça a caracterização de não repetição dos dias passados.

לְהוֹצִיאֵם מֵאֶרֶץ מִצְרַיִם אֲשֶׁר־הָמָּה הִפְּרוּ אֶת־בְּרִיתִי וְאֲנֹכִי - “para tirá-los da terra do Egito”. A história da criação e da salvação de Israel foi marcada por esse gesto de Deus, o Êxodo. Os exilados eram provas vivas de que a nação saiu da escravidão egípcia, O mesmo Deus que castigou é o Deus que já tinha mostrado sua capacidade e seu amor salvador, e agora anuncia sua nova obra de salvação.

Reforçar a confiança em Deus, através de seus atos poderosos já conhecidos, diminui a insegurança e aumenta a fé e a esperança da libertação.

אֲשֶׁר־הָמָּה הִפְּרוּ אֶת־בְּרִיתִי - “**minha aliança que eles quebraram**”. Deus não omite as causas da tragédia; pelo contrário, ao dizer “minha aliança” Deus deixa claro que está intimamente envolvido com a causa. E os israelitas destinatários sabiam que também não tinham sido fiéis à aliança com Deus. É mais ou menos o que Jesus disse à sua geração, que ao edificar os túmulos dos profetas antigos, eles confirmavam cumplicidade com os atos deles (Lc 11.47-48).

Há partes “nebulosas” de culpabilização em que não seria sábio tentar entrar em detalhes, como procurar faltas em várias gerações ou “vidas passadas”, ou mesmo tentar assumir toda a culpa somente para si. Aquela geração a essa altura já sabia que a infidelidade a Deus, mesmo tendo iniciado em gerações passadas, continuou acontecendo com eles também. Mas a profecia soube lidar com pessoas traumatizadas: após – no contexto, v. 30 – ter ensinado a responsabilização individual, agora menciona o erro das gerações anteriores (que de certa forma “ensinaram” a geração atual). Assim, o reconhecimento do próprio erro entra “por extensão”, quase subliminarmente. Isso é importante para que o passado seja aceito como real, visto como um erro, e assim possa ser depositado realmente no “passado”, deixando uma porção de energia livre para viver no presente e pensar no futuro.

וְאֵנֹכִי בָּעָלְתִּי בָּם - “**e eu fui para eles um marido**”. “Marido” ou “senhor” são os dois possíveis significados do termo “baal” (que também era utilizado para nomear o deus cananeu), e as traduções bíblicas se dividem em suas opções. A Septuaginta, porém, traz outra frase: “[então] não me importei com eles”, o que segundo Newmann e Stine o hebraico produziria com a mudança da primeira letra de Baal²⁹⁸, e a conjunção (waw) poderia ser traduzida tanto por adversativa ou concessiva, como por aditiva. Fica explícito o envolvimento pessoal de Deus com seu povo, e sua situação de dor por ter sido rejeitado. Uma terceira possibilidade de tradução seria: “mostrei-me para eles como senhor”, ou seja, ter aplicado o castigo pela aliança rompida. Todas são traduções possíveis, mas em minha opinião a tradução “ter sido marido” seria um pouco mais provável, por conta do envolvimento maior no

²⁹⁸ NEWMAN; STINE, 2003, comentário respectivo.

contexto de “aliança”.²⁹⁹ Seja como for, vemos que, após ter fornecido várias garantias de mudança e de salvação, parece que é possível também caminhar para alguma admissão de culpa pela comunidade...

Assim como o reconhecimento da dor produzida pelo povo em Deus – como seu enamorado protetor – precisava fazer parte da história da restauração, numa espécie de trabalho de “comissão da verdade”, também um (eventual) reconhecimento do estilo de vida da sociedade (ou do grupo, ou do indivíduo), ou talvez de algumas atitudes tomadas, como sendo participante das responsabilidades nas tragédias de deslocamento forçado, merece ser indagado e, se for o caso, admitido. Mas isso parece ser mais sábio se seguido conforme faz esta profecia, começando pelas gerações passadas.

יְהוָה יֹאמֵר: - “declaração de Javé”. “Diz o SENHOR” ou “oráculo de Javé”. Esta fórmula deve ser entendida como algo autoritativo, que merece atenção. Esta expressão aparece mais de 100 vezes em Jeremias, e tem função semelhante à outra também frequente: “assim diz o SENHOR”³⁰⁰. Enquanto esta última costuma aparecer antes do conteúdo referido, “oráculo de Javé” pode aparecer no início, no meio ou, mais frequentemente, ao final da fala. O sentido é claro: é Deus quem está falando.

Esse reforço, além de emprestar grande autoridade à profecia, é necessário também para manter uma percepção clara de diferenciação “eu – tu”. É muito fácil a pessoa atingida se enredar em remorsos e recontagens de suas dores, temores e queixas. O anúncio da salvação precisa vir acompanhado da lembrança de que é Deus o seu autor, e isso vale ainda mais para este momento em que se relembra os erros que o povo cometeu. A lembrança é de uma constância regular, que em situação normal seria até irritante (uma vez em cada um dos quatro versos). Em contextos de adoecimento emocional, porém, sua repetição sugere que há muita ansiedade envolvida, as dúvidas ou ceticismo são muito frequentes, o que traz necessidade de reafirmação constante. Deus mostra não se incomodar com essa necessidade humana de reafirmação – ou com nosso quadro de alta ansiedade –, e

²⁹⁹ Essa quebra de aliança não deixa de ser uma prefiguração do futuro sofrimento na crucificação de Deus Filho.

³⁰⁰ NEWMAN; STINE, 2003, comentário respectivo.

fornece quantas reafirmações forem necessárias para tranquilizar seu povo. É mesmo o Senhor quem está falando.

31.33 Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no seu coração as inscreverei; eu serei o Deus deles, e eles serão o meu povo.

כִּי נָתַתִּי הַבְּרִית אֶתְּ אִשְׂרָאֵל - “esta [é] a aliança que farei”. Após o relato da quebra daquela aliança que havia sido celebrada no êxodo, chega o momento de apresentar a nova aliança que foi anunciada.

אֶת־בֵּית יִשְׂרָאֵל - “com a casa de Israel”. Observa-se aqui o uso de Israel para se referir a todo o povo, pois nesta repetição da fórmula o foco não está nos participantes, mas no conteúdo da aliança, que vem enunciado a seguir.

אַחֲרֵי הַיָּמִים הָהֵם - “após aqueles dias”. A introdução do advérbio *’ahărē* (depois de, após) em referência aos dias que virão é de certo modo estranha, pois sugere que será algo em consequência, como um processo que apenas iniciaria nos dias que trariam a nova aliança, e depois desse início é que a inserção e inscrição no interior das pessoas teria lugar. Um entendimento mais claro disso só seria possível com o uso de nosso privilégio retrospectivo, recorrendo ao Novo Testamento.³⁰¹ A repetição de “aqueles dias” mantém o direcionamento da alma dos ouvintes para o futuro. E com a adição do “depois de”, portanto, começa-se a pensar sobre o “futuro do futuro”.

Essa constante lembrança de algo que virá no futuro aos atingidos promove a esperança, e também os ajuda a se conformarem com um tempo presente em que ainda haverá durezas, antes da nova situação estar implementada. Ao mesmo tempo, a fala de o futuro trazer um início (poderoso) de um processo confere também o senso de realidade, para não se depender de soluções “mágicas” e “instantâneas”.

³⁰¹ Essa continuidade faria sentido no NT ao vermos que após a instauração da nova aliança pela morte de Jesus na cruz, viriam ainda a ressurreição, a ascensão e o Pentecostes, quando o Espírito Santo começaria seu trabalho no interior das pessoas, “operando o querer e o realizar segundo a vontade de Deus” (Fp 2.13).

נֹאמֵי־יְהוָה - "**declaração de Javé**". A indefinição da quantidade de tempo é compensada pela definição da autoridade de quem faz a promessa. Veja comentário respectivo no verso anterior (v. 32).

נָתַתִּי אֶת־תּוֹרָתִי בְּקִרְבִּי - "**eu porei minha lei no seu interior**". Segundo alguns estudiosos, entramos neste verso na parte poética desta profecia.³⁰² Digno de referência é a rima, que não é comum no Hebraico, mas acontece na combinação desta frase com a seguinte: "*Natati et-Torati, Beqirbam eal-Libam*". O cerne da "velha aliança", a Torá, Lei de Deus, não foi desprezada nem esquecida. Talvez seja por isso que muitos comentaristas tentem diminuir o impacto de "nova" para esta aliança.³⁰³ O termo hebraico para 'interior' (*qereb*) representa o centro das emoções da pessoa, mas é utilizado para várias representações de interior, desde as "entranhas" de animais que vão ser sacrificados, a barriga ou interior do corpo humano, até a capacidade de pensar e sentir³⁰⁴. Possivelmente corresponda ao que atualmente se entende por "coração" na cultura ocidental.

וְעַל־לִבְּךָ אֶכְתֹּבנָה - "**e no seu coração eu as escreverei**". Como um bom exemplo do paralelismo da poesia hebraica, esta segunda frase transmite basicamente o mesmo sentido da primeira, utilizando outras palavras. A raiz "*Leb*" indica coração, mas se refere ao centro do pensar e do sentir. "Coração" para os judeus do Antigo Testamento era o lugar da reflexão e da contemplação, mas para comparar com nosso uso atual do termo, seria um pouco menos dedicado à emoção. Seu significado estaria mais próximo do atual uso de "introspecção" ou de "mente", enquanto que nosso uso atual de "coração" estaria mais próximo do termo traduzido por "seu interior"³⁰⁵. Além da menção explícita feita à Lei de Deus, o verbo "escrever" (*catab*) também é o mesmo utilizado para a escrita da Lei por Deus nas tábuas de pedra (Êx 24.4; 31.18) e por Moisés ao registrar todos os mandamentos que o Senhor lhe falara (Êx 17.14).

³⁰² HOLLADAY, W. The structure and possible setting of the new covenant passage. In: BERTOMEU, Vicente Collado (Ed.). **Palabra, Prodigio, Poesia**. Analecta Biblica 151. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2003, p. 186.

³⁰³ Jesus e seus apóstolos – especialmente João – não tiveram dificuldades de lidar com coisas novas juntamente com coisas velhas. Como escreve João, Jesus deu um mandamento novo, de amor mútuo segundo o mesmo amor de Jesus por nós (Jo 13.34). Em sua carta, João o transmite como um mandamento antigo que é novo porque "é verdadeiro nele e em vocês, porque... a verdadeira luz já brilha." (1Jo 2.7-8).

³⁰⁴ BROWN, F. DRIVER, S. BRIGGS, C. **The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Paratext 7.5.

³⁰⁵ NEWMAN; STINE, 2003, comentário respectivo.

Neste e no próximo verso temos um importante fator de auxílio aos atingidos pelo deslocamento forçado: a restauração começa no interior, e de cada um. Pregação de regras ou de ações a seguir não será suficiente. Deus empreenderá um trabalho na mente e coração, partindo de um desejo para o bem, complementado com uma consciência libertadora de perdão (v. 34).

5.2.3.3 Coração

Heschel mostra como, ao longo do livro de Jeremias, o problema dos israelitas não estava baseado tanto em suas obras, mas no seu “coração maligno” (3.17; 7.24; 9.14; 11.8; 13.10; 14.14; 16.12; 18.12; 23.17), um coração obstinado e rebelde (5.23), incircunciso (4.4; 9.26), enganoso e sem esperança de sair da corrupção (17.9).³⁰⁶ Um profeta poderia trazer uma nova palavra, mas não pode dar um novo coração – isso somente Deus pode fazer.³⁰⁷

Então no capítulo 24, ao descrever a visão dos dois cestos de figos, a palavra do Senhor fala para Jeremias – utilizando uma linguagem semelhante à de Ezequiel 36 – que na experiência do exílio aquele primeiro grupo de judeus exilados chegaria a conhecer o Senhor, recebendo um novo coração: *“Eu lhes darei um coração para que me conheçam, para que saibam que eu sou o SENHOR. Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus, porque se voltarão para mim de todo o seu coração.”* Esta passagem deixa ao menos sugerido que esse novo coração seria fruto do juízo, do tratamento de Deus durante a experiência do exílio (certamente em grande parte através do ministério ali presente de Ezequiel): *“Os exilados de Judá, que eu enviei... eu os considero bons... os trarei de volta...os edificarei... os plantarei... lhes darei um coração”* (Jr 24.5-7).

וְהָיִיתִי לָהֶם לֵאלֹהִים - **“eu me tornarei Deus para eles”**. O pronome “eu” é enfático aqui no hebraico.

וְהָמָּה יִהְיוּ-לִי לְעָם - **“e eles se tornarão para mim um povo”**. A junção destas duas frases dá a fórmula clássica de aliança, descrevendo o resultado final do acordo. Essa fórmula é utilizada em outras partes de Jeremias para falar da Aliança

³⁰⁶ HESCHEL, 1984, p. 236.

³⁰⁷ HESCHEL, 1984, p. 237.

da Lei (7.23 e 11.4, onde a obediência é o condicionante fundamental), e também em antecipação desta Nova Aliança (24.7 e 30.22).

31.34 Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: “Conheça o SENHOR!” Porque todos me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o SENHOR. Pois perdorei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.

Estes dois versos levam a profecia ao clímax, como observa Heschel, com a promessa de uma aliança que soma o perdão completo do pecado com a transformação total de Israel a partir do coração. Assim, Deus dará a seu povo “um só coração e um só caminho”, numa aliança eterna (Jr 32.39-40).³⁰⁸

וְלֹא יִלְמְדוּ עוֹד אִישׁ - “e eles não vão mais ensinar cada um”. Novamente o negativo *Lo’*, secundado pela partícula adverbial *‘od* marca o contraste com a aliança da Lei de Moisés. Holladay observa que esta profecia tem como pano de fundo Deut 11.18-20, onde é dito que os israelitas deveriam ensinar (mesmo verbo, *lamad*) as palavras da Lei a seus filhos em todo o tempo, além de escrevê-las nos umbrais das portas³⁰⁹.

אֶת־רֵעֵהוּ וְאִישׁ אֶת־אָחִיו - “ao seu próximo e cada um a seu irmão”. Essa dupla de identificação é razoavelmente comum no AT. No hebraico antigo, entendia-se “próximo” como israelitas em geral (naquela cultura era comum o emprego de termos masculinos para se referir a todas as pessoas), enquanto “irmão” também tem esse sentido, mas com uma conotação mais forte de parentesco.³¹⁰

לֵאמֹר דַּעוּ אֶת־יְהוָה - “dizendo: “Conheça Javé!”. O verbo “conhecer” (*dā’u*) se refere a conhecimento íntimo. Quando aplicado a Deus, indica um relacionamento próximo com Deus, e não deveria ser traduzido com o sentido de simples “saber quem é”.³¹¹ O verbo está no imperativo, o que deixa claro que uma importante diferença entre a velha e a nova aliança é a não-imposição de deveres e obrigações, especialmente em relação a Deus.

³⁰⁸ HESCHEL, 1984, p. 238.

³⁰⁹ HOLLADAY, 2003, p. 188.

³¹⁰ NEWMAN; STINE, 2003, comentário respectivo.

³¹¹ NEWMAN; STINE, 2003, comentário respectivo.

Para pessoas e comunidades que passaram por tragédias, é especialmente aliviador perceber que, da parte de Deus, o que vem não são deveres a serem cumpridos. A última coisa que comunidades e pessoas atingidas precisariam é de listas de deveres e obrigações a cumprir.

כִּי־כֻלָּם יֵדְעוּ אוֹתִי - “**todos eles me conhecerão**”. Em vez de cobrar um esforço de aproximação para com Deus, a nova aliança concede *a priori* essa aproximação, numa atitude que ecoará na afirmação da primeira epístola de João: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4.19).

O alívio se aprofunda quando se recebe um presente, o apreço gratuito, da parte do ajudador.

לְמִקְטָנָם וְעַד־גְּדֻלָּתָם - “**desde o menor até o maior deles**”. A inclusividade e grande expansão do amor divino em dar-se a conhecer atinge o contingente total (aqui expressamente a nação israelita). Ninguém ficará de fora. O termo “menor”, *qṭannām*, refere-se a algo mais do que tamanho físico ou condição social, podendo incluir também “pessoas de autoestima relativamente baixa”³¹², que é uma condição recorrente em indivíduos vítimas de tragédias como o exílio forçado.

נֹאמַר־יְהוָה - “**declaração de Javé**”. Novamente, é o próprio Deus quem garante toda essa bondade (veja comentário para v. 31).

כִּי אֶסְלַח לְעֲוֹנָם - “**pois eu perdoarei sua iniquidade**”. **כִּי** estabelece uma relação de causalidade. O termo “iniquidade” também é traduzido como “culpa” em 2.22.³¹³ O termo indica qualquer ação que seja “errada”, voluntária ou não. A nova aliança lida de forma eficaz com o que fazia separação entre o ser humano e Deus: o pecado humano. Repare como não há nenhum condicionante, mas sim uma ação unilateral de Deus.

Muito frequentemente o passar por tragédias e abusos evoca uma enorme carga de culpa nos indivíduos atingidos, que costuma ser em grande parte neurótica – afinal, o sofrimento geralmente leva a uma procura por erros cometidos – mas também pode encontrar bases reais. O perdão divino alcança a ambos.

³¹² DE BLOIS, R. **Semantic Dictionary of Biblical Hebrew**. Tradução de Enio Mueller. United Bible Society, 2000-2019.

³¹³ NEWMAN; STINE, 2003, comentário respectivo.

וְלֹחֲטָאֲתָם לֹא אֶזְכֶּר־עוֹד: - “e do seu pecado eu não mais me lembrarei”.

Novamente a poesia hebraica faz a mesma afirmação de duas formas diferentes. Trata-se aqui do grande diferencial em relação à “velha aliança”: o pecado humano deixa de ser problema, e o conhecimento de Deus ocupou o seu lugar. Portanto, podemos dizer que, para os que vivem na nova aliança, se a preocupação predominante é com pecado e culpa, o melhor tratamento é conhecer mais a Deus.

A mesma situação é profetizada em 50.20, onde Deus afirma que “naqueles dias” a iniquidade de Israel e os pecados de Judá não serão mais encontrados entre os remanescentes.

A mensagem é também semelhante à de Is 43.25, única outra vez onde a expressão “não lembrar mais dos pecados” aparece na Bíblia, e é utilizada para Israel e Jacó. O oposto dessa situação aparece em Os 8.13, onde Deus garante que se lembraria dos pecados de Israel e os castigaria (e acrescenta, “vou mandá-los de volta ao Egito”).

Ao mesmo tempo em que os erros do passado não são negados, a nova aliança deixa claro que não há mais possibilidade de um castigo semelhante se repetir, porque o problema do pecado foi resolvido e nunca mais tornará à lembrança. Na linguagem neotestamentária de João, isso abriu a possibilidade de “adoração em verdade” (Jo 4.23), que é uma adoração com a consciência dos próprios fracassos e pecados.³¹⁴

Em nossa busca de legítima aplicação destes ensinamentos para a situação de refugiados forçados, a tentação é grande de dizer que a total restauração somente será sacramentada com um perdão gracioso. Chamamos isso de tentação, porque estimamos que em pelo menos 90% das vezes, uma afirmação dessas traria efeito contrário, porque apenas acrescentaria uma enorme e impagável cobrança para quem já sofreu e ainda sofre bastante. Então, digamos “não” à tentação: perdão não se cobra; perdão se dá. Este ensino é importante ser apresentado da forma como está apresentado nesta profecia da nova aliança: como uma dádiva, unilateral da parte de Deus, sem pedir nenhuma contrapartida dos recipientes.

Tendo estabelecido isto, digamos que, sem nenhuma cobrança de nossa parte, é possível que um processo de restauração de atingidos possa fortalecer e

³¹⁴ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1672.

*amadurecer um grupo e/ou um indivíduo a tal ponto que essa pessoa ou comunidade espontaneamente venha a perdoar seus agressores. Isso será consequência – e não causa – da restauração, algo que pelo visto aconteceu com Estêvão, e expressamente aconteceu por estar ele “cheio do Espírito Santo” (At 8.54-60), o mesmo Espírito que em nossos corações trabalha o desenvolvimento da nova aliança.*³¹⁵

5.2.3.4 A Novidade da Nova Aliança

Henk Leene foi um dos estudiosos que mais se dedicou a esta questão, em seu livro *“Newness in Old Testament Prophecy – an intertextual study”* (A Novidade na profecia do Antigo Testamento – um estudo intertextual). Ele critica a tendência da exegese contemporânea de tentar minimizar o termo “nova” de 31.31, que é bem claro em seu significado. Ele também não concorda com os que consideram as diversas citações e alusões de Jeremias como se fossem uma dependência da autoridade das fontes citadas. As citações seriam na verdade um esforço fenomenal de integração entre as diversas grandes vozes do Antigo Testamento, possibilitando a todos (Moisés, Isaías, Oseias, Ezequiel) legitimarem a si próprios.³¹⁶

Para Leene, a novidade da nova aliança de Jeremias não reside tanto na interiorização da lei de Deus, que permitiria um relacionamento mais próximo com o Senhor; essa condição era apregoada há bastante tempo.³¹⁷ Contudo, a nós este parece ser um dos dois pilares que sustentam a nova aliança. Concordamos que essa interiorização vinha sendo apregoada e cobrada desde bastante tempo antes de Jeremias, por isso a “novidade” soa menor. Mas nesta profecia ela finalmente será feita, e o será por Deus.

A angústia a que a promessa da nova aliança se dirige é: como ter um relacionamento com Deus que não desemboque novamente numa tragédia tão devastadora quanto foi o juízo sobre Judá e o consequente exílio? Há como os pecados da nação e de seus líderes não levarem o relacionamento sempre de novo para esse triste fim? Esse dilema é talvez semelhante – numa escala muito menor,

³¹⁵ É verdade que Jesus, Paulo e outros textos do Novo Testamento enfatizam e incentivam a prática do perdão. Mas essa é uma prática a ser então estudada e entendida já dentro do contexto da liberdade de vida dentro da nova aliança, e não cabe aprofundarmos em nosso escopo aqui.

³¹⁶ LEENE, 2014, p. 218.

³¹⁷ LEENE, 2014, p. 210.

diga-se – ao vivido por quem se envolveu amorosamente de forma intensa com outra pessoa e acabou machucado/a, abusado/a, traumatizado/a, e se pergunta: vale a pena enamorar-se de novo?

Pois a grande novidade da Nova Aliança, segundo Leene, é a sua indissolubilidade. A aliança repousa sobre o perdão pessoal, concedido a grandes e pequenos, e assim não pode ser quebrada coletivamente.³¹⁸ Ela se firma no oráculo de Javé, que garante exatamente isso. Nesse sentido, concordamos com Leene que este segundo pilar é mais inovador que o primeiro.

Para pessoas e comunidades traumatizadas, a sensação de que agora estão em segurança, e que aquela tragédia não tem mais possibilidade de se repetir forma a base para uma verdadeira e nova construção de vida, sólida e promissora. Provavelmente é esta sensação de segurança a responsável pela melhora ao longo do tempo após os refugiados estarem realocados, como observou a Associação Australiana de Psicologia (vide nota 141, item 3.1.2.2).

³¹⁸ LEENE, 2014, p. 210.

6 CONCLUSÃO

Atraídos que fomos para o livro de Jeremias pela sua passagem mais famosa, a profecia da Nova Aliança, nos pusemos em movimento para esta pesquisa. Com o contato mais próximo deste livro, porém, fomos nos apercebendo cada vez mais de que a tarefa não seria fácil: além de ser o maior dos livros da Bíblia, era também, possivelmente, o mais complexo em termos de compilação e edição: é possível até que tenha sido o último livro da Bíblia Hebraica a ter sua organização terminada! A pessoa do profeta é igualmente complexa, expondo várias vezes suas reações, sentindo na pele a dor de seu povo e também a dor de seu Deus, a quem precisava servir com advertências e esforços corretivos, como se fosse um médico enfrentando o modo de vida nefasto de um paciente terminal. O “sucesso” de um implicaria no fracasso do outro. Essas idas e vindas do homem e do livro ocuparam nosso Capítulo 2. Jeremias acabou fracassando em seus esforços de salvação, e veio o juízo divino sobre Jerusalém e os judaítas.

Ao mesmo tempo, a beleza e a grandeza do pequeno trecho em seu miolo que descreve as consolações e a nova aliança se mostraram tão especiais que não poderiam ser consideradas parte de um fracasso. Inclusive foi a sua especialidade para o próprio Novo Testamento da Bíblia que primeiro nos atraiu. Isso despertou, já em meio a conversas com orientadores, nossa suspeita: teria sido necessário, para receber a Nova Aliança, que o povo de Deus tenha passado pelo trauma da destruição e exílio? Seria esse, de alguma forma tecida pelo amor divino, um caminho para que o ser humano (individual ou coletivamente) encontrasse a bênção de uma aliança graciosa e eterna com Deus? Será que o ministério de Jeremias, homem e livro, teria sido um de salvação pelo fracasso, de certo modo prefigurando o que aconteceria com Jesus quase seis séculos depois? Ou então a sina do povo judeu repetiria, de certa forma, o drama de Eva e Adão, vindo a ser expulsos de seu paraíso para um dia virem a ser salvos? O juízo divino teria uma função salvadora? Havia bastante coisa que mereceria ser pesquisada, portanto, prosseguimos! Antes, porém, um decisivo parêntesis:

Como revela o livro de Jeremias (e vimos no item 4.1), a participação ativa de Deus foi determinante para o processo de destruição de Jerusalém e do exílio babilônico. Este foi de fato o contexto para o qual a profecia da nova aliança foi

entregue. Isso despertou duas perguntas: (1) Qual seria a relação entre a execução do juízo divino e o recebimento da profecia da Nova Aliança? (2) Se estivermos diante de uma espécie de padrão divino, uma vez que a Nova Aliança foi dada por Deus como alento e auxílio para os judeus exilados, poderia ela servir de ajuda também para pessoas e comunidades que hoje sofrem pelo deslocamento forçado?

6.1 A relação entre Juízo e Nova Aliança

Ao longo da preparação desta pesquisa, meus dois orientadores alertaram sobre a enorme complexidade e também sobre o caráter de mistério divino da questão da função do juízo e do castigo. Naturalmente, eles estavam certos. Não haveria como tratar suficientemente bem de duas questões tão complexas e diferentes em um só trabalho. E de fato concordamos com o caráter de mistério envolvido no juízo de Deus sobre seu povo e, por extensão, sobre toda a humanidade. Esta primeira questão, então, precisou ser deixada de lado, para fins desta pesquisa. Mesmo assim, foi inevitável nos depararmos vez por outra com ela, e não houve como não ter algumas impressões sobre esse mistério. Estas, sem grandes pretensões, vêm compartilhadas brevemente aqui, neste parêntesis.

O contexto bíblico da perícopa de Jr 31.31-34, o Livro das Consolações (visto no capítulo 4), mostrou que houve, para com o povo israelita, a necessidade de reconhecimento da grande maldade cometida e também da incapacidade humana de “cura” ou salvação. Na verdade, não podemos querer submeter Deus a um padrão de atuação; ao mesmo tempo, vemos que o relato de Jeremias a princípio sugere a importância dessa conscientização de merecimento de morte, e é nesse contexto que, por pura iniciativa misericordiosa de Deus, advém a mensagem da “salvação” através de uma aliança nova e diferente.

Não temos capacidade de sequer tentar esclarecer este mistério; o que temos é a impressão de que é bem possível que haja, sim, uma relação estreita entre sofrer o justo castigo e dessa forma ficar disposto a voltar para Deus e receber

esta nova forma de relacionamento, mais ou menos como ilustrado na parábola do Filho Pródigo (Lc 15).³¹⁹

Fischer tenta resumir a intenção do livro de Jeremias, e ao fazê-lo acaba também tocando nesta questão:

Jeremias foca na destruição de Jerusalém, reflete sobre as razões para ela ter acontecido, tenta mostrar como poderia ter sido evitada, e transmite a promessa de Deus de uma vida nova para aqueles que passaram pelas consequências de seu juízo. Assim, Jeremias transmite uma mensagem teológica específica, onde a esperança é construída sobre uma análise penetrante do maior desastre descrito na Bíblia Hebraica. A esperança provém da compreensão de que Deus pode e vai tornar mesmo uma situação aparentemente tão desesperançosa em algo bom.³²⁰

Contentamo-nos aqui, portanto, com essas impressões. Um pouco mais de material relacionado trabalhamos paralelamente, na redação de comentários para a Bíblia Conselheira, tanto em Jeremias quanto no livro dos Salmos. Esse material está apresentado resumidamente no Apêndice 1. Fecha-se o parêntesis, e a questão 2 (acima) assume a meta de nossa pesquisa.

6.2 Nossa questão principal

Ao nos voltarmos à aplicabilidade da profecia para outras populações, vimos como seria importante conhecer melhor os procedimentos atuais utilizados em auxílio a refugiados forçados. Fizemos esse esforço constituir o capítulo 3 desta pesquisa. O quadro com que tivemos contato ao pesquisar a situação atual de refugiados no mundo é extremamente preocupante, pois recordes de número de refugiados e de deslocados internamente têm sido batidos ano após ano, o que se mostra ser uma tendência forte na sociedade humana global. O quadro é agravado pela pouquíssima disponibilidade das nações mais ricas em participarem ativamente do acolhimento aos refugiados. Vimos como, do chamado primeiro mundo, apenas a Alemanha entrou na lista dos países que mais acolhem refugiados – todos os

³¹⁹ Comentários nesse sentido podem ser visto em dois quadros temáticos da Bíblia Conselheira: “O Juízo e seus frutos” (Jr 30) e “O castigo divino” (Jr 48). Ambos estão resumidamente apresentados no Apêndice 1.

³²⁰ FISCHER, 2016, p. 43. *Jeremiah focuses on Jerusalem's destruction, reflects on the reasons for it, tries to show how it could have been avoided, and transmits God's promise of new life for those who have gone through the consequences of his judgment. Jeremiah thus conveys a specific theological message, where hope is built upon a penetrating analysis of the biggest disaster described in the Hebrew Bible. Hope comes from the insight that God can and will turn even such a seemingly desperate situation to the good* (tradução nossa).

demais são de nações pobres e em desenvolvimento. Assim, as necessidades crescem exponencialmente, e os recursos para seu atendimento são escassos. Felizmente, a Organização das Nações Unidas tem se esforçado para promover material e treinamento de auxílio em diversas áreas.

Para fins de nossa pesquisa, iniciamos pela área da psicologia, com a qual temos familiaridade, e que guarda mais proximidade com as mensagens de Jeremias do que as intervenções de cuidados de saúde e recursos materiais. Guiamo-nos por experiências promovidas ou compartilhadas no âmbito de ações da Organização das Nações Unidas e seu Alto Comissariado para Refugiados (ACNUR), para indivíduos, famílias e populações. Contudo, como a participação ativa da figura de Deus era decisiva para os refugiados israelitas e para a profecia da nova aliança, sentimos a necessidade de também investigar como os conteúdos da espiritualidade lidam com o auxílio a refugiados sob a influência divina. Para esse fim, utilizamos material produzido pela equipe de profissionais cristãos de saúde mental, que redigiu comentários e quadros temáticos da *Bíblia de Estudo Conselheira*, para a qual tivemos a honra de contribuir com redação e também com a edição final do texto – parcialmente no mesmo período em que procedíamos com esta pesquisa. Os comentários foram selecionados a partir de textos bíblicos que se relacionavam com a situação dos exilados israelitas, assim esperando unir nossas três áreas: a Bíblia, a espiritualidade e a ciência psi.

O trabalho nestas interfaces pretendia ter em sua base a teologia bíblica, ou seja, o conteúdo pesquisado deveria ser originado do próprio texto do livro de Jeremias, com a profecia da nova aliança e seu entorno, tal como “foi acontecido” com os israelitas (passamos a falar de “israelitas” porque o texto de Jeremias deixou claro que incluía também os exilados das dez tribos do antigo “Reino do Norte”). Percebemos que seria necessário considerar juntamente com a profecia da nova aliança também o seu contexto imediato, o chamado “Livro das Consolações” (capítulos 30 e 31 de Jeremias). Ao começar a fazê-lo, vimos que era importante e proveitoso ainda incluir conteúdos do capítulo imediatamente anterior (Jr 29), com a carta do profeta contendo as primeiras instruções para a primeira comunidade de exilados em solo babilônio, que ainda hoje servem de base para o estudo e desenvolvimento de uma teologia da migração. Estes esforços estão relatados no capítulo 4.

Alguns dos principais achados nesse capítulo foram: (1) a importância de utilizar o trabalho artístico para lidar com pessoas atingidas, pois nessa situação trabalhar com sentimentos costuma ser mais importante – e também mais urgente – do que trabalhar com conceitos. (2) Dar espaço para a representação da dor e das “feridas incuráveis”, bem como para a terrível angústia que por vezes sobrevém. (3) Contrabalançar essas dores e angústias com o amor eterno de Deus. (4) Trabalhar o caminho da responsabilização própria, individual, podendo-se utilizar e também criticar fenômenos da sabedoria popular (como, na época, o provérbio das uvas verdes). (5) Esperar por coisas novas, feitas por Deus no meio da vida comum (como o relacionamento homem-mulher). E, não por último, (6) direcionar a atenção para o futuro, para dias que estão por vir, sempre em função da atuação divina.

Ao lidar com o ricamente diversificado texto do Livro das Consolações, foi possível perceber que uma simples leitura dele age, de certa forma, como uma apresentação de peça artística, e faz reproduzir nos e nas ouvintes, assim como na leitora e no leitor, o difícil e inconstante ambiente emocional de vida dos exilados, que vivem entre anseios, promessas e alento de Deus, intercaladas com muitas contradições e dificuldades humanas. Ao longo dos comentários, a busca da “universalidade” das aplicações daqueles conteúdos, para prover auxílio a comunidades sofrendo deslocamentos forçados tal como os judaítas, foi aparecendo e se acumulando em grandes volumes, em vários pontos.

Com esse contexto trabalhado, chegamos à própria profecia da nova aliança no Capítulo 5. Não querendo interromper o fluxo de associações, antes se possível incrementá-lo, iniciamos por logo submeter o texto da profecia ao crivo da principal abordagem psicológica de que tratamos no capítulo 3, a abordagem construtivista social “RICH” e seus relacionamentos “enriquecidos” para fins terapêuticos. Nossa agradável surpresa foi a de constatar, como aparente no item 5.1, o quanto a mensagem da nova aliança estava plena das qualidades que ainda hoje são percebidas como fundamentais para uma restauração pós-traumática comunitária: ela apresenta um relacionamento, conduzido com respeito, informação, conexão pessoal e esperança. Essa constatação nos deixou animados para nos debruçarmos com uma lupa sobre ainda mais detalhes do texto jeremiânico da nova aliança. Procedemos a exegese e, no comentário aos conteúdos, pudemos encontrar uma riqueza grande de noções terapêuticas para pessoas e populações atingidas por

tragédias, especialmente (mas não exclusivamente) as de deslocamento forçado. Os dois pilares desse processo terapêutico do relacionamento com Deus se mostraram ser a interiorização da inclinação de vida em cada pessoa atingida pela aliança, e a garantia da não repetição da tragédia, porque o pecado humano (que provocou a tragédia anterior) será perdoado e totalmente jogado no esquecimento.

Como se isso não fosse bastante, após o anúncio da Nova Aliança a palavra de Deus seguiu provendo garantias absolutamente fortes de uma indestrutibilidade desse novo relacionamento, conforme descreveu a parte final do capítulo 4, que comenta os versos após a perícopes da Nova Aliança. A profecia de Jeremias expressa as garantias ligando esse conteúdo revolucionário e inovador a realidades amplamente conhecidas, como as leis da natureza e o ciclo de sol e lua. Assim, a santidade de Deus se expandirá para alcançar inclusive as áreas que antes eram consideradas párias e foco de grande impureza e pecado. Essa “Nova Jerusalém”, portanto, não terá mais o que temer.

O desenvolvimento da pesquisa, apesar da constante frustração de não termos condições de aprofundamento em tantos ramos dessas três áreas (Bíblia, psicologia e espiritualidade), todas elas tão complexas e diversificadas, a nosso ver atingiu os objetivos pretendidos. Conforme aparente nas análises e comentários dos capítulos 4 e 5, há um considerável poder terapêutico envolvido nessas mensagens, que poderá ser de grande serventia para situações de tragédia de nossos tempos. Acreditamos que essa análise ateste o caráter original desta pesquisa, juntamente com os comentários aplicados à condição de refugiados forçados. A principal boa surpresa constatada consideramos ser a ótima correlação encontrada entre a abordagem construtivista-social da estrutura “RICH” e as ênfases da própria profecia da nova aliança.

O “fator Deus” exerce, sem dúvida, grande influência na aplicação da situação bíblica em geral. Não se pode – e nem se deseja – negar a participação divina no replantar e reedificar, na mesma proporção em que já havia participado do juízo de “arrancar e derrubar”. Mas a ação de Deus sempre estará acima de nosso alcance e fora de nosso controle. E sabemos que isso não é propriedade exclusiva do “nosso” sistema religioso judaico-cristão, inclusive porque o “nosso” Deus não é propriedade nossa, antes pelo contrário. O próprio Deus deixa bem claro em sua

palavra que ama absolutamente a “todo ser que respira” neste mundo, e desejou e ainda deseja compartilhar Vida, para além de nossas mazelas.

Em nosso entendimento, portanto, a pesquisa acabou por confirmar nossa hipótese: os conteúdos da profecia da nova aliança e de seu contexto imediato em Jeremias têm de fato poder e serventia para auxiliar a pessoas e comunidades que sofrem na condição de exílio forçado, tal como serviram junto à comunidade israelita dos séculos VIII a V a.C.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. Resposta à pergunta: **Quem pode ser considerado um refugiado?** Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- AHN, John J. Forced Migrations Guiding the Exile: Demarcating 597, 587, and 582 bce. In: LIM, Bo H. Exile and Migration: Toward a Biblical Theology of Immigration and Displacement. **The Covenant Quarterly**, vol. 74, n. 2, May 2016.
- AMES, Frank. **The Prophets Speak on Forced Migration**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2015.
- AMNESTY INTERNATIONAL. **The world's refugees in numbers**. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/en/what-we-do/refugees-asylum-seekers-and-migrants/global-refugee-crisis-statistics-and-facts/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- ANTÚNEZ, Andrés; SAFRA, Gilberto (Eds.) et al. **Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2018. 438 p.
- A BÍBLIA de Jerusalém** (BJ). São Paulo: Edições Paulinas, 1981.
- BBC. 2019. **Venezuela crisis: Four million have fled the country, UN says**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-48559739>>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- BÍBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.
- BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia**, RUDOLPH, W. ELLIGER, K. SCHENKER, A. Editio quinta emendata. Deutsche Bibelgesellschaft; Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- BÍBLIA Sagrada**, Nova Almeida Atualizada (NAA). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BÍBLIA Sagrada**, Nova Versão Internacional (NVI). São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.
- BÍBLIA TEB**, Tradução Ecumênica Brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1995.
- BROWN, F. DRIVER, S. BRIGGS, C. **The Abridged Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Paratext 7.5.
- BPS. **Guidelines for psychologists working with refugees and asylum seekers in the UK**: Extended version. Leicester: The British Psychological Society, 2018.
- BRUEGGEMANN, Walter. **A Commentary on Jeremiah – Exile and Homecoming**. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans Publishing, 1998.

CAMARA FILHO, J.; SOUGEY, E. Estresse Pós-Traumático. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 23(4), p. 221-228, 2001.

CARROLL, Robert P. **Jeremiah**: A Commentary. Philadelphia: Westminster Press, 1986.

CEBRIÁN, Pilar. Refugiados sírios iniciam o caminho de volta para casa. **El País**, 25 out. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/24/internacional/1508861396_484669.html>. Acesso em 08 mai. 2019.

CHILDS, Brevard. Introduction to the Old Testament as Scripture. In: BRUEGGEMANN, Walter. **A Commentary on Jeremiah – Exile and Homecoming**. Grand Rapids/Cambridge: Eerdmans Publishing, 1998.

CLAY, Rebecca. In Search of Hope and Home. **American Psychology Association Journal**, v. 48, n. 1, January 2017.

COMPROMISSO. Rio de Janeiro: Convicção Editora, ano CIX, n. 436.

DAVIDSON, Steed. **Empire and Exile**: Postcolonial Readings of the Book of Jeremiah (Londres: T&T Clark, 2011).

DE BLOIS, R. **Semantic Dictionary of Biblical Hebrew (SDBH)**. United Bible Societies. Disponível em: <<http://www.sdbh.org/vocabula/index.html>>. Acesso em: 15 mai. 2019.

DONNER, Herbert. **História de Israel e dos povos vizinhos** (trad. Molz e Trein). São Leopoldo: Sinodal, 1997.

FISCHER, Georg. A New Understanding of the Book of Jeremiah. In: NAJMAN, H.; SCHMID, K. (Eds.). **Jeremiah's Scriptures**: Production, Reception, Interaction and Transformation. Leiden: Brill, 2016.

_____. **Jeremia 1-25**. Freiburg: Herder, 2005.

_____. **Jeremia 26-52**. Freiburg: Herder, 2005.

HESCHEL, Abraham. **Los Profetas – El hombre y su vocación**. Tradução de Victor Mirelman. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1984.

HOLLADAY, W. **Jeremiah – A Fresh Reading**. Eugene, Oregon: Wipf & Stock Publishers, 2012.

_____. **Jeremiah 1**: A commentary on the Book of the Prophet Jeremiah, Chapters 1 – 25. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

_____. **Jeremiah 2**: A Commentary on the book of the Prophet Jeremiah, Chapters 26 – 52. Minneapolis: Fortress Press, 1989.

_____. The structure and possible setting of the new covenant passage. In: BERTOMEU, Vicente Collado (Ed.). **Palabra, Prodigio, Poesia**. Analecta Biblica 151. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2003.

HOLMES, 2017 apud ROHR, Richard. **Crisis Contemplation**. Albuquerque: Center for Action and Contemplation, September 21, 2018. Disponível em: <https://cac.org/crisis-contemplation-2018-09-21/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. Disponível em: <https://g.co/kgs/yngF4Y>. Acesso em: 27 abr. 2019.

IASC. **Diretrizes do IASC sobre Saúde Mental e Apoio Psicossocial em Emergências Humanitárias**. Tradução de Márcio Gagliato. Genebra: IASC, 2007.

KARTVEIT, Magna. Reconsidering the New Covenant in Jeremiah 31.31-34. In: LUNDBOM, J.; EVANS, C; ANDERSON, B. (Eds.). **The Book of Jeremiah: composition, reception, and interpretation**. Leiden: Brill, 2018.

KEPLER, K. **Neuroses Eclesiásticas e o evangelho para crentes**. São Paulo: Arte Editorial, 2009

KEPLER, K. (Ed.); MIRANDA, J. (Org.). **BÍBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

_____. **BÍBLIA de Estudo Conselheira – o Novo Testamento**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

_____. **BÍBLIA de Estudo Conselheira – Salmos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016. ebook.

_____.; et al. **BÍBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

_____.; HERNANDEZ et al. **BIBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

KEPLER, K. (Ed.); MIRANDA, J. (Org.); LISBOA et al. **BIBLIA de Estudo Conselheira**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

KERWIN, Donald. Pope Francis, Migration, and the Journey to Human Development and Peace. **Huffpost**, 03 jul. 2017. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/pope-francis-migration-and-the-journey-to-human-development_b_58bf3ac1e4b0c3276fb77eb5. Acesso em: 25 mai. 2019.

KILPP, Nelson. **Profecias e Liturgias**. Inédito.

_____. O uso litúrgico de ditos proféticos. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, p. 112-125, 2017.

_____. **Niederreißen und aufbauen - das Verhältnis von Heilsverheissung und Unheilsverkündigung bei Jeremia und im Jeremiabuch.** Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1990.

_____. Um profeta que nasce da atuação pastoral. **Reflexus**, Vitória, ano VII, n. 9, p. 43-60, 2013.

KUIST, H. Tillman. **The Layman's Bible Commentary.** Tradução de J. Cássio Martins. v. 12, Louisville: John Knox Press, 2012.

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAMPARTER, H. **Prophet Wider Willen – der Prophet Jeremia.** Stuttgart: Calwer Verlag, 1974.

LEENE, Henk. **Newness in Old Testament Prophecy – an intertextual.** Leiden: Brill, 2014.

LIM, Bo H. Exile and Migration: Toward a Biblical Theology of Immigration and Displacement. **The Covenant Quarterly.** Seattle: North Park Theological Seminary, v. 74, n. 2, May 2016.

LIWAK, Rüdiger. Vierzig Jahre Forschung zum Jeremiabuch. **Teologische Rundschau.** Tübingen: Mohr Siebeck Verlag, v. 76, 2011 e v. 77, 2012.

LUNDBOM, J. R. **Jeremiah 21–36: a new translation with introduction and commentary.** New Haven: Yale University Press, 2008.

_____. **The Anchor Yale Bible Commentaries.** New Haven: Yale University Press, 1999, 2004, 2004.

LUNDBOM, J.; EVANS, C; ANDERSON, B. (Eds.). **The Book of Jeremiah: composition, reception, and interpretation.** Leiden: Brill, 2018.

McKANE, William. **A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah.** v. 1. Edinburgh: T&T Clark Ltd, 1986.

_____. **A Critical and Exegetical Commentary on Jeremiah.** v. 2. Edinburgh: T&T Clark Ltd, 1996.

MERCY CORPS. **The world's 5 biggest refugee crises.** Disponível em: <https://www.mercycorps.org/articles/worlds-5-biggest-refugee-crises>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

MURRAY, K; DAVIDSON, G; SCHWEITZER, R. **Psychological Wellbeing of Refugees Resettling in Australia:** a literature review prepared for the Australian Psychological Society. Melbourne: The Australian Psychological Society Ltd, 2008, p. 7. Disponível em: <https://eprints.qut.edu.au/59164/1/APS_Refugee-Lit-Review.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ACNUR: número de pessoas deslocadas chega a 68,5 milhões em 2017**. 20 jun. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/acnur-numero-de-pessoas-deslocadas-chega-a-685-milhoes-em-2017/>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

NAJMAN, H. SCHMID, K. (Eds.), **Jeremiah's Scriptures**: Production, Reception, Interaction, and Transformation. Leiden: Brill, 2016.

NEWMAN, B.; STINE, Ph. **A Handbook on Jeremiah**. Nova York: United Bible Societies, 2003. Paratext 7.5.

NOSS, Ph.; THOMAS, K. **A Handbook on Ezra**. New York: United Bible Societies, 2005. Paratext 7.5.

OMANSON, Roger. **Variantes textuais do Novo Testamento**: Análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego". Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

OMMEREN et al. Mental health and psychosocial support in humanitarian emergencies. In: **Eastern Mediterranean Health Journal**, v. 21, n. 7, 2015.

PEARLMAN, Laurie Ann. Restoring Self in Community: Collective Approaches to Psychological Trauma after Genocide. **Journal of Social Issues**. Washington, DC: The Society for Psychological Study of Social Issues, v. 69, n. 1, p. 111-124, 2013.

ROSENBERG, Joel. Jeremias e Ezequiel. In: ALTER, R.; KERMODE, F. (Orgs.). **Guia Literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

ROSSI, Luis C. Solano. **Como ler o livro de Jeremias**: Profecia a serviço do povo. São Paulo: Paulus, 2007.

RYRIE, Charles C. **A Bíblia Anotada Expandida**. São Paulo: Mundo Cristão; Barueri: SBB, 2006

SCHÖKEL, L. Alonso. Jeremías como anti-Moisés. In: CARREZ (Ed.) et al. **De la Tôrah au Messie**. Paris: Desclée, 1981.

SOGGIN, J. Alberto. **An Introduction to the History of Israel and Judah**. (trad. John Bowden). Valley Forge: Trinity Press International, 1993.

STULMAN, Louis. **Order amid Chaos**: Jeremiah as Symbolic Tapestry. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.

THIEL, Winfried. **Die Deuteronomistische Redaktion von Jeremia 1 - 25**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1973.

_____. **Die Deuteronomistische Redaktion von Jeremia 26-45**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1981.

TOORN, Karel van der. **Scribal Culture and the Making of the Hebrew Bible**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2007.

UNHCR. **Are refugee numbers the highest ever?**

<<https://www.unhcr.org/blogs/statistics-refugee-numbers-highest-ever/>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

_____. **Figures at a Glance**. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/ph/figures-at-a-glance>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

WEST, Travis. **The Art of Biblical Performance - Biblical Performance Criticism and the Genre of the Biblical Narratives**. 2018. Tese (Doutorado) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2018.

WILSON, Robert. Exegesis, Expansion and Tradition-Making in the book of Jeremiah. In: NAJMAN, H.; SCHMID, K. (Eds.). **Jeremiah's Scriptures: Production, Reception, Interaction and Transformation**. Leiden: Brill, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **mhGAP Humanitarian Interventions Guide: Clinical management of mental, neurological and substance use conditions in humanitarian emergencies**. Genebra: WHO, 2015, p. 11. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/5551b3fb4.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

APÊNDICE 1 – Juízo divino, ira e salvação

Neste Apêndice apresentamos alguns materiais que desenvolvemos para a Bíblia de Estudo Conselheira, antes e durante o período da pesquisa, mas que não foram incluídos no texto principal por se relacionarem apenas indiretamente com o tema que pesquisamos, e também porque sua compreensão plena transcende tanto o escopo desta tese quanto nossa capacidade de entendimento.

Ira de Deus e Salvação

A relação entre a ira de Deus e Sua obra de salvação é tratada colateralmente, em um quadro temático intitulado “Raiva humana e ira divina” (SI 76), do qual selecionamos um trecho:

Segundo SI 75.10, a ira divina é utilizada “para quebrar o poder dos maus”, a fim de que o poder dos que obedecem a Deus possa crescer. Ela faz parte do processo de julgamento que Deus promove (75.2, 6-8), como justo juiz que é, para condenar e castigar os que são culpados e proteger e livrar os inocentes. É a indignação de Deus em ação, como descrito em Rm 1, “contra todos os pecados e todas as maldades das pessoas que, por meio das suas más ações não deixam que os outros conheçam a verdade a respeito de Deus” (Rm 1.18 NTLH). Portanto, há na ira divina uma dupla intervenção a serviço da verdade: a condenação e a salvação. Condenação ao deixar claro o que está certo e o que está errado, aplicando o devido castigo (como uma sentença de um juiz); e salvação, ao abrir caminho para “a verdade a respeito de Deus” que protege e promove a vida. Nestes salmos escritos pelo grupo de Asafe vemos como Deus é de fato o único juiz perfeitamente justo, que valorizará o certo e punirá o errado, e assim abrirá caminho para a misericórdia (SI 79 e 80), que é o que nos salva, por meio da fé.³²¹

Enquanto na pesquisa preferimos nos dedicar à aplicabilidade da profecia da nova aliança para situações contemporâneas de tragédias de migração forçada, ao comentarmos conteúdos do livro de Jeremias para a Bíblia Conselheira pudemos refletir resumidamente sobre os bons frutos que o processo do juízo de Deus sobre Judá produziu:

Quadro “O Juízo e seus frutos” (Jr 30)

³²¹ KEPLER, K. (Ed.); MIRANDA, J. (Org.). **Bíblia de Estudo Conselheira – Salmos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016. ebook.

A queda e destruição de Jerusalém foram um evento extremamente traumático, com enorme impacto a nível nacional. Talvez possamos compara-la ao que um violento assalto à residência, com abusos e mortes produziria a nível familiar. O fim do país, a derrubada do templo, a desolação em Jerusalém sem dúvida forçaram os sobreviventes a repensar toda a sua vida. Finalmente ficava claríssimo que os verdadeiros profetas, como Jeremias, Isaías, Ezequiel e outros falaram a verdade da parte de Deus, e não aqueles falsos profetas que sempre garantiam que tudo iria terminar bem.

A causa do julgamento divino e do cativeiro foi dupla: a idolatria generalizada (Rainha do Céus, Baal, deuses assírios, cananeus, egípcios, babilônicos), associada com muita injustiça e exploração social durante séculos, que corromperam a ética pessoal, religiosa, política e judiciária.

No meio dos assentamentos na Babilônia, e enquanto tentavam a reconstrução de suas vidas, homens e mulheres israelitas foram forçados a reconhecer seus erros em relação a Deus. O cativeiro teria uma função semelhante a uma internação forçada numa clínica de desintoxicação para dependentes de drogas. As profecias de aviso de Jeremias finalmente ganharam importância. Nessa “caída em si”, certamente começou um esforço comunitário para resgatar o que as profecias ensinaram e voltar a examinar a Lei de Deus. Como não tinham mais liberdade total para se reunir e contar as histórias de seus patriarcas, e também porque outra língua já estava ganhando terreno com a nova geração, era agora especialmente importante terem tudo registrado por escrito. Uma “volta à Palavra de Deus” os leva a pôr em ordem os relatos, escrever o que até então só haviam ouvido, organizar os livros: o cativeiro deu grande impulso para a organização da Bíblia (do Antigo Testamento), que desembocaria na forma que a temos hoje.

A capacidade do que o temor, base da Aliança da Lei, conseguia produzir, demonstrou-se ser muito limitada, e isso pela forma mais penosa: os castigos prometidos se realizaram todos, porque a aliança foi quebrada, por total infidelidade. Agora as promessas de uma aliança nova, trazidas por Jeremias e também por Ezequiel, finalmente ganharam ouvidos e trouxeram esperança.

O povo experimentou mudança no estilo de vida durante o exílio e, nesse contexto, precisavam da confirmação de que Deus continuaria com eles, cumprindo seu plano de redenção. Foi preciso mudar a ideia a respeito de Deus e do que seja a vida. Através da segunda parte de Isaías, Deus assegurava que continuava presente e cumprindo suas promessas. Ao mesmo tempo, nessa mudança de imagem de Deus, foi preciso deixar de ser centrado em si mesmo: os israelitas continuaram “povo escolhido”, mas não para apenas serem salvos, porém para espalhar “luz para todas as nações”.

Crises são esses tempos criativos nos quais Deus nos convida a olhar para além do nosso cotidiano, e nos deixar atrair para conhecê-lo mais, e de outras formas. Também para sabermos que Deus está aí para todos, e não apenas para nosso pequeno grupo. Assim, uma prontidão para a Nova Aliança (ou um “novo coração”) aparece como fruto do juízo divino, com a nação sendo reconstruída dos escombros, e esperando o retorno para sua terra.³²²

Por último, no meio das profecias de destruição para as nações vizinhas e inimigas de Israel, refletimos mais um pouco sobre o exercício do juízo divino:

³²² KEPLER; MIRANDA, p. 1234.

Quadro “O Castigo Divino” (Jr 48)

A sensação que temos com este tema é de adentrarmos o terreno dos mistérios de Deus, ainda pouco compreendidos por nós; e, por certo, de difícil aceitação. Nós não temos dificuldade em sermos usados por Deus para o exercício da misericórdia e ajuda aos necessitados. Mas... e quando Deus usa mãos humanas para o exercício do juízo e punição da maldade? Sentimentos de indignação, desejos de vingança por danos sofridos, de punição por crimes e injustiças cometidas, permeiam esse assunto, tanto aqui, em relação à destruição de Judá e Jerusalém, quanto no Apocalipse, com seu Armagedom e cenários do inferno. Nas profecias de Jeremias o tema se manifesta, e aparece também na fala contra o Egito: “Este dia é o Dia do Senhor, o Senhor dos Exércitos, dia de vingança contra os seus adversários” (Jr 46.10).

Ao mesmo tempo em que afirma vigorosamente a execução do castigo, Deus não mostra contentamento, mas antes um lamento profundo por tanta desgraça e desperdício de vidas. Por exemplo, em Jr 48.36 lemos: “Por isso, o meu coração geme como flauta por causa de Moabe.” Certamente, muitos pais e mães já tiveram sentimentos semelhantes ao aplicarem castigos disciplinares a seus filhos.

Felizmente, Jesus Cristo veio expor, também dramaticamente, o clímax da maldade humana, e assim inaugurou a Nova Aliança — a mesma profetizada por Jeremias — feita por Deus sem violência ativa, mas com paixão, sofrendo a violência em seu próprio corpo e doando por nós sua vida. Assim, Deus estabelece a justiça e a paz em vez da guerra.³²³

³²³ KEPLER; MIRANDA, 2019, p. 1263